Manchete

NCR$ 1,00 — CR$ 1.000 • Nº 780 • RIO DE

ESPECIAL

EM CÔRES

A POSSE DE COSTA E SILVA

40 páginas

O DESLUMBRANTE RIO GRANDE DO SUL

IEDA VARGAS,

BELEZA GAÚCHA PARA O UNIVERSO

imagem de uma fábrica de... imagens

Standard Propaganda

INVENTARIO -BN
00.114.068-0

Admiral

Qualidade constante e liderança absoluta em Televisores, Refrigeradores e Condicionadores de ar. Qualidade brasileira certificada nos EE. UU., verdadeiro símbolo do desenvolvimento e alto grau de precisão da indústria Rio Grandense

Na Embaixada brasileira em Washington, numa cerimônia que contou com a presença do Embaixador Vasco Leitão da Cunha, Sr. Plínio Kroeff, presidente da Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul, o Sr. Paulo D'Arrigo Vellinho, presidente da Springer e Telespring, recebe do Sr. Ross D. Siragusa, da Admiral Corporation, o Certificado de Qualidade dos produtos Admiral, consagrando, assim, uma vitória da técnica brasileira e atestando seu elevado grau de desenvolvimento.

REFRIGERAÇÃO SPRINGER S. A. — Indústria e Comércio
TELESPRING S. A. — Indústria Eletrônica

BR 116 - Parada 40
Canoas
Rio Grande do Sul

Manchete

RIO DE JANEIRO,
1.º DE ABRIL DE 1967
ANO 14 N.º 780

sumário

O Homem Que Mandou Matar Kennedy 4
Quando Chora o Presidente .. 8
Negócios 10
A Festa da Posse 12
A Disparada de Fontenele .. 28
A Miss Número Um 30
A Batalha do Meu Livro 32
A Mulher Mais Feminina 38
Página Dupla 40
Paulo Mendes Campos 42
Rubem Braga 45
Quando Eu Era Cronista Social 46
Pôsto de Escuta 50
Henrique Pongetti 53
Autocrítica de Pongetti 54
A Parceira de Roberto Carlos 58
O Rio Grande, Êsse Desconhecido 62
Os Caminhos Cruzados de PA 65
O Continente Gaúcho 70
O Banco do Progresso 100
O Drama de Uma Conquista .. 102
Vida Nova em Pôrto Alegre .. 106
Um Tesouro no Mar 122
Cinema 124
Notícias Que Valem Manchete 127
A Ofensiva Gaúcha 128
Livros 141
O Terceiro Parque Industrial . 144
Nova Era em Telecomunicações 154
Sol e Fúria em Eldorado 160
O Mundo em MANCHETE .. 164

Nossa capa: Ieda Maria Vargas, ex-Miss Universo, beleza gaúcha para o mundo (foto de Jairo Brandebursk).

IMPRESSA E EDITADA POR BLOCH EDITORES S/A — DIRETOR-PRESIDENTE: Adolpho Bloch — DIRETOR-SUPERINTENDENTE: Oscar Bloch Sigelmann — DIRETORES: Pedro Jack Kapeller, H. W. Berliner, Antônio Ferrara e Murilo Melo Filho — DIRETOR-RESPONSÁVEL: Nelson Alves. MANCHETE — DIRETOR: Justino Martins — CHEFE DE REPORTAGEM: Arnaldo Niskier — CHEFE DE REDAÇÃO: Zevi Ghivelder — REDATORES: R. Magalhães Jr., Joel Silveira, José Carlos Oliveira, Maurício Gomes Leite e Alexandre Pires — SECRETÁRIO: Flávio Costa — REPÓRTERES PRINCIPAIS: Mário Martins, Lêdo Ivo, Homero Homem, Ney Bianchi, Roberto Muggiati, Muniz Sodré e Ibrahim Sued — REPÓRTERES: Alberto Shatovsky, Raul Giudicelli, José Rodolpho Câmara, Laucimar Laus, Sérgio Alberto Cunha, Teodoro Barros e Vera Rachel — COLABORADORES: Henrique Pongetti, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Rubem Braga, Pedro Bloch, Claudius, Caio de Freitas, Otto Lara Resende e Carlos Botelho — DEPARTAMENTO FOTOGRÁFICO: SUPERINTENDENTE: Nicolau Drei — CHEFE: Jáder Neves — REPÓRTERES FOTOGRÁFICOS: Gervásio Batista, Gil Pinheiro, Juvenil de Sousa, Carlos Abrunhosa, Felisberto Rogério, Antônio Trindade, Evaline Muskat, Domingos Cavalcanti, Raimundo Costa, Esko Murto, Walter Firmo, Sebastião Barbosa, Antônio Rudge, Tolentino Gomes, Thomas Scheier e Nelson Santos — DEPARTAMENTO DE ARTE: Wilson Passos e Nelson Gonçalves — PRODUÇÃO: Nelson Sampaio — ARQUIVO: Aron Vaisman — DEPARTAMENTO DE CIRCULAÇÃO: Renato Gonçalves de Oliveira — SUCURSAL DE SÃO PAULO: Salomão Schvartzman, Durval Ferreira, Jônio de Freitas Mota, Fúlvio Abramo, Jorge Aguiar, Sérgio Jorge, Armando Bernardes, Mituo Shighiara e Zygmunt Hisar — SUCURSAL DE BRASÍLIA: Deocleciano Rocha e Roberto Stuckert — SUCURSAL DO RIO GRANDE DO SUL: Sérgio Ross e Jairo Brandebuirsky — SUCURSAL DO NORDESTE: Fernando Luís Cascudo, Caio Sousa Leão e Alexandrino Rocha — SUCURSAL DE MINAS GERAIS: Manuel Hygino dos Santos e Manuel Luís Caldas — CORRESPONDENTES NO BRASIL: PARÁ: Oswaldo Mendes; CEARÁ: Ezsclir Aragão; RIO GRANDE DO NORTE: Cassiano Arruda Câmara; PARANÁ: Geraldo Russi — SUCURSAIS NO EXTERIOR: NOVA IORQUE: Roberto Garcia e Maria Almenara — PARIS: Niúra Klemm — CORRESPONDENTES NO EXTERIOR: ROMA: Sérgio Spinelli; ALEMANHA: Flávio Paulo Meurer; ESPANHA: Emílio Fonta; TCHECOSLOVÁQUIA: Joseph Volarik; URUGUAI: Sara Tinsky; ARGENTINA: Jorge Lipschitz e Ítalo Sanni; CHILE: De Abreu; PERU: Manuel Olivari — DEPARTAMENTO DE PUBLICIDADE: DIRETOR: Dirceu Torres Nascimento — GERENTE-GERAL: Francisco Augusto Nascimento — GERENTE-RIO: Luiz Fernando Veiga — GERENTE-SÃO PAULO: Salviano Nogueira — GERENTE-RIO GRANDE DO SUL: Kleber Buhr — REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua Frei Caneca, 511 — Tels.: 32-4355 e 31-3965 — Rio (GB) — PARQUE GRÁFICO: Rua Cordovil, 520 — Tel.: 30-0666 e CETEL (06) 91-0020 — SUCURSAL DE SÃO PAULO: Rua 24 de Maio, 35, 11.º andar, salas 1.101/5 — Tels.: 36-9998, 33-5810, 36-4593, 33-9383 e 37-7484 (SP) — SUCURSAL DE BRASÍLIA: Setor de Indústrias Gráficas, lotes 505/975 — Tel.: 2-8266 (DF) — SUCURSAL DO RIO GRANDE DO SUL: Rua Senhor dos Passos, 235, loja 5 — Tel.: 47-44 — Pôrto Alegre (RS) — SUCURSAL DO NORDESTE: Av. Conde de Boa Vista, 85, 12.º andar — Tel.: 26-807 — Recife (PE) — SUCURSAL DE MINAS GERAIS: Av. Augusto de Lima, 225, sobreloja 37 — Belo Horizonte (MG) — SUCURSAL DE NOVA IORQUE: 245 East 63rd Street, ap. 30-D — Tels.: 421-9183 e 421-9191 — Telex: Manchete New York, 421918 — SUCURSAL DE PARIS: 12 Av. Montaigne 2ème étage — Tel.: Balzac 84-66 — DISTRIBUIÇÃO: Distribuidora de Imprensa Ltda., Rua do Senado, 192-A — Tel.: 22-8817 — Rio de Janeiro — GB.

Manchete é ASSOCIADA DO IVC

IMPRESSA COM TINTAS BLOCH COLOR S. A.

CONVERSA COM O LEITOR

Não é preciso ser gaúcho para admirar o Rio Grande do Sul. Basta visitá-lo ou conhecê-lo como o apresentamos neste número, em todo o seu esplendor. Do ponto de vista geogrático, aquêle estado é uma pequena Europa. Na sua riqueza agropecuária, lembra o Middle-West americano. E o seu povo, o mais saudável dêste país, cultua uma soma de tradições que vêm do mais heróico período da história brasileira. Para descrever êsse "continente gaúcho", recorremos a dois dos seus escritores mais famosos e a um dos seus jornalistas mais brilhantes. Vianna Moog, o ensaísta de Bandeirantes e Pioneiros, **prova-nos com muito fundamento e humor, que não há ninguém mais brasileiro que o gaúcho. Érico Veríssimo, o romancista de** O Tempo e o Vento, **canta as graças e as virtudes de uma Pôrto Alegre em pleno florescimento. E Carlos Reverbel, um dos raros repórteres eruditos da nossa imprensa, mostra-nos o drama de fronteira que foi a conquista do território gaúcho para o Brasil. Todos êsses textos constituem leitura apaixonante e ao mesmo tempo primorosa que recomendo a todos. Por coincidência, há um gaúcho assumindo o poder no Brasil, esta semana. Chama-se Costa e Silva e dêle esperamos muito mais do que bom senso e patriotismo que sem dúvida terá. O nôvo presidente deverá ser o executor da Operação Esperança, tão ansiosamente aguardada por 85 milhões de brasileiros.**

JUSTINO MARTINS

O Promotor Jim Garrison soltou a bomba: o assassinato do Presidente Kennedy foi o resultado de um complô. Para abatê-lo, conspiraram vários homens, um dos quais, talvez o mais obscuro, era Lee Harvey Oswald. Depois, enquanto alguns punham em dúvida a sua denúncia, êle começou a tirar os seus trunfos da manga do paletó. Acusou um homem poderoso, Clay Shaw, antigo diretor da Câmara de Comércio e até há pouco encarregado das relações públicas do pôrto de Nova Orleãs. Este pagou a fiança, para se defender em liberdade. Dizia — e ainda diz — estar inocente. Contestou as acusações, mas a justiça achou que havia base para o seu processo.

Em liberdade sob fiança, Clay Shaw (ou Clem Bertrand?) revela na fisionomia dramática e angulosa tôda sua angústia interior.

O PROMOTOR JIM GARRISON DESCOBRE NOVAS TESTEMUNHAS E PROMETE CONDENAR

O HOMEM QUE MANDOU MATAR KENNEDY

Reportagem de **SÉRGIO ALBERTO** *(Do Bureau de* **MANCHETE** *em Nova Iorque — Via Varig)*

O Promotor Jim Garrison não hesita em usar os meios mais variados para descobrir tôda a trama—hipnotismo, injeções de pentotal e sôro da verdade

Quando se supunha que Jim Garrison só dispunha de uma fraca hipótese, querendo ligá-lo a dois mortos — Lee Oswald e David W. Ferrie —, o jovem promotor começou a chamar, para depor, pessoas que ninguém sequer suspeitava que existissem, ou conhecessem Clay Shaw. Uma dessas pessoas era o lavador de pratos Arthur Edward Strout. Outra era o agente de seguros Perry Raymond Russo, que trabalhava para a Equitable Life Assurance Society. Antes, êste negara ter conhecido Oswald antes do assassinato de Kennedy. Mas no dia 14 de março, numa audiência, êle afirmou que ouvira o ex-fuzileiro naval e mais dois homens de Nova Orleãs conspirando juntos para matar o presidente dos Estados Unidos. A reviravolta foi, na verdade, sensacional.

Perry Russo disse que conhecera o aviador David W. Ferrie em 1960, cêrca de dezoito meses antes do assassinato de Kennedy. E fêz essa declaração diante de três juízes, durante um interrogatório cruzado, que durou mais de uma hora e foi magistralmente conduzido pelo Promotor Garrison. Russo tem 25 anos de idade, foi aluno da Loyola University, estabelecimento católico onde cursou o primeiro ano de direito. E no início de 1960 estêve em tratamento psiquiátrico. Ao depor, êle disse:

— Numa noite de setembro de 1963, estive no apartamento de David W. Ferrie, na Luisiana Avenue Parkway, já encontrando as conversas ali bastante adiantadas. O grupo era de umas oito pessoas, muitas das quais saíram logo. Ficamos, por fim, apenas quatro: eu, Ferrie, um homem conhecido pelo nome de Leon Oswald e outro conhecido pelo nome de Clem Bertrand.

Desde suas primeiras declarações, o Promotor Jim Garrison tem afirmado que Clem ou Clay Bertrand e Clay Shaw são uma mesma pessoa. Quanto a Leon Oswald, era o mesmo Lee Harvey Oswald, que identificou, à vista de uma fotografia do assassino de Dallas.

— Os três homens — continuou a depor Russo — começaram a comparar planos destinados a matar o Presidente Kennedy, procurando entre êles o de mais segura e fácil execução. David Ferrie era quem tomava a iniciativa da conversação. Êle andava de um lado para o outro, inquieto, falando incessantemente. Dizia que, para o atentado ter êxito, seria necessário o emprêgo de técnicas diversionárias. Disse que três pessoas, ou pelo menos duas, teriam que executá-lo, sendo necessária ainda uma outra, para servir como uma espécie de bode-expiatório. Se fôssem apenas duas as pessoas, a uma delas teria que caber êsse papel, dizia êle.

A ESSA ALTURA, O PROMOTOR JIM GARRISON FÊZ UMA IMPORTANTE PERGUNTA: — ALGUM DÊLES FALOU EM TRIANGULAÇÃO DE FOGO? — SIM. DAVID FERRIE FALOU CLARA E EXPLICITAMENTE NISSO. DISSE TAMBÉM QUE TRABALHARA EM DOIS SENTIDOS — "DUAS PROPOSTAS", FORAM AS SUAS PALAVRAS TEXTUAIS — PARA GARANTIR A FUGA APÓS O ASSASSINATO.

Um dos projetos era o de fugir para o México ou para o Brasil. O outro era o de seguir diretamente para Cuba, mas temia ser apanhado nalgum aeroporto do México, se parasse nesse país para reabastecer o seu avião. Foi então que Bertrand ofereceu outra alternativa: a de que, no dia do assassinato, êles procurassem encontrar-se em determinado lugar, numa hora determinada. A essa altura, Oswald disse-lhe que calasse a bôca e fôsse embora, deixando Ferrie cuidar do assunto sòzinho, pois êste é que sabia o que fazer, uma vez que tinha sido pilôto de aviões comerciais. Bertrand disse que como pilôto, êle, Ferrie, estava liquidado.

O mesmo depoente disse que, mais tarde, no mês de setembro, voltou ao apartamento de Ferrie, onde o encontrou vestindo calças do Exército e com um barrete de general na cabeça. Oswald também estava ali, com a barba crescida, de três a quatro dias.

— Oswald — continuou Russo — estava limpando um rifle, que me pareceu ter um ferrôlho e uma mira de caça.

Nesse ponto, o Promotor Garrison apresentou-lhe um rifle que identificou apenas como a "Prova S-14" e perguntou a Russo se parecia com o que Lee Oswald estava limpando.

— Tive a impressão — respondeu êle — de que o rifle de Oswald tinha uma mira telescópica, ao passo que êsse, que o senhor está apresentando, tem na extremidade uma espécie de bulbo.

Quase ao fim dêsse depoimento, o Promotor Garrison levou Perry Russo, com alguns agentes, ao apartamento da Dauphine Street, onde mora Clay Shaw, esperando, do lado de fora, até que êste se tornasse visível. Russo viu quando o acusado saía e não teve nenhuma dificuldade em identificá-lo:

— É êsse mesmo. É Clem Bertrand. Eu o vi muito bem. E estou certo disso.

Antes, o promotor tinha pensado em introduzir a testemunha na residência de Clay Shaw como um agente de seguros de vida, a fim de que êle verificasse se realmente se tratava da mesma pessoa. Mas não foi necessário recorrer a tal expediente.

Perry Raymond Russo já tinha sido objeto de investigações da Comissão Warren e do Serviço Secreto, desde que ficou patenteado que êle se dirigira, de automóvel, de Nova Orleãs para Houston, no Texas, pouco depois do assassinato do Presidente Kennedy. Mas fôra pôsto de lado quando a Comissão Warren concluíra que o atentado "fôra obra de um homem sòzinho".

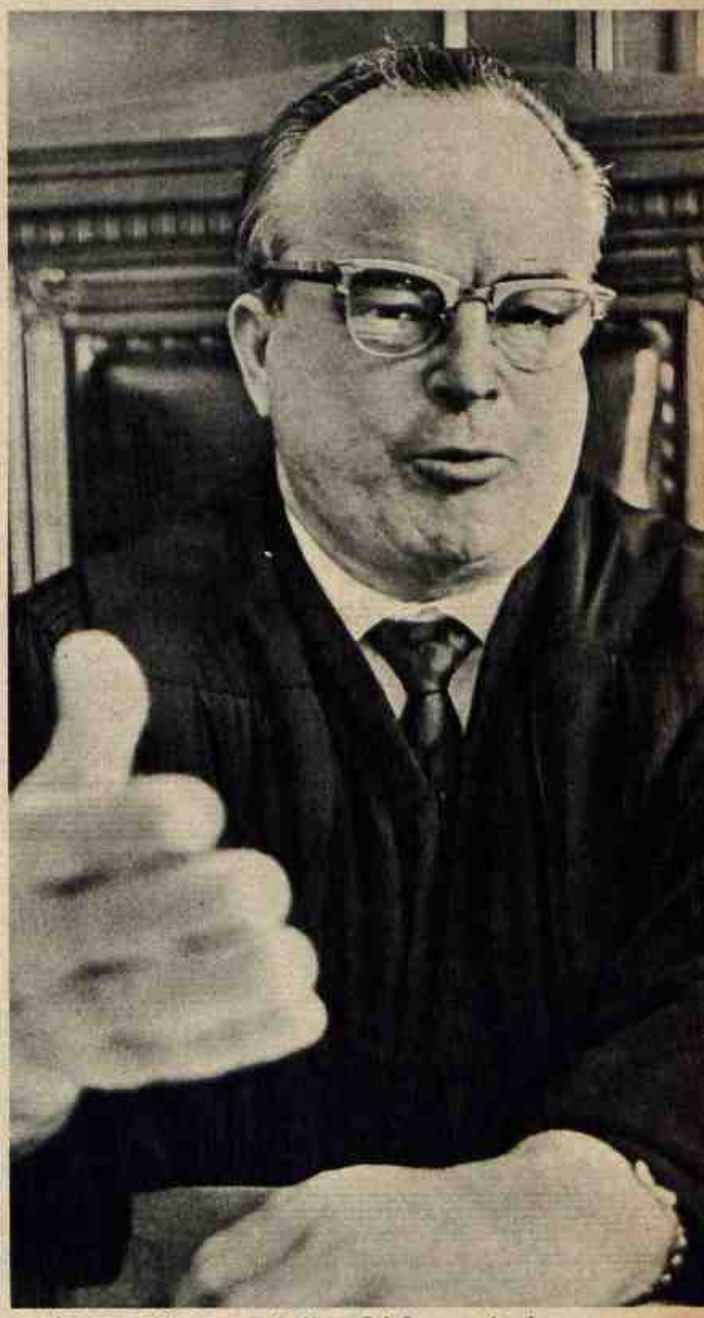
OUTRO SENSACIONAL DESENVOLVIMENTO DA AÇÃO DO PROMOTOR DE NOVA ORLEÃS FOI O PROCESSO CONTRA O ADVOGADO DEAN A. ANDREWS JR., INSTAURADO POR UM GRAND JURY, POR PERJÚRIO. ÊSSE ADVOGADO, PARA DEFENDER-SE EM LIBERDADE, VIU-SE OBRIGADO A PRESTAR UMA FIANÇA DE MIL DÓLARES, ALÉM DE TER SIDO SUSPENSO DE SEU EMPRÊGO, COMO AJUDANTE DE PROMOTOR NA VIZINHA CIRCUNSCRIÇÃO DE JEFFERSON PARISH.

Andrews tinha dito à Comissão Warren que recebera um chamado telefônico, depois da morte do Presidente Kennedy, de alguém que lhe pedia que assumisse a defesa de Lee Oswald. Êle afirmou à Comissão Warren que o autor do chamado fôra Clay Bertrand. Perante o **grand jury**, Andrews foi intimado a dizer se Clay Bertrand e Clay Shaw são a mesma pessoa — como Jim Garrison tem sustentado e a testemunha Perry Russo já admitiu. Não se conhece, ainda, o teor de sua resposta. Andrews disse e desdisse várias de suas declarações, durante os 10 meses de investigação da Comissão Warren. Disse, depois negou e, em seguida, tornou a dizer que Oswald e vários homossexuais latino-americanos tinham sido encaminhados ao seu escritório de advogado por Clay Bertrand.

Os processos de Jim Garrison para obter provas e confissões são variados, incluindo o emprêgo de produtos químicos e até do hipnotismo. Russo, por exemplo, foi hipnotizado por um especialista, a pedido do promotor de Nova Orleãs. Êsse especialista disse não ter feito nenhuma insinuação ao depoente, incitando-o tão-sòmente a dizer tôda a verdade. O que Russo afirmou sob a ação do hipnotismo êle o confirmou depois de despertar do transe hipnótico. E, voluntàriamente, submeteu-se ainda a injeções de pentatol de sódio e ao chamado "sôro da verdade". Os amigos de Russo, entre os quais Steve Derby, seu companheiro de quarto em Baton Rouge, Luisiana, dizem que êle "é um rapaz sério e inteligente, uma personalidade muito interessante". Perry Russo pretende, porém, estabelecer a sua inocência, dizendo que não participou diretamente da conspiração, nem tinha nenhum interêsse particular na morte do Presidente Kennedy.

Uma parte essencial da investigação do Promotor Jim Garrison dirige-se agora para a conduta de certos exilados cubanos, que culpavam o Presidente Kennedy pelo malôgro da tentativa de invasão de Cuba, na Baía dos Porcos. Segundo o promotor de Nova Orleãs, alguns dêsses exilados poderiam ter participado da conspiração para matar o presidente dos Estados Unidos, decepcionados, como estavam, com o resultado daquela desastrosa operação. Muitos dêles tinham sido treinados para a ação de guerrilhas nos Estados Unidos. E David W. Ferrie exercera, nos últimos anos de sua vida, a função de treinador de guerrilheiros, em terras da Luisiana, que muito se assemelham às de Cuba, onde êles iriam depois atuar.

A testemunha-bomba, Perry Raymond Russo, faz declarações aos repórteres, depois do interrogatório. Embaixo: o Promotor Jim Garrison deixa o tribunal, depois de renovar as acusações ao conspirador Shaw.



O Juiz Bernard J. Bagert, de Nova Orleãs, vem dando o mais forte apoio ao Promotor James Garrison.

Jesse Curry, o chefe de Polícia de Dallas, foi a Nova Orleãs para ouvir o depoimento das testemunhas.

O Marechal Costa e Silva terminou com lágrimas nos olhos o seu discurso na primeira reunião do Ministério

QUANDO CHORA O PRESIDENT

Alguns ministros não contiveram também a emoção e levantaram-se para aplaudir.

BRASÍLIA, DIA 16 DE MARÇO, NOVE HORAS DA MANHÃ. APÓS AS EMOÇÕES DA POSSE, NA VÉSPERA, O MARECHAL COSTA E SILVA REUNIA PELA PRIMEIRA VEZ O SEU MINISTÉRIO, NO PALÁCIO DO PLANALTO, AS CORDAS EMOCIONAIS HAVIAM RESISTIDO AOS IMPACTOS DAS SOLENIDADES DO DIA ANTERIOR, TANTO AO FAZER O JURAMENTO NO CONGRESSO COMO ao receber a faixa presidencial. Mas não resistiram, agora, perante os seus ministros. O presidente fêz um longo discurso com uma completa plataforma sôbre o que pretende fazer no próximo quadriênio: combate ao analfabetismo, retomada do diálogo com estudantes e trabalhadores, luta contra a inflação mas a favor do desenvolvimento, erradicação da pobreza. Aquela era uma linguagem diferente, acompanhada no rádio por milhões de brasileiros: "Aquilo a que chamei de humanismo social será a raiz mais profunda do meu govêrno. O que faz a nação é o povo." À medida em que se aproximava do final do texto, o marechal ia ficando emocionado e as palavras já lhe saíam com dificuldade. "Acima de tudo, conto com o povo, êste magnífico povo brasileiro, que me apoiará, ajudará e estimulará na árdua tarefa que me toca. Devotar-me-ei integralmente a êsse duro mister e dêle não levantarei mão enquanto durar o período do meu mandato." As lágrimas já começavam a correr-lhe dos olhos quando concluiu: "Que Deus me ajude a cumprir êste voto e a continuar, em tudo e por tudo, a ser digno da minha terra e da minha gente." Prorrompendo em prantos, o presidente levou o lenço ao rosto, numa convulsão que arrancou prolongados aplausos em tôda a sala. A tensão e a rigidez dos últimos três anos começavam a ser substituídas por um ameno e humano idioma, que está sendo saudado com justificada esperança e otimismo.

Texto de
MURILO MELO FILHO
Foto de
JÁDER NEVES

alta renda e garantia mais que duplicada

(estas são apenas duas das razões que fizeram da FEDERAL uma das maiores companhias de crédito e financiamento do sul do país.)

garantia mais que duplicada porque, para cada cruzeiro aplicado em suas Letras de Câmbio, a Federal possui mais de dois em sólidas garantias.

alta renda
Bem... sôbre êste argumento melhor respondem os milhares de investidores que aplicaram e vêm aplicando suas economias em Letras de Câmbio da Federal.

E é captando a poupança popular, assegurando sempre em suas Letras de Câmbio "alta renda e garantia mais que duplicada", que a FEDERAL vem contribuindo para o progresso da indústria, do ruralismo e do comércio de uma das mais importantes regiões brasileiras.

CIA. FEDERAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

FINANCIAMENTO E CRÉDITO

Uruguai, 300 — 8.º e 9.º andares — Fone: 4-9811
José Montaury, 17 — fone: 4-5031 — Pôrto Alegre
Capital e Reservas: NCr$ 1.379.319,78
Carta Patente do Banco Central da República do Brasil n.º 138

Manchete negócios

BCT amplia sua rêde paulista

São Paulo conta agora com mais duas agências do Banco de Crédito Territorial. **O sucesso alcançado pela sucursal** da Avenida 15 de Novembro levou sua diretoria a instalar as agências de Vila Mariana e Consolação. Dezoito das vinte agências do banco estão localizadas em prédios próprios.

Jornal do Comércio em todo o Nordeste

A Emprêsa Jornal do Comércio, do Recife, agora sob o comando do jornalista Paulo Pessoa de Queirós, lança-se à plena conquista do Nordeste. Acaba de inaugurar sua sucursal em Natal, entregue à chefia de Everaldo Gomes, e deverá instalar, até o fim do ano, representações em Maceió, Caruaru, Fortaleza e João Pessoa. Ao mesmo tempo, encontram-se em fase adiantada os entendimentos para a instalação de uma **emissora de televisão daquele grupo em Salvador.**

São Paulo vê ônibus baiano

A Indústria Automotores do Nordeste S/A e o escritório da SUDENE em São Paulo apresentaram, na sede desta autarquia, na Avenida Angélica, o protótipo do **chassi de ônibus Magirus-Deutz a ser fabricado em Salvador** por aquela emprêsa. O projeto foi aprovado pela SUDENE.

Nova emprêsa de arquitetura

O desenvolvimento de feiras e exposições, que se vem verificando nos últimos anos, fêz surgir no Rio **uma organização especializada em planejamento e construção de "stands"**, vitrinas e instalações comerciais congêneres. Trata-se da FAG — Arquitetura Promocional S/A, com fábrica própria no subúrbio de Madureira e escritório na Avenida Erasmo Braga, no Centro. Constituída recentemente, com capital de cem milhões de cruzeiros antigos, a firma é integrada pelo arquiteto Luís Clemenceau de Azevedo Marques, banqueiro Hugo Santos Pereira e industriais João Kessler Coelho de Sousa e Paulo C. da Fonseca.

Casas financiadas em Sergipe e na Bahia

O Banco Nacional da Habitação concedeu à firma H. Costa Engenharia Comércio e Indústria S/A, de Salvador, carta credencial que permite o redesconto de títulos de hipoteca, para o financiamento de casas próprias. É êste o **primeiro documento do gênero assinado pelo BNH que irá beneficiar a população de Sergipe e da Bahia,** dentro do plano da resolução 101/66. Através de hipotecas, negociáveis até 20 anos, H. Costa construirá e venderá residências, de custo acessível, naqueles estados.

Rádios japonêses no Brasil

Dirigentes da principal fábrica de rádios, estereofônicos e gravadores do Japão, a Matsushita Electric Industrial Co., estiveram no Brasil mantendo entendimentos para futuros investimentos em nosso país. A Matsushita, **cuja marca, National, é conhecida em todo o mundo,** possui fábrica de rádios no México e indústria de pilhas no Peru.

Mexicanos em visita à Volkswagen

Revendedores da Volkswagen no México, **impressionados com o desenvolvimento da produção e comercialização de automóveis no Brasil,** em apenas dez anos de implantação da indústria nacional de veículos, virão observar de perto aspectos que ajudem a promover seus negócios. Visitarão a fábrica da Volkswagen em São Bernardo do Campo e, aproveitando sua estada entre nós, realizarão no Rio sua Convenção Anual.

Tão bom quanto dinheiro vivo

Por isso, o CHEQUE VERDE é aceito em qualquer lugar. É que o BEG garante o pagamento até NCr$ 50,00 por cheque ou sejam, cinquenta mil cruzeiros antigos — e cada talão tem 10 cheques. Qualquer agência do BEG desconta CHEQUE VERDE na hora. E o que parece incrível, Você não precisa ser milionário para poder usá-lo — basta ser idôneo. Hoje o BEG é um dos bancos mais sólidos do pais, contribuindo decisivamente para o progresso da Guanabara. É que os vários milhares de correntistas que o CHEQUE VERDE conquistou para o BEG sabem que é a mesma coisa carregar dinheiro no bôlso ou um talão de CHEQUE VERDE. Aliás, pensando bem, há uma pequena diferença: CHEQUE VERDE é até mais seguro que dinheiro!

CHEQUE VERDE

Procure hoje mesmo a mais próxima agência do BEG e veja como é simples abrir uma conta de CHEQUE VERDE, agora com nova apresentação e ainda mais fácil de preencher.

BANCO DO ESTADO DA GUANABARA

Alfândega ☐ B. Ribeiro ☐ Bonsucesso ☐ Botafogo ☐ B. Aires ☐ C. Grande ☐ Carioca ☐ Cascadura ☐ Castelo ☐ Catete ☐ Catumbi ☐ Central ☐ C. Neto ☐ Copacabana ☐ D. da Cruz ☐ Governador ☐ Ipanema ☐ Irajá ☐ Jacaré ☐ Jacarèpaguá ☐ Madureira ☐ M. de Herval ☐ Mauá ☐ Méier ☐ Ouvidor ☐ Paquetá ☐ Penha ☐ Pôsto 4 ☐ Santa Cruz ☐ Santo Cristo ☐ São Cristóvão ☐ Tijuca ☐ Vila Isabel e, ainda, em São Paulo ☐ Belo Horizonte e Niterói

LA-56-006

Desde às nove horas da manhã, deputados, senadores, ministros, diplomatas, personalidades nacionais e estrangeiras, convidados especiais e populares chegavam ao

UMA EMOÇÃO SILENCIOSA TOMAVA CONTA DOS QUE ESPERAVAM NO CONGRESSO, EM BRASÍLIA, POUCO ANTES DAS 11 HORAS DA MANHÃ, A CHEGADA AO PLENÁRIO DO NÔVO presidente do Brasil, Marechal Costa e Silva. Tôdas as dependências estavam superlotadas, e houve um murmúrio sereno quando o Senador Auro de Moura Andrade, logo após a breve cerimônia do juramento constitucional, declarava empossado o nôvo chefe do govêrno. Só então longos e intensos aplausos se ouviram, vindos do plenário e das galerias. De fisionomia sempre grave, o Marechal Costa e Silva agradeceu, enquanto D. Iolanda chorava, emocionada. O Senador Moura Andrade fêz questão de salientar: "Neste momento, o Brasil se reencontra com o estado de direito e volta à ordem constitucional."

Palácio do Congresso, para a cerimônia de posse. Entre flôres e a emoção contida dos presentes, o Marechal Costa e Silva prestou seu juramento de improviso.

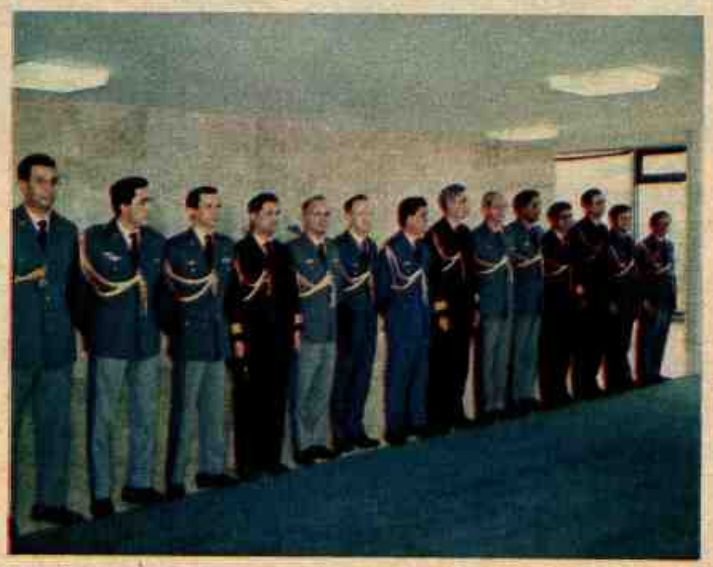
Reportagem de
MURILO MELO FILHO
Fotos de
NICOLAU DREI e
JÄDER NEVES

BRASÍLIA
A FESTA DE COSTA E SILVA

Todos elogiaram a beleza e perfeita ordem da cerimônia de posse

Tôdas as cerimônias ficam mais bonitas em Brasília, onde na manhã de sol aberto, tendo ao fundo grandes espaços limitados pelos edifícios dos ministérios, o Marechal Costa e Silva assumiu a presidência da República. Foi um dia emocionante, que mobilizou todos os setores da capital brasileira. O cumprimento exato dos horários recebeu muitos elogios: os eleitos a 3 de outubro chegaram no Congresso às 11 horas, em ponto. E autoridades, com funcionários da Câmara e do Senado, concluíram unânimes: "Assistimos à mais bela sessão do parlamento nacional."

Acompanhado do nôvo vice-presidente da República, Sr. Pedro Aleixo, o Marechal Costa e Silva chega ao Congresso exatamente às 11 horas do dia 15.



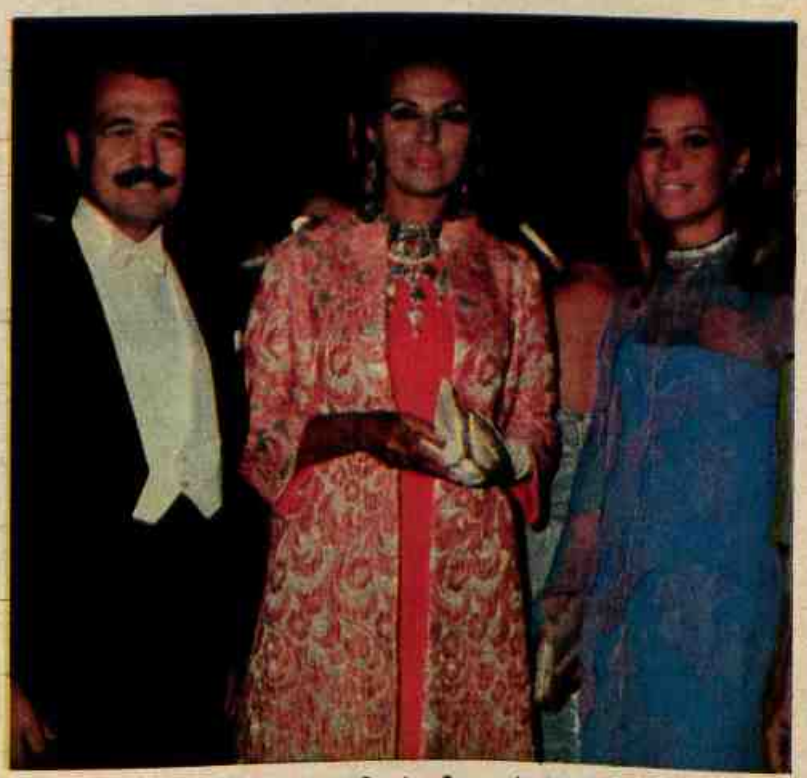
Oficiais, que compõem o Gabinete Militar de Costa e Silva, estarão ao lado do presidente durante os próximos quatro anos do seu mandato.

No parlatório, em frente ao Palácio do Planalto, o Mar. Costa e Silva, já com a faixa presidencial, acena para o povo, que seguiu até o fim as solenidades de posse.

Soldados uniformizados deram às ruas de Brasília o colorido dos grandes dias. Por onde passavam eram aplaudidos, e havia também faixas.

Todo o mundo oficial foi cumprimentar o Presidente Costa e Silva e sua espôsa, D. Iolanda. Embaixadores e chefes das missões estrangeiras, ao lado de altas autoridades

O nôvo ministro das Relações Exteriores, Magalhães Pinto, com o casal Schultz-Wenk. A nomeação do ex-governador mineiro para êsse pôsto recebeu unânimes elogios.



Sr. Álvaro Catão e Sras. Ibrahim Sued e Fernando Salvo de Souza, durante a bela noite de Brasília, à qual não poderia faltar (à direita) Marta Rocha.

Na recepção do Alvorada, tudo foi perfeito, do bufê servido pelo Hotel Nacional à elegância dos convidados

A recepção oferecida, no Palácio da Alvorada, pelo casal Costa e Silva a milhares de convidados, foi simples e marcada pelo bom-gôsto. Muito cumprimentados, o presidente da República e a primeira dama percorriam os salões, onde as mulheres apareciam em vestidos longos e os homens de casaca. Tôda a alta sociedade do Rio, São Paulo e Brasília compareceu à festa, que teve ainda a presença dos membros do nôvo ministério.

nacionais, falaram com otimismo sôbre o destino do Brasil.

Novamente demonstrada a simplicidade do casal Costa e Silva, sempre informal na noite de gala.

O diretor-superintendente das Emprêsas Bloch, Sr. Oscar Bloch Sigelmann, juntamente com o casal Antônio Carlos Amaral Osório. À direita, o Presidente Costa e Silva recebe cumprimentos, que se repetiram durante tôda a festa do Palácio da Alvorada.

O novo Palacio do Itamarati tornou mais bonita a capital em festa

Use Signal e fale de perto.

Sòmente Signal tem listas vermelhas. Nas listas vermelhas está o hexaclorofeno. Signal é garantia de hálito puro.

Signal COM HEXACLOROFE

O hexaclorofeno de Signal é um moderno antisséptico que purifica o hálito. Enquanto isso, o elemento branco limpa e clareia os dentes. Signal é gostoso, refrescante.

O Presidente Costa e Silva é cumprimentado, no Palácio do Planalto, pelo Embaixador Tuthill, dos Estados Unidos, e pelo Governador Brown, da Califórnia, que veio chefiando a delegação de personalidades americanas à posse do nôvo governante brasileiro. Mais de cinqüenta países se fizeram representar em Brasília.

Ao assumir a presidência, Costa e Silva recebeu do mundo inteiro os votos de um govêrno feliz e profícuo

As delegações dos países africanos, com seus trajes típicos, deram uma nota viva à posse do presidente.

Um dos primeiros a cumprimentar o nôvo presidente, logo após a posse, foi o Governador Israel Pinheiro, de Minas.

Altas autoridades eclesiásticas (em cima) cumprimentam o presidente e o seu ministro do Exterior, Sr. Magalhães Pinto. À direita, o marechal é saudado pelo Gov. Peracchi Barcelos.

Os fogões GERAL sempre dão muito o que falar, na hora da compra.

(Claro! V. quer saber tudo
sôbre o Calor Circulante,
a Chama Estabilizada, a Grelha
Integral, o Florete Rotativo,
o Grill Infra-vermelho
e outras vantagens técnicas
dos nossos diversos modelos!)

mod.
Super Luxo

mod.
Cadete Super

mod.
Coringa

Depois, você passa a achar muito natural ter um fogão que não preocupa nunca. Bonito. Decorativo. Fácil de limpar. Que faz tudo. Que trabalha...trabalha...trabalha... mais "por você" do que "para você".

Pergunte a 400.000 donas-de-casa gaúchas.

COMPANHIA GERAL DE INDÚSTRIAS

Matriz: Pôrto Alegre - Av. Bento Gonçalves, 1503 - Cx. Postal 618 – Curitiba: R. Lamenha Lins, 31 - Tel. 4-0598
São Paulo: R. Florêncio de Abreu, 252 - Tels. 32-3681 e 35-7294 – Rio de Janeiro: R. 1.º de Março, 115 - Tels 43-9518 e 43-8179

Após a transmissão do poder, o Marechal Castelo Branco deixa o Palácio do Planalto, rumando para o aeroporto de Brasília, onde o avião presidencial o levaria ao Rio. Mais de mil pessoas aplaudiram, em frente ao palácio, o presidente que assumia e também o que se retirava. Ambos os presidentes se mostravam emocionados.

O povo de Brasília foi ver de perto a troca de presidentes

Dois discursos curtos — o do presidente que se retirava e o do presidente que assumia — assinalaram a passagem do comando federal, no Palácio do Planalto. A fala do Marechal Castelo Branco resumiu, em traços largos, as realizações do seu govêrno. Noutro tom, o Marechal Costa e Silva emprestou à sua fala de posse as côres vivas de uma grande mensagem de esperança que repercutiu intensamente no Brasil inteiro.

A primeira foto do Ministério do Presidente Artur da Costa e Silva, no Palácio do Planalto. A todos os seus ministros, o nôvo presidente deu a palavra de ordem: "O govêrno que se inicia pode não ser popular, mas deve ser um govêrno para o povo."

Mesmo que nunca tenha entrado nesta fábrica,
V. sabe que qualidade e pureza são seus principais produtos.

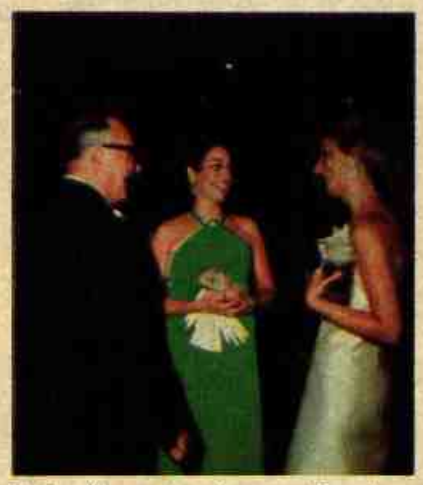
Prova disso é a sua preferência por

produto SAMRIG

fabricante também de Margarina de Soja Primor, Óleo Supremo, Alba Microperolado, Gordura de Soja Primor e mais de duas dezenas de produtos de qualidade insuperável.

O Coronel Mario Davi Andreazza, nôvo ministro dos Transportes, foi uma das pessoas mais cumprimentadas durante a recepção no Palácio do Planalto. Ao lado do Senador Daniel Krieger, manteve inúmeras palestras com parlamentares e oficiais das três armas. A festa foi uma das mais elegantes de Brasília.

Nos salões do Palácio da Alvorada, dois mil convidados assistiram à mais bela recepção de Brasília, em seus sete anos de existência



O Sr. Álvaro Americano e Sra. Jane Hime (à esquerda), duas presenças notadas. Em cima, o Sr. Edmundo Macedo Soares, ministro da Indústria e Comércio, e espôsa.

À esquerda, o embaixador da Tailândia e senhora chegam para a recepção no Palácio da Alvorada. Cêrca de mil pessoas foram do Rio e São Paulo a Brasília, e a recepção do nôvo presidente contou com a presença de dois mil convidados.

LAVANDA MEMPHIS, ALMA DE FLÔRES e LUVASPUMA não são sabonetes comuns. Razões ?

A exuberante espuma. A longa
durabilidade. A origem requintada.
E, em cada um, há um perfume diferente. Persuasivo.
Discreto. E, além disso, proporcionam
mais beleza à sua pele.
Por isso, custam um pouquinho mais.
Experimente.
Ou Você não gosta nem um pouquinho de Você?

MEMPHIS S.A.
INDUSTRIAL

mercur

O leitor em Manchete

"A capa de Mônica Vitti estava simplesmente fulgurante."

Pernambuco

"Uma edição especial sôbre Pernambuco traria muita alegria aos pernambucanos e, particularmente, à imensa colônia pernambucana do Rio, que vive morrendo de saudades de tudo o que de bom deixou lá." — **Teresa Maria Paes Leme, Rio, GB.**

● **Não faz muito, quando da nossa edição especial sôbre o Nordeste, Pernambuco foi focalizado com destaque.**

Alemanha

"Parabéns pela reportagem sôbre a Alemanha." — **Válter Santos, Santos Dumont, MG.**

Bahia

"Para quem ainda não teve a ventura de conhecer tão belo e promissor estado, a reportagem de MANCHETE sôbre a Bahia enseja, através de suas páginas, essa prazerosa oportunidade." — **Válter Rodrigues de Oliveira, Barra Mansa, RJ.**

Presente

"MANCHETE é uma revista sem par. Tudo nela agrada, tudo satisfaz. **A Morte de um Presidente** foi um régio presente a todos os seus leitores." — **Regina Marilu da Costa Sambaqui, Rio, GB.**

Uberaba

"MANCHETE é sempre esperada aqui com ansiedade." — **Sérgio B. Maia, Uberaba, MG.**

Modêlo

"MANCHETE já pode servir de modêlo para muitas publicações internacionais. A publicação do livro de William Manchester superou tôdas as nossas expectativas. Parabéns." — **Claus Ivo Doering, Ijuí, RS.**

Sergipe

"É preciso não esquecer que Sergipe está entre os estados do Nordeste que mais prometem no que diz respeito ao desenvolvimento econômico e financeiro da nossa pátria." — **Antônio Francisco do Nascimento, Estância, SE.**

● **Não esqueceremos.**

Salvador

"Sendo uma daquelas que não podem fazer turismo **in loco**, quero agradecer-lhes a oportunidade que me dão de conhecer o meu país, através das belíssimas reportagens sôbre capitais brasileiras, mui especialmente aquela sôbre Salvador, publicada no n.º 778." — **Ângela Vidal, Rio, GB.**

Dos Estados Unidos

"Somos dois oficiais do Exército Brasileiro, que se encontram em Aberdeen Proving Ground, Maryland, EUA, por um período de seis meses, a fim de freqüentar o Curso Avançado de Material Bélico do Exército Americano. Freqüentando o mesmo curso encontram-se também oficiais do Peru, Venezuela, Coréia do Sul, Etiópia, Marrocos, Irã, Iraque e Arábia Saudita, além dos oficiais americanos. Quase todos os oficiais estrangeiros recebem, por cortesia, jornais e revistas dos seus países. Sendo MANCHETE, indiscutìvelmente, a melhor revista do Brasil, ocorreu-nos recorrer aos senhores a fim de solicitar a remessa de números de MANCHETE, mesmo atrasados, pois julgamos ser esta uma ótima oportunidade de tornar o nosso querido Brasil melhor conhecido entre nossos colegas." — **Capitães Carlos Joel Lopes Enes e Henrique Carlos Guedes, Aberdeen, Maryland, EUA.**

● **O pedido já está atendido.**

Analfabetos

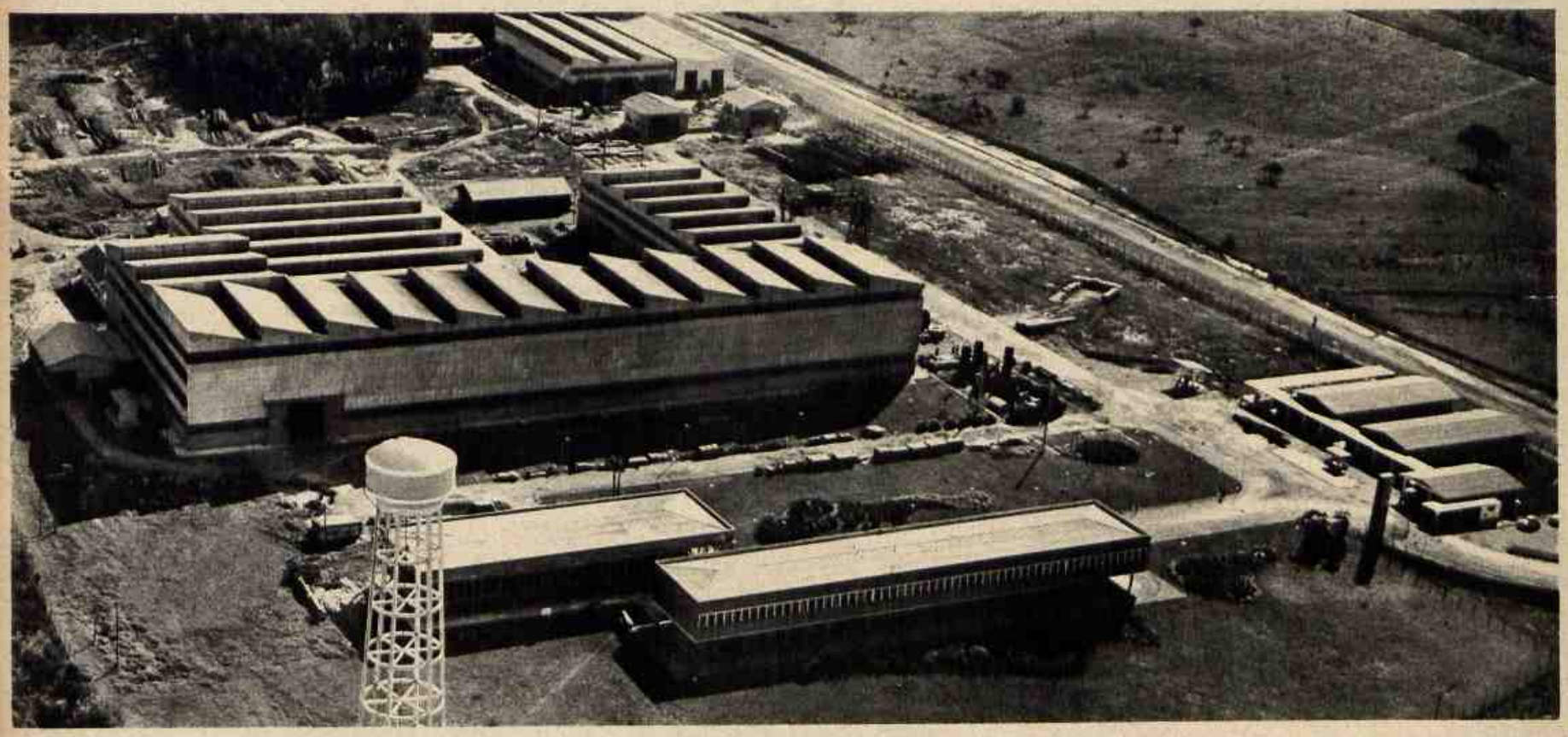
"Qual o índice atual de analfabetos no Brasil?" — **Rubem Machado, Belo Horizonte, MG.**

● **Quarenta por cento.**

Mônica

"Fulgurante a capa (último número) com a Mônica Vitti." — **Lurdes Abrunhosa, Rio, GB.**

aqui estamos colaborando
para o progresso do
RIO GRANDE DO SUL



CoEmS.A.

Construções Eletromecânicas S. A.

Sede e Fábrica: Canoas - RS - Estrada Federal BR-116 - Km 11,250

Manchete

Depois de brilhar num debate televisado, o Coronel Fontenele foi carregado em triunfo por estudantes. (Foto de José Castro.)

SÃO PAULO

SINAL ABERTO PARA FONTENELE

Após uma suposta demissão, debates violentos na tevê, um plebiscito perdido (pela ínfima diferença de mil votos em mais de 200 mil), gritos e confusões, o Coronel Fontenele voltou à chefia do trânsito de São Paulo, anunciando novas modificações. Sua equipe consulta milhares de mapas e de estatísticas, sempre à procura de uma resposta para um problema que parece insolúvel: como fazer circular mais carros num espaço físico que continua o mesmo. Mas o Coronel Américo Fontenele não desanima. Garante que a sua Operação Bandeirante acabará dando certo. "É apenas uma questão de paciência" — afirma. Esta, entretanto, nem todo mundo tem. E, enquanto isso, os congestionamentos se sucedem, colocando São Paulo em um verdadeiro estado de perplexidade tragicômica.

Manchete

A MISS NÚMERO 1

Fotos de GERVÁSIO BATISTA

A mais bela professôra primária de Copacabana é, sem dúvida alguma, Maria de Fátima, morena de 1 metro e 72 centímetros de altura, para não falar nos seus olhos azuis. Enquanto alfabetiza as criancinhas, ela alimenta dois sonhos, um sério e outro frívolo: quer estudar Medicina, e para isso fai fazer o vestibular; e gostaria de ser Miss Guanabara em 1967, razão pela qual apresentou sua inscrição na semana passada. Primeira *miss* da nova safra de brotos que brevemente desfilará no Maracanãzinho, Maria de Fátima até agora é uma espécie de candidata *free-lancer*. Resolveu entrar no concurso por iniciativa própria, acreditando que mais cedo ou mais tarde algum clube da Zona Sul fará dela a sua representante oficial.

Enquanto espera, lê seus romancistas preferidos, que são naturalmente Jorge Amado e Érico Veríssimo — tôdas as *misses* lêem êsses dois — além de Morris West, sua contribuição pessoal à biblioteca do Maracanãzinho. Dourada pelo sol de Copacabana, a cujos raios se expõe num reduzido biquíni, Maria de Fátima, quando anoitece, adere à mini-saia e circula pelas boates em voga, sempre aumentando a idade e sempre com mêdo de alguma autoridade lhe pedir os documentos comprobatórios da mentirinha. Até hoje isso não aconteceu. Em Copacabana, se você soma 20 anos com olhos azuis, o resultado é 21.

Em discreto vestido ou num provocante biquíni, Maria de Fátima surge não apenas como a primeira miss, mas também como uma forte concorrente. Se tôdas as outras forem como esta candidata, vai ser difícil escolher a mais bela carioca da safra de 67.

BNMG

O BANCO NACIONAL DE MINAS GERAIS S.A. TAMBÉM ESTÁ AO LADO DÊSTE LANÇAMENTO

WILLIAM MANCHESTER, autor de A MORTE DE UM PRESIDENTE, escreve

A BATALHA D MEU LIV

Numa tarde de março de 1966, quando a luz crepuscular, fora do meu estúdio, se tingia de listras vermelhas, terminei a redação do texto inicial de **A Morte de Um Presidente,** coloquei a tampa da minha caneta-tinteiro e pus o volumoso manuscrito de lado. Na tarde seguinte, escrevi a Jacqueline Kennedy: "Esta manhã acordei cedo e observei o nascer do sol. Nunca vi aurora tão bela desde que deixei a Baviera, em 1963." E acrescentei: "Eu nunca havia entendido o que Samuel Butler queria dizer quando escreveu em seus **Fragmentos: ...poetas crescem através de seus sofrimentos.** Mas agora entendo."

Nessa ocasião, eu supunha a minha tarefa encerrada. Entretanto, não estava. Algum tempo mais tarde — depois de seis meses de tumulto, nos quais as mais inacreditáveis acusações foram feitas, as palavras mais imperdoáveis foram ditas e rompidos os laços de preciosas amizades — eu me lembrei de duas outras citações. A primeira da **Areopagitica**, de John Milton: **...é quase a mesma coisa matar um homem e suprimir um bom livro; quem mata um homem destrói um ser racional, uma imagem de Deus; mas quem suprime um bom livro, destrói a própria razão, matando a imagem de Deus no que ela tem de mais precioso, ferindo-a nos próprios olhos.**

A segunda citação eu a ouvi do próprio John Fitzgerald Kennedy: **O merecimento maior é o do homem que se encontra na arena, com o rosto manchado de poeira, de suor e de sangue... que conhece os grandes entusiasmos, as grandes devoções; que sacrifica a si próprio por uma causa digna; e que, quando muito, experimenta no final o triunfo de uma grande realização; e... se êle fracassa, pelo menos fracassou ao ousar grandes coisas; e por isso mesmo o seu lugar nunca pode ser tomado por essas almas tímidas e frias que não conhecem nem vitórias, nem derrotas.**

Tal merecimento, as pessoas prudentes não disputam. Poeira, sangue e suor são coisas muito desagradáveis, especialmente quando infligidas a pessoas que nos são próximas. A arena é tão implacável quanto cruel. Só vence nela quem está preparado para o sacrifício de tudo, exceto o da própria honra. Em suma, quem estiver mais preparado para deixar nela a sua própria vida, em vez de desertá-la. Isso pode soar desnecessàriamente melodramático. Contudo, eu me recordo vivamente de certa manhã lavada de sol, em Hyannis Port, no ano passado. A convite da Sra. Kennedy, eu para lá tinha ido, com a vã esperança de que então poderíamos resolver as nossas diferenças de opinião: ela entendia que a publicação de certos episódios invadia a sua vida privada, ao passo que essas mesmas passagens me pareciam essenciais à história norte-americana. Entre conversas, fomos nadar no oceano. E, a certa altura, eu a perdi de vista. Pensei tôlamente, que ela poderia precisar de ajuda. E nadei para mais longe. Enquanto ela, equipada com pés-de-pato, alcançava a praia fàcilmente, eu é que me via por algum tempo em sérias dificuldades. Passou-me pela cabeça a idéia de que realmente poderia afogar-me. Um único pensamento atravessou o meu cérebro: isso ajudaria ou prejudicaria a divulgação do meu livro?

Anotando êsse episódio, mais tarde, nesse mesmo dia, achei-o um tanto absurdo. Parecia algo irreal. Contudo, à medida que a atmosfera da crise chegava ao ápice, durante o outono e o inverno passado, a irrealidade passara a ser norma. Tudo, ou quase tudo, era possível. Às 3 horas da madrugada do dia 3 de fevereiro, por exemplo, em Connecticut, o telefone da mesa de cabeceira do médico de minha família começou a tocar. Meio tonto de sono, êle tirou do gancho o receptor e ouviu o ruído característico dos teletipos. Um homem, que se identificou como o plantonista de uma agência telegráfica, fêz-lhe esta pergunta: "O senhor é o médico de William Manchester?". Respondeu que era. "Pois êle acaba de morrer", continuou a voz. "Quer nos dizer alguma coisa?" Depois de uma pausa, chocado com a brusca notícia, o médico perguntou: "O senhor está bem certo disso?". O homem respondeu, num tom seguro: "Claro. Está confirmado. Êle morreu na capital do México." "Não tenho nenhum comentário a fazer", disse firmemente o meu médico. E desligou. Êle se tinha lembrado de uma particularidade que o desconhecido òbviamente ignorava: eu estava em Nassau, não no México. O incidente, como muitos outros, permanece sem explicação.

Como os demais, também chocante foi o que se passou logo depois. Poderia alguém acreditar que eu e o meu editor ficássemos sentados em rígido silêncio num apartamento do hotel, em Manhattan, enquanto no corredor um membro do Senado federal, decidido a alterar meu livro, esmurrava a porta e chamava repetidamente o meu nome? O editor, é claro, guarda a mesma lembrança, mas talvez os dois, êle e eu, tenhamos tido apenas uma idêntica alucinação. Encontrando na rua um psiquiatra, meu amigo, eu lhe perguntei: "Você acredita que eu esteja sofrendo de mania de perseguição?" Êle esboçou

William Manchester, o escritor que fêz história, ao escrever A Morte de um Presidente, **de que MANCHETE há pouco publicou o resumo, simultâneamente com as mais famosas revistas ilustradas do mundo. Agora, em dois capítulos, êle conta a luta que sustentou para preservar seu sensacional livro.**

Manchete
exclusivo

Direitos adquiridos à revista Look — Reprodução rigorosamente proibida. Tradução de R. MAGALHÃES JÚNIOR.

O RO

um ligeiro sorriso e disse: "**Mania**, não." E tinha razão. A tentativa de coerção era bastante real e, como um professor universitário, na Alemanha, sob o nacional-socialismo, eu percebi que existia nos Estados Unidos uma espécie do **Nacht und Nebel Erlass** (decretado por Adolf Hitler). Era como se a primeira e a décima-quarta emendas constitucionais tivessem sido erradicadas da Constituição dos Estados Unidos. **(Nota do tradutor — A primeira emenda estabelece que o Congresso não fará leis prejudicando a liberdade de palavra ou da imprensa. A décima-quarta, entre outras coisas, cria a impossibilidade de serem cerceados por qualquer forma os privilégios e imunidades dos cidadãos dos Estados Unidos, dando a todos igual proteção perante as leis.)**

Nessa ocasião, contudo, fui apoiado por uma infinidade de amigos que compreendiam a verdadeira paixão que me identificava com o presidente cujo epitáfio os Kennedy me haviam pedido para escrever. Meus colegas foram solícitos. Estabelecendo um paralelo entre a liberdade do escritor e a liberdade de imprensa e sentindo que a controvérsia repousava no redemoinho emocional que ainda envolve os que contemplaram de perto os acontecimentos de novembro de 1963, êles se mostraram preocupados. No auge do conflito, eu nem

William Manchester viveu um verdadeiro drama para escrever o livro que é lançado esta semana em Nova Iorque, a 10 dólares o exemplar

sequer me inteirara de que uma pesquisa da opinião pública, levada a efeito por George Gallup através do país, revelara que os norte-americanos se haviam pronunciado a favor do livro, por uma maioria de três contra cada opinião contrária. Sabia, contudo, que o meu trabalho era apoiado por muita gente. Pessoas que me eram totalmente desconhecidas me detinham na rua, para me dizer isso. Mais de mil me escreveram cartas de solidariedade. O tom geral dessas missivas era quase sempre êste: esperavam que eu permanecesse firme em meus pontos de vista, embora soubessem que isso era difícil.

Quanto a mim, nunca me passou pela cabeça a idéia de ceder. Ninguém tem o direito de desvirtuar o passado. Nenhum fato, por mais desagradável que seja, deve ser expungido dos registros. Entretanto, aquelas pessoas desconhecidas tinham boas razões para me encorajar. Os tempos eram duros. Porta-vozes anônimos caluniavam os meus editôres e procuravam desacreditar **A Morte de Um Presidente**, antes que o livro aparecesse para fazer a sua própria defesa.

Minha reputação, depois de 20 anos como escritor profissional, passou a ser alvo de devastadores ataques. Quando os advogados dos Kennedy vieram ao Estado de Nova Iorque a fim de tentar impedir a publicação do meu livro, eu me encontrava em Manhattan. Ansioso para ficar ao lado do livro e da revista que ia divulgar o seu resumo, passei um dia inteiro na redação de **Look**, esperando a intimação dos oficiais de justiça. Nessa noite, quando deixei a cidade, detetives particulares, em carros equipados com transmissores de rádio, me seguiram até Connecticut, cercaram a residência de que eu era hóspede e exigiram que eu aparecesse, para receber as intimações — tratando-me, em suma, como se eu fôsse um fugitivo da justiça.

Em breve, porém, eu me tornei realmente uma espécie de fugitivo. A controvérsia poderia ter sido uma fonte de ruidosa publicidade, mas a alta categoria dos advogados que contratei proibia quaisquer comentários na imprensa enquanto o caso estivesse pendente de julgamento. Êles me aconselharam: dissessem o que dissessem os meus críticos (na Alemanha nós os chamávamos os **inamistosos**), eu devia permanecer de bôca cerrada. Essa a suprema ironia: eu, que zelosamente defendia o direito do público de conhecer tôda a verdade, tinha que silenciar até a respeito dêsse direito, enquanto o meu caráter era conspurcado, embora eu tivesse uma enorme massa de provas em cima da minha mesa. Quando os repórteres apareciam e as equipes de televisão inundavam a minha casa, minha mulher e meus filhos com sua torrente de luzes, eu era obrigado a ficar no meu escritório, às escuras, conversando em cochichos com os meus editôres.

Por vêzes, eu gostaria de ter odiado enfurecidamente os **inamistosos**, quando mais não fôsse, em meu próprio íntimo. Teria encontrado nisso algum confôrto. Mas era impossível. Eu simplesmente não experimentava ódio. Em lugar dêste, o que havia era um fundo poço de amargura e de tristeza. A tristeza de que uma nobre tarefa tivesse sido rebaixada ao nível de um conflito público, afrontando a memória do próprio homem a quem devia homenagear. Êsse sentimento, estou certo, foi partilhado por dezenas de milhões de pessoas que, horrorizadas, acompanharam a briga. Os únicos espectadores que realmente se deliciaram com **a batalha do livro** (como os jornalistas a chamaram) foram os membros dêsse triste fanatismo que ainda nutre um ódio patológico ao nome de Kennedy. Êsses também me escreveram. Suas cartas geralmente chegavam sob registro, e eram sempre uniformemente depressivas. Cheguei a estremecer tôda vez que o carteiro tocava a campainha: já pensava nêle como num **inamistoso.**

Por mais exasperante que fôsse essa época, o pior ainda não havia chegado. Eu tinha fortes aliados, entre os quais os diretores de **Look,** que estavam tão determinados quanto eu a proteger a integridade de um documento histórico. E, o que era ainda mais importante, eu tinha fé no meu livro. A longa agonia da criação havia passado. E para mim, de qualquer modo, essa luta solitária é pelo menos tão memorável quanto as escaramuças e acusações dos Kennedy na ofensiva de inverno 1966-67, que, sem alteração do quadro geral do livro, a não serem ligeiras modificações, só terminou na sala de audiências de um juiz, no Foley Square, em Nova Iorque.

Hoje, o livro **A Morte de Um Presidente** está aceito e é até de bom-tom apoiá-lo. Os que o desaprovam, pelo menos estão cônscios da sua existência. O que poucos sabem é que, antes que alguém conhecesse uma só linha de seu texto, eu permanecera durante 26 meses na arena, virtualmente ignorado. Depois, o **Publisher's Weekly** o descreveu como "um livro longamente esperado". Mas isso já foi depois que a natureza do seu conteúdo se tornara conhecida. Durante os anos em que o seu texto foi elaborado, só o esperavam, quando muito, umas cinco pessoas, tôdas amigas. Três meses antes da publicação, entretanto, cêrca de 400 mil exemplares tinham sido antecipadamente encomendados e **The New York Times** predizia que estava destinado a ser "um dos grandes **best-sellers** da história editorial". E dizer-se que, **três anos** antes de sua publicação, meu agente literário sinceramente acreditava que eu me arriscava a um desastre financeiro! É que eu havia decidido que a maior parte dos proventos do livro seria destinada à Biblioteca Kennedy e êle sustentava que eu só recuperaria os meus prejuízos se **A Morte de Um Presidente** fôsse um extraordinário sucesso popular, coisa que lhe parecia inteiramente inconcebível.

Êle e meus outros amigos do ramo editorial acreditavam que, na melhor das hipóteses, as coisas ficariam equilibradas, isto é, eu não sairia perdendo nem ganhando. Ponderaram que, durante o terrível fim-de-semana que se sucedeu ao assassinato de Dallas, as três grandes cadeias de televisão tinham dado ao público uma ampla cobertura da tragédia e muita coisa fôra publicada, nas dez semanas seguintes, havendo, portanto, verdadeira saturação. "Para que vai escrever isso?" — perguntou-me um repórter da Associated Press, que fazia a cobertura do Ministério da Justiça. "A minha agência já contou a história tôda, no livro **The Torch Is Passed (O Archote Passou a Outras Mãos).**" Sete meses depois, de regresso de uma viagem a Dallas, encontrei o mesmo repórter. Êle me deu, gravemente, um volume do Relatório Warren, dizendo, enquanto balançava a cabeça: "A coisa está tôda aí. Vai ser difícil superar isso."

A minha intenção não era essa. Sem que a imprensa soubesse, o presidente da Suprema Côrte me dera uma **security clearance** (cartão de passe) e uma mesa nos escritórios daquela comissão, na Maryland Avenue, por trás do edifício do mais alto tribunal do país. Ali, eu tivera imediato acesso a todos testemunhos, documentos, provas e depoimentos. Com muita astúcia, o presidente da Suprema Côrte também me convidara a ler o rascunho do Relatório Warren, a fim de declarar-lhe, como amigo da família, se as suas conclusões eram aceitáveis pelos Kennedy sob todos os aspectos. Embora cooperasse com êle de outras maneiras, eu me excusei, explicando que seria impróprio externar tal impressão. Além do mais, eu era um simples cidadão particular e o meu próprio inquérito estava ainda longe do fim. Ao contrário do Sr. Mark Lane, também declinei de um convite para depor, apresentando as mesmas razões. Recusei-me a antecipar o meu julgamento em 1964. Aliás, eu estava trabalhando numa linha nova e inteiramente diversa. Não era apenas o crime da Elm Street que me interessava, mas um painel de todos os acontecimentos daquele fim-de-semana.

A princípio parecia ridículo, ou mesmo pretensioso, que um único investigador entrasse numa arena tão ampla, anteriormente ocupada por tôda uma comissão presidencial. Mas eu tinha vários aliados invisíveis. Um dêles era o tempo. Os homens do número 200 da Maryland Avenue tinham trabalhado sob a comburente pressão do prazo que lhes fôra fixado pelo Presidente Johnson. Como eu então já sabia e a nação iria depois descobrir, os grandes nomes do colegiado de Earl Warren pouco fizeram, a não ser brilhar. As longas horas de trabalho couberam aos elementos obscuros de que a grande equipe

Evelyn Lincoln, ex-secretária de Kennedy, acompanhou as pesquisas de William Manchester.

O Senador Robert Kennedy e a Sra. Jacqueline Kennedy, num flagrante recente. Quando William Manchester acabou de escrever A Morte de Um Presidente, **os dois tudo fizeram para impedir a publicação.**

BNMG
— *O Banco que está a seu lado* —

se cercou. Êstes eram jovens e dedicados, mas acredito que eu tinha bem maior experiência em investigações do que êles.

Além disso — e esta era a minha maior vantagem —, eu estava trabalhando sòzinho. Meu **status** quase oficial no edifício em que funcionava a Comissão Warren ensinou-me que a exigência de um consenso enfraquece as decisões. O pensamento grupal não é fàcilmente discernível, de tão difuso. Mas um indivíduo, responsável apenas perante sua própria consciência, pode superar os obstáculos que perturbam a sabedoria coletiva. Sempre me deliciei com a história de um homem de negócios de Detroit cuja secretária entrou no seu escritório, a 21 de maio de 1927, gritando: "Sr. Murphy, um homem acaba de voar de Nova Iorque a Paris, sòzinho!" Êle continuou a trabalhar calmamente e ela de nôvo gritou: "O senhor não compreendeu! O homem cruzou o Atlântico pelos ares, sòzinho!" Então, o Sr. Murphy olhou para ela: "Um homem sòzinho não me preocupa. Mas quando um comitê atravessar o Atlântico assim, é bom me dar um aviso!" Ao que eu saiba, jamais um comissão compôs uma brilhante sinfonia, produziu um quadro de excepcional beleza, ou escreveu um livro notável. Um único ôlho pode perceber e refletir aquilo que milhares de olhos não vêem.

Para um historiador, os personagens de um grande drama são tão significativos quanto os exames espectrográficos e os testes de parafina. O filme rodado em Dallas pelo Sr. Abraham Zapruder é a mais valiosa peça isolada entre as provas referentes ao crime. Eu o vi tantas vêzes que cheguei a memorizar cada um dos movimentos e a descobrir algo que os investigadores da Comissão Warren não tinham visto: as lentas, retardadas reações dos agentes do Serviço Secreto no banco da frente do carro presidencial, um Lincoln conhecido pelo nome de SS-100-X. Zapruder pertence à crônica daquele dia sangrento de novembro, do mesmo modo que centenas de outros, até agora anônimos. Também pertencem a essa crônica o vendaval da crise que varreu os Estados Unidos até a mais remota cidadezinha do interior e o modo pelo qual as nossas instituições federais resistiram a êsses ventos. E, ainda, quer gostem disso, ou não, a encarniçada e amarga rivalidade entre o grupo do presidente martirizado — ovelhas sem pastor — e a figura emergente de Lyndon Baines Johnson.

Quando acedi ao pedido da Senhora Kennedy para que escrevesse o livro, eu prontamente renunciei ao meu pôsto na Wesleyan University, em Middletown, Connecticut. Isso ocorreu em fevereiro de 1964. Tècnicamente, eu era um homem desempregado, um vadio de meia-idade e altamente educado. Como as minhas perspectivas financeiras eram exíguas, passei a viver muito frugalmente. Seria absurdo se eu desse a entender que estive alguma vez sob a ameaça de bancarrota. Nos quinze anos anteriores, havia publicado sete livros que me deram bons proventos, trabalhara algum tempo como correspondente da imprensa no exterior e como diretor-gerente, além de ter escrito para quase tôdas as grandes revistas nacionais. Nascido numa época de grande depressão financeira, eu me habituara a ser econômico. E tinha acumulado o que se costuma chamar de um razoável pé-de-meia. Contudo, empenhado num programa de pesquisas históricas de grande envergadura, que exigiria, sem dúvida, muito tempo, era preciso apertar o mais possível o orçamento, mesmo tendo recebido um pequeno adiantamento da Editôra Harper.

Por isso, eu comia nos restaurantes do govêrno, em que cada um carrega a sua própria bandeja, dispensando a intervenção de garçons. Com a ajuda de um amigo, descobri e aluguei um dos quartos mais baratos do Sudeste de Washington. Para economizar o dinheiro do táxi, andava a pé. Durante a primeira primavera e o primeiro verão, devo ter caminhado pelo menos dez milhas por dia. Pela manhã, nos dias úteis,, eu ia dos Arquivos Nacionais à Casa Branca, e depois, pela Pennsylvania Avenue até ao edifício do Congresso, para voltar, em seguida, ao Departamento de Estado. Total: 62 quarteirões. Freqüentemente, eu cruzava a Memorial Bridge e ia até ao Cemitério Nacional de Arlington, o que é uma prova dura para pedestres. Às vêzes, os meus motivos não eram puramente econômicos. É que eu estava ainda sob a angústia que havia brutalizado a nação durante 74 horas, no outono anterior. E eu simplesmente não tolerava ir de carro ao túmulo do presidente. Em outras vêzes, caminhava pelas ruas por estar certo de que não há melhor meio de apreender o espírito de uma cidade. Duas vêzes, caminhei através de 30 quarteirões, até o lar provisório de Jacqueline Kennedy, no número 3017 N. Street NW, em Georgetown, até a parte baixa de Washington. E, outra ocasião, quando o termômetro marcava 38 graus, fui a pé do escritório do Senador Mike Mansfield ao Forte Myer, cinco milhas adiante.

O resultado disso foi excelente, embora, na primeira semana, eu ficasse um tanto embaraçado, ao chegar à Casa Branca, para uma entrevista, inteiramente ensopado de suor. Mas, depois, resolvi êsse problema. Descobri que, chegando 15 minutos antes e esperando em salas com ar condicionado, minhas camisas de **nylon** ficavam impecàvelmente sêcas ao soar o momento da entrevista. Como trabalhava em horários muito irregulares — durante o mês de maio trabalhei de seis da manhã até meia noite — êsses rigorosos exercícios mantiveram-me em forma. Foi um excelente treino para os dias futuros, principalmente quando eu iria fazer a pé o percurso de cinco milhas do cortejo presidencial, em Dallas, à procura de testemunhas visuais. Só uma coisa me deixou uma marca indelével: o insano fluxo do tráfego de Washington, verdadeiramente odioso.

Tive, porém, um problema temporário. Ao fim daquele primeiro mês de agôsto, perdera dez quilos e precisava urgentemente dos serviços profissionais de um alfaiate. Em Hickory Hill, algumas vêzes surpreendi Ethel Kennedy olhando para mim de um modo entre curioso e zombeteiro. Ela era muito discreta para aludir a isso, mas eu tinha a impressão de que gostaria de saber porque as minhas roupas eram tão excêntricamente largas. Poderia também perguntar a si mesma porque o meu cabelo era ainda mais comprido do que o de seu marido, Bob Kennedy. A razão era a mesma: falta de tempo. Ainda me lembro, com certa contrariedade, de um almôço com Arthur Schelinsinger Jr. "Entre escritores", disse êle com muita razão, "a boa regra é rachar as despesas." Depois, pediu um grosso filé. Quando o garçom se voltou para mim, limitei-me a dizer, em tom casual: "Quero só um **cheeseburger**" (almôndega com queijo, prato baratinho). E também me lembro com especial gratidão de uma noite em que Toni e Ben Bradlee me levaram a um dos mais finos restaurantes de Georgetown e me ofereceram um verdadeiro banquete. Lembro-me também de uma tarde em que cheguei à casa de Bill Walton depois de uma entrevista particularmente chocante. Êle me observou cuidadosamente e, depois, serviu-me uma dose medicinal de uísque, sem a qual, decerto, eu não teria ânimo para a entrevista com êle.

Para um chefe de família, verificar o desaparecimento do saldo de sua conta bancária não é coisa muito divertida. Entretanto, para a preservação de minha independência isso era absolutamente essencial. Eu me recusei sempre a suscitar a hipótese de um financiamento por parte dos Kennedy. Quando entrei no escritório do então ministro da Justiça para discutir os têrmos finais do meu projeto, recomendei ao meu agente literário: "Não diga uma palavra. Não estou fazendo isso por dinheiro." E êle, como o meu mais íntimo amigo, limitou-se a deixar transparecer, na fisionomia, a sua frustração. Minha vida de poupança continuou até que pinguei o ponto final no manuscrito. Durante êsse tempo, eu datilografava a minha própria correspondência, fazia eu mesmo a ponta dos meus lápis, copiava as minhas próprias notas taquigráficas, fichava e arquivava essas notas num quarto do porão dos Arquivos Nacionais (o B-11), ao lado do **snack-bar** e do lavatório dos homens

Mais tarde, Herman Kahn, o amável arquivista presidencial, levou-me para uma sala vazia do quarto andar, ao lado do escritório de Evelyn Lincoln. Evelyn tinha sido a secretária pessoal de John Kennedy desde 1953. Ela participara do último cortejo presidencial, o de 22 de novembro. E eu a conhecia há vários anos. Da fachada norte do edifício dos Arquivos, tinha-

Embora muitos duvidassem do seu esforço, William Manchester nunca desanimou e sabia que o seu livro seria uma obra definitiva

mos uma esplêndida vista sôbre a Pennsylvania Avenue. No dia em que Lyndon Johnson inaugurou seu nôvo período de govêrno, em 1965, ela ficou em casa. Estava ainda amargurada. Mas eu fui ao escritório e vi os atiradores do Serviço Secreto instalados, com seus rifles, nos telhados vizinhos, bem como os agentes agarrados à mala do carro SS-100-X. Imaginei então, como tantas vêzes tinha acontecido: onde estariam êles, naquela sexta-feira límpida e sem nuvens, nos arredores do Depósito de Livros do Texas?

A sala dos arquivos era agradável. E Evelyn uma excelente companhia. A essa altura, eu já tinha trazido minha espôsa e meus filhos da Nova Inglaterra para uma casa de janelas cinzentas da Lowell Street, bem pertinho da Catedral de Washington. Infelizmente, eu não podia permanecer lá por longo tempo. Até que elas chegassem, a maior parte das minhas sessões de gravações e suas respectivas transcrições se tinham limitado à área de Washington. É que eu havia prometido ao presidente da Suprema Côrte que não iria ao Texas antes de ter o Presidente Johnson recebido o seu relatório. A maioria dos endereços do meu calendário de entrevistas era ininteligível para os leigos, pois eu usava o código do Serviço Secreto, mas estava quase sempre ao alcance de uma boa caminhada a pé. Os apontamentos diziam: Lace/N, Eunice/Timberlawn, Freedom/Carpetland, RKF/4700 Chain Bridge, Tiger/Angel, Victoria/Crown, Dazzle/Treasury. Mesmo os endereços localizados na parte Norte de Washington (Galbraith/Vt., Cushing/Commonwealth Avenue, Rose/Cabin One) estavam a uma grande distância de minha casa. Mas agora eu tinha seguido o rumo da estrêla cadente. Estava sòzinho numa terra estranha, apenas com uma valise, perdido na vastidão do Sudoeste. O meu enderêço indicava ruas obscuras de cidades empoeiradas, orgulhosas, de seu petróleo e distribuídas pelo grande planalto do Texas: Temple, Austin, San Antonio, Houston, Fort Worth, Irving e — durante um período que me pareceu uma eternidade — em Dallas.

Há muitos anos, quando o maior estado da União Americana ainda estava muito longe de ser o que é hoje, os oradores de fim de banquete costumavam lembrar uma pequena história acêrca do General Philip H. Sheridan, que, em 1867, fôra nomeado comandante do Quinto Distrito Militar. O seu primeiro dever era inspecionar a fronteira com o México. Partiu cheio de entusiasmo, mas nunca fôra muito forte em cartografia e não tinha a menor idéia a respeito das distâncias que teria de cobrir. A meio do caminho para o Rio Grande, acabaram-se os seus charutos. Depois, o sol começou a dardejar e a água a escassear. Quando a martirizada caravana já marchava há uma semana pelas planuras de Lone Star (Estrêla Solitária), um repórter enfiou a cabeça na carroça coberta do comandante e perguntou: "Então, general? Já conhece um grande estirão do Texas. Que tal está achando?" De acôrdo com essa historieta, Sheridan respondeu com mau humor: "Saiba que se eu fôsse dono do Texas e do inferno, preferia ven-

Arthur M. Schlesinger Jr., autor de Mil Dias, alterou o livro por exigência dos Kennedy.

der o Texas e ir morar no inferno!" Pouco depois disso, êle foi transferido para Missuri. Os inquietos texanos queixaram-se a Washington de que o general não os entendia. Talvez tivessem razão. As opiniões do estouvado militar eram precipitadas. Sempre gostei do Texas, e de um modo geral minhas viagens, desde o assassinato de Kennedy, confirmaram e fortaleceram essa boa disposição. Há qualquer coisa de comovente naqueles sertões ressequidos, nos ranchos e casas de fazendas fustigados pelas intempéries, nos altos e infatigáveis homens de macacões desbotados, na vista e no cheiro dos grandes rebanhos que mugem ao amanhecer e ao entardecer. As cidades são menos agradáveis, mas apesar disso têm quase tôdas alguma coisa que as distingue de modo particular. Austin tem um vívido encanto. San Antonio é de um contagioso entusiasmo latino. Houston é de uma surpreendente elegância. E Fort Worth de um vigor agressivo.

A exceção é Dallas. Willie Sutton deu uma resposta clássica, quando lhe perguntaram porque assaltava bancos: "Porque há dinheiro nêles." Essa resposta de certo modo se aplica a mim. Fui a Dallas porque as informações estavam lá. Mas nunca pude gostar dessa cidade. O que não quer dizer que não tenha gostado, individualmente, de uma infinidade de pessoas que lá moram. Meu livro não poderia ter sido escrito sem a cooperação dêsses cidadãos de Dallas, que amaram e ainda pranteiam John Kennedy. Contudo, nunca vi uma cidade tão rigidamente controlada por um grupo tão limitado de pessoas. Boston, Baltimore e Filadélfia, por muito que sejam criticadas nesse mesmo sentido, estão muito longe da rigidez de Dallas. O poder, ali, no entanto, é muitas vêzes um poder de simulação e de impostura. Dallas é inquietantemente realista, impudente e arrogante. Há qualquer coisa de teutônico no materialismo da Big D (como costumam chamá-la) e na sua deferência para com os homens de dinheiro. Suas instituições, para uma cidade do oeste, são surpreendentemente antiquadas.

O assassinato não alterou muito as convicções políticas anteriores. Isto foi uma das primeiras coisas que descobri. Minhas ligações com o presidente desaparecido contribuíram para que eu conquistasse alguns amigos, mas êstes representavam uma seleta minoria. Na capital do país, o meu passe da Casa Branca não fôra pôsto em dúvida pelos chefes do Estado-Maior Conjunto, pela CIA e pelo Serviço Secreto, mas depois de ter feito algumas perguntas rotineiras a um homem de negócios de Dallas, fui interrogado por três agentes locais do FBI. Já prevendo problemas com o Departamento Policial (eu enviara minhas credenciais ao Chefe de Polícia Jesse Curry e não recebera resposta), pela primeira vez pedi a Jacqueline Kennedy uma carta de apresentação, que lhe devia ser enviada antecipadamente. Contudo, Curry estava demasiado ocupado para falar comigo ao telefone. Procurei-o diretamente em seu escritório:

— Creio que a Sra. Kennedy lhe escreveu a meu respeito...

— Escreveu? Escreveu **mesmo?**

Remexeu apressadamente uma pilha de papéis. Reconheci, com alívio, o papel tarjado de luto, mas logo vi, com o maior desânimo, que a assinatura não era dela. Tinha sido assinada por uma pessoa desconhecida que se achava a seu serviço. Eis como era realizada a minha tarefa "autorizada". Embora a Sra. Kennedy me houvesse pedido para executá-la, na verdade só me abriu três portas, nenhuma delas de natureza vital. Muitas pessoas concordaram em me receber e em falar comigo por ter Bob Kennedy expedido uma declaração em que me designava como o historiador do assassinato. Mas creio que a maioria delas me teria falado de qualquer maneira. Afinal de contas, eu não era um novato ou um desconhecido nesse campo. E tinha minhas próprias fontes, sendo as minhas relações com o Presidente Kennedy já bastante notórias em Washington muito antes de eu ter conhecido sua espôsa.

Contudo, na cidade em que êle foi assassinado, seu nome só suscitava olhares inexpressivos ou de total hostilidade. A maneira pela qual consegui entrar no departamento de Curry foi colocando um sólido sapato entre a porta e o umbral, para que não a fechassem em minha cara. E num subúrbio de Dallas uma testemunha visual do assassinato me disse que não daria resposta a qualquer das minhas perguntas antes que a Biblioteca John F. Kennedy lhe tivesse pago 5 mil dólares. Instintivamente, recuei. E a testemunha me disse que faria um abatimento para 3 mil.

— Porquê? — perguntei, estarrecido.

— Ora, porque! Para compensar a chateação — disse êle. — Há muito tempo que estou pensando em levar alguma vantagem nesse negócio...

Era como se só êle fôsse depositário de um segrêdo, ignorado ou esquecido pela grande massa dos seus concidadãos. Êle pedia o dinheiro da biblioteca. Nunca lhe passara pela cabeça a idéia de que eu devia fazer o pagamento. No Texas, como em Washington, tinha-se a impressão de que **A Morte de um Presidente** seria uma obra desdenhada pelo público. Era isso, na verdade, o que a própria Sra. Kennedy

BNMG
— O Banco que está a seu lado —

Theodore C. Sorensen, a pedido da família, também suprimiu passagens do livro Kennedy.

acreditava. Ela me dissera no verão passado: "Creio que o seu livro vai ser encadernado e esquecido no canto mais escuro das estantes." Excetuada a tentativa de extorsão da testemunha que queria levar alguma vantagem (o dinheiro não foi pago e, de qualquer modo, ela acabou falando), quase todos os demais, de quem me aproximei, revelaram espírito cooperativo, embora seus motivos, como o meu, ao aceitar o apêlo da viúva, fôssem inspirados por um sentimento de obrigação: o de estabelecerem a verdade dos fatos. Foi o que levou o ex-Presidente Dwight D. Eisenhower a me dizer: "Alguma coisa parecida com isto devia ter sido feita quando Abraham Lincoln foi assassinado. Só assim teria chegado até nós uma narrativa autêntica." Muitos outros fizeram eco de suas palavras. Mas nenhum dêles, no entanto, chegou a afirmar que os contemporâneos de Lincoln teriam interêsse por um volume intitulado **A Morte de um Presidente** — Abril de 1865.

Eu mesmo considerava essa atitude razoável. Porque alguém haveria de desejar ler o que se passara em novembro de 1963, quando apenas falar a respeito ainda era tão doloroso? Freqüentemente, o confronto das pesquisas e as acareações eram cruciantes. Os homens choravam tanto quanto as mulheres. Com uma diferença: uma boa crise de chôro aliviava as mulheres, ao passo que os homens norte-americanos, criados na persuasão de que manifestar as emoções é prova de pouca virilidade, tinham vergonha de derramar suas lágrimas. Alguns conseguiam contê-las através de um heróico esfôrço. Ted Sorensen sobreviveu a uma sessão de prolongado interrogatório em Cape Cod, graças a repetidas interrupções. De quando em quando, êle dizia: "Isso está ficando insuportável. Vamos parar um pouco, para respirar." E então falava sôbre assuntos diversos, só para desviar a atenção do foco emocional. O Almirante George Buckley (do Corpo de Saúde da Marinha), que fôra o médico pessoal do presidente, ficou comovido, como tantos outros, por um pequeno detalhe, a respeito de uma rosa salpicada de sangue no Parkland Hospital. Durante três minutos a fio, êle permaneceu sentado, imóvel, desviando o rosto quadrado, as mãos crispadas sôbre a borda da mesa. Quando a voz lhe voltou estava diferente, rouca, rascante como lixa.

O governador do Texas, John B. Connally Jr., sobrevivera a uma cruel provação. Êle descrevia a cena no carro presidencial, no momento em que Lee Oswald disparou o último tiro. E terminou: "...E o ar se encheu de sangue." Houve uma pausa. E depois, inesperadamente, provocado por uma pergunta casual, deixou escapar: "Carlos Estrada." Sùbitamente, depois dessas palavras, êle desdobrava tôda a história de sua infância: como seu pai, depois de fracassar como lavrador, barbeiro, merceeiro e chofer de ônibus na estrada San Antonio-Corpus Christi, voltara para o torrão natal, trabalhando como magarefe avulso para garantir o pão. Quando os rancheiros queriam matar novilhos, o velho John fazia o trabalho rude, esfolando e carneando as reses. Uma das mais profundas recordações do futuro governador foi a de tê-lo ajudado nessas tarefas. O velho Connally dirigia um Ford modêlo T, quase caindo aos pedaços. Carlos Estrada, seu auxiliar mexicano, viajava a seu lado, conduzindo as facas, os machados e as serras. John Jr. viajava empoleirado atrás, com um velho balde no braço. Sua função era carregar água enquanto os dois homens reduziam os animais a pedaços. E como miolos e testículos eram considerados verdadeiras delícias, êle ainda se lembrava dos cuidados com que seu pai segurava essas peças tão disputadas. Ao fim dêsse monólogo, proferido em tom monótono, o governador estava suando e fumava dois cigarros simultâneamente. Era como se eu lhe tivesse aberto uma porta secreta que o conduzia a um doloroso passado. Depois de um longo silêncio, voltei a interrogá-lo sôbre a desintegração do cortejo presidencial, mas de algum modo aquelas indeléveis imagens do passado atrozmente persistiam.

Cêrca de metade dos meus depoentes (para adotar o jargão legal) evidenciaram sinais de profunda perturbação durante os seus testemunhos. Eu permaneci de olhos enxutos, embora, para isso, tivesse muitas vêzes que piscá-los, morder os lábios e simular espirros dentro do lenço. As longas noites em que entrevistei Jacqueline Kennedy foram os piores momentos. Mas senti que seria pouco profissional e imperdoável revelar minhas emoções diante das testemunhas. Quando estava só, era diferente. À noite, no Sudeste de Washington e nos hotéis do Texas, também eu chorei.

A tarefa de um escritor nunca é fácil, como Hemingway uma vez observou sêcamente: "Ninguém espera que seja fácil, nem nunca foi." Embora eu conhecesse apenas de acenos de cabeça os outros membros da família Kennedy, tinha conhecido bem o presidente. Mas, quando sua viúva me pediu que escrevesse sôbre sua morte, a princípio eu me retraíra. "Como poderei dizer não à Sra. Kennedy?" — perguntei à minha secretária, depois de desligar o telefone. "Não vai poder", disse ela. E na verdade não pude. Era êste, porém, o meu impulso ao me lembrar daquela lancinante tarde de sexta-feira, quando a trágica e irremediável notícia chegou de Dallas e eu, incapaz de encarar pessoas estranhas face a face, abandonei um jôgo de futebol e saí caminhando às cegas por uma floresta desconhecida.

Lembrava-me também de que, ao voltar, encontrara a minha cidade natal, aliás como tôda a nação, transformada num imenso velório. À noite, naquelas semanas que se seguiram ao atentado, eu às vêzes despertava e, de olhos abertos, ainda parecia ouvir o ruído sinistro dos tambores cobertos de crepe na Pennsylvania Avenue. Parecia-me que as esperanças de tôda uma geração tinham sido enterradas naquela encosta de Arlington. Por duas vêzes, visitei-lhe a sepultura, depois das missas de réquiem na Igreja de St. Matthew. E, de cada vez, lembrei-me de uma passagem de Hugh Latimer que fôra citada no bravo discurso de posse em 1961: **"Neste dia, com a graça de Deus, acenderemos uma chama... que, espero, jamais se extinguirá."** Agora, essa chama havia desaparecido das nossas vidas. E tinham voltado a nos envolver as densas trevas de um passado extinto.

É ainda mais difícil suportar um pesar quando não temos com quem partilhá-lo. Os dois anos que se seguiram foram os mais solitários de minha vida, porque eu me havia tornado um reservatório de confidências. Tão delicadas e íntimas eram algumas, que eu não poderia comentá-las nem com a minha própria espôsa. As duas únicas pessoas a quem eu as poderia ter transmitido eram os dois Kennedy, que já as conheciam. Embora em níveis sociais diversos, estabelecemos de início boas relações. Depois de nove meses e de algumas gentis censuras da viúva ao meu tom formal, comecei a chamá-la Jackie. Quanto mais profundamente me empenhava nas pesquisas, trabalhando 12, 15 e até 20 horas por dia, menos tempo eu tinha para diversões. O livro se tornara uma obsessão para mim. Eu só pensava nêle e me tornara monocórdio. Minha conversa tinha uma nota só e essa nota era a que Jackie e Bob não queriam ouvir. É compreensível: ambos precisavam de tempo para cicatrizar suas feridas. Não suportavam a idéia de reviver constantemente as horas mais cruciantes de suas vidas e, de forma cada vez mais rigorosa, a **entourage** da viúva desencorajava as minhas repetidas tentativas de aproximar-me dela com perguntas novas. Disseram-me que eu teria que ir buscar as minhas respostas noutros lugares. Quanto a êsses lugares, descobri-los era problema meu. De qualquer modo, eu não devia mais incomodar a Sra. Kennedy.

No verão de 1964, descobri que me era quase impossível estabelecer qualquer contato profissional satisfatório com qualquer das duas figuras principais — as mesmas que me haviam desenraizado da Nova Inglaterra para executar essa tarefa única. Eventualmente, estabeleceu-se uma norma: eu ligaria para o escritório de Jacqueline Kennedy na Park Avenue e êsse me poria em comunicação com Angie Novello, que secretariava o Senador Robert F. Kennedy e me prometera levar meus assuntos a êle. Angie nunca me faltou com o seu auxílio. Contudo, o nôvo senador pelo Estado de Nova Iorque era o homem mais atarefado no Capitólio e, por isso, os assuntos acabavam nas mãos de seus assistentes. Êsse labirinto bizantino, cheio de alçapões e oportunidades para mal-entendidos, seria o campo em que se travaria a chamada **batalha do livro.**

NA PRÓXIMA SEMANA, MANCHETE *publicará, simultâneamente com* Look *e outras grandes revistas internacionais, a segunda parte de* A BATALHA DO LIVRO, *em que* WILLIAM MANCHESTER, *autor do sensacional levantamento histórico* A MORTE DE UM PRESIDENTE, *narra outras particularidades interessantes da luta com Jackie e Bob Kennedy, que se esforçaram em impedir a edição da obra ou, pelo menos, para impor-lhe alterações que teriam desvirtuado o seu sentido.*

Manchete

Jane Holzer A MULHER MAIS FEMININA DO MUNDO

Fotos de DAVID BAILEY

Jane Holzer tem 24 anos. É filha de um americano muito, muito rico, e foi casada durante três anos com um milionário. Vive em Nova Iorque, num apartamento decorado com uma infinidade de adornos **pop-art**. Depois que obteve o divórcio, ela decidiu tentar o teatro e ser cantora. Procurou um conhecido empresário da Broadway, em cujo escritório, no instante em que Jane chegou lá, encontrava-se o fotógrafo David Bailey, descobridor de La Shrimpton. David olhou bem para Jane Holzer e disse: "Você não vai ser nem cantora nem atriz. Vai é comigo para Londres, trabalhar como manequim, ganhando 25 libras (Cr$ 200 mil) por hora. Há meses eu andava procurando uma mulher feito você." Em Londres, Jane posou com um terninho de **tweed** e o resultado, segundo David Bailey, foi simplesmente espetacular. Afirma êle que apenas um manequim, em mil, conseguiria realizar a façanha de Jane, tornando-se mais feminina à medida que se acentuam as características masculinas das roupas que veste. E logo reuniu os jornalistas especializados, diante dos quais foi categórico: "Olhem bem para Jane Holzer. Ela tem um nariz muito longo, um queixo muito quadrado, lábios finos demais. Mas brevemente será tão famosa quanto Jean Shrimpton, pois dela emana a maior dose de feminilidade e sensualidade jamais produzidas pelos Estados Unidos." Sendo David Bailey quem é, se êle falou, está falado.

Êste terninho em tweed leva a ambigüidade às últimas conseqüências, incluindo as botinhas. No entanto, Jane Holzer nada perde em feminilidade.

David Bailey, cuja autoridade em matéria de manequins é insuperável, afirma: "Jane Holzer tem nariz feio, queixo muito quadrado, etc. Mas vai ser a nova Shrimpton."

★ A NOVA PRINCESA DA CANÇÃO IÊ-IÊ
★ UMA BRASILEIRA BRILHOU EM PARIS
★ O MAIS JOVEM ASTRO DO NOSSO CINEMA
★ UM GRANDE LANÇADOR DE BEST-SELLERS
★ ELA QUER NOVE MENINAS E UM MENINO

PÁGI

O sabor do sucesso.

SANDRA

Uma estrêla nasce em quatro dias

Cabelos negros escorridos, olhos verdes, 18 anos, tipo **mignon.** Assim é Sandra, a mais nova princesinha da canção iê-iê. Em quatro dias — nem mais nem menos — ela saiu do anonimato para o sucesso comprovado.

Primeiro dia: — Sandra queria ser cantora, principalmente por causa dos Beatles, que adora, e de Roberto Carlos, em cujo estilo se inspira. Tornou-se amiga do empresário Ariston de Almeida; êste convidou Bibi Ferreira para jantar e, na hora do cafèzinho, pediu a Sandra para cantar. "Mas é uma estrelinha, sem dúvida alguma!" exclamou Bibi.

Segundo dia: — vestindo uma camisolinha azul-clara com debrum rosa, estilo Diretório, Sandra fêz sua primeira aparição na TV, no programa de Bibi Ferreira, cantando **Nossa Canção,** de Roberto Carlos, ao lado de outro jovem cantor, Márcio Greycke. Ao mesmo tempo, foi entrevistada por Bibi. O auditório reagiu maravilhosamente a favor da mocinha. Péricles Leal, um dos diretores artísticos da TV Tupi, estava assistindo ao programa.

Terceiro dia: — Péricles Leal ofereceu, e Sandra aceitou, um contrato de exclusividade com a Tupi. Em seguida, ela interpretou algumas canções que foram também ouvidas por um diretor de estúdio, Élcio Milito. Êste, antes que Sandra terminasse de cantar, comentou: "Você tem um belo futuro pela frente. Venha ver-me, amanhã à tarde."

Quarto dia: — nos escritórios da Phillips, sem fazer teste, Sandra assinou nôvo contrato, desta vez para gravar discos com exclusividade para essa firma.

Agora, Sandra só tem um problema na vida: acostumar-se ao assédio dos fãs. Problema que só preocupa a vida dos verdadeiros ídolos.

Luzia Peltier

O QUE FAZ ELA HOJE

DOMITILA AMARAL
Yerma vive em Ouro Prêto

Yerma, em Paris.

Há 12 anos, ela era a atriz da moda em Paris. Sua interpretação da **Yerma,** de Federico García Lorca, no Teatro de La Huchette, até hoje é considerada a mais perfeita desde que a peça foi encenada pela primeira vez. Um grande crítico francês escreveu sôbre ela: "Beleza sublime, segurança completa da personagem, drama e poesia animam a jovem atriz brasileira."

Seu nome é Domitila Amaral. Neta da Marquesa de Santos, nasceu em São Paulo, mas viveu sempre no Rio de Janeiro. Foi descoberta para o teatro por Maria Clara Machado, com quem estudou, em Paris, na escola de Jean-Louis Barrault, hoje extinta. Depois disso, fêz mais quatro anos de estudos, em diferentes cursos. Suas duas primeiras oportunidades, como atriz profissional, foram em peças encenadas no Vieux Colombier e no Noctambules, dois tradicionais teatros franceses.

Domitila seguiu então para a Espanha, país que adora, e passou a viver numa ilha de pescadores das Baleares. Lá, os seus antigos colegas franceses foram buscá-la para o papel de **Yerma.**

— Êles acharam que o papel de Yerma fôra feito sob medida para mim. Uma irmã de Lorca, que conheci em Madri, me convenceu disso.

A carreira triunfal de **Yerma,** que durou sete meses no La Huchette, transformou-a numa estrêla internacional do palco, por todos comparada à grande Maria Casarès. Domitila personificou também a heroína de Lorca na Bélgica, Holanda, Suíça e Cairo.

Hoje, ela vive sòzinha numa luxuosa casa em Ouro Prêto, Minas Gerais. Tem apenas um sonho, ao qual se entrega fervorosamente e que considera a própria razão da sua existência. Quer organizar o Festival de Arte de Ouro Prêto, em moldes semelhantes aos que se realizam todos os anos em diversas cidades históricas da Europa. É para concretizar êsse sonho que ela passa os dias mergulhada em textos teatrais e fazendo tôda espécie de pesquisa. Atualmente, o Governador Israel Pinheiro estuda a possibilidade de criar a fundação que se encarregará em caráter permanente da organização do Festival.

Simples, silenciosa, culta, ela é estranha como uma deusa para os moradores de Ouro Prêto. Todo turista francês e todo artista famoso no Brasil ou no mundo — Augusto Rodrigues, Vinicius de Morais e outros — fazem questão de visitá-la quando vão a Ouro Prêto. Sua casa, construída entre as ruínas do antigo Palácio do Arcebispo, é apontada pelos cicerones oficiais da cidade: "Ali", dizem êles, "a atriz Domitila Amaral, depois de muito sucesso na Europa, criou o seu mundo de tranqüilidade e paz".

Entre tôdas as aventuras, peripécias e êxitos que guardou na memória, a que Domitila prefere é aquela que constituiu a maior emoção de sua vida:

— Encontrei na Espanha a mãe de García Lorca, já bem velhinha. Ela me olhou bem e depois disse: "Tu eres Yerma."

Alberico S. Cruz

Idealista em Ouro Prêto.

NA DUPLA

LUÍS FERNANDO
O Menino do Vento

Êle vai longe.

A cena se passa na cidade de Visconde do Rio Branco, Minas Gerais. O herói, um menino de 15 anos, montado num belo cavalo, vai atravessar a rua. Os refletores da equipe cinematográfica se acendem; o cavalo se espanta, corcoveia. Com sangue-frio raro para a sua idade, o menino domina o animal. O prefeito da cidade, que a tudo assistia, foi cumprimentá-lo pela coragem e perícia, inconcebíveis num garôto nascido e criado em Copacabana.

Outra cena: no lombo do cavalo, o menino tem que descer a todo galope uma encosta íngreme. O diretor Carlos Hugo Christensen decide evitar êsse risco ao seu ator adolescente, e manda chamar um **double.** O menino reclama veementemente: "Se na hora da emoção você põe outro em meu lugar, então não vejo qual é a graça que tem fazer um filme." O diretor se rende. O menino repete oito vêzes a cena em que o herói se precipita a cavalo pela encosta.

Assim, Luís Fernando Ianelli vai surgir no cinema brasileiro como um ator nato, cheio de responsabilidade e brio. O filme é **O Menino e o Vento,** baseado numa narrativa lírica de Anibal Machado. O argentino Christensen, cineasta brasileiro por livre escolha, entrevistou mais de 300 meninos, antes de descobrir Luís Fernando. Hoje, êle afirma: "Nunca ninguém estreou no cinema com tanta segurança e com tanta riqueza de meios de expressão quanto êste menino." Quanto a Luís Fernando, vai agora estudar exaustivamente a arte de interpretação e os segredos cinematográficos. Em Visconde do Rio Branco, a equipe de Christensen foi homenageada com um coquetel, e Luís Fernando teve o direito de provar, pela primeira vez em sua vida, o gôsto do uísque. Achou fascinante, mas um pouco forte. "Você verá", comentou Christensen "que a fama tem êsse mesmo sabor".

Artur de Sousa

ALFRED A. KNOPF
O editor americano dos brasileiros

A arte de editar.

Alfred A. Knopf está, pela terceira vez, no Brasil. Boa notícia para os nossos escritores. É sinal de que sua famosa casa editôra, com sede em Nova Iorque, não tardará a lançar novos autores brasileiros. Homem agitado, mas amável e simpático, êle viaja muito e tem particular **béguin** pela Bahia. Entretanto, confessa que não foi êle próprio quem **descobriu** o Brasil literàriamente. O mérito foi de sua espôsa:

— Em 1942, ela veio ao Brasil. Ficou muito impressionada com a sua beleza, o seu povo, a sua cultura. Era diretora da nossa firma. Voltou aqui muitas outras vêzes e recebeu a condecoração da Ordem do Cruzeiro. O primeiro livro brasileiro que editamos, **The Violent Land (Terras do Sem-Fim),** de Jorge Amado, saiu há mais de 20 anos e foi reeditado no ano passado. Depois dêsse, publicamos **Master & Slaves (Casa Grande e Senzala),** de Gilberto Freire. Alguns anos mais tarde, obtive os direitos de **Gabriela, Cravo e Canela,** de Jorge Amado, e de **Grande Sertão: Veredas,** de Guimarães Rosa. Em edições nossas, apareceram também dois outros livros de Jorge Amado, **Home Is The Sailor (Os Velhos Marinheiros)** e **The Shepherds of the Night (Os Pastôres da Noite).** Agora, estamos aguardando a tradução de **Dona Flor e Seus Dois Maridos,** do mesmo autor, que lançaremos ainda êste ano.

— Sua casa tem sido feliz com as edições de livros brasileiros?

— Um dêles, **Gabriela, Cravo e Canela,** foi durante alguns meses um **best-seller** nos Estados Unidos. E nos fêz ganhar uma soma considerável. Já com **Os Pastôres da Noite** não tivemos nenhum lucro, muito embora a crítica, unânime, tenha considerado êste livro superior àquele. Faço questão, no entanto, de declarar: preferimos editar bons autores a publicar livros puramente comerciais.

— Sabemos que o senhor tem também grande simpatia pelos escritores negros...

— E não é só simpatia. Por alguns, tenho profunda admiração. Fui o editor que lançou Langston Hughes, romancista e dramaturgo negro de grande valor. Editei também James Baldwin, já traduzido para muitos países.

A casa Knopf é editôra de vários escritores que figuram na lista do Prêmio Nobel. E o velho editor declara:

— A América do Sul tem muitos escritores de valor e ainda voltará a ganhá-lo. Creio que o brasileiro que já estêve mais perto foi Guimarães Rosa. Houve muita propaganda de **Grande Sertão: Veredas**

Ivy Fernandes

Autocrítica de *CLÁUDIA CARDINALE*

"Gôsto dos homens elétricos."

Cláudia Cardinale faz a sua mini-autocrítica. Suas opiniões e pontos de vista foram extraídos de uma longa entrevista há pouco concedida a um jornalista francês. Nela, a estrêla de **Uma Rosa Para Todos** (filmado no Brasil, mas que os brasileiros ainda não viram) falou pràticamente de tudo. Mas, particularmente, do seu **métier** e dos homens.

HOMENS (I) — Não gosto dos homens bonitos. Prefiro aquêles que têm um caráter forte. Como Georges Peppard, Peter O'Toole, Mastroiani ou Belmondo. Não existe nada de mais terno do que um homem que se sabe forte. Só os fracos são grosseiros e brutais.

HOLLYWOOD — O que impressiona, em Hollywood, é que lá nada muda. O cinema como que estagnou. E a técnica também. Em Roma, Londres, Paris o cinema ganhou nos últimos 5 anos novas dimensões. Em Hollywood, nada aconteceu. Por isto é que hoje é impossível a um diretor fazer lá uma obra-prima. Isto não quer dizer que eu não admire muitos atôres americanos. Admiro nêles, principalmente, a arte de representar sem parecer que estão representando.

FUTURO — Um dia deixarei o cinema. Não sei quando. Mas sem dúvida a tempo de me casar e ter 10 filhos: nove meninas e um menino.

VIDA PRIVADA — Luto diàriamente para manter inviolável a minha vida privada, que só a mim pertence.

HOMENS (II) — Em matéria de homens, prefiro os morenos.

BRIGITTE — Brigitte Bardot é uma estrêla da mesma maneira como alguém é pintor ou sapateiro. Naturalmente. Para ser estrêla e continuar sendo, ela não precisa de qualquer esfôrço. BB é um mito muito sólido. Eu também gostaria de ser um mito. Mas no mundo do cinema dois mitos de uma só vez é coisa impossível.

BEIJO — Fui beijada pela primeira vez há doze anos. De lá para cá, como estrêla ou como mulher, já beijei e fui beijada outras centenas de vêzes. Mas é daquele primeiro beijo que guardo a melhor lembrança.

HOMENS (III) — Para mim, o homem ideal é aquêle que me agrada. E para me agradar, o homem tem de ter uma espécie de corrente elétrica que me faça estremecer sempre que o toco. Só gosto dos homens assim — "elétricos", inteligentes e voluntários. Infelizmente não há muitos assim.

INGLÊSES — Os inglêses são muito educados, mas me dão a sensação de que estão sempre constipados. Devo confessar, porém, que se eu fôsse mais velha e tivesse vivido antes da guerra, certamente teria me apaixonado por David Niven.

ALEMÃES — Os alemães de hoje — isto é, os alemães de pós-guerra se parecem muito tímidos.

ITALIANOS — Os italianos são os únicos homens sôbre a face da terra que têm o sentido do feérico. Há sempre um italiano disposto a queimar, em louvor da mulher amada, fogos de artifício no grande canal de Veneza.

HOMENS (IV) — Ah! os homens...

PAULO MENDES CAMPOS

BOM HUMOR

Despertei de bom-humor. Era dia de faxina geral em casa, dia portanto de mau-humor. Não basta o bom-humor — disse uma vez um ministro da Saúde — é preciso que êle seja permanente. E o disse bem. Por isso mesmo, fui tomando providências para não turvar meu bom-humor. Meu insensato propósito na véspera era telefonar para certos devedores desta praça. Pensei três vêzes, e não o fiz; em defesa de meu bom-humor. Os comerciantes não adoram saldar uma dívida ao primeiro impacto. Princípio sadio, aliás, pois defende o bom-humor dos empresários.

O pensamento mais reto do homem que não tem dinheiro no bôlso é tirar a roupa, é ficar de tanga. Foi o que fiz, indo para a praia. Ah, eu receito praia a todos que desejam preservar o bom-humor. Como o Atlântico faz bem! Sobretudo nas manhãs mais transparentes que a transparência, com as amendoeiras lustrosas refletindo luz, as palmas roçagantes dos coqueiros, os pinheirinhos arrumados como a vida burguesa, as traineiras caçando peixe... e a gente de bom-humor.

Um dia me encontrei em Copacabana com um padre, meu antigo professor: olhando as môças e os moços pelados, êle me perguntou se Pedro Álvares Cabral já havia chegado. Felizmente ainda não — respondi — mas não se preocupasse, pois no momento oportuno eu iria chamá-lo para celebrar a primeira missa. Olho as lonjuras do mar e procuro ver as caravelas do descobrimento. Saber que o Brasil precisa ser descoberto de nôvo também me faz bom-humor.

Estirei-me na areia com uma pergunta: a gente pode ficar de bom-humor quando quer?

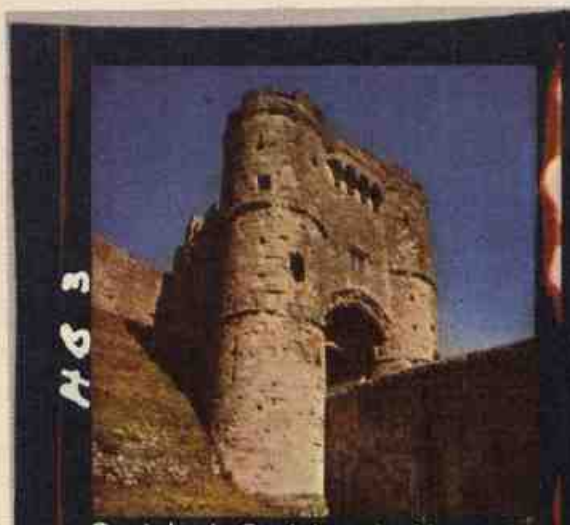
Até certo ponto, o homem pode educar seu bom-humor. Tentei algumas vêzes driblar momentâneos ataques de mau-humor, e tive êxito. Mas em outras oportunidades nem mesmo me passou pela cabeça a lembrança de combater êsse desequilíbrio. Ou porque dentro de mim alguma coisa funcionasse mal, ou porque alguma fôrça de fora me comprimisse demais, perdi freqüentemente a batalha do bom-humor.

No primeiro caso, do distúrbio interno, dizem que é o fígado. Creio que é mesmo, e até forjei esta máxima: **Le foie c'est moi.** Tenho para com êsse órgão hipocondríaco respeito e admiração. Foi Pablo Neruda, se não erro, o primeiro poeta a cantar a supremacia do fígado sôbre o coração: **Enquanto o coração bate e atrai a partitura da mandolina, lá dentro filtras e repartes, separas e divides, multiplicas e engraxas, sobes e recolhes os fios e as gramas da vida, os últimos licores, as íntimas essências.**

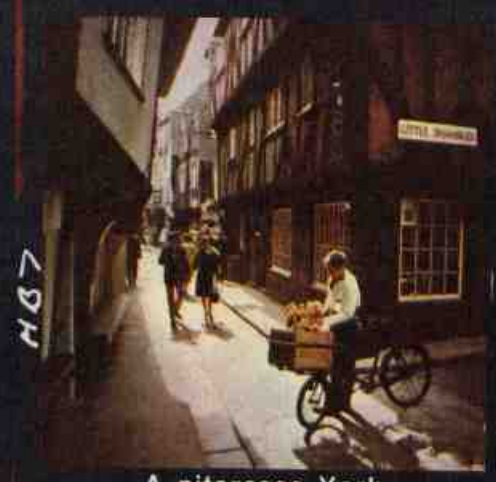
Bom-humor, teu nome é hepático. Mas antes de ser hepático, convenhamos, é estomacal. Li certa feita que o brasileiro come apenas 25 quilos de carne por ano, e isso no tempo das vacas mais baratas, enquanto o argentino devora em média 155 quilos de carne nos 365 dias do ano. Traduzido em vulgar, somos um povo passando fome. Aí é que fico mesmo pensando se o bom-humor permanente do brasileiro é possível.

O exército marcha sôbre o estômago, doutrinou Napoleão, que tinha boas reservas abdominais. Com o bom-humor se dá o mesmo. E é por êsse motivo que agora me levanto da praia, tomo um banho de chuveiro (a água é outra condição do bom-humor) e usufruo (que palavra feia) o privilégio, o imenso privilégio nacional, de comer um filé.

E a conclusão? A conclusão é tão modesta quanto a página: só pode ter bom-humor quem come. Quem come o necessário, no Brasil, faz parte da exceção, e não da regra. Logo, o bom-humor no Brasil é ainda uma exceção. Mas hoje eu não fico de mau-humor!



Castelo de Carisbrooke, Hampshire



A pitoresca York

Janela de uma Igreja inglêsa

GREAT BRITAIN

GREAT HOLIDAY

Guardas reais em parada

Tower Bridge — Londres

Picadilly à noite

Uma estalagem acolhedora

O campo escocês.

O começo de tudo

Os Silva regressaram com estas fotos da Grã-Bretanha

Os Silva moram em São Paulo. Comentaram, entusiasmados: "Nunca imaginamos que tantos lugares diferentes pudessem ser visitados com tamanha facilidade". Já é tempo de Você conhecer também a Grã-Bretanha — porta da Europa.

GRÁTIS! UM GUIA DE FÉRIAS NA GRÃ-BRETANHA

52 páginas do tamanho de uma revista descrevendo detalhadamente os fascinantes passeios e programas que estão à sua espera. Envie hoje êste cupom e receba o livro "Holidays in Britain" - que lhe dará tôdas as informações sôbre suas férias na Grã-Bretanha.

NOME.....

ENDEREÇO.....

.....

.....

.....

Envie à BRITISH TRAVEL, Rua Aurora 960, Salas 2 e 3, São Paulo 2.

A Gillette do Brasil lança o nôvo Creme de Barbear GOL.

O único que lhe dá uma montanha de espuma e confôrto.

"Tem um perfume bárbaro!"

Pudera: ninguém faz uma espuma como GOL.
Espuma rica, cremosa e refrescante, que amacia sua barba como nenhum outro creme.
É o único que contém K-34*, um ingrediente que faz maravilhas pela sua pele.
Um produto da Gillette do Brasil, a Cia. que mais entende de barbas.
Experimente o nôvo Creme de Barbear GOL hoje mesmo. mentolado ou sem mentol!

*Hexaclorofeno

RUBEM BRAGA

valente menina

Debruçado cá em cima, no 13.º andar, fiquei olhando a porta do edifício à espera de que surgisse o seu vulto lá embaixo.

Eu a levara até o elevador, ao mesmo tempo aflito para que ela partisse e triste com a sua partida. Nossa conversa fôra amarga. Quando lhe abri a porta do elevador esbocei um gesto de carinho, na despedida, mas, como eu previra, ela resistiu. Pela abertura da porta vi sua cabeça de perfil, séria, descer, sumir.

Agora sentia necessidade de vê-la sair do edifício, mas o elevador deve ter parado no caminho, porque demorou um pouco a surgir seu vulto rápido. Desceu a escada, fêz uma pequena volta para evitar uma poça de água, caminhou até a esquina, atravessou a rua. Vi-a ainda um instante andando pela calçada da transversal, diante do café; e desapareceu, sem olhar para trás.

"Valente menina!" — foi o que murmurei ao acaso. E no mesmo instante me lembrei de uma frase ocasional de Pablo Neruda, num domingo em que fui visitá-lo em sua casa de Isla Negra, no Chile. "Que valientes son las chilenas!" dissera êle, apontando uma mulher de maiô que entrava no mar ali em frente, na manhã nublada; e explicara que estivera andando pela praia e apenas molhara os pés na espuma: a água estava gelada, de cortar.

"Valente menina!" Lá embaixo, na rua, era tocante seu pequeno vulto, reduzido pela projeção vertical. Iria com os olhos úmidos ou sentiria apenas a alma vazia? "Valente menina!" Como a chilena que enfrentava o mar, em Isla Negra, ela também enfrentava sua solidão. E eu ficava com a minha, parado, burro, triste, vendo-a partir por minha culpa.

Deitei-me na rêde, sentindo dor de cabeça e um certo desgôsto por mim mesmo. Eu poderia ser pai dessa môça — e me pergunto o que sentiria, como pai, se soubesse de uma aventura sua, como essa, com um homem de minha idade. Tolice! Os pais nunca sabem nada, e quando sabem não compreendem; estão perto e longe demais para entender. Êle, êsse pai de quem ela falava tanto, não acreditaria se a visse entrar pela primeira vez em minha casa, como entrou, com sua bôlsa a tiracolo, o passo leve e o riso nervoso. "Como você pensava que eu fôsse?" Lembro-me de que fiquei olhando, meio divertido, meio assustado, aquela mocetona loura e ágil que só falava me olhando nos olhos, e me fêz as confissões mais íntimas e graves entremeadas de mentiras pueris — sempre me olhando nos olhos. Disse-me que a metade das coisas que me contara pelo telefone era pura invenção — e logo inventou outras. Senti que suas mentiras eram um jeito enviesado que ela tinha de se contar, um meio de dar um pouco de lógica às suas verdades confusas.

A ternura e o tremor de seu duro corpo juvenil, seu riso, a insolência alegre com que invadiu minha casa e minha vida, e suas previsíveis crises de pranto — tudo me perturbou um pouco, mas reagi. Terei sido grosseiro ou mesquinho, terei deixado sua pequena alma trêmula mais pobre e mais só?

Faço-me estas perguntas, e ao mesmo tempo me sinto ridículo em fazê-las. Essa môça tem a vida pela frente, e um dia se lembrará de nossa história como de uma anedota engraçada de sua própria vida, e talvez a conte a outro homem olhando-o nos olhos, passando a mão pelos seus cabelos, às vêzes rindo — e talvez êle suspeite de que seja tudo mentira.

PEREGRINO JÚNIOR, *ensaísta e contista da vida Amazônica, hoje membro da Academia Brasileira de Letras, relembra a sua passagem pelo colunismo mundano da década de 20, com uma popularidade igual à de Ibrahim Sued, hoje.*

QUANDO EU ERA CRONISTA SOCIAL

Quarenta anos de crônica mundana... Não é brincadeira. Puxa, como o tempo corre! Num **flash-back** nostálgico, recorro não só ao poço da memória, mas à releitura das minhas crônicas de jornal e das crônicas dos meus antecessores e dos meus contemporâneos. Uma coisa quero esclarecer desde logo: foi um tópico sôbre o **Verão presidencial,** tocado de malícia e de irreverência, conseguindo interessar ao diretor da rósea **A Notícia** (impressa em papel colorido), que me conduziu, ainda provinciano, a escrever ali um artigo assinado, tôdas as semanas, alternado com os de Gilberto Amado, Antônio Tôrres, Adoasto de Godoy e Jorge Santos. Nessa redação, rapazinho magro e comprido, conheci outro rapazinho comprido e magro, também de olhos verdes, cronista parlamentar do jornal. Era Rui Ribeiro Couto. Longas e afetuosas eram as nossas conversas. Que inveja danada eu tinha do cronista do Senado! Eu recordava o Machado de Assis, de **O Velho Senado,** e o admirava com ternura literária. O autor do **Jardim das Confidências** e de **A Casa do Gato Cinzento** era meu companheiro de todos os dias. Que debates intermináveis. E que planos, que sonhos e que ilusões! Iamos acabar bebendo chope na Lapa. Eu participava contente da glória dêle: era poeta e contista já famoso — e era meu amigo!

Mas não tardaríamos a trabalhar em fôlhas diferentes. Faltando, na redação de **A Notícia,** o cronista mundano que escrevia o **Pé de coluna,** comentário irônico e ágil da vida social e intelectual da cidade, fui designado para escrevê-lo e todos gostaram. Fiquei no pôsto, provisòriamente. A crônica mundana, no momento, tinha prestígio literário. João do Rio, com os pseudônimos de Joe e José Antônio José, lhe dera brilho e dignidade. Todos os jornais tinham o seu cronista social. Humberto Gottuzzo era o **Z** do **Jornal do Comércio.** Valdemar Bandeira continuava, na **Gazeta de Notícias,** o antigo **Binóculo,** de Figueiredo Pimentel. Cronistas mundanos eram também Benedito Costa **(Paulo de Gardênia),** Olegário Mariano, Onestaldo de Pennafort, Hermes Fontes... Naquele tempo, nos jornais, tudo era improvisação e acaso. Jornalista que tinha **smoking** era promovido a crítico teatral das temporadas estrangeiras no Municipal. Se tinha **smoking** e falava francês, ia entrevistar o Rei Alberto, da Bélgica, ou poderia ser cronista mundano. Quando eu fazia o **Pé de Coluna,** fui chamado por Georgino Avelino que lançara o **Rio-Jornal** com João do Rio e Azevedo Amaral:

— Quer fazer a nossa crônica mundana?

— Faço, mas se tiver carta branca e se fôr algo diferente...

O desenhista Angelus, apesar da rotina descolada, preparou a bonita cauda de pavão da vinheta da **Vida fútil.** Diferente dos modelos de Figueiredo Pimentel e de João do Rio, além de umas palavras maliciosas de abertura, trazia comentário sôbre o movimento literário, uma antologia de poesias e, por fim, **potins** e notícias. Durante o seu namôro, Guilherme de Almeida publicou na **Vida fútil** um longo poema em francês, dedicado a Baby Barroso do Amaral, uma das môças mais belas e espirituais do seu tempo. E êsse namorico acabou em casamento. Lépido, alegre, de jaquetão, polainas, monóculo, palhêta e bengala, passei da crônica mundana de **A Notícia** para o **Rio-Jornal** e, dêste, para **O Jornal, a Careta** e o **Para-Todos**... como se aquêle mundo, da década de 20, não tivesse fim e fôsse o melhor dos mundos possíveis e imagináveis. O Rio mundano era então uma paródia ingênua de Paris — da Paris dos romances de Abel Hermant e das comédias de Maurice Donnay — falando francês, comendo, amando e bebendo como no **boulevard.** Era, como hoje se diz, uma cidade alienada, inteiramente estranha à realidade brasileira. Seu merediano social passava pelos Champs-Elysées. Tôda gente vivia com o pensamento e o coração em Paris. As môças aprendiam suas lições em francês no Sion. E, aos homens, as cocotes da Glória e do Cátete, na sua missão civilizadora, ensinavam a arte de amar.

Nessa época, as figuras hoje chamadas VIPs eram "os 300 de Gedeão", que incluíam, entre outros Laurinda e Hermenegildo dos Santos Lôbo, os Condes de Cândido Mendes, os Guerra Duval, os Teffé, Graça Aranha, Afrânio Peixoto, as belezas deslumbrantes que eram Rosalina Coelho Lisboa e Dulce Liberal, Ataulfo de Paiva, Felipe de Oliveira, Embaixador Edwin Morgan, Rodrigo Otávio Filho, os Pinto Lima, Humberto e Leopoldo Gottuzzo, Alberto Tôrres Filho, Nemésio Dutra, José Mariano Filho, Joaquim Sousa Leão... E — é claro — João do Rio. Que singular figura da nossa paisagem social. Sofisticado e antipático, com o gôsto wildeano do paradoxo e, ainda por cima, com a preocupação de escandalizar o burguês. Rotundo, balôfo, anafado e careca, de fraque verde ou cinza claro e chapéu-côco, tinha, porém, muita classe. Sabia escrever e era de um lusitano tão intransigente que, uma noite, o Almirante Frederico Vilar e o Comandante Pina (vejam só o nome!) com seu **marines** — campeões do nacionalismo — o agrediram pùblicamente na Brahma por estar querendo entregar o Brasil a Portugal! Era êsse o **entreguismo** da época (cada uma tem o seu...) João do Rio e João de Barros, pioneiros da comunidade luso-brasileira, deixaram pelo menos, como saldo favorável, uma excelente revista, a **Atlântico.**

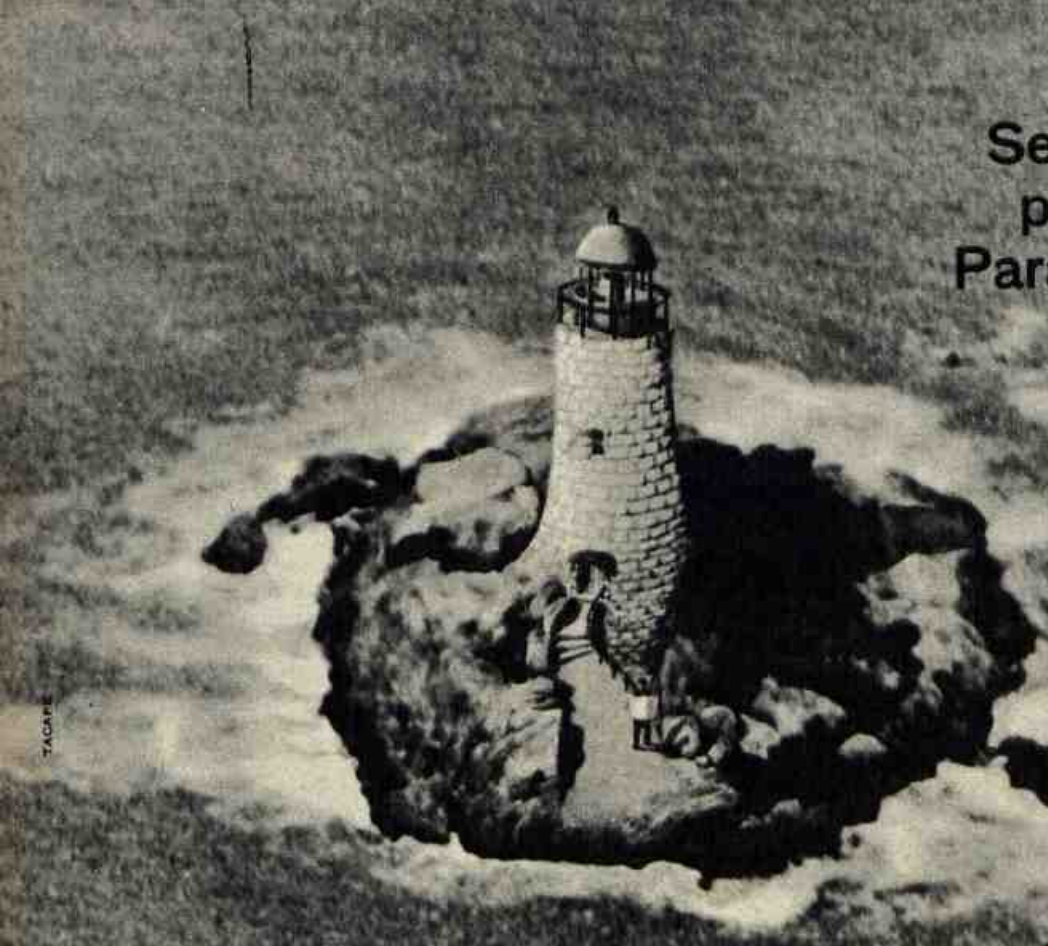
Entre as môças daquele tempo, singularizando-se na paisagem social da cidade, como se fôssem gêmeas-idênticas, sempre escandalosamente elegantes sempre juntas, as irmãs Guimarães Natal eram um espetáculo, **fazendo** Avenida ou **footingando** no Flamengo. **Fazer** Avenida era passear no quadrilátero Avenida Rio-Branco, rua do Ouvidor, Gonçalves Dias e Galeria Cruzeiro, posando para o **mirones** ilustres ou anônimos concentrados à porta da Casa Arthur Napoleão, do Clube de Engenharia e da Colombo. Era também chique: 1) chá na Cavé, na Lalé, na Renaissance e na Alvear; 2) voltar de bonde às 6 horas da tarde, com reunião geral no antigo Ponto Chique, perto do Largo da Carioca; 3) chá das cinco familiar, em dias certos da semana. Era chamado o **five-o'clock-tea** e obedecia a um rito.

O Rio tinha então salões elegantes, que recebiam em dias certos. No de D. Laurinda Santos Lôbo — a marechala da elegância — em Santa Teresa, eram encontradas as celebridades internacionais, os diplomatas, a gente bem. No do Senador Antônio Azeredo, em Botafogo, desfilavam os políticos e figurões ilustres da República Velha. Havia ainda os da Baronesa de Bonfim, em Senador Vergueiro; o de Mme. Graça Couto, onde havia música e canto; os de Sousa Bandeira, Bandeira de Melo, Alvaro e Oscar de Teffé. Nesses chás, às vêzes a conversa continha frases de espírito e venenos sutis de malícia. D. Laurinda, vendo uma moça ufana com seu chapéu importado de Paris, advertiu-a docemente:

— Menina, uma mulher não vale pelo chapéu, mas pela cabeça.

A marechala era quem recebia as maiores homenagens da crônica mundana. Era a **hostess** n. 1. E Olegário Mariano, que celebrava em versos o **smart-set,** falava dela com êste entusiasmo: **"Súbito, um êxtase, um ar-**

Se um faroleiro assinar o Diário de S. Paulo seremos obrigados a mandar um pombo correio levar-lhe o jornal



Seja como fôr, êle receberá pontualmente o seu jornal. Para nós a entrega domiciliar do "Diário de S. Paulo" é um dogma. Fechado em sua tôrre de tijolos, êle estará em dia com o mundo. Na calada da solidão, no panorama de água e céu, êle terá todos os dias notícias de terra e pertencerá ao clube dos leitores mais bem informados do Brasil: o quadro de assinantes do DSP.

Assine Você também o

Diario de S. Paulo

o jornal que tem mais assinantes em todo o Brasil

"O rio tinha, então, salões elegantes que recebiam em dias certos"

roubo / Os assistentes embala: / Entra heráldica na sala / A senhora Santos Lôbo / Como um lírio que trescala". Paris começava já a nos mandar novidades desconcertantes, como a do cabelo **à la garçonne** e outras mais, que inspiravam protestos a Olegário: **"Paris mandou-nos agora/Entre as novidades belas, / Estas novidades feias / P'ra senhoras e donzelas: / A moda dos pés de fora, / A moda dos pés sem meias..."**

Dessa sociedade, dissera João do Rio que **nascera com a Avenida e chegara à maturidade com o tango.** Seus restaurantes finos eram o **Jockey,** a **Brahma** e a **Rôtisserie.** E os bares famosos a **Americana** e o **Internacional,** onde tomavam seu chope Carlos de Campos (que governou São Paulo), Antônio Tôrres, Efigênio Sales, Alberto Ramos, Nascimento Filho. A arquitetura apreciada era ainda a **art nouveau,** também chamada arte luética, numa alusão ao edifício do Elixir de Nogueira. No Teatro Municipal, o que se assistia era ópera italiana, comédia francesa e sinfônica de Viena,. tudo obrigado a casacas e decotes. Duas frisas concentravam todos os olhares, fascinados: a de Luís Liberal e a do Embaixador Cruchaga Tocornal. É que nelas sorriam, deslumbrantes, Dulce Liberal e Rosalina Coelho Lisboa. No Lírico: opereta espanhola, teatro português, conferências de Marinetti sôbre o futurismo, Velasco, Esperanza Iris, etc. No Teatro da Natureza, Itália Fausta, tragédia grega. No Teatro de Brinquedo, Eugênia e Álvaro Moreyra. Dançava-se o tango no Jockey, nos Diários, em tôda parte. E um dos seus astros era o Didi (Rodrigo Octávio Filho). Mas se dançava também o **fox-trot,** o **rag-time,** o **shimmy** e o próprio maxixe e até o puladinho (que o professor Antônio Austregésilo dançou na Exposição do Centenário, para a indignação de Antônio Tôrres). Costumava-se dançar nos chás-dançantes do Hotel Glória, do Copacabana Pálace, do Clube dos Diários e nas domingueiras do Hotel dos Estrangeiros. Numa destas, foi um alumbramento a aparição de Gilda de Abreu, jovem e linda, recém-saída do Colégio Sion. E era no hotel à cuja porta foi assassinado o Senador Pinheiro Machado que Múcio Leão, Austregésilo de Ataíde e Barbosa Lima Sobrinho, hesitantes e tímidos, aprendiam a dançar o tango argentino, com uma bruta inveja das habilidades de Rodrigo Octávio Filho...

Havia também, fora da democratização coreográfica dos hotéis e clubes, as recepções fechadas dos grandes salões do **set** (assim se dizia naquele tempo) e os chamados salões literários: o de D. Ângela Vargas, na Praia de Botafogo, com palco para declamação; o de Elísio de Carvalho, no Flamengo; o do Embaixador Conty, da França, na Rua Senador Vergueiro, com um famoso grupo teatral (Vasco Leitão da Cunha, Jaime Sloan Chermont, Soares Brandão, Mimi Chermont, Maria Figueiredo, tudo gente bem!). O Rio bebia chá, refrescos, cerveja, xerez, absinto e, raramente, uísque. Os perfumes da moda eram de Houbigant e Coty: **L'Origan, Émeraude, Amour-amour, L'Or, Fanal,** etc.

No salão de Ângela Vargas, — salão **passadista** — além da grande mestra declamavam Nair Werneck Dickens, Maria Sabina, Maria Figueiredo. Adelmar Tavares, Hermes Fontes, Povina Cavalcanti, Osvaldo Orico, Oliveira e Silva eram alguns dos mais assíduos a êsse salão. E até Guilherme de Almeida, embora **modernista,** lá fêz uma conferência. Margarida Lopes de Almeida declamava Alphonsus de Guimaraens: **Quando Ismália morreu...** Os **novos** da época eram Afonso Arinos, Sérgio Buarque de Holanda, Onestaldo de Pennafort, Haroldo Daltro, Oswald de Beresford, Bastos Portela, Raul Zaiona... Celebridades que se apagaram: Hermes Fontes, Albertina Berta, Benjamim Costallat, Théo Filho. Eram os grandes nomes do seu tempo. Lição de humildade: pouco vale e pouco dura a glória literária no Rio. Sérgio Buarque de Holanda, o pai do Chico, vivia então com revistas e livros estrangeiros debaixo do braço. Não tinha ainda publicado nada, mas tinha títulos esplêndidos: **O automóvel adormecido no bosque, A vida privada de Jesus Cristo, Um homem dobrado como um canivete...** Nada que anunciasse o futuro autor de **Raízes do Brasil** e outros ensaios históricos igualmente sérios. Ouvia-se a música de Ernesto Nazaré na sala de espera do cinema Odeon, mas o que se apreciava de verdade era Chopin e Liszt. O piano era a paixão geral. Não se conhecia ainda nem Freud, nem Proust, nem Joyce, nem Einstein, nem mesmo Rimbaud. O Rio desprezava profundamente tudo o que era brasileiro. O nosso narcisismo era geográfico. Ufanismo platônico...

Isso só começa a mudar com o **modernismo,** que, apesar de tenazmente combatido, teve salutar influência. Surgiram então os salões literários de Ronald de Carvalho, de Guilherme de Almeida, de Ângela Vargas. E as tardes literárias da Biblioteca, sob a regência de Adelino Magalhães. É o começo de uma transformação na vida da cidade, que se acentua com a abertura dos cassinos, com os concursos de **misses** (a primeira fôra Zezé Leone e a segunda Yolanda Pereira) e, por fim, com os influxos da revolução de 1930. Com esta, surge uma nova sociedade, discreta tímida e digna. É o recesso da sociedade antiga. E, com a multiplicação dos arranha-céus, temos várias outras conseqüência: a) a socialização da paisagem; b) a supressão da sala-de-visitas; c) a promiscuidade sem convivência; d) a transformação dos hábitos sociais. com a abolição das visitas dos chás das cinco, das recepções informais em dias certos, substituídas pelos coquetéis onde todos comem salgadinhos e falam de pé, mas ninguém conversa. Isso marcou o fim do Rio das **melindrosas** e dos **almofadinhas,** fixados pelo lápis de J. Carlos. Já houve quem dissesse — creio que foi Ortega y Gasset — que poucas coisas definem tão bem uma época como o seu padrão social: o seu estilo de convivência, o seu programa de prazeres. O que procurei recordar aqui foi o estilo de convivência e o programa de prazeres da geração da década de 20. Teria sido pior ou melhor do que hoje? Sei lá!

★ **Schmidt será rua em Salvador**
★ **Bôlsa para jornalistas brasileiros**
★ **A Bahia quer a Petrobrás**
★ **De graça, só para o Atlético**

PÔSTO DE ESCUTA

★ No próximo dia 18 de abril, a **Sociedade de Amigos de Augusto Frederico Schmidt** vai comemorar mais um aniversário de nascimento do grande poeta. O prefeito de Salvador, Sr. **Antônio Carlos Magalhães,** que foi um dos fraternais amigos do poeta, dará o seu nome a uma das ruas da capital baiana.

A Comissão do Livro Técnico e do Livro Didático liberou esta semana os primeiros 60 mil pedidos, dentro do plano geral de distribuição gratuita de 51 milhões de livros para o nível primário, médio e superior. Trata-se da execução do convênio firmado entre o MEC e a USAID, com a dotação de NCr$ 75 milhões da Aliança Para o Progresso. Os primeiros pedidos destinam-se à formação de 300 bibliotecas e foram selecionados pelo Professor **Lafayette Belfort Garcia.**

★ O atual chefe da sucursal de MANCHETE em Nova Iorque é o jovem jornalista **Sérgio Alberto da Cunha,** que estêve nos Estados Unidos com uma bôlsa de estudos oferecida por **Seleções.** Pela sétima vez consecutiva, as incrições estão novamente abertas para os jornalistas brasileiros, que estiverem interessados em estagiar por três meses nos melhores jornais americanos. Basta ser solteiro, ter menos de 35 anos e falar inglês.

Ao contrário do que se imaginava, não haverá descontinuidade em certas áreas administrativas, como no caso do Departamento Nacional de Portos e Vias Navegáveis, que vem sendo dirigido pelo Almirante **Luís Clóvis de Oliveira.** O Coronel **Mário Andreazza** solicitou-lhe que continuasse no pôsto.

No próximo ano, a cidade de Governador Valadares, que já é a terceira de Minas, completará 30 anos de existência, em meio à execução de grandes planos de progresso. Seu nôvo prefeito, **Hermírio Gomes da Silva,** descentralizou a máquina administrativa, baseado nas experiências dos ex-Governadores **Magalhães Pinto** e **Carlos Lacerda** e do Prefeito **Plínio Cantanhede,** e está obtendo grande êxito.

A presença de **Marta Rocha** foi a principal atração das reuniões que animaram os saguões do Hotel Nacional, nos três dias que antecederam a posse de **Costa e Silva.** Muita gente em Brasília saiu de casa especialmente para ver a ex-Miss Brasil.

A nova sede do Ministério das Relações Exteriores, em Brasília, está oficialmente batizada com o nome de Palácio do Itamarati. O decreto do batismo foi assinado pelo ex-Presidente **Castelo Branco,** minutos antes de sua primeira visita ao edifício, na véspera de entregar o poder. Perderam, assim, os que teimavam pela denominação de Palácio dos Arcos.

Atendendo a um convite da Editôra Tradição, e sob o patrocínio do Centro Cultural Brasil-Israel, chegará ao Rio, esta semana, o Professor **Cecil Roth,** o mais notável especialista da atualidade em estudos históricos judaicos. Nascido na Inglaterra e residente em Israel, suas conferências são aguardadas com grande interêsse.

Fragmento de uma conversa entre as Deputadas **Nísia Carone** e **Maria Lúcia Araújo,** durante uma sessão do Congresso: "Êles se desquitaram? Quem diria..."

Do Capitão **Heitor de Aquino,** do SNI, recebendo um grupo de repórteres em seu gabinete: "Até o meu boa-tarde é **off-the-record,** ouviram?"

Na segunda-feira anterior à posse do Marechal **Costa e Silva,** o Deputado **Raul Brunini** divertiu-se a valer, observando as reações de seus colegas, quando lhes dizia em tom grave: "Acho que o marechal não toma posse amanhã." De fato, a transmissão do cargo só ocorreria dois dias mais tarde.

★ Embora tenham recebido o Ministério das Comunicações para o Professor **Carlos Simas,** os baianos consideram indispensável que a Petrobrás seja confiada a um técnico ou a um militar ligado à Bahia.

O Deputado **Rondon Pacheco** realizou um levantamento de seus saldos bancários para que constem da relação de bens que apresentará, ao assumir a casa civil do nôvo govêrno. Encontrou 22 mil cruzeiros antigos num banco e 3 mil e 500 em outro.

O Prefeito **Augusto Lucena** prepara com entusiasmo os festejos do 430.º aniversário de Recife, cuja data de fundação, 12 de março de 1537, sòmente agora foi fixada, graças a um paciente trabalho de pesquisas junto aos centenários arquivos de Lisboa. A posse do Marechal **Costa e Silva** e a proximidade da Semana Santa, no entanto, levaram o prefeito da capital pernambucana a adiar as comemorações do aniversário para o dia 27 dêste mês.

O secretário de estado mais môço do Rio Grande do Sul, Engenheiro **Humberto Pergher,** da pasta de Obras Públicas, será o responsável pela execução de uma das principais metas do Govêrno **Peracchi Barcelos.** Vai promover o aproveitamento econômico dos vales dos rios das Antas, Taquari e Sinos, transformando-os na verdadeira terra da promissão dos gaúchos.

Do deputado paulista **José Sabiá,** inovando o latim na tribuna da Câmara: "São Paulo manda, não é mandado. Non ducor, **conducor**!"

Do Senador **Clodomir Millet** sôbre a disputa entre os Srs. **Pedro Aleixo** e **Moura Andrade,** em tôrno da presidência do Congresso: "Ganha aquêle que matar o galo na primeira noite."

Quadra do Deputado **Geraldo Freire:** "O Congresso virou ninho/ preste atenção e verá/ que o **Pinto** pia baixinho/ e esvoaça o **Passarinho**/ enquanto canta o **Sabiá.**"

Mais de uma centena de jovens deliraram na Avenida W-3, em Brasília, quando **Roberto Carlos** apareceu para assistir à estréia do filme sôbre a viagem de **Costa e Silva** à Europa, ofuscando o próprio marechal. À saída, o mundo oficial comentava amplamente o prestígio do líder da Jovem Guarda.

Do Deputado **Celso Passos:** "O terceiro partido irá desidratar a ARENA e o MDB da inchação que vêm sofrendo."

Antes de deixar o Ministério do Planejamento, o Sr. **Roberto Campos** presenteou o General **Golberi do Couto e Silva** com um exemplar do seu **Plano Decenal de Desenvolvimento Econômico** e a advertência de que não se trata de "ficção científica".

Ao ensejo da comemoração, esta semana, do Dia Internacional da Eliminação da Discriminação Racial, o secretário-geral da ONU, **U Thant,** enviou uma mensagem à imprensa brasileira, em que diz: "A doutrina e a prática da supremacia racial no mundo de hoje não só são injustas, como também são incalculàvelmente perigosas."

Importantes escritores latino-americanos lançados esta semana no Brasil: **Augusto Céspedes,** boliviano, autor de **Metal do Diabo;** e **Manuel Rojas,** chileno, cujo romance autobiográfico, **Filho de Ladrão,** já alcançou renome universal.

O presidente da Associação Comercial de Minas, **Avelino Meneses,** iniciou campanha junto à bancada federal mineira para a criação de um bloco compacto, extrapartidário, destinado a defender os interêsses da economia do seu estado no Congresso.

Dias antes de deixar o govêrno, o ex-Presidente **Castelo Branco** aceitou um convite para comer carne-de-sol e pirão-de-leite na casa do Deputado **Teódulo de Albuquerque,** em Brasília. Já antecipava os prazeres das férias no Ceará.

★ Empenhada em suplantar o prestígio do Atlético, que conta com dois têrços da torcida mineira, a diretoria do Cruzeiro decidiu formar uma "charanga" para animar os jogos da equipe de **Tostão.** Mas, ao saber que não teriam remuneração, os músicos protestaram: "De graça, de graça mesmo, nós só toca pro Atlético."

Presente de despedida do ex-Presidente **Castelo Branco** ao seu contínuo de gabinete, **Araci Amaral:** uma bela onça empalhada.

Frase do Deputado **Seme Scaff,** da ARENA, que também é pastor protestante, após seu primeiro dia de trabalho na Assembléia Legislativa do Paraná: "Antes eu fazia parte da Assembléia de Deus. Agora também integro a Assembléia do Diabo." O nôvo deputado ficara impressionado com as articulações dos bastidores.

A Assembléia Legislativa de Santa Catarina aproveitou da melhor maneira os dez dias anteriores à entrada em vigor da nova Constituição. Aprovou emenda instituindo a eleição indireta para vice-governador, reduziu de 35 para 25 anos o limite de idade, e elegeu o jovem **Jorge Bornhausen,** filho do Senador **Irineu Bornhausen.** A nova Carta prevê eleição direta para o preenchimento daquele cargo.

O Deputado **Franco Montoro** estipulou em 20 mil cruzeiros antigos a taxa de inscrição de seus colegas da Câmara e do Senado para o nôvo Instituto de Pesquisas e Estudos da Realidade Brasileira, que funcionará nas dependências do edifício do Congresso.

A apresentação de **Jair Rodrigues** na I Exposição Governador Paulo Pimentel, em Curitiba, constituiu-se num espetacular sucesso. O cantor interpretou a **Disparada** montado num cavalo, como quer a canção, e foi aplaudido por mais de 30 mil pessoas.

Em 10 meses de operação, as Letras de Câmbio da MAISONNAVE S. A. atingiram lugar de destaque no mercado financeiro gaúcho.

A razão: Menor Custo – MAIOR RENDA!

Fundada em Abril de 1966, a Maisonnave S/A., Crédito, Financiamento e Investimentos, vem tendo um crescimento notável, mercê de seu sistema operacional avançado. Causa de seu progresso, é a aceitação de suas Letras de Câmbio, onde foi encontrada a fórmula exata para satisfazer aos investidores - que sempre buscam a maior renda permitida pela segurança - e aos financiados, que procuram sempre menor custo pelo capital de que necessitam.

Maisonnave s.a.
Crédito, Financiamento e Investimentos

Adcct

Sede em Pôrto Alegre - Rua Uruguai, 155 - 2.º andar
Capital e Reservas NCR$ 599.869,63 - C. P. do BCR N.o II-285

tecidos guahyba:
do poncho protetor
ao confôrto
do melhor tergal
brasileiro!

denison

Êste é o resumo da história de uma grande indústria gaúcha para o Brasil. Data de 1908 a fundação da hoje Cia. Industrial Rio Guahyba. A preocupação dos pioneiros que instalaram os primeiros teares de madeira era de dar ao gaúcho a proteção mais adequada contra os rigores do inverno do pampas, onde o minuano fustiga com seus laçaços de frio e a chuva inclemente banha as coxilhas 3 meses a fio. Dessa preocupação nasceu o poncho, primeiro produto de fiação e tecelagem da Cia. Industrial Rio Guahyba. E as solicitações da moda e do confôrto, as exigências da elegância masculina e feminina encarregaram-se de determinar o caminho da fábrica Rio Guahyba que, evoluindo no sentido de ofertar as mais belas padronagens de lã, chegou à etapa atual com a entrega, a um grande mercado, do melhor tergal brasileiro: o Tergal-lã Guahyba.

MATÉRIA PRIMA BEM PRÓXIMA

O desenvolvimento da indústria textil, no Rio Grande do Sul, deve-se notadamente, à importância de um detalhe: a matéria prima muito próxima. Com uma produção de 30.000 toneladas anuais de lã, de alta qualidade, proveniente de rebanhos selecionados, o Estado sulino se alinha entre os grandes produtores do mundo. A Cia. Industrial Rio Guahyba é a maior consumidora de lã, no Rio Grande, industrializando a produção de 500.000 ovelhas, anualmente. Com um detalhe a acrescentar: lã selecionada, adquirida nas fontes onde maior é o cuidado com os rebanhos e controlada em todo o processo evolutivo, desde o tratamento dispensado ao carneiro, até o transporte à fábrica onde todo o processo de industrialização tem andamento. A Cia. Industrial Rio Guahyba lava, tinge (quando fôr o caso), carda, penteia, fia, realiza, enfim, todas as operações a que está sujeita a matéria prima até transformar-se no melhor tecido de lã existente no País e capaz de rivalizar com os melhores tecidos colocados no mercado mundial.

CASAMENTO FELIZ DEU TERGAL-LÃ

Pois, desde o poncho de lã, protetor do gaúcho contra as intempéries, que a Cia. Industrial Rio Guahyba vem ampliando suas instalações modernizando sua maquinaria, atendendo às solicitações de um mercado cada vez maior. Passou a fábrica Rio Guahyba à diversificação de suas padronagens, servindo à elegância masculina e feminina com os mais belos tecidos de lã. Até alcançar seu grande estágio de produção atual quando pode oferecer o melhor Tergal brasileiro: Tergal-lã Guahyba. Tão expressiva é a aceitação dos produtos de lã e tergal GUAHYBA que seus tecidos vestem centenas de milhares de brasileiros, de todos os quadrantes. Fios de lã Guahyba, para malharia e tricot, e tecidos Guahyba são hoje encontrados do Amapá ao Chui. De 1960 em diante, mais de 1.000 operários fazem andar os teares dessa indústria de 59 anos que produz, só em tecidos, a metragem suficiente para vestir, anualmente, cêrca de 300.000 pessoas. São, êsses os operários, oficiantes e testemunhas da mais feliz união: da fibra Poliester com o mais selecionado produto dos rebanhos gaúchos. Daí nasceu o TERGAL-LÃ GUAHYBA, sinônimo de beleza, elegância e confôrto.

Tergal-lã Guahyba

um produto da

CIA. INDUSTRIAL RIO GUAHYBA PÔRTO ALEGRE – RS

HENRIQUE PONGETTI

NOSSO CHÃO

Dediquei-me hoje à observação atenta de uma trilha de formigas. Não difere nada da gente que vejo passar debaixo da minha janela nos dias de feira. A mesma idéia fixa de encontrar comida, a mesma idéia fixa de carregá-la para casa. Diversidade de gostos, também. Cada formiga carrega um pedacinho de alimento diferente colhido na feira-livre da natureza. Muitas fazem seu mutirão dentro de uma casca de meia laranja de onde retiram partículas do avêsso branco. Outras esfarelam pacientemente um resto de pão. Seguem em filas paralelas, indiferentes, como se não se conhecessem do mesmo formigueiro, ou como se um feitor de chicote em punho estivesse observando as desperdiçadoras de tempo, as suspeitas de tagarelice.

De repente meus olhos são atraídos pela protagonista de uma verdadeira epopéia do trabalho. É uma formiguinha pouquinho maior do que as diminutíssimas que aparecem em lugares onde há açúcar ou outras doçuras. Carrega um pedaço de pétala de flor amarela descomunal para a sua insignificância física. É como se fôsse a imensa vela de um barquinho, só se vê a vela, ou por outra, o pedacinho de pétala de flor amarela caminhando misteriosamente.

Meus olhos se cravam na sua trajetória e eu me envergonho de tôdas as fadigas que em minha vida me encheram de alegria e me deram a ilusão de haver superado as marcas da minha capacidade de produzir sem a ajuda de ninguém (meu orgulho frente a frente com minha vontade).

O terreno é irregular e o vento começa a soprar forte. A formiguinha não parece ter qualquer noção de navegação a vela, é atirada longe do seu caminho, fora da rota trilhada por milhares de proletárias do seu sindicato. Mas não abandona o pedacinho de pétala de flor amarela que aos seus olhos de gastrônoma deve fazer o efeito de um pudim de côco feito sem economia de gemas de ôvo. Ela e sua carga formam um só organismo; só se separarão lá dentro do formigueiro, quando a chefa da despensa lhe der o atestado de missão cumprida.

Várias vêzes retorna ao mesmo ponto; finalmente se abriga entre montanhas, isto é, algumas pedras pequenas que para o seu tamanho estão na proporção da cadeia do Himalaia para o tamanho de um homem. Começa a escalada sem a menor demonstração de cansaço ou de desânimo; do cimo de um monte passa para o cimo de outro, embandeirando-o efêmeramente com o amarelo côr de sol e de festa. Lamento que a atenção do mundo esteja desviada para Mao, Brejnev e Ho Chi-Min...

De nôvo na planície, sua luta contra o vento continua tenaz e dramática. Agora observo que suas companheiras de trabalho carregam pedacinhos de fôlhas, também em forma de velas, e sabem colocá-las de modo a neutralizar a implicância e a brutalidade de Éolo. Porque não ensinaram a coitadinha a defender-se do mesmo modo? Que causa misteriosa haverá naquela ignorância isolada dentro de um regime coletivista?

Tenho vontade de intervir. Levanto-a delicadamente com sua vela amarela e tudo? Coloco-a lá longe, na bôca do formigueiro? Reflito um pouco e desisto. Talvez seja uma formiga atlética treinando para as Olimpíadas, para a maratona, quem sabe lá? Meu amigo entomologista me contou coisas incríveis a respeito da civilização das formigas, inclusive de sua capacidade de separar do bom o farelinho envenenado introduzido no formigueiro para experiência dos seus laboratórios bromatológicos.

Sim, acertei, é uma atleta em treinamento. Na bôca do formigueiro larga o pedacinho de pétala de flor amarela e entra, rodeada carinhosamente pelas companheiras sobrecarregadas de comida... Então levanto os olhos, espio para a nossa vida, e a humanidade me parece muito menos importante.

AUTOCRÍTICA DE HENRIQUE PONGETTI

Quando minha família voltou da Itália, onde passamos quase dois anos, eu tinha doze, e trazia fortes marcas espirituais dessa permanência. Fizera a quinta elementar e encontrara na escola todos os personagens do CUORE, de De Amicis. Minha despedida foi uma choradeira de professor e alunos, no melhor estilo neo-realista italiano. A escola era pública, mas a freqüentavam filhos de pescadores e de nobres. Nunca me esquecerei do marquesinho Di Salimbene chegando de carro com seu criado em uniforme. Era lindo, bom e gentil; lembrava uma das crianças esfumadas na pintura imponderável de Tranquillo Cremona. Logo depois entrava o filho de Fanflon, peixeiro, com o nariz sempre a escorrer, uns olhos remelentos, e um todo de quem dormira vestido numa carvoaria.

O Professor Bersani devia ser socialista. Fazia o filho de Fanflon sentar-se ao lado do marquesinho Di Salimbene e bastava uma olhada pelas carteiras de dois lugares para ver como a riqueza era estudadamente posta a ombrear com a pobreza. Meu companheiro constante, fora da escola, era o Cohen, um judeuzinho cujo avô diziam haver sido condenado à morte ao tempo da dominação papalina. Na cidadezinha onde eu morava, Senigallia, fôra criado um menino que depois deveria ser Pio X. Existia ainda o palácio de sua família. Contavam até que numa visita do Papa ao cemitério local os anticlericais colocaram no túmulo do avô de meu amigo um cartaz alusivo à monstruosidade de sua execução.

Em verdade tôda aquela região *marcheggiana* era dominada por forte sentimento subversivo. Numa eleição do meu tempo saiu vitorioso um republicano de esquerda, e pouco antes de nossa chegada haviam tentado incendiar as igrejas. Meu amiguinho Cohen nunca me contou nada sôbre o mártir de sua família, nem eu me sentia com coragem de perguntar-lhe. Tinha uns olhos azuis tristes, uma gravidade precoce; excluía-se voluntàriamente de tôdas as brincadeiras amolecadas. Quando se despediu de mim abraçou-me chorando, beijou-me nas duas faces, e disse apenas: "Volte, Henrique."

Ao recomeçar minha vida em Petrópolis, onde havíamos deixado uma ótima situação comercial, minha pessoa estava repartida em duas. Europeu de sangue, agora me sentia como se só meu corpo houvesse chegado ao Brasil. Devorava livros em italiano, intelectualmente era um exilado. Meus primeiros artigos no jornal da terra provocaram nos padres premostatenses de um colégio a suspeita de que eu plagiava algum escritor estrangeiro. Tive uma fase de virulento dannunzianismo, e todo meu respeito pelos tradutores veio abaixo quando descobri na tradução lusitana de O FILHO DA VOLÚPIA (Il piacere) o verbo *serei* traduzido para *sarei*. Mas, se meu estilo era o do às vêzes vazio orquestrador de palavras, minhas idéias eram próprias. Um dia devolvi ao *imaginifico* seus veludos e brocados vocabulares, criei o meu estilo.

Considero a crônica, em que me especializei, um gênero

"Já fui acusado de fascista pelos comunistas e de comunista pelos integralistas."

PRODUTOS SUÍNOS SÃO GRANDE POTENCIAL ECONÔMICO NO RIO GRANDE DO SUL

Só um estabelecimento [Frigorífico Ideal S/A] produzirá em 1968 cêrca de dezoito milhões de quilos de alimentos.

Uma das grandes riquezas do Rio Grande, e um dos setores de produção em que aquêle Estado lidera as estatísticas nacionais, é a indústria frigorífica, ao mesmo tempo causa e consequência de uma suinocultura em constante ampliação e aperfeiçoamento. No jôgo das estatísticas industriais, neste campo, pequenas cidades surgem como grandes fôrças econômicas, curiosamente contrastantes com sua modesta densidade demográfica. Serafina Corrêa, por exemplo, é um pequeno núcleo serrano com 3.500 habitantes, localizado a 240 quilômetros de Pôrto Alegre. E de 1964 a 1966 exportou para a Europa quase 1 milhão de dólares de sua produção. Foram pernis, carcaças, carrês, fígados, pulmões, corações, línguas suínas, produtos do Frigorífico Ideal S/A, o maior estabelecimento do gênero no Rio Grande do Sul e segundo da América Latina, e que tem seu conjunto industrial localizado em Serafina Corrêa. Com sede em Pôrto Alegre, e fábrica em Serafina Corrêa, e outro conjunto de produção em construção em São Paulo, o Frigorífico Ideal (fundado em 1938, com capital de 1 milhão de cruzeiros antigos, que foi crescendo sistemàticamente atingindo em 1962 Cr$ 97 milhões, e em 1966 NCr$ 2.127.000 — dois milhões, cento e vinte e sete mil cruzeiros novos — entre capital e reservas) vem constantemente abrindo novos mercados, no país e exterior, para seus produtos. Da significação futura para a balança comercial brasileira do trabalho de emprêsas deste porte, basta a citação anterior do resultado de algumas exportações pioneiras para a Europa. Da significação deste estabelecimento dentro do complexo nacional, é impossível fazer um balanço exato. Regionalmente, representa o suporte econômico de vasta população: os criadores de suínos. Em 1938 o abate era de 600 suínos por mês. Em 1962 foram abatidos 129.000 animais. A produção vem crescendo sempre; em 1966, 144.000 suínos da região eram industrializados em Serafina Corrêa. São milhares de famílias que dependem diretamente do sucesso dos empreendimentos do Frigorífico Ideal S/A, sem contarmos as de seus 350 operários e funcionários, que recebem a par do que lhes é devido por seu trabalho os benefícios de um completo sistema de assistência social particular, mantido pela própria emprêsa. De forma indireta, a presença do estabelecimento no conjunto produtivo do Estado representa o pagamento anual de impostos que atingiram (1966) importância superior a NCR$ 1.200.000 (um milhão e duzentos mil cruzeiros novos), correspondentes a vendas de cêrca de treze bilhões de cruzeiros. Três mil e quinhentos metros cúbicos de câmaras frigoríficas, capazes de armazenar até um milhão e meio de quilos de carne, e uma frota de caminhões frigoríficos para carnes verdes e produtos de salsicharia, protegem a integridade do produto durante sua estocagem e transporte. Só no ano de 1966, dez milhões e cinquenta mil quilos de produtos "SULINA" desde banha até as mais sofisticadas iguarias de origem no suíno, foram produzidas, distribuidas e comercializadas pelo Frigorífico Ideal S/A. As metas para o futuro próximo também atingem números notáveis, tanto em produção como em investimento. Hoje, a emprêsa se dedica ao planejamento e construção de sua fábrica em São Paulo, que terá capacidade de até 6.000.000 de quilos anuais, e cujo investimento ultrapassará a casa do bilhão de cruzeiros antigos. Concluida a planta industrial de São Paulo, e somada sua produção à de Serafina Corrêa, estará o Frigorífico Ideal, situado entre as maiores emprêsas do país com capacidade de produzir cêrca de 18 milhões de quilos de alimentos durante o ano de 1968. Atendendo à infraestrutura, com o incentivo à produção do milho e do melhor suíno, produzindo e fornecendo a ração balanceada exata de que necessita o criador; mantendo instalações industriais de acôrdo com as exigências do mercado internacional, o Frigorífico Ideal assegura e garante a qualidade comprovada de seus produtos, vendidos sob a marca "SULINA".

FRIGORÍFICO IDEAL S. A.

"Usei a crônica e o bom-humor para fazer minhas críticas porque há gente grave e séria demais escrevendo todos os dias"

dificílimo de alcançar categoria literária. Entre milhares de cronistas o Brasil não cita mais de meia dúzia. Gabo-me de haver feito alguma coisa de sério em favor da nossa língua nos meus nem sempre efêmeros escritos para jornal. Além de procurar dizer o máximo no mínimo de palavras, formei um vocabulário funcional com as palavras mais vivas e sangüíneas do vernáculo. Criei também alguns neologismos e nunca desdenho utilizar-me da gíria se, na frase, sua última invenção exprime melhor. Minha prosa procura *soar bem* aos ouvidos e aos olhos. Há palavras que lidas produzem conjuntivites e ouvidas produzem otites. A língua portuguêsa pode ser bela ou horrenda segundo a seleção dos seus vocábulos. É uma língua ambígua e traiçoeira. Machado de Assis percebeu isso como ninguém.

Não que eu escreva correto de entusiasmar um Antenor Nascentes. Às vêzes desgramatico conscientemente em favor do ritmo e da eufonia. Sobretudo nos pronomes. Mas o que se passa hoje, na maioria que escreve, é a redução do idioma a um português básico feito com as cem palavras chinfrins que a criadagem usa. Até a gíria está ficando indigente. O É UMA BRASA, MORA já estava chateando de gasta quando o papa do iê-iê-iê adotou-a como bandeira, revigorando-a e dando-lhe, até agora, dois anos de circulação frenética.

Já fui acusado de fascista pelos comunistas e de comunista pelos integralistas. Na semana em que contei, como testemunha ocasional, a gênese do integralismo nos fundos da Livraria Católica, o jornal vermelho me elogiou muito. Quando um dia depois critiquei a intromissão do partido em assuntos de exclusivo interêsse de um povo amigo, xingaram-me de *piolho da axila de Mussolini*.

O que se deduz de tôda a minha obra é que amo a humanidade, amo brancos, amarelos e negros, e que gostaria de ver o mundo mais feliz sob um regime que não tivesse as monstruosas falhas do capitalismo, do comunismo e do totalitarismo da direita. Não aplaudo nenhum sucesso material sem liberdade de pensamento e de crítica, como não aplaudo nenhuma liberdade de pensamento e de crítica onde uma classe poderosa impõe preços, ganha quanto quer, exerce uma ditadura econômica.

Meu estalo de brasilidade, o lugar onde me senti tão desta terra como a *hevea brasiliensis* e um tupiniquim anterior ao Descobrimento, foi na cidade do Salvador, Bahia. Caiu de mim instantâneamente tudo quanto de europeizante se havia grudado em minha essência nas cidades cosmopolitas onde vivera, sobretudo em Petrópolis, onde alemães e italianos tinham o comércio nas mãos. Mandei à minha mulher um telegrama longo capaz de fazer-lhe entender a grandeza e beleza da graça recebida. Segui pelo litoral até Belém do Pará, e dali para a surprêsa dos rios e das florestas amazônicas. Fui vacinado pelos micuins, pelos piuns, e foi como se todo meu sangue italiano houvesse sido tirado das veias enquanto iam transfundindo um sangue ameríndio.

Continuo a amar a Itália porque não há no mundo terra tão fácil de ser amada e tão impossível de ser desamada. Meus escritos testemunham êsse constante amor, o que leva um ou outro raro e gratuito inimigo a chamar-me *carcamano*, querendo talvez que eu fizesse como certo poeta, grande poeta, também filho de italianos, com um nome tremendamente peninsular, que quando insinuam não ser êle descendente de autóctones roga pragas em caipirano, e mostra a certidão de nascimento literário do seu personagem principal onde se especifica a côr mulata.

Só voltei a rever Senigallia há poucos anos, meio século depois. Tinha mêdo de voltar. Tudo estava como eu deixei, e nada mais me prendia a um lugar onde julgara haver deixado para sempre minha alma. Intacto o colégio. Estariam vivos o meu caro Cohen, o marquesinho Di Salimbene, o mísero filho do Fanflon? Não senti necessidade de exumá-los, vivos ou mortos. Nem mesmo visitei remotos parentes capazes ainda de reapertarem laços de sangue. Tomei, isso sim, um banho de mar no mesmo ponto onde salguei o corpo pela primeira vez.

Nunca fiz nem faço parte de grupos literários. Não tomo meu uísque em lugares onde meus colegas famosos tomam, dando fama a bares antes ignorados. Passo anos sem um contato verbal com colegas que admiro e estimo. Quando me mandam seus livros, dedico-lhes algumas palavras de estima e admiração na minha coluna (por bondade do meu amigo Roberto Marinho colocada na página de honra do jornal carioca mais lido em todo o Brasil). Não espero retribuições. Muitas vêzes elogiei o livro de um escritor desafeto com o qual poderia acertar contas em condições de forte superioridade. Sou um solitário por temperamento, não tenho inveja de ninguém, lancei muitos jqvens hoje vitoriosos, e se em vida não esperei de ninguém reconhecimento, também não admito que pensem estar eu cuidando da minha postumidade, do meu monumento em bronze...

Usei a crônica e o bom-humor para fazer minhas críticas porque há gente grave e séria demais escrevendo todos os dias sem alcançar o grande público que forma opinião e pode influir na mudança das coisas. O riso e o sorriso são armas terríveis se usadas com propriedade. Numa longa carreira vi indivíduos poderosíssimos profundamente atingidos por uma frase minha, e nunca me esqueço das ameaças que me fêz, por causa de uma crônica de pura e elegante ironia, um dos homens mais vulneráveis e temidos do Estado Nôvo.

Telefonou-me gaguejando de ódio, trocamos insultos, esperei em seguida que seus esbirros me invadissem o apartamento. Não apareceram, não sofri nada. Para a cadeia vão mais depressa os articulistas graves e solenes ..."ora, prender um homem que faz graça com as coisas sérias!" O fato é que a Censura arrolhava ainda, e minha crônica mimeografada foi distribuída pelos estados como se fazia com a cadeia da prosperidade. Todo o Brasil certamente a leu e riu. Entre risos, muitas cidadelas caíram neste mundo; jamais me arrependerei de haver escolhido o bom-humor como veículo para a penetração no espírito do povo.

Também o meu teatro segue a mesma norma. No Brasil o teatro cômico vem sendo olhado com certo desprêzo, últimamente, por algumas senhoras e alguns cavalheiros muito mal recebidos pelo público nas suas tentativas de representar, e hoje — como sempre acontece nesses casos — refugiados na crítica teatral e nas cátedras das escolas dramáticas. Destrincham Brecht melhor do que a viúva do dramaturgo e o Berliner Emsemble. Deliram com um dramalhão primário passado em Cotubatu dos Quengos. Na platéia, enquanto o público ri de uma frase indiscutìvelmente digna de um riso de cabeça erguida, cerram os lábios, passam adstringente na bôca, jogam ridìculamente o jôgo do sério com uma assistência que joga o jôgo do riso, e se lixa das suas engroladas pontificações. É com orgulho que me proclamo responsável pelos risos e sorrisos dêste povo através de peças que correram o Brasil e foram recordistas de permanência no cartaz. Poucos povos têm todos os dias da vida tantos motivos para chorar... Todos os nossos políticos e estadistas abusaram e abusam da dramaturgia. O Brasil só pode ser salvo por um comediógrafo mais ou menos do meu tipo. Outro Eskilo o liquidará.

Pensei várias vêzes em escrever um romance aproveitando os frutos dêsse longo exercício de observação e análise da sociedade exigido pela crônica diária. Tenho um enrêdo esquematizado que me vem tentando muito. Mas ganho a vida repartindo-me em escritos miúdos e não teria coragem de meter na gaveta meus personagens e de suspender-lhes a existência para cuidar de coisas efêmeras. Minhas peças foram feitas nas férias do cronista, de um fôlego. Eu vivo a vida dos meus personagens. Isso não quer dizer que tenho queixas do meu ofício principal. Habituei-me a essa comunicação diária com meu público, faço-o há quarenta anos, e tenho um grande orgulho quando entre meus leitores me ibopizam uma percentagem considerável de jovens. E não tinjo os cabelos...

O ÍDOLO DA JUVENTUDE FÊZ DE UMA COMPOSITORA HUMILDE A SUA MÃE PRETA, TIRANDO-A DA MISÉRIA E DO ANONIMÁTO

A PARCEIRA DE ROBERTO CARLOS

REPORTAGEM DE
ANTÔNIO TRINDADE

Desde 1962, Roberto Carlos inclui em cada um de seus discos pelo menos uma canção de autoria de Helena dos Santos. Quem será essa ilustre desconhecida? É uma espécie de Cinderela do iê-iê brasileiro.

Ela mora no Hôrto Florestal, no Rio, num pequeno apartamento com geladeira e televisão, tudo comprado com o produto dos direitos autorais de suas músicas. É viúva, preta, tem seis filhos para criar. Quando conheceu Roberto Carlos, estava pràticamente passando fome porque, ao morrer, o marido lhe deixara uma pensão irrisória — 13.500 cruzeiros antigos por mês — e Helena ganhava muito pouco, costurando para fora.

— Meu marido também era compositor — diz ela. — Êle fazia hinos para a Igreja Pentecostal de São Cristóvão. Foi quem me ensinou o compasso e a rima. Depois que êle morreu, comecei a compor músicas românticas. Fiz também um hino em homenagem a Brasília. Mandei a letra e a música para o Presidente Juscelino...

Exibe um telegrama amarelado pelo tempo: "Muito sensibilizado, agradeço a oferta da composição musical de sua autoria e dedicada a Brasília. Cordiais cumprimentos, Juscelino Kubitschek."

Helena dos Santos passou muito tempo nos corredores das estações de rádio e televisão, oferecendo seus sambas e canções a todos os cantores que conseguia abordar. Altemar Dutra, Orlando Silva e Carlos Galhardo foram alguns dos que não fizeram fé no seu talento. Finalmente, na Rádio Globo, antes de um programa musical de Luís de Carvalho, ela se aproximou de um rapaz que é famoso pela humildade e generosidade. Era Roberto Carlos.

Helena dos Santos e seus filhos vivem rodeados de discos e fotografias de Roberto Carlos, amigo e protetor da família.

— Êle foi extremamente atencioso comigo... Ouviu minhas queixas e depois pediu para ouvir minhas músicas. Cantei para êle *Na Lua não Há*, a minha música mais bonita naquele tempo. Êle achou bonita a melodia, mas disse que iria melhorar a letra... Afirmou que eu podia ficar tranqüila, que êle iria gravar a minha composição...

Helena voltou para casa e os meses foram passando, sem nenhuma notícia de Roberto Carlos. No meio da luta diária pela sobrevivência, ainda encontrava um tempinho para recordar o encontro com aquêle rapaz simpático. Até que um dia uma vizinha, espantada, anunciou:

— Olha, estão procurando você pelo jornal e pelo rádio.

Helena dos Santos foi a um jornaleiro, folheou um jornal do dia e, de fato, deparou com êste anúncio: "Pede-se à Dona Helena dos Santos, moradora no Hôrto Florestal, o obséquio de comparecer, com a máxima urgência, à Rádio Globo, para tratar de assunto de seu interêsse. Procurar Luís de Carvalho."

Ela se precipitou para a Rádio Globo, e ali Luís de Carvalho lhe deu a grande notícia:

— Roberto Carlos vai cantar *Na Lua não Há* em seu nôvo *longplay*... Parabéns.

Em outubro de 1963, o disco foi lançado com grande sucesso. Em novembro, Helena levou um grande susto: em seu pobre apartamento, no qual os caixotes faziam o papel de cadeiras, ela teve a honra de receber o próprio Roberto Carlos, que começava a alcançar a posição de ídolo absoluto da juventude brasileira.

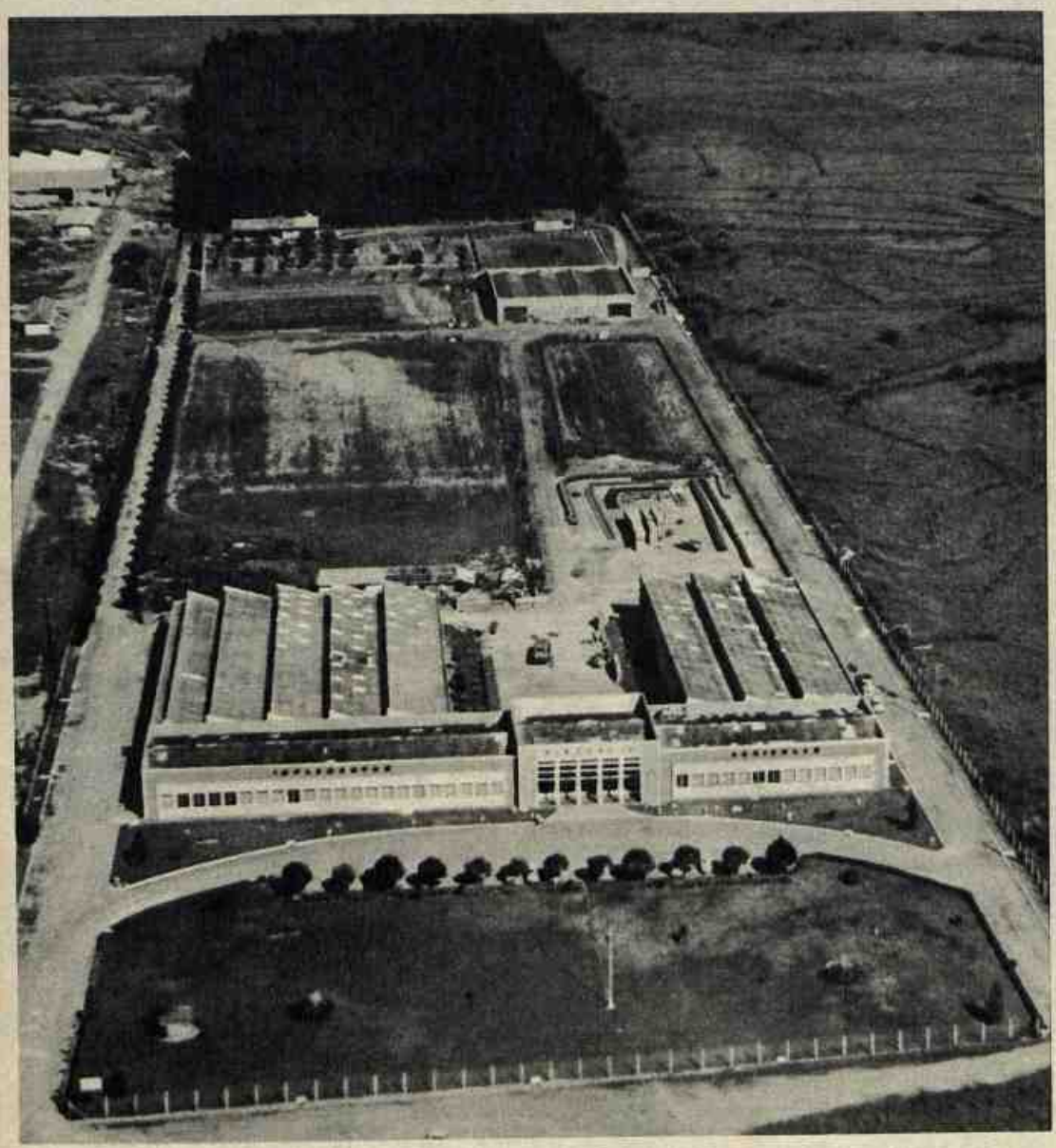
— Êle trazia um disco para mim, com dedicatória. Nós aqui, do Hôrto Florestal, ficamos tão contentes que comemoramos o acontecimento numa festa realizada num campo de futebol...

Em abril de 1964, Helena dos Santos mandou rezar missa pelo aniversário do seu protetor musical, na igrejinha do bairro. Roberto Carlos compareceu. A partir de então, ficaram amigos — a viúva pobre e o rapaz de caráter exemplar. Helena se pôs a compor exclusivamente para êle. Até hoje, Roberto lançou na praça as seguintes canções de Helena dos Santos: *Na Lua não Há, Meu Grande Bem, Como é Bom Saber* e *Esperando Você*. São músicas de letras simples e ingênuas, valorizadas pela interpretação do cantor e pela orquestração.

Uma vez por semana, Helena visita Roberto Carlos ou a mãe do cantor, de quem se tornou grande amiga.

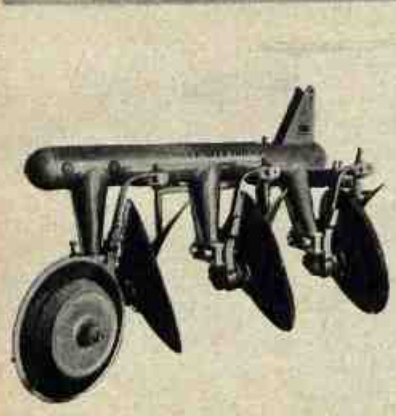
— Roberto — diz ela, com tranqüila convicção — é mais do que um protetor para mim. Êle foi destacado por Deus para me ajudar...

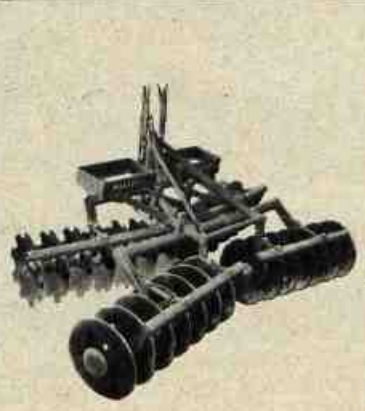
Helena com Roberto Carlos. Em cada disco Roberto inclui uma canção de Helena.

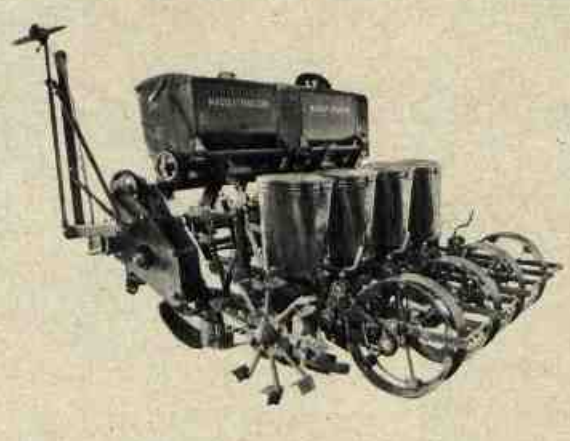


MINUANO S. A.

fabrica para o Brasil e América do Sul os mundialmente consagrados Implementos Agrícolas MASSEY FERGUSON







Desde 1963, cabe a Minuano S. A., estabelecida em Canoas, no Rio Grande do Sul, suprir o mercado nacional dos famosos implementos agrícolas Massey-Ferguson.

Seus quase 10.000 m² de área construída, sôbre um terreno de expansão prevista de 120.000 m², produzem uma média mensal de 600 a 800 implementos, incluindo arados, grades de discos, plantadeiras, lâminas terraceadoras, roçadeiras, além de vários acessórios para tratores Massey Ferguson.

Com mercado Sul e Centro-americano favorável à qualidade e preços de seus produtos, a Minuano S. A., vive uma fase adiantada de exportação de seus artigos para diversos países filiados a ALALC, o que representa um setor básico de sua economia.

Perfeitamente integrada no plano governamental de incentivo à agricultura, buscou na produção racional inspirada pelo GEIMEC, respeitando a política de contenção de preços, consolidar seu plano de produção progressiva.

Sempre compreendida pelo Banco do Brasil nos seus planos de fabricação, tem recebido do estabelecimento de crédito oficial do país o mais amplo apôio, baseando sua produção no plano progressivo de financiamento ao agricultor brasileiro.

MINUANO S.A.
Veículos e Máquinas Agrícolas

Standard Propaganda

Manchete especial

O GRANDE RIO GRANDE

SEM CONHECER O RIO GRANDE DO SUL, NINGUÉM PODERÁ DIZER QUE CONHECE DE FATO O BRASIL. EIS PORQUE REUNIMOS NESTE CADERNO ESPECIAL TEXTOS E IMAGENS QUE REVELAM A VIDA E A BELEZA DA TERRA GAÚCHA

- **ÉRICO VERÍSSIMO, o admirável romancista, canta, num texto que é quase um poema em prosa, os encantos e graças da sua Pôrto Alegre.**
- **VIANNA MOOG, o grande ensaísta, prova, com bom-humor e erudição, que ninguém é mais brasileiro do que o gaúcho.**
- **CARLOS REVERBEL, o jornalista e historiador, reconstitui admiràvelmente a saga dramática e espetacular da gente do Rio Grande.**
- **Todo o RIO GRANDE DO SUL — suas cidades, seus campos, suas montanhas e sua gente — em 40 PÁGINAS EM CORES.**

VIANNA MOOG escreve

O RIO GRANDE

êsse desconhecido

TÔDA vez que alguém me assegura que conhece o Brasil, porque conhece a Guanabara e adjacências, ou porque se demorou uns dias na Guanabara e São Paulo e respectivos subúrbios, ou porque visitou a Guanabara, São Paulo e Brasília — triângulo fatal e indesviável nos atuais programas de turismo — o meu primeiro ímpeto é despachar êsse alguém com um veemente "vá conhecer o Rio Grande e volte, querendo". Depois, naturalmente, como sou, como suponho ser, cordato e prudente, vou me acomodando e limitando a sugerir ao meu quase sempre muito simpático interlocutor que, antes de dar-se por perfeitamente inteirado do que é o Brasil, dê um pulo ao Rio Grande. Às vêzes a coisa dá certo, e meus amigos voltam de minha terra, de rédea no chão, com o **mea culpa, mea culpa, mea maxima culpa** dos grandes penitentes, inteiramente rendidos à beleza diversificada e civilizada de nossos cenários naturais e à riqueza psicológica de nossos vários tipos humanos, êles que, por efeito de saturações culturais inconscientes, imaginavam encontrar apenas campos a perder de vista e gaúchos desabridos em loucas disparadas pelos campos. As mais das vêzes, porém, ai de mim, ai dos rio-grandenses, o tiro me sai pela culatra e a emenda pior que o sonêto, tamanhas as heresias e enormidades que acabo ouvindo por conta da minha sugestão. Êste aqui por exemplo, flor de pessoa, não vai ao Rio Grande, porque o Rio Grande fica fora de mão e, sem querer ofender, não é bem Brasil. Êsse outro não inclui o Rio Grande em sua rota por uma questão de método histórico-geográfico: o Rio Grande, como você sabe, pertence à órbita do Rio da Prata e não à do São Francisco que é, afinal de contas, o rio da unidade nacional. Aquêle não vai ao Rio Grande porque já conhece Montevidéu e Buenos Aires, e porque o Brasil português, como você deve saber muito bem, porque é historiador — e até sociólogo, que diabo! — termina ali em Santa Catarina, que é onde acaba, a rigor, o Brasil português e onde começa o Brasil espanhol, e com êste o "pampa", simples réplica castelhana do nosso "sertão chamado bruto"... Finalmente, por incrível que pareça, houve um que não ia ao Rio Grande porque abominava o frio e porque, muito viajado, já conhecia a estepe russa. E uma vez que o pampa nada mais era do que a estepe extraviada em solo americano, seguia-se que no Rio Grande só podia mesmo florescer uma civilização pastoril semibárbara, na qual o meu interlocutor, que adora os seus invernos em Paris, não podia de forma alguma estar interessado.

OH, as enormidades e heresias que se ouvem a respeito do Rio Grande, sob a inspiração dessas esdrúxulas idiossincrasias e pretextos! Eu sei, eu sei que isto ocorre com todos os estados e com tôda a gente, e que uns mais, outros menos, ora como vítimas, era como agentes transmissores, temos todos que pagar tributo à nossa própria circunstância geográfica, social e histórica. Todos os grupos sociais, tôdas as latitudes e longitudes, tôdas as raças, povos, castas, classes, religiões e regiões, estão mais ou menos sujeitos a uma determinada constelação de preconceitos e estereótipos que não precisam de grandes lastros de verdade ou de começos de verdade, ou melhor, não precisam de

O Rio Grande do Sul é um grande cadinho, que transforma os descendentes de açorianos, de alemães e de italianos em gaúchos tão autênticos quanto os cavalarianos de Bento Gonçalves

verdade alguma, para vingarem. Sim, isso é muito certo e não havia de ser um estado atuante e presente na vida política, econômica e social do país, como é o Rio Grande, que havia de escapar a tais preconceitos. Há, todavia, uma diferença fundamental entre os preconceitos referentes aos demais estados e os preconceitos nutridos em relação ao Rio Grande. É que o preconceito neste último caso é quase sempre um preconceito erudito, irritantemente erudito, mais molesto e corrosivo do que ramo de urtiga. As heresias que se proferem sôbre o Rio Grande, ou melhor, contra o Rio Grande, são heresias sempre amparadas no testemunho da autoridade. E que autoridades! De se lhes tirar o chapéu, não há dúvida. Nada menos do que um Basílio Magalhães, um João Ribeiro, um Humberto de Campos, um Euclides da Cunha, um Capistrano de Abreu, para mencionar apenas os mais categorizados. O acento tônico de quase todos êles é que não somos, os rio-grandenses, brasileiros muito convictos, mas brasileiros a contragosto, simples marginais da História do Brasil, o que, penso eu e pensa meu compadre Rodrigo Cambará, passa um pouco do ponto.

Inútil, entretanto, mostrar aos meus desenvoltos interlocutores de beira de calçada e mão na lapela, que o Rio Grande não é nada do que dizem os chamados "mestres", mas, ao contrário, é um estado muitíssimo brasileiro. Êles se firmam nas patas de trás e não se rendem. Ficam ciscando nos mesmos pontos e piscando o ôlho, na teima da resistência. Pois que continuem teimando e ciscando, que eu, por mim, continuarei bradando com as provas na mão, enquanto o meu coração tiver a forma do Rio Grande, como o atestam minhas mais recentes radiografias, que o meu estado é o estado mais brasileiro do Brasil, e não deixo a coisa por menos. Sim, porque enquanto os nossos estados tradicionais — a Bahia, São Paulo, Pernambuco, Rio de Janeiro, o Espírito Santo, o Maranhão — apesar dos seus quatrocentos anos, ou por causa mesmo dos seus quatrocentos anos, já foram holandeses uns, franceses outros, e espanhóis todos, o Rio Grande do Sul foi sempre, modéstia à parte, única, total, exclusiva e ininterruptamente brasileiro. Enquanto São Paulo correu o risco de ter em Amador Bueno um rei espanhol, durante o tempo em que Portugal e, em conseqüência, o Brasil, estêve sob a dominação de Felipe II, o Rio Grande só começou a povoar-se e a arrumar a sua casa depois da Restauração. Quer dizer: quando não havia mais castelhanos em solo rio-grandense, nem influências espanholizantes é que começou pròpriamente o povoamento em grande parte da antiga Capitania Del-Rei.

E somos nós os castelhanos!

Vieram então atrás dos bravos paulistas arrasadores de missões — obra muito mais de jesuítas espanhóis e de **hispanidad** do que de jesuítas portuguêses e de lusitanidade — as bandeiras de povoamento, que foram as únicas que não saíram de São Paulo em busca de índio, de ouro, prata, esmeraldas e diamantes, senão com o espírito altamente orgânico de ocupar os espaços vazios de uma pátria em formação. Surgem agora as fazendas de criação de gado e as casas das fazendas na planície rasa ou no alto das coxilhas, à sombra das figueiras ou entre renques de cinamomo, à maneira de quartéis e fortalezas preparados para a eventualidade de tôdas as surprêsas. Sua finalidade principal? Domar o deserto verde, deter o castelhano, dilatar o âmbito da língua portuguêsa.

E somos nós os castelhanos!

Mais tarde chegam os açorianos, trabalhadores de sol a sol, tenazes, ilhéus, portuguêses como os que mais o sejam, tradicionalistas e conservadores de se escandalizarem com a paixão mórbida dos lisboetas pelas "espanholas" de que falava o meu amigo Eça de Queirós, e de invectivar Lisboa por suas escandalosas concessões aos costumes estrangeiros; portuguêses, enfim, de causar inveja aos misoneístas do Pôrto e de Viana do Castelo com a pureza castiça de seus hábitos e de sua linguagem. Fazem-se agricultores e simultâneamente estancieiros e guerreiros, conforme as necessidades do momento. Transplantam para o Continente de São Pedro as suas festas de arraial — a festa do Divino Espírito Santo, as cavalhadas, a festa de Nossa Senhora dos Navegantes, que agora à undécima hra estão querendo converter em festa de Iemanjá, que não tem nada a ver com isso. E com as suas festas de arraial, as suas danças populares — o fandango, a tirana, a chimarrita, que tem nome espanholado mas que é muitíssimo portuguêsa (chama a Rita). Fundam cidades, vilas e povoados de nomes castiços e quase de saber seiscentista: Pôrto dos Casais, São José do Norte, Conceição do Arroio, Rio Pardo, Viamão, Feitoria Velha, Lomba Grande, Santa Maria da Bôca do Monte, Aldeia dos Anjos, Santa Vitória do Palmar, Santo Antônio da Patrulha...

Santo Antônio da Patrulha! Êsse nome só por si já vale por uma definição de propósitos.

E somos nós os brasileiros contrafeitos, os brasileiros marginais!

Depois, a partir de 1824, começam a chegar os imigrantes alemães, industriosos e cheios de iniciativa como só êles, e aparelhados como ninguém para a obra de pioneirismo que dêles espera o Império. E logo se espalham pelas colônias que lhes são distribuídas às margens do meu rio dos Sinos e por todo o vale do Jacuí, numa antecipação de reforma agrária e de justiça social. E como são imaginosos e não querem embrutecer no isolamento da selva, tratam de abrir picadas e articular os colonos de uma mesma colônia e das várias "picadas" entre si em formas de convivência social adaptáveis ao nôvo meio, e inventam o **kerb**, grande oportunidade para negócios, namoros e noivados, ao som das valsas e das polcas de sua terra de origem, no ambiente festivo das "bailantes". E toca a dançar, e toca a cantar, a negociar, a namorar, a casar, a crescerem e a multiplicarem-se na forma do versículo 28 Capítulo I, do Gênesis, e a convocar a gente das margens do Reno e do Mosela para as margens do rio dos Santos, do Caí, do Taquari, do Jacuí e do Gravataí, à maneira do versículo 1.º, Capítulo XII, do mesmo Gênesis: "Sai da tua terra, e da tua parentela, e da casa do teu pai, e vem para a terra que eu te mostrarei."

Vêm germanizar o Brasil? Se alguma vez terá sido esta a intenção, o resultado foi outro, pois dentro em pouco os imigrantes, a princípio divididos entre duas lealdades — a da pátria de origem e a da pátria adotiva — cada vez se integravam mais na vida profundamente portuguêsa e brasileira da província. Embora inteiramente entregues a si mesmos em matéria de instrução, com adotarem o cavalo, a bombacha, a bota, o pala de campanha, o churrasco e o chimarrão, adquiriam nova personalidade. E foi o govêrno abrir escolas nas colônias e provê-las de professôras públicas que antes de haverem sido notáveis alfabetizadoras foram grandes mestras de brasilidade, e a nacionalização se fêz a galope, como convinha ao Rio Grande e ao Brasil. Resultado: dentro em pouco, onde antes tudo eram selvatiquezas e onças e jaguares uivando dentro da selva, tudo agora são colônias cultivadas, tratadas, geometrizadas e o "Ouviram do Ipiranga às margens plácidas" rolando pelas quebradas.

Diante das ruínas de São Miguel, templo erguido pelos jesuítas no Território das Missões (século XVII), na fronteira com a Argentina, gaúchos folclóricos de hoje promovem fandangos e chimarritas, danças típicas.

De Viamão — Vi-a-mão — viam-se já em dias de céus translúcidos, como não os há mais claros e mais despejados em nenhuma outra parte, os cinco rios navegáveis da unidade rio-grandense — o rio dos Santos, o Caí, o Taquari, o Gravataí e o Jacuí — convergindo para o mesmo estuário que os conduziria para o solitário Atlântico pela Lagoa dos Patos — e as embarcações carregadas de produtos coloniais a penetrarem o Guaíba em busca dos mercados de Pôrto Alegre. Aqui açorianos e alemães confraternizariam e fundariam, pelo cruzamento das respectivas famílias, as várias e sólidas dinastias de amor e de dinheiro dos comerciantes e depois industriais do Caminho Nôvo, cujas fumaças de gentilidade com pouco nada ficariam a dever às dos aristocratas de sangue da Rua da Igreja e do Alto da Bronze, descendentes daqueles arrogantes capitães-mores que o Reino despachava para cá para governar o Rio Grande com mão de ferro e o mesmo rigor e a mesma implacável disciplina de acampamento do tempo das "arriadas".

ERA óbvio que à medida que o Rio Grande se expandia e multiplicava em estâncias, quintas, chácaras, xarqueadas e estabelecimentos comerciais e se antecipava no tempo com suas pequenas indústrias, ponto de partida de suas grandes indústrias de hoje, na mais diversificada de nossas economias regionais, não poderia mais ser governado como o fôra à época de um José Marcelino de Figueiredo, que levou sua prepotência e arbítrio ao ponto de mandar prender e despojar de tôda a sua fazenda ao ínclito Rafael Pinto Bandeira, o bravo dos bravos, o ídolo de tôda a província, o "espantalho" dos espanhóis, o fronteiro que fizera a dádiva do Rio Grande ao Brasil, o brasileiro que mais honras havia de receber do Reino de Portugal.

Àquela altura continuar a governar o Rio Grande, que já lia os enciclopedistas e já ouvira contar prodígios sôbre os governos de forma federativa, nos quais a fidelidade ao centro não excluía uma certa medida de autonomia, com a mesma dureza e insensatez de um José Marcelino, era o mesmo que encher os bolsos de dinamite e andar se esfregando pelas paredes. Um Rafael Pinto Bandeira para acatar e fazer acatar e ordem de prisão, a despeito dos protestos e da revolta das câmaras municipais, e para se submeter a processo em Pôrto Alegre e a julgamento no Rio de Janeiro e só voltar à província depois de absolvido e mais coberto de glórias do que nunca, quando podia desde o início com um simples piparote ou um simples aceno de cabeça fazer voar êsse José Marcelino do Rio Grande, pela porta dos fundos, não aparece todos os dias ao longo da História. Para isto e para manter o Rio Grande dentro da ordem e da legalidade, e incutir-lhe para sempre a vocação do respeito à lei, quando as espadas já tiniam nas bainhas e a cavalhada já escarvava indócil a grama dos potreiros, era preciso ser um pouco mais do que um simples caudilho sul-americano. Era preciso ser todo um líder na acepção mosaica de chefe do povo e de haver atingido pela disciplina interior a um quase estado de santidade civil. Ora, tipos como São Rafael Pinto Bandeira não aparecem todos os dias, nem mesmo no Rio Grande, e tratar o Rio Grande com dureza e desprêzo, como o fêz a Regência, não podia dar certo. Não deu. E veio a Guerra dos Farrapos (1835-1845), a meu ver, **excusez moi du peu**, o capítulo mais fabuloso e empolgante da História do Brasil.

Aqui não faltará naturalmente quem me saia aos embargos para dizer-me pela milésima vez que a Guerra dos Farrapos foi uma guerra separatista. E eu pela milésima vez responderei que foi tão separatista quanto o foi a Guerra de São Paudo contra a Ditadura em 1932. Separatistas os farrapos?! Quando o tirano Rosas se oferece para invadir o território rio-grandense, a pretexto de auxiliar a República de Piratini, que é que lhe responde o bravo Davi Canabarro? "Senhor. O primeiro de vossos soldados que ultrapassar a fronteira fornecerá o sangue com que assinaremos a paz de Piratini com os imperiais, pois acima de nosso amor à República está o nosso brio de brasileiros."

E nós é que não somos bem brasileiros!

A voz da História porém não está sòmente em Canabarro. Está na fala de Bento Gonçalves aos constituintes rio-grandenses: "Aproxima-se o dia em que banida a realeza da Terra de Santa Cruz, nos havemos de reunir para estreitar laços federais à magnânima nação brasileira, a cujo grêmio nos chama a natureza, e os nossos mais caros interêsses."

Os revolucionários, é certo, antecipando-se ao seu tempo, queriam a República. Apelaram para o desmembramento como forma de conquistá-la. Abominavam a opressão e o centralismo monárquico, mas não queriam de forma alguma romper para sempre os laços de solidariedade com a pátria comum. Foi o que nìtidamente compreendeu o grande Caxias nesta expressiva resposta a um convite para Te-Deum nos últimos dias da guerra: "Reverendo, a êste triunfo precede derramamento de sangue brasileiro. Não conto como troféus as desgraças dos meus concidadãos. Combato os dissidentes, mas sinto suas desditas e choro pelas vítimas, como um pai por seus filhos. Reverendo, em lugar de Te-Deum celebre missa de defunto que eu com meu Estado-Maior e a tropa que couber em sua igreja irei amanhã ouvi-la."

Ao cabo de dez anos de luta, os farrapos, como os imperiais, anseiam pela paz. Mas por uma paz como só um bravo da categoria de Caxias podia ter a magnanimidade de oferecer, porque era uma paz que honrava aos vencedores e aos vencidos, e talvez mais até aos vencidos do que aos vencedores.

Na paz, o Rio Grande refazer-se-ia depressa das feridas da guerra, não fôsse o sangue que o Paraguai nos exigiu para que continuássemos a ser brasileiros. Tão combalido e exaurido saiu o Rio Grande dessa luta que o Império decidiu aplicar-lhe nova transfusão de sangue europeu. E em 1874, cinqüenta anos após a vinda dos imigrantes alemães, chegam os imigrantes italianos e cobrem a Serra de vinhedos e tudo fica de nôvo sorrindo no seio da fartura. Êstes recém-chegados, como já acontecera com os alemães, de tal maneira se tomam de amôres pela nova terra, por sua natureza, por sua história — uma natureza que lhes evoca o Piemonte, a Lombardia e a doce Umbria de São Francisco de Assis, uma história que parece em 35 constituir um capítulo da unificação italiana, tanto nela repontam com os ideais comuns os nomes e os feitos de Garibaldi, de Rosseti e de Tito Lívio Zambecari — que dentro apenas de uma geração já estão adaptados à nova pátria, e bulhentamente engajados em nossas lutas, para na segunda e na terceira gerações já derramarem o seu sangue nos campos da Itália dos seus antepassados, para que o Brasil pudesse continuar, e o Rio Grande pudesse continuar dentro do Brasil.

QUANDO vejo hoje êsses descendentes de imigrantes italianos, de par com descendentes de alemães, de paulistas, de açorianos, em cena aberta, à sombra de nossas sagradas figueiras, integrando os grupos regionais que se consagram entre nós ao culto estridente das mais caras tradições do Rio Grande — de bombacha, pala e até xeripá, chapéu de barbicacho caído e a aba desafiadoramente voltada para cima, a pistola pendente do cinturão, o cinturão carregado de balas, as esporas riscando o tablado — a dançar com suas **prendas** tocadas das côres sadias da montanha o fandango e a chimarrita ou a cantar a **Prenda Minha** com uns restos de sotaque italiano — donos da vida, donos do mundo — não os penso como simples amadores de gauchismo que, por isso mesmo que são amadores, levam as coisas mais a sério do que os profissionais. Nem os penso tampouco como comparsas de terceiro ato de ópera italiana, sob os soberbos proscênios estrelados de Siena ou de Roma. Penso-os antes como autênticos descendentes dos cavalarianos de Pinto Bandeira e Bento Gonçalves, a quem Garibaldi em seus bons e maus momentos, e mais nos maus do que nos bons, jamais conseguiu esquecer: "Dêem-me a cavalaria gaúcha que conquistarei o mundo."

Mas, como aqui não se trata de conquistar o mundo, senão de compreendê-lo, que é uma forma discreta de possuí-lo, só me resta repetir, à guisa de conclusão, que quem não conhece o Rio Grande não possuirá o Brasil. Faça-se tôda sorte de arranjos, combinações e permutações entre a Guanabara, São Paulo, Brasília, Minas, Bahia e Pernambuco; incluam-se, nesses arranjos, combinações e permutações de todos os demais estados do Brasil, mas se do itinerário não constar a "mui leal e valerosa cidade de Pôrto Alegre" e adjacências, não haverá nada feito. Para conhecer o Brasil é decididamente necessário conhecer o Rio Grande. E para conhecer o Rio Grande é bom erradicar e esquecer os preconceitos que os "mestres" semearam contra êle.

ÉRICO VERÍSSIMO escreve

OS CAMINHOS CRUZADOS DE PÔRTO ALEGRE

GUARDO NÍTIDAS RECORDAÇÕES DA PÔRTO ALEGRE DOS NOVECENTOS E VINTE, E DOS DOMINGOS EM QUE, GINASIANO, EU PASSEAVA MINHA PERPLEXIDADE DE SERRANO BISONHO PELA RUA DA PRAIA, CONVENCIDO DE QUE ESTAVA NUMA GRANDE METRÓPOLE. VIVÍAMOS A MEMORÁVEL DÉCADA DO **JAZZ**, DOS "ALMOFADINHAS" E DAS "MELINDROSAS", FIGURAS GLORIFICADAS PELO CARICATURISTA J. CARLOS NAS PÁGINAS DAS REVISTAS CARIOCAS **CARETA** E **PARA TODOS**. ERA TAMBÉM A IDADE DE OURO DO CINEMA AMERICANO. (QUEM DENTRE OS DA MINHA GERAÇÃO NÃO FOI RODOLFO VALENTINO, QUE ME ATIRE A PRIMEIRA PEDRA!) OS CRONISTAS SOCIAIS DE ENTÃO FALAVAM NO **BROUHAHA** DAS RUAS E CAFÉS, NO **FOOTING**, E UM QUE OUTRO RETARDATÁRIO SE REFERIA AINDA A **JEUNESSE DORÉE**.

CARREGANDO o pêso dum complexo de inferioridade que me vinha principalmente de minha roupa mal cortada, patèticamente fora da moda, eu me moscatonteava pelas calçadas da artéria principal da cidade, apreciando os *altos* edifícios de três e quatro andares, e espiando para dentro dos cafés e casas-de-chá, onde belas mulheres com vestidos curtos de cinturas perdidas, as mais audaciosas maquiladas à moda de Theda Bara, tomavam o seu *five o'clock tea* ao som de orquestras. Nas *bonbonnières* mais conservadoras tocavam-se ainda peças como *Os Milhões de Arlequim* ou *Contos dos Bosques Vienenses*. Mas o Café Colombo ousava uma *jazz band* que me fascinava com sua bateria barulhenta, seu saxofone que ora gargalhava, ora soluçava, tocando melodias como *Yes, we Have no Bananas* (Meu Deus, como sou antigo!), *Quando Buda Sorri* e os *fox-trots* das mais modernas operetas, como *La Bayadera* e *A Dança das Libélulas*.

No espaço formado pela confluência da Rua da Praia com a da Ladeira costumavam reunir-se para a prosa ociosa dezenas de desocupados, aposentados e forasteiros que ali ficavam a pitar, a discutir futebol, cavalos de corrida e mulheres. Nesse pseudolargo espalhavam-se ou originavam-se os boatos, faziam-se ou desfaziam-se reputações e até se derrubavam governos... verbalmente. Não existia em tôda a cidade mais movimentada bôlsa de anedotas, mais farto mercado de mexericos, mais rico caldo de cultura para os potoqueiros e os maledicentes. De vez em quando um político importante era visto por ali, cercado de seus cumpinchas e capangas. E se você tivesse sorte, poderia até avistar no meio da rua, cercado de admiradores, o General Flôres da Cunha, de charuto aceso entre os dentes, esplêndido na sua imaculada roupa de linho branco, a cabeça de caudilho urbano coberta por um panamá, o bengalão pendente do braço... E ao cair do sol surgiam as aves noturnas que haviam dormido uma longa sesta, preparando-se para mais uma noitada no famoso cabaré da cidade, o Clube dos Caçadores que, para as famílias da época, era um sinônimo de Sodoma ou Gomorra, mas que, julgado pelos costumes e padrões de moral dêste 1967, não passava duma casa de diversões onde se jogava rolêta e bacará, e onde os homens (casados, que horror!) bebiam champanha na companhia de *cocottes* nacionais ou importadas, com as quais dançavam eventualmente solenes tangos argentinos. (O que se passava depois, fora do cabaré, não era da responsabilidade da gerência.) Havia um *cabaretier*, quase sempre francês legítimo. E um *show* — números, como se dizia na época — com cançonetistas, prestidigitadores e bailarinos de reputação internacional. Se de vez em quando dois ou mais homens "se estranhavam" e entreveravam aos sôcos e sopapos, não raro usando garrafas como armas, isso se devia ao temperamento do gaúcho, estimulado pelos produtos da respeitável Viúva Clicquot. Seja como fôr, conhecidos políticos, futuros estadistas, freqüentavam o Caçadores, faziam a sua fé na terceira dúzia, trocavam idéias e é possível até que tomassem decisões de alcance histórico ao som alegre da bola da rolêta e aos compassos de *La Cumparsita*.

A cidade contava com inúmeros cafés, como a popular Suíça, onde estudantes de mesada curta e outros "equilibristas" matavam a fome tomando uma média com pão e manteiga. E havia bares de nome e sabor bávaro e tirolês, onde boêmios enxugavam infindáveis copos ou canecas de chope. (Um dos humoristas nativos disse, certa vez, que Pôrto Alegre não tinha pròpriamente vida noturna, mas sim alguns rapazes que se deitavam tarde.)

Durante a casa dos 20 e dos 30 a polícia localizou o meretrício. (Um sujeito que não estimava os beletristas costumava bradar: "É urgente localizar o beletrício!") As zonas de prostituição foram primeiro a celebrada Rua da Ponte, depois o Beco do Oitavo, mais tarde ainda a Rua Pantaleão Teles e sempre a Voluntários da Pátria.

Em princípios de 1931, quando, homem mais que feito — pelo menos na idade — fixei-me definitivamente em Pôrto Alegre, encontrei a cidade já entre menina e môça. A Rua da Praia continuava cada vez mais pululante de gente, da manhã até à madrugada: uma espécie de feira de vaidades e apetites. E o hábito de os homens ficarem parados às esquinas ou à beira das calçadas para assistir à parada das mulheres continuava, como um legado transmitido de pai para filho.

A pitoresca encruzilhada era agora popularmente conhecida como o Largo dos Medeiros, por causa de dois irmãos dêsse nome, figuras excêntricas que pareciam ter saltado das páginas de Dickens. Proprietários da Confeitaria Central, situada numa das esquinas do largo, os Medeiros, pais da vida, costumavam não só dar crédito a estudantes e outros clientes crônicamente insolventes, como também emprestar-lhes dinheiro, sem juros, sem prazo e sem qualquer documento. Eram carrancudos, lacônicos e imperturbáveis. Havia no largo uma população flutuante, feita de visitantes do interior e uma permanente, que lhe garantia a freqüência e a tradição.

"Para mim o que Pôrto Alegre tem de mais belo é o céu e o cenário. Sua topografia é privilegiada. Roma tem sete colinas... Minha cidade, quantas terá? Não contei. Só sei que são muitas, belas, veludosas e verdes."

Naquele tempo, Pôrto Alegre tinha ainda um acentuado sabor provinciano. A branca Ponte do Riacho era ainda o assunto predileto dos pintores locais, e dizia-se até que um dêles a havia tomado tantas vêzes como modêlo, que se a gente visitasse seu estúdio e se sentasse por descuido em cima de sua paleta, sairia com a histórica ponte pintada no fundilho das calças. Senhores idosos passavam horas sentados nos bancos da Praça da Alfândega; vestiam-se de maneira conservadora, jamais dispensavam o colête, e se saissem à rua sem chapéu se sentiriam nus. No auditório da Praça da Matriz, a Banda Municipal dava concertos aos domingos. E de certo modo todo mundo ainda se conhecia.

Mas que Pôrto Alegre encontraria *hoje* o turista que desembarcasse, não dum Ita ou dum Ara, no cais do pôrto, mas dum Boeing, dum Electra ou dum Caravelle no Aeroporto Salgado Filho? Bom, para principiar, a população da cidade aproxima-se alarmantemente da casa do milhão. Seu *sky line* cresceu para o alto e para os lados. Não se amontoa apenas nessa espécie de cabo sôbre o qual está situado o distrito comercial: subiu a coxilha da Santa Casa e se foi Moinhos de Vento em fora. Quem quiser ter uma idéia da extensão e — porque não? — da imponência do perfil da cidade, que a contemple do tôpo do cêrro de Santa Teresa, onde ficam os estúdios das duas estações de tevê locais. O promontório avança, à feição de proa, sôbre as águas do estuário do Guaíba. (Lembro-me de certa manhã dum remoto abril em que, debruçado na amurada dum navio grego de turismo que singrava o Bósforo, avistei Istambul e, num arroubo de bairrismo paranóide, exclamei para a minha companheira de viagem: "Pôrto Alegre!" Mas vista do alto da Ponta do Dionísio, a cidade me lembra São Francisco da Califórnia.)

A arquitetura dêste burgo, fundado há pouco mais de duzentos anos por casais açorianos, conservava até fins do século passado um certo encanto colonial. Veio depois o desastroso *art nouveau*, que encheu estas ruas de monstrengos. Seguiu-se uma arquitetura incaracterística, em que predominavam umas fachadas cinzentas, brilhantes de quartzo e mica, de aspecto triste, quase tumular. Só duns vinte anos para cá é que, graças às novas turmas de profissionais que saem da Faculdade de Arquitetura, as nossas construções têm melhorado em matéria de gôsto. A Rua da Praia continua atopetada de gente e agora, graças ao crescente número de lojas, butiques e cafés, apresenta um aspecto caleidoscópico de bazar oriental. Agências bancárias proliferaram prodigiosamente nos últimos tempos — cogumelos da umidade da inflação. Surgiram por tôda a cidade churrascarias, onde se comem bons assados e os já famosos "galetos" com polenta, numa espécie de sincretismo culinário ítalo-brasileiro. Nossa noite está povoada de bares, boates e inferninhos freqüentados pelo nosso café-*society* e por hordas de melenudos, que os temos em boa dose, benza-os Deus. Diga-se em sã justiça que aumentou também entre nós, e muito, o número de livrarias, e que nunca tivemos tantas nem tão boas galerias de arte. E que a nossa Orquestra Sinfônica é a terceira (ou será a segunda?) do país.

Os irmãos Medeiros repousam como justos no seio de Abraão. Seu histórico café desapareceu. Mas lá está ainda o largo, agora à sombra de maciços arranha-céus. Dêle desapareceram os coronéis do interior que vinham a Pôrto Alegre "falar com o homem", isto é, pedir audiência ao governador. Sumidos também estão quase todos os tipos populares de antanho, que foram chamados a engrossar a população da silenciosa cidade de estátuas de mármore e de ciprestes, lá no alto da colina. A prostituição não está mais localizada, é agora peripatética e, como uma mancha de óleo dum perfume tristemente barato, espalhou-se ao longo de várias ruas, inclusive de certas quadras dum bairro residencial "exclusivo".

UMA estatística dramática insiste em afirmar que existem em Pôrto Alegre dez mil toxicômanos. Nossos jornais contam histórias de jovens alucinados, tomadores de "boleta", cujos delitos vão desde o roubo de automóveis até ao homicídio. Ora, isso não é uma característica de Pôrto Alegre, mas de tôda cidade que cresce, que se "civiliza", e cujos habitantes se vão aos poucos massificando, coisificando e alienando da vida, uns dos outros e de si mesmos. Mas não nos devemos desesperar ante a sordidez da crosta de nosso "bôlo social", pois tenho a maior confiança no seu miolo formado por milhares de jovens que trabalham e estudam de verdade, com um grande senso de responsabilidade. Nunca como em nossos dias foi tão grande entre nossa mocidade o desejo de estudar. Nossos colégios e universidades estão repletos, e o número de "excedentes" aumenta de ano para ano. De um grupo de rapazes sei que está estudando de maneira adulta os problemas sócio-econômicos do Brasil, preparando-se para o dia em que seus elementos forem chamados a ocupar postos de govêrno. Sabem que o tempo das improvisações passou e que só poderemos sobreviver como nação se dispusermos de conhecimentos científicos e capacidade técnica para fazer face aos problemas com que se defronta um país nôvo como o nosso, nesta época dramática em que, no dizer de Matthew Arnold, o homem se debate entre um mundo que agoniza e outro que se esforça para nascer.

Dizem que o diabo depois de velho se fêz ermitão. Pois eu na idade provecta me tornei andarilho, e nessa capacidade tenho conhecido melhor, palmo a palmo por assim dizer, a cidade onde moro. Para mim o que Pôrto Alegre tem de mais belo é o céu e o cenário. Sua topografia é privilegiada. Roma tem sete colinas... Minha cidade quantas terá? Não contei. Só sei que são muitas, belas, veludosas e verdes. Cerros conheço nos subúrbios que, com suas casinholas de madeira pintadas de amarelo, azul, rosa, vermelho, me fazem pensar em quadros de Guignard. No momento em que escrevo esta impressão é quase outono, e como acontece sempre nesta época do ano, fico em estado de graça, dissolvo-me na paz dormente dêstes dias em que a luz tem a côr e a doçura do mel. Os poentes são longos e evocativos, e as paineiras começam a rebentar, em flôres rosadas, por êsses montes, ruas e vales. Pelas manhãs saio a passear com meus fantasmas pelos coxilhões de meu bairro, com a sensação, às vêzes, de que sou um elemento móvel dêste grande quadro, e que fui também "pintado". E é nesses momentos mágicos que encontro a resposta exata para os que me perguntam porque ainda vivo em Pôrto Alegre.

Érico Veríssimo

Seis vêzes por dia, de São Paulo e de Pôrto Alegre, partem ônibus da Viação Minuano. Possantes carros Scania-Vabis com carrocerias Eliziário, dotados de confortáveis poltronas (ou poltronas-leito, se V. preferir...) e serviço de rádio próprio, para comunicação com postos de contrôle em todo o percurso. Nos ônibus da Viação Minuano viajam a segurança, o luxo... e a hospitalidade gaúcha. Se V. fôr de outras terras já sentirá esta hospitalidade desde o momento em que ocupar sua poltrona. Se fôr do Rio Grande, se sentirá em casa. E a viagem será tranqüila - enquanto desfilam belas paisagens de quatro Estados, haverá cafézinho, lanches e a conhecida cortesia Minuano. Pioneira em confôrto no transporte rodoviário de passageiros entre Pôrto Alegre e São Paulo, a Viação Minuano orgulha-se de contribuir para que os brasileiros do Centro e do Sul se tornem cada vez mais amigos.

Viação MINUANO S.A.

Pôrto Alegre: Av. Farrapos, 21 - Tel: 4-5366
São Paulo: Estação Rodoviária, Guichês 25/26

Os ônibus da Viação Minuano
têm chassis, motores e peças genuínas

SCANIA-VABIS

fornecidas por

Brasdiesel s.a.

Caxias do Sul

equipados com Carrocerias

Eliziário Pôrto Alegre

Manchete

RIO GRANDE DO SUL

O CONTINENTE GAÚCHO

No extremo Sul do país, sôbre suaves colinas onduIantes que acabam no largo rio Guaíba, a grande cidade se abre contra um céu profundo e luminoso. Pôrto Alegre resume, no seu modernismo, a fôrça do desenvolvimento que sempre mobilizou o Rio Grande do Sul, estado que é uma pequena Europa, completando o nosso imenso território. Sem conhecer o Rio Grande ninguém conhece verdadeiramente o Brasil.

Reportagem: Sérgio Ross • Fotos: Jairo Brandeburski, Bernardo Gothe, Domingos Cavalcanti, A. Trindade e Carlos Botelho (aéreas)

Para quem chega por via aérea, a primeira visão de Pôrto Alegre constitui um verdadeiro impacto. A grande metrópole do Sul estende-se até o horizonte,

A ponte Getúlio Vargas, uma das mais imponentes do país, domou o Guaíba e liga Pôrto Alegre à zona sul do estado.

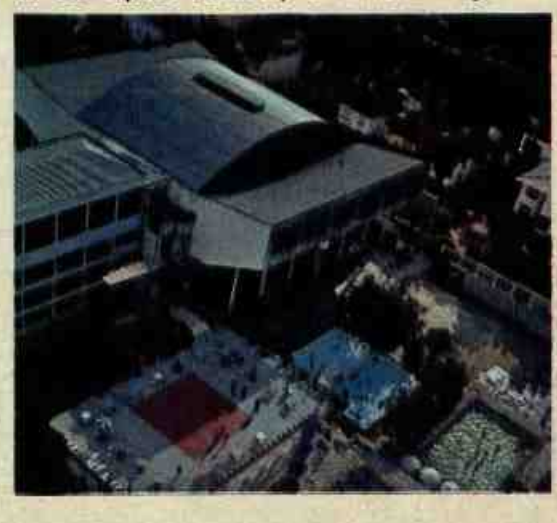
A antiga cidadezinha açoriana é hoje uma bela e poderosa metrópole

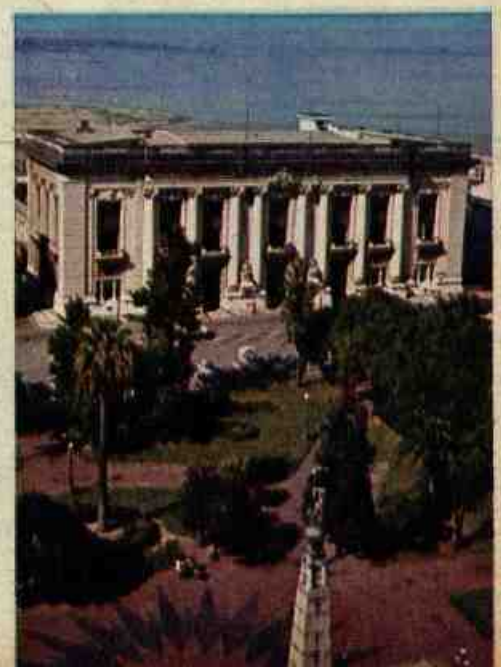
Até vinte anos atrás, Pôrto Alegre ainda guardava muito da velha e tranqüila cidade fundada pelos açorianos. O progresso do último vintênio modificou inteiramente aquela fisionomia pacata, dando à capital do Rio Grande do Sul as características de uma poderosa metrópole. Cêrca de 1 milhão de habitantes vivem hoje no antigo pôrto dos Casais.

majestoso e vertical, numa afirmação de desenvolvimento que em poucos anos a transformou de cidade bisonha em fervilhante capital, com cêrca de 1 milhão de habitantes.

O Parque da Redenção, à esquerda, com suas árvores frondosas. Em cima, o amplo auditório Araújo Viana.

Pôrto Alegre possui mais de cinqüenta clubes sociais. O Grêmio Náutico União (embaixo) é o mais popular da capital. Ao lado, o Palácio do govêrno.





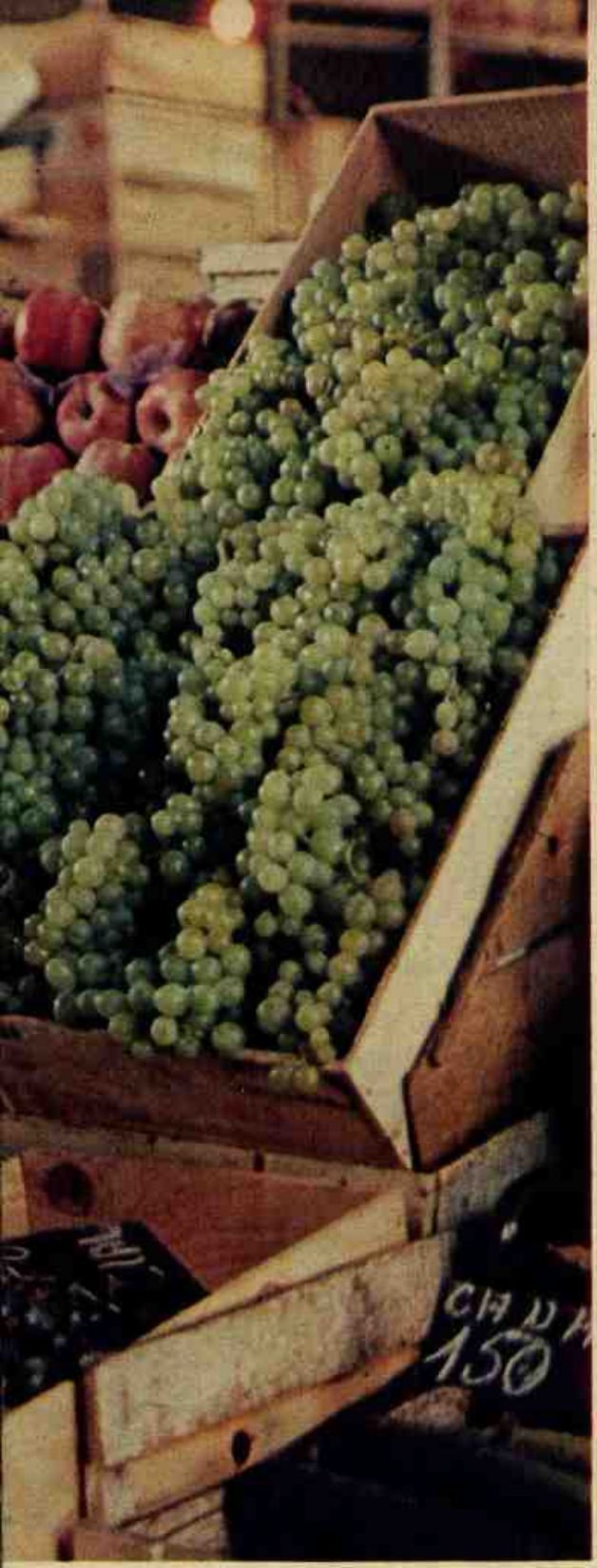
Na manhã de fevereiro, o gaúcho sobe o rio para conduzir ao altar Nossa Senhora dos Navegantes

Todos os anos, os pôrto-alegrenses realizam uma das mais belas festas populares do Brasil, a procissão de Nossa Senhora dos Navegantes. No dia 2 de fevereiro, desde as sete horas da manhã, pescadores saem em seus barcos, juntamente com marinheiros, para levar a imagem de sua padroeira da Igreja do Rosário a Igreja de Nossa Senhora dos Navegantes, onde é colocada no altar e venerada.

Manchete

O fato de o Rio Grande do Sul contar, em seu clima, com tôdas as estações, favorece ao máximo a cultura agrícola. E faz com que, na Serra, o clima ameno permita todo o ano, o grande (e limpíssimo) mercado de Pôrto Alegre pode apresentar o colorido espetáculo de uma cultura agrícola e de uma produção frutífera das mais

O boi, como o cavalo, é o grande da hibernação dos frigoríficos, é sa



o cultivo dos mais variados legumes e frutas. Durante ricas. Dentro dêsse conjunto, a uva é presença constante.

aliado do gaúcho. Dá-lhe o couro e a carne. Esta, livre dia. Em Pôrto Alegre a carne é sempre da véspera.

Foram os colonos italianos que, a partir de 1874, levaram para a Serra gaúcha a gama variada de suas culturas. Hoje, chegam diàriamente ao mercado de Pôrto Alegre toneladas e toneladas de frutas e legumes.

No mercado de Pôrto Alegre, o espetáculo de uma alimentação farta e sadia

Se o Rio Grande do Sul deve aos alemães a implantação de sua estrutura industrial, é aos italianos que deve a transformação da serra gaúcha num verdadeiro pomar. Da montanha descem as maçãs, a uva, os pêssegos e legumes, tão viçosos e opímos como os do Piemonte ou da Umbria.

Campeonatos mundiais de vela e remo têm sido disputados no rio Guaíba. Os gaúchos possuem grande número de clubes.

No futebol, na vela, no remo, o gaúcho é antes de tudo pelo esporte

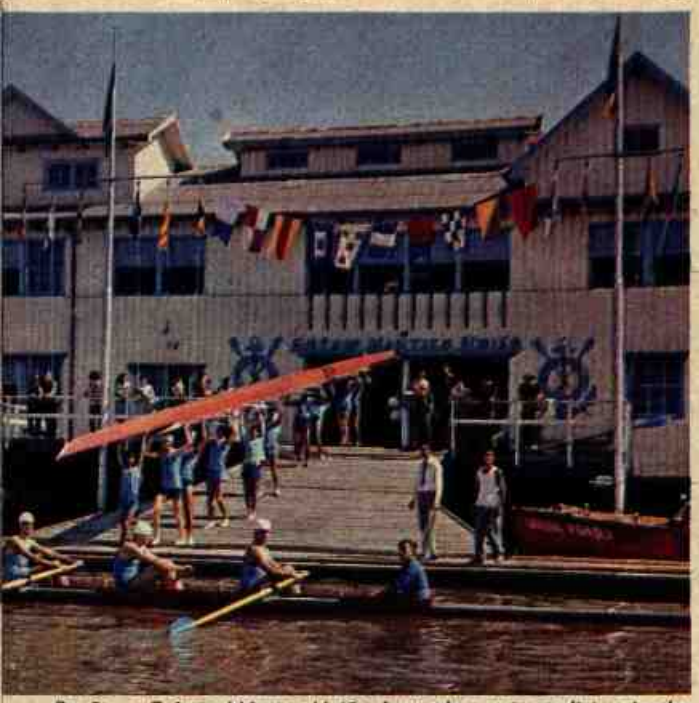
O gaúcho fêz história montado a cavalo, mas hoje anda motorizado. Mesmo assim, faz da equitação um dos seus esportes preferidos. Aliás, todos os tipos de esporte são praticados no Estado, que se orgulha de ter introduzido o futebol no Brasil, depois que alguns inglêses chegaram à cidade de Rio Grande e começaram, por volta de 1900, a ensinar como chutar bem a bola. Hoje, dois clubes dividem a torcida: Grêmio e Internacional.

Eternos rivais, o Grêmio e o Internacional são os mais populares clubes de futebol gaúchos, e no dia em que disputam uma partida dividem ferozmente a torcida. Embaixo, o Estádio Olímpico do Grêmio, que pode abrigar mais de 80 mil pessoas.

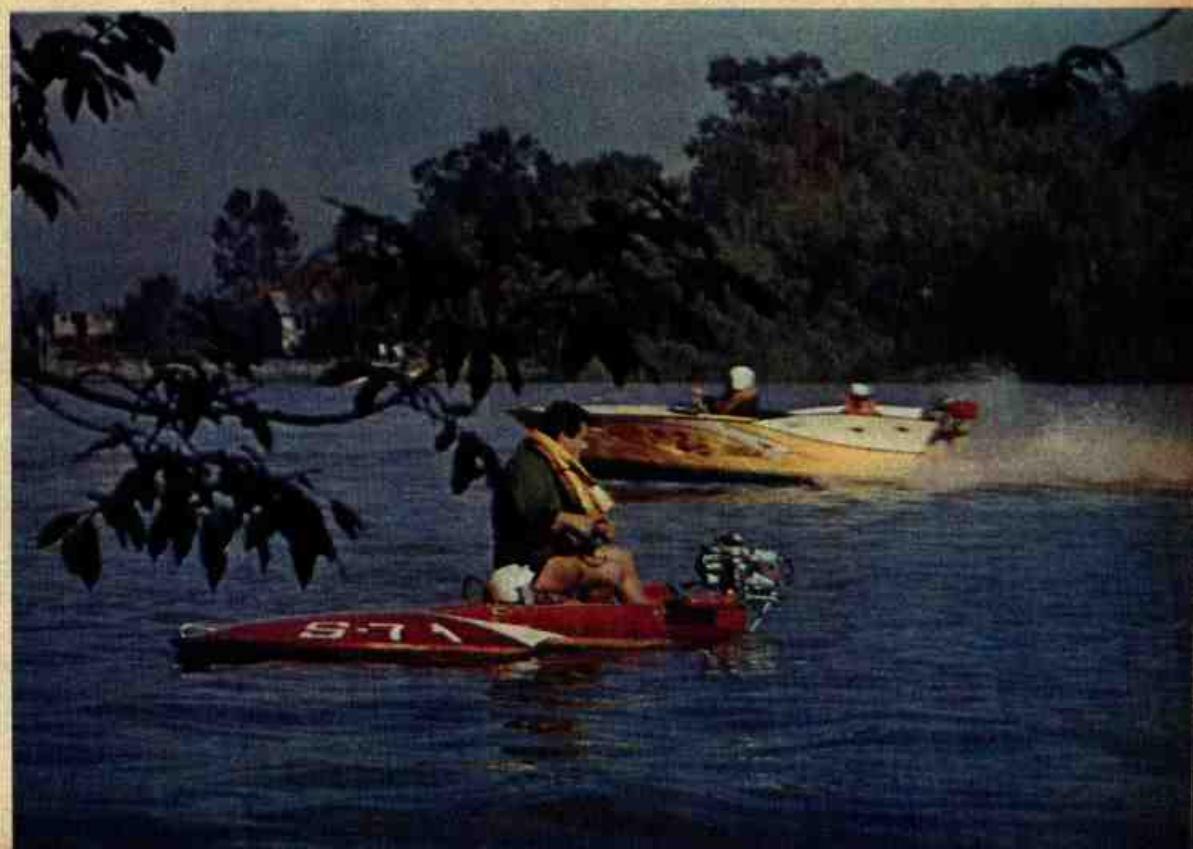
A região privilegiada de Osório, às mar tivado pelos diretores da Varig —, co

Com uma frota de barcos na ilha do bes de remo do Sul. À direita, o rio

gens do Atlântico, é um centro de vôo a vela. Há vários anos, o Clube de Planadores Albatroz, pioneiro dêsse tipo de vôo no Brasil — sempre incentiva no ar seus aparelhos, que flutuam sôbre a planície e os lagos. O clube vem mantendo sua liderança com recorde de horas voadas e pilotos brevetados.



Pavão, o Grêmio Náutico União é um dos mais tradicionais clu-Guaíba, pista para a motonáutica, esporte da nova geração.



Esta é a florescente cidade de Nôvo Hamburgo. Com 90 mil habitantes, tem 750 indústrias, das quais 365 são fábricas de calçados. Emb.: Rio Grande, um dos portos mais importantes, está ligado a Pôrto Alegre pela lagoa dos Patos.

Aqui está Pelo nacionalmente fa

O progresso gaúcho é liderado por Nôvo Hamburgo, Pelotas, Santa Maria, Rio Grande, Caxias do Sul e Livramento

Apenas em São Paulo se observa um fenômeno comparável ao que ocorre no Rio Grande do Sul: aqui, as metrópoles surgem em miniatura no interior, oferecendo um espetáculo raro de densidade industrial em pequenas áreas. Pelotas, Nôvo Hamburgo, Caxias do Sul, Rio Grande, Santa Maria e Livramento são algumas das numerosas cidades gaúchas cujo progresso causa espanto e orgulho a todos os brasileiros. Nôvo Hamburgo, por exemplo, é o maior produtor de calçados do Brasil, contando com tantas fábricas quantos são os dias do ano, exatamente 365. E o pequeno município de Campo Bom, a menor área do estado, com apenas 62 quilômetros quadrados, é também um rico fabricante de calçados. Comparando a área territorial do Rio Grande do Sul — 268.773 quilômetros quadrados — à sua população de 6.440.440 habitantes, pode-se bem parodiar Churchill: "Nunca tão poucos construíram tanto em tão pequeno pedaço de terra."

tas, segunda cidade do Rio Grande do Sul. Figura entre os 10 municípios brasileiros de maior arrecadação tributária. Grande produtora de arroz, é também mosa por seus pêssegos e doces. Possui importante pôrto fluvial e moderna rodovia que a liga ao centro do estado. Pelotas possui 211.450 habitantes.

Santa Maria (à esquerda) tem uma universidade modernissima, com aulas em circuito fechado de tevê. Em cima: Santana do Livramento, gêmea e vizinha da uruguaia Rivera.

A moderna Caxias do Sul, fundada por imigrantes italianos, tem hoje 118.220 habitantes. Grande produtora de vinho e, ùltimamente, se desenvolve com muitas indústrias.

O *canyon* do Taimbèzinho e

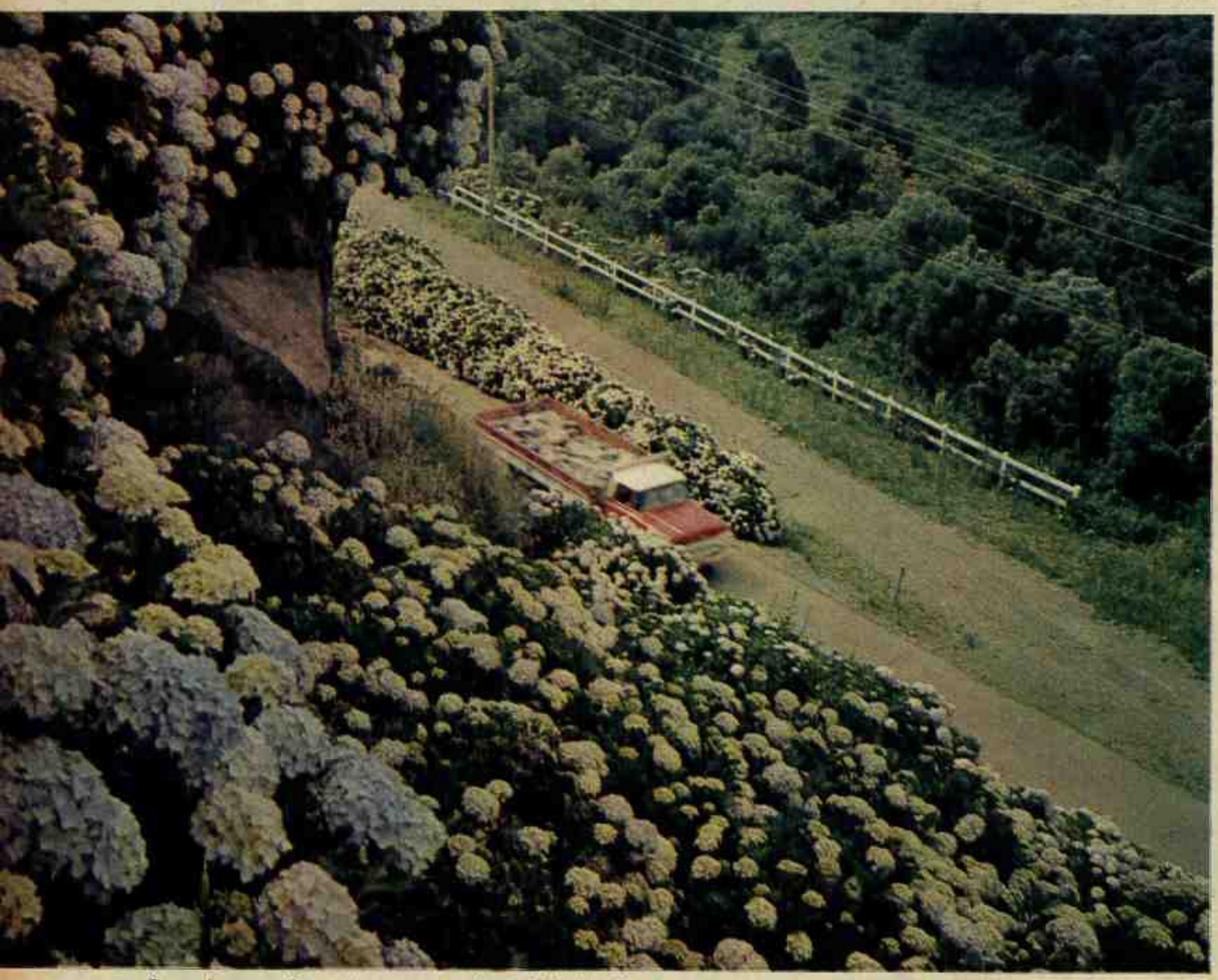
a cascata do Caracol mostram que o Rio Grande turístico é feito de belas surprêsas

É na serra do Mar que o Rio Grande apresenta uma de suas singulares atrações geográficas e turísticas: o **canyon** do Taimbèzinho, único da América do Sul e que lembra as maravilhosas Gorges du Verdon, da França. Esta vasta fenda aberta na rocha esmaga o turista sob uma grande e inesquecível emoção. Ao Taimbèzinho se chega por uma excelente estrada parcialmente asfaltada. Os visitantes dos mais belos recantos do Rio Grande do Sul têm, ainda, em seu roteiro de viagem, a ventura de contemplar a estupenda cascata do Caracol, situada nas proximidades de Gramado e Canela. É por isso que os gaúchos podem dizer, com acentuado orgulho: "O Rio Grande não é apenas uma sucessão de pampas, bonitos mas talvez monótonos, e sim uma extraordinária festa para os olhos."

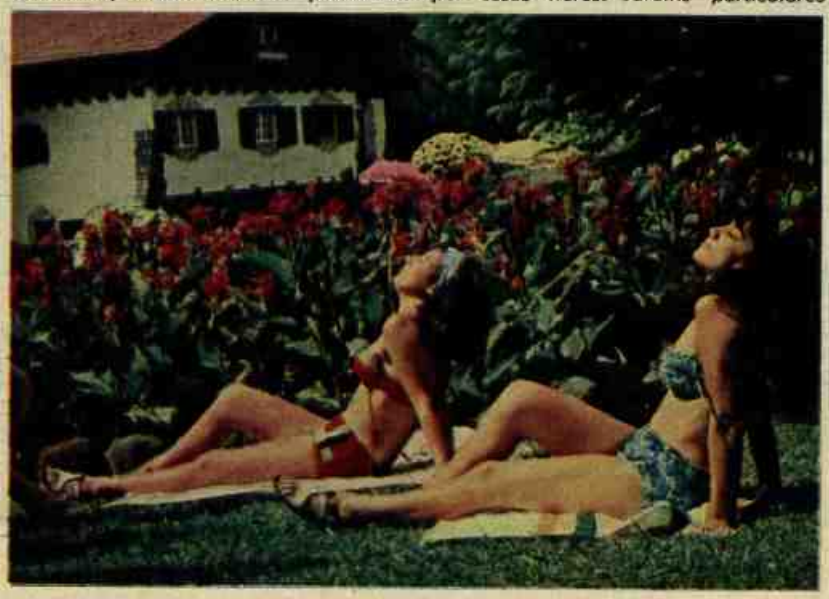
O canyon do Taimbèzinho (à esquerda), único no mundo por suas características, está entre as jóias do turismo brasileiro. Em cima: a singular cascata do Caracol. O Serviço Estadual de Turismo (Setur), sediado em Pôrto Alegre, é o responsável pelo planejamento da indústria do turismo.

Em Gramado, os namorados descobrem entre as hortênsias que chegou o tempo de amar

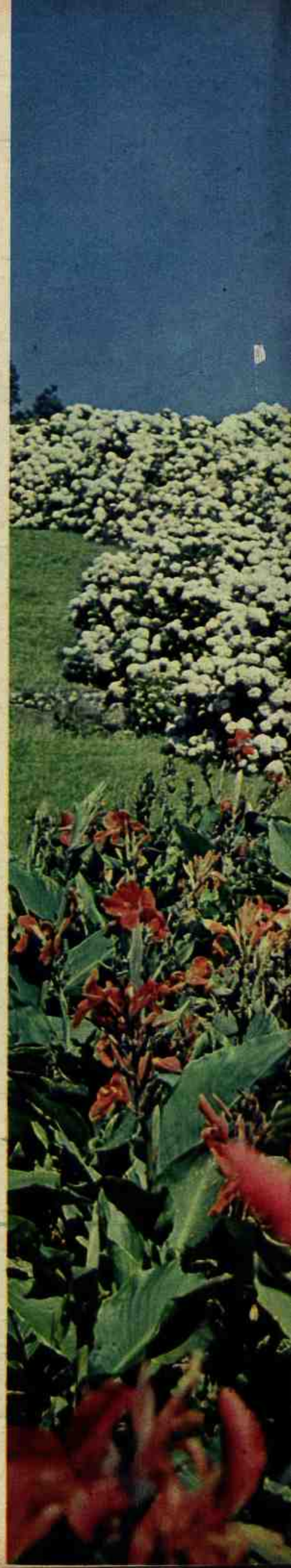
Banhos de sol e passeios de barco no lago Negro, emoldurado pelas exuberantes hortênsias, fazem parte do calendário turístico de todo gaúcho de bom-gôsto.



Para chegar a Gramado, cognominada Cidade das Hortênsias, o viajante atravessa uma das mais líricas estradas brasileiras, ornamentada e perfumada por essas flôres. Jardins particulares (embaixo) são também magníficos.



É primavera ao pé da serra do Mar. Em meio à infinidade de jardins de que justamente se orgulham os gaúchos, donos de um território extraordinàriamente fértil, surgem as hortênsias azuis, amarelas, brancas, rosas. São multidões dessas flôres, que enfeitam as cidades vizinhas de Gramado e Canela. Os turistas chegam de outros pontos do estado e dos países fronteiriços. É que, em Gramado e Canela, vai começar a tradicional Festa das Hortênsias, uma das mais belas e mais poéticas do Brasil.



Em cima, aspecto da Fazenda Santa Onofre, no município de Uruguaiana. O rebanho bovino gaúcho não é apenas um dos maiores do país, mas também o melhor

Nas fronteiras com o Uruguai e a Argentina, o casario da fazenda é oásis no pampa

Apesar das suas numerosas pequenas indústrias, o Rio Grande do Sul continua sendo um estado essencialmente agropastoril. Seu rebanho de bovinos (das melhores raças européias) chega a 11 milhões de cabeças (13% do total nacional) e o de ovinos (doze milhões) o coloca entre os maiores produtores de lã do continente. Grande parte do gado e da carne gaúchos é exportada para a Europa.

Na fazenda se vai da vacinação e da inseminação do gado até a doma de potros.

pela qualidade. Os criadores gaúchos importam reprodutores da Europa e da Ásia. Êste ano, o estado exportou, pela primeira vez, gado em pé para a Itália.

O churrasco na brasa, ao ar livre, e a roda noturna do chimarrão, dentro do galpão — isto é o Rio Grande do Sul, pastoril, típico e lendário.

Um arrozal irrigado na zona fluvial do Rio Grande do Sul. O arroz gaúcho é hoje considerado o de mais alta qualidade do país e dos melhores do mundo. Com 22% da renda agrícola, a orizicultura destaca-se na economia estadual.

Um clima privilegiado faz do solo gaúcho o mais dadivoso do país. E seus campos, cultivados mecânicamente, assemelham-se às paisagens da Normandia e do *mid-west* americano.

Colheita do arroz, no RS. O arroz é plantado no estado desde 1920, mas sòmente em 1940, com o IRGA (Instituto Rio-Grandense do Arroz), ganhou impulso.

Estende-se por 3.500.000 hectares a área cultivada do Rio Grande do Sul, em cujas terras fertilíssimas o rendimento médio é de 2,4 toneladas por hectare. Há muitos anos o solo gaúcho vem figurando como o maior produtor do país em arroz, trigo, soja, feijão, fumo, uva e cebola. É do Rio Grande do Sul que vêm 75% da produção do trigo de todo o Brasil; 64% da uva; 82% da soja; 17% do arroz e 34% do fumo. Repousada num sol considerado como o mais rico do país, a agricultura gaúcha se destaca pela grande diversidade dos produtos que ali cultiva.

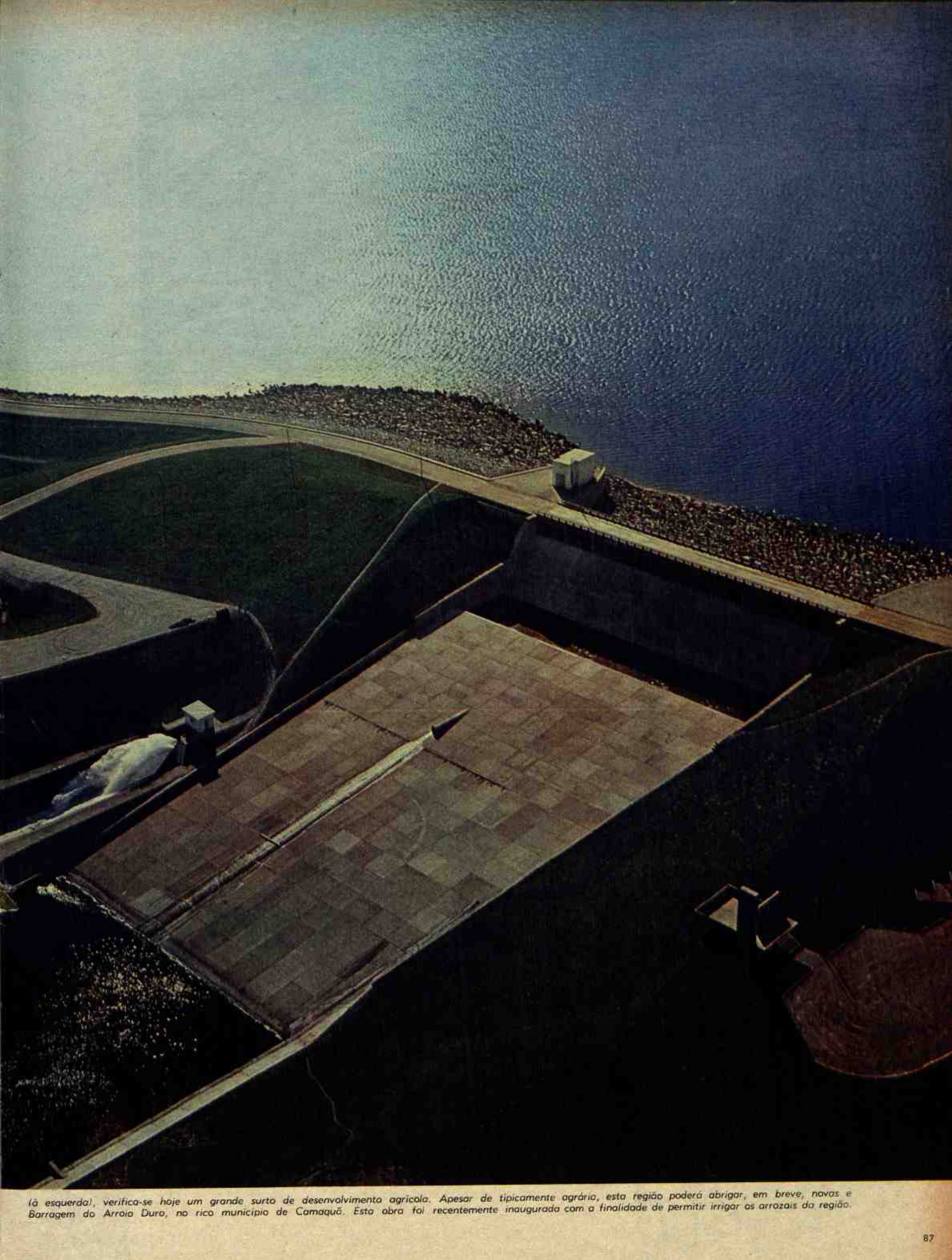
Um belo e extenso arrozal, na Zona Sul do estado, uma das regiões mais férteis do continente gaúcho. Em vez do latifúndio, centenas de pequenas propriedades dividem o chão gaúcho em quadriláteros de fertilidade e riqueza.

Há pouco, foram criadas no RS estações experimentais, postas a serviço da produção agrícola.

Um vasto e perfeito sistema de irrigação e a adoção de novas técnicas vêm dando à agricultura gaúcha crescente rendimento.

O Rio Grande do Sul dispõe de uma boa estrutura industrial e isto permite que a sua agricultura sempre esteja em dia com as técnicas mais modernas. Favorecida por um sistema energético cada vez mais poderoso, a produção agrícola amplia suas áreas e diversifica a linha dos seus produtos. Outro fator positivo, nas regiões agrárias do RS, é inexistência do latinfúndio improdutivo, substituído pelo rendoso trabalho de centenas de pequenas propriedades.

No vale banhado pelo rio Taquari importantes indústrias. À direita, a



(à esquerda), verifica-se hoje um grande surto de desenvolvimento agrícola. Apesar de tipicamente agrária, esta região poderá abrigar, em breve, novas e Barragem do Arroio Duro, no rico município de Camaquã. Esta obra foi recentemente inaugurada com a finalidade de permitir irrigar os arrozais da região.

Nos meses de fevereiro e março, as colheitas de uva ocupam durante todo o tempo as famílias dos colonos. Êles transformam o trabalho numa alegre festa, com música, canto e risos. Grande parte dos camponeses, na região Nordeste do Rio Grande do Sul, é descendente de italianos.

Com distribuição gratuita de vinho pelas ruas, Bento Gonçalves faz da sua riqueza um motivo de alegria.

A I Festa Nacional do Vinho, em Bento Gonçalves, levou ao Rio Grande do Sul turistas de todo o país, transformando-se num segundo carnaval. À direita, parreirais de uvas selecionadas que produzem vinho de alta qualidade. Grande parte já é exportada para os EUA.

e alegria acompanham o cultivo da uva, de cuja festa só os gaúchos sabem o segrêdo

A uva, no Rio Grande do Sul, é uma festa: nos vales e encostas se estendem os parreirais, num total de 56.919 hectares, de onde surge o melhor vinho do país, e, hoje, um dos mais famosos em todo o mundo. Na última safra, o estado produziu cêrca de 300 mil toneladas de uva — 64,3% da produção nacional — com um rendimento médio de quatro toneladas por hectare. A cidade de Bento Gonçalves é o grande centro vinícula gaúcho. Conta, atualmente, com 50 mil habitantes e largas avenidas que acompanham um terreno ondulado, a 675 metros de altitude. Êste ano, Bento Gonçalves comemorou a Primeira Festa Nacional do Vinho, juntamente com uma grande feira industrial onde foram expostas as melhores uvas da região. Houve distribuição farta de vinho pelas ruas da cidade.

DAQUI SAEM CRAQUES QUE EMOCIONAM O PAÍS

O PURO-SANGUE DO RIO GRANDE DO SUL CONQUISTOU UMA REPUTAÇÃO QUE ULTRAPASSA AS NOSSAS FRONTEIRAS. SUA CRIAÇÃO SE EXPANDE DE MANEIRA EXPRESSIVA. BASTA DIZER QUE EXISTEM, ATUALMENTE, MAIS DE MIL E CEM REPRODUTORAS DE puro-sangue na Seção Sul do Stud Book Brasileiro. Há mais de 170 garanhões, alguns de linhagens européias consagradas e o número de nascimentos de puros-sangues, ocorrido em 1966, ascendeu a cêrca de 550 potrilhos. Êsses belos exemplares vão abrilhantar, no futuro, os programas dos Jóqueis Clubes de todo o Brasil e principalmente os de São Paulo e Rio. Êsses números, porém, ainda significam pouco diante do potencial ecológico gaúcho. Há abundância de pastagens naturais e um clima bem temperado, semelhante ao da Argentina, celeiro de craques e grande exportador de cavalos, que constituem uma grande fonte de divisas para aquêle país. O que faltava à criação do puro-sangue rio-grandense era estímulo. Não chegava a ser um bom negócio e a êle só se dedicavam os apaixonados, mais por hobby do que por hipotéticas compensações financeiras.

Tanto o clima como as condições do solo do Rio Grande do Sul favorecem particularmente a criação de cavalos puros-sangues

Estensoro, o melhor parelheiro criado no Sul, é hoje reprodutor, no haras do Arado

O PURO-SA
DO SUL

NGUE

Presidente – o cigarro de hoje – é para homens influentes.

Homens que alcançam o que desejam. Homens de sucesso. Homens como V.

Neste anúncio, PRESIDENTE representa uma linha de cigarros de estirpe: os cigarros SINIMBU. Aliás, os "experts" afirmam que os cigarros SINIMBU contêm o que de mais nobre existe em matéria de fumos. Conclusão a que muitos fumantes brasileiros chegaram também. Explica-se. A SINIMBU se abastece na região em que se produzem os melhores fumos para cigarros do País, cujo principal centro produtor é Santa Cruz do Sul, a Capital do Fumo. Acrescente-se técnica avançada. E "know-how". E pessoal altamente especializado. E equipamento moderno. Resultado: uma linha de cigarros para satisfazer a todos os gostos (mesmo os mais exigentes, como o seu).

PRESIDENTE / ROCHESTER / COPACABANA / HUDSON

CIA. DE CIGARROS SINIMBU
Santa Cruz do Sul – RS.
INDÚSTRIA BRASILEIRA

SUPER EXTRA / MONTECARLO / MARROCOS / GRENAL

mercur

A iluminação do Hipódromo do Cristal, em Pôrto Alegre, é hoje considerada uma das mais perfeitas do Brasil. Representou um esfôrço da atual diretoria do Jóquei.

Fernando Schneider, atual presidente do Jóquei Clube do Rio Grande do Sul, tem sido um dos maiores impulsionadores da criação dos puros-sangues de corrida no Brasil

As corridas noturnas do Jóquei Clube do Rio Grande do Sul têm sido um êxito de público e de apostas.

Foi assim que Assis Brasil, Otávio do Amaral Peixoto e Flôres da Cunha abriram caminho para o **elevage** (palavra francesa que significa criação de cavalos), quase sempre com prejuízos financeiros, mas recompensados pelas alegrias que seus pupilos vez ou outra lhes proporcionavam nas pistas.

Mas êsse tempo passou. Hoje criar cavalos de corrida é antes de tudo um excelente negócio. O mercado está em permanente expansão e um potrilho bem criado vale, em média, dez mil cruzeiros novos em São Paulo ou no Rio. Mas as vantagens não cessam no ato da venda. Enquanto correr, o potrilho estará "defendendo" seu criador. A lei estabelece que 10% do prêmio obtido, mais 3% do total de pules apostadas num cavalo ganhador de qualquer corrida, são destinados ao seu criador, durante tôda a campanha do animal. Sabendo-se que uma prova comum para potrilhos em São Paulo oferece ao vencedor o valor de NCr$ 2.500,00 e que um cavalo ganhador vende pules à média de NCr$ 6.000,00, temos um resultado bastante compensador, sobretudo para o Rio Grande do Sul, onde o custo de criação de um potro está orçado em dois mil cruzeiros novos. Diante dêsse quadro, fàcilmente se compreende o extraordinário incremento que vem alcançando a criação gaúcha nos últimos anos, a ponto de já ocupar um lugar de destaque dentro da economia do estado. Para isso tem contribuído em muito o Jóquei Clube do Rio Grande do Sul, fazendo instalar no município de Pôrto Alegre um Pôsto de Monta estratègicamente situado ao centro de um raio de 30 km onde se acham instalados cêrca de 20 haras. Em 1966, cumprindo seu segundo ano de atividades, o Pôsto de Monta do Jóquei Clube do Rio Grande do Sul alcançou êxito invulgar. Seus reprodutores Buru (filho de Esquimalt), Boxeur (Pharis), Rob Roy (Formasterus), Gairy King (Vatellor), Cairel (Nyangal) e Acaso (Sayani) cobriram aproximadamente 100 éguas, com índice de prenhez considerado excepcional: 75%. Isso justifica o otimismo dos dirigentes, que esperam ver subir o número de nascimentos no solo gaúcho para 3 mil em 1970.

Planos ambiciosos estão em execução e ainda êste ano será importado um reprodutor da Europa ou Estados Unidos, já estando adiantadas as negociações.

Também neste ano o Pôsto de Monta passará a fornecer sementes selecionadas aos criadores gaúchos para pastagens artificiais, além de outros melhoramentos, como a ampliação da já excelente assistência veterinária.

Dos estabelecimentos particulares, o mais famoso é o Haras do Arado, situado no município de Pôrto Alegre e que pertence ao tradicional comandante da imprensa gaúcha, Sr. Breno Caldas. Seu surto de progresso começou com a aquisição do ganhador do Dérbi da Irlanda, Dark Warrior, firmou-se com o sucesso do semental francês Estoc e expandiu-se com o ingresso de Elpenor, o ganhador da Ascot Gold Cup da Inglaterra, uma das principais provas do mundo. Além dêste, o Haras do Arado conta com o notável corredor e reprodutor argentino Profundo e o gaúcho Estensoro, famoso filho de Estoc, considerado até hoje como o melhor corredor que já passou pelas pistas gaúchas. Outros reprodutores famosos são Macip, pertencente a Haras Itapuí, um famoso cavalo francês, descendente de Marsias e Corejada, cujos primeiros produtos começarão a correr no ano que vem; de propriedade do Gen. Serafim Dornelles Vargas, o francês Lor Antibes (filho de Vatellor) foi grande corredor na França e no Brasil e como reprodutor tem produzido excelentes ganhadores; o inglês Royal Forest, pai da notável Dulce, está hoje no Rio Grande do Sul, servindo ao estabelecimento dos irmãos Réverbel, em São Gabriel, e constitui outra esperança da criação gaúcha, apesar de sua avançada idade. Além dêstes, outros nomes importantes enriquecem as linhagens dos corredores rio-grandenses.

Mas para o Dr. Joaquim Araújo, diretor da seção sul do Stud Book Brasileiro (órgão que fiscaliza a criação de cavalos no estado) o que falta melhorar é o nível das éguas-mães, embora reconheça que tem sido grande o progresso neste sentido nos últimos anos. A direção do Jóquei Clube parece ter o mesmo pensamento, pois desde 65 vem realizando compras de bons ventres para a venda financiada aos criadores e está em suas metas ampliar cada vez mais êsse tipo de atividade, contando para isso com o apoio valioso do Jóquei Clube de São Paulo, da CCCCN e da Associação Brasileira de Criadores.

Outro ponto a ser atacado ainda êste ano pelo Jóquei Clube do Rio Grande do Sul

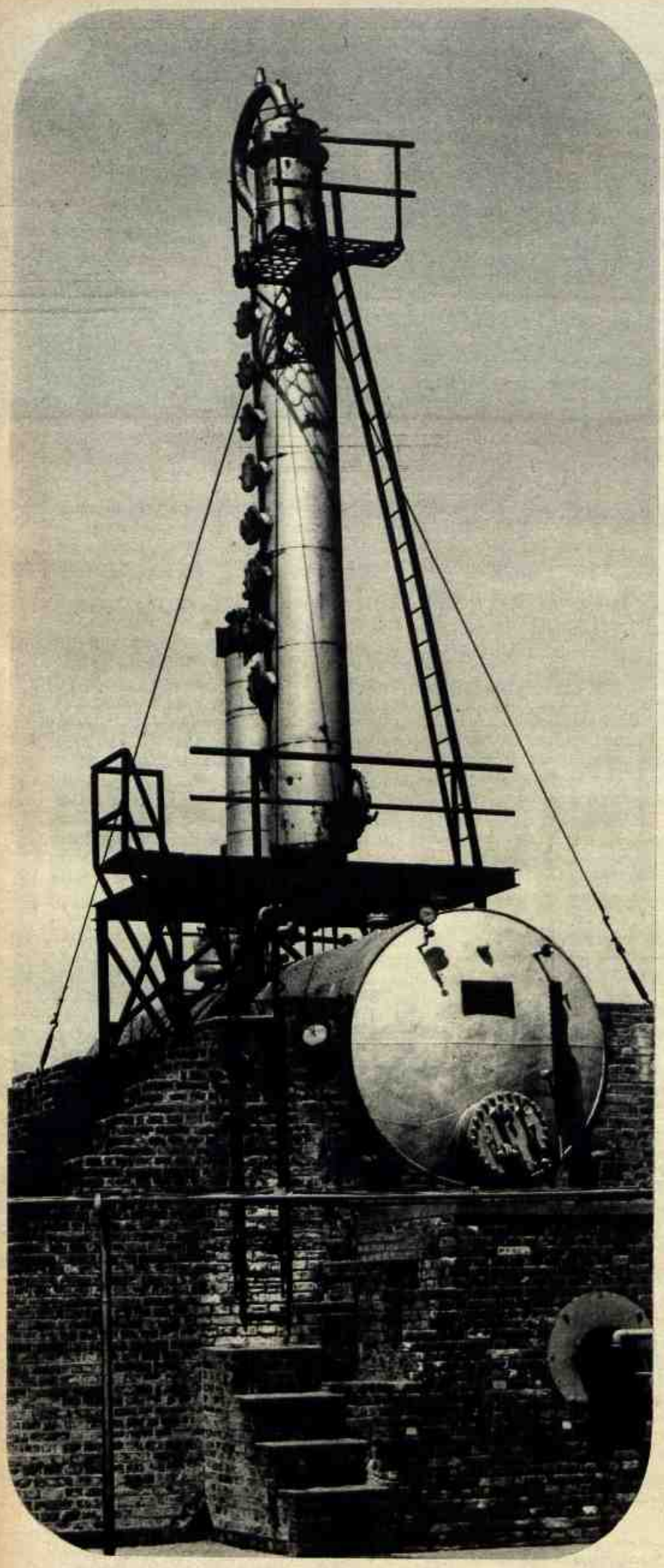
O nome de Hipódromo do Cristal é decorrência da estrutura do edifício, de linhas modernissimas.

No GP Bento Gonçalves 1966: Marechal Costa e Silva, Gov. Peracchi Barcelos e Fernando Schneider.

(atualmente a mais pujante entidade esportiva do estado) é a construção de sua sede sócio-esportiva, para competir em todos os esportes amadoristas.

Enfim, o turfe gaúcho se expande em tôdas as frentes, em iniciativas arrojadas, cujos altos custos parecem não atemorizar o Jóquei Clube do Rio Grande do Sul, em cuja direção se encontra o Sr. Fernando Jorge Schneider, um jovem professor, que responde pela cátedra de Finanças da Faculdade de Direito da UFRGS, o qual vem imprimindo administração marcante à entidade, dando ao Hipódromo do Cristal, entre outras obras, a maior e mais bem iluminada pista de corridas noturnas da América do Sul, com 1.938 metros de extensão e 888 refletores, de 1.500 watts cada um.

O cavalo faz parte dos costumes gaúchos e por isso o turfe encontra no estado sulino meio favorável. Além do Cristal, funcionam mais nove hipódromos circulares no interior, sem contar as canchas retas que fazem parte da paisagem gaúcha, em todos os quadrantes.



Rio Grande, 1937: primeira tôrre de refino da Ipiranga, marco pioneiro da indústria petrolífera nacional.

Ipiranga, 30 Anos gerando progresso: hoje a mais pujante organização gaúcha e uma das dez maiores em todo Brasil.

Emprêsa genuinamente brasileira, a Ipiranga engloba atualmente uma série de empreendimentos: Refinaria de Petróleo Ipiranga S. A., com sede na cidade de Rio Grande, primeira refinaria a funcionar no Brasil; Distribuidora de Produtos de Petróleo Ipiranga S. A., com mais de 350 postos de serviço no Rio Grande do Sul e Santa Catarina; Companhia Brasileira de Petróleo Ipiranga S. A., com mais de 600 postos espalhados por todo o território nacional; Icisa S. A. Indústria e Comércio, produtora de Adubos granulados, ácido sulfúrico, tambores, implantadoras de pastagens e outros; Hotéis Charrua S. A., com casas de primeira categoria nas cidades de Rio Grande, Bagé, São Borja e Santa Cruz do Sul; Indústria Riograndense de Pescado S. A., pesca e industrialização do peixe.

IPIRANGA

confiança no Rio Grande
certeza no futuro do Brasil!

BERGS

O BANCO DO PR

O Banco do Estado do Rio Grande do Sul estende sua rêde por tôda a terra gaúcha e pelos principais estados da Federação. É um decisivo fator de progresso e de atividade distributiva, reinvertendo seus depósitos para criar novas riquezas

OGRESSO GAÚCHO

EM apenas 38 anos de existência, o Banco do Estado do Rio Grande do Sul se transformou na maior rêde bancária gaúcha. É um progresso que se traduz em bilhões de cruzeiros, racionalmente distribuídos à lavoura, à pecuária, à indústria e ao comércio. Para se ter uma idéia dêsse desenvolvimento, basta dizer que, sòmente no ano passado, o volume de aplicações do BERGS ultrapassou a casa dos 274 bilhões de cruzeiros antigos, parte dos quais foi empregada no financiamento das atividades de 24 mil pequenos produtores rurais.

POSSUI êsse banco — já considerado como o estabelecimento de crédito brasileiro que mais cresce — uma rêde de 146 sedes próprias, das quais 132 estão situadas em cidades gaúchas e as restantes nos Etados de Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Guanabara, Estado do Rio, Minas Gerais, Bahia e Brasília. Além disso, dispõe de 270 bancos correspondentes no mundo inteiro, interligando, dessa maneira, a atividade bancária nacional com a dos grandes países da América e da Europa.

NO Rio Grande do Sul, o BERGS é o estabelecimento bancário que desfruta de maior prestígio junto às classes produtoras, em face do seu racional sistema de operar, criando facilidades para os que o procuram e, assim, impulsionando o desenvolvimento gaúcho. O número de seus depositantes se eleva a mais de 500 mil e êsses depósitos, somados, já ultrapassaram a quantia de 100 milhões de cruzeiros novos. Por outro lado, o capital e as reservas do estabelecimento já atingem a impressionante cifra de 12 bilhões e setecentos milhões de cruzeiros antigos.

A sede do Banco do Estado do Rio Grande do Sul é um imponente edifício, construído em pleno centro comercial de Pôrto Alegre, com 22 andares, todo refrigerado, dispondo de quatorze elevadores, duas escadas rolantes, esteira para transporte de documentos, central-telefônica própria e duas amplas caixas-fortes no subsolo. Com o objetivo de atender à sua clientela com a maior presteza e eficiência, o BERGS, além de já estar instalando um sistema de telex para facilitar as comunicações da sede com as agências, renova constantemente seu equipamento mecanizado, através de freqüentes aquisições de máquinas modernas.

O desenvolvimento do BERGS é devido ao espírito empreendedor da arrojada equipe de banqueiros, que forma a sua diretoria: Gustavo Langsch, presidente; Bernardino Conte, vice-presidente; Juraci de Sousa Cardoso, superintendente; Amaro Barcelos Feio, Auto Paiva Guimarães, Artur Bachini e José Záchia. Contando com 3.450 funcionários, êsse banco dispõe de duas colônias de férias para os seus servidores — uma, em Rainha do Mar; e outra, no bairro da Tristeza, em Pôrto Alegre —, e recentemente instituiu a Fundação Banrisul, que propicia aos seus funcionários, além de outras vantagens, aposentadoria com vencimentos integrais e sempre atualizados.

Saguão do Banco do Estado do Rio Grande do Sul. Os clientes são atendidos nesse ambiente requintado, dotado de perfeito refrigeração e que oferece o maior confôrto.

Em cima: computador eletrônico facilita o processamento dos cheques; emb.: guichês para atendimento do público. O equipamento mecanizado acelera as operações.

CARLOS REVERBEL escreve

RGS O DRAMA UMA CONQ

Otelo Rosa, mestre da nossa historiografia, caracteriza a formação territorial do Rio Grande do Sul e sua integração na unidade luso-brasileira como o desfecho de "um drama de fronteira". Os limites haviam sido estabelecidos no papel, de forma convencional e imprecisa, através de bulas, tratados, convenções e acôrdos, na contradança diplomática em que Portugal e Espanha procuravam acomodar seus domínios. Existe, porém, acentuada diferença entre limite, um fato jurídico, e fronteira, um fato político O Rio Grande, na sua formação territorial, é exemplo vivo desta distinção. No final de contas, os nossos limites, traçados no papel, tiveram de ceder lugar às nossas fronteiras, estabelecidas pelos pioneiros, com o respaldo das armas luso-brasileiras.

Quando a coroa lusitana cuidou de tomar posse efetiva da terra rio-grandense, o Centro, o Nordeste e parte do Norte do Brasil já somavam mais de 200 anos de povoamento e civilização. Somos, assim, contados nossos dias em tempo histórico, a unidade mais jovem da Federação. Nosso primeiro sinal de vida administrativa, o início da nossa organização política, teve lugar em 1737, quando foi fundado o Presídio do Rio Grande, no local em que se encontra hoje a cidade e o pôrto do mesmo nome. Presídio na linguagem oficial da época não tinha a acepção que se tornaria corrente. Significava estabelecimento militar, fortificação, praça d'armas. Éramos então uma Comandância, caso singular no sistema administrativo do Brasil-Colônia. E a partir dêsse momento histórico, a fundação do Presídio do Rio Grande, pelo Brigadeiro José da Silva Paes, nosso destino ficou condicionado à sorte das armas, numa fronteira em movimento, sujeita a avanços e recuos, até sua configuração definitiva.

Êste foi o início da vida administrativa. Para chegar até aí, a metrópole já dispunha de dois pontos de referência e apoio: a colônia de Sacramento, fundada em 1680, e a vila de Laguna, fundada em 1684. Entre êsses dois pólos, um situado à margem do rio da Prata, em face mesmo de Buenos Aires, o outro estabelecido em território catarinense, demorava vasto espaço geográfico, verdadeira "terra de ninguém", a ser disputada, a ferro e fogo, pelas coroas de Portugal e Espanha, e dentro da qual se desenrolaria o "drama de "fronteira" de que surgiria o Rio Grande de São Pedro para o mundo luso-brasileiro. Antes mesmo do período compreendido entre a fundação da colônia de Sacramento e a do Presídio do Rio Grande, esta extremadura, também denominada Continente do Rio Grande, embora "indistinta como expressão política e geográfica", no dizer do ensaísta Moisés Vellinho, já se havia transformado num imenso depósito de gado chimarrão, isto é, selvagem ou alçado.

A INTRODUÇÃO DO GADO

Não existe qualquer dúvida a respeito da origem remota do gado que povoou as pastagens naturais do Rio Grande. É européia ou, mais precisamente, ibérica. Dúvidas existem, isto sim, sôbre o modo como êsse gado aqui teria entrado. Adotamos a versão de Aurélio Pôrto, aliás em boas companhias, uma delas a do historiador Florêncio de Abreu. O gado foi transportado da Península, para o Brasil, por volta de 1550, dando entrada na Colônia por três pontos de irradiação: Bahia, São Vicente e Pernambuco. Ao Rio Grande tocaria receber gado vicentista, de todos os núcleos iniciais de criação bovina em terras brasileiras, aquêle em que os animais melhor se aclimataram. Gabriel Soares de Sousa, no seu **Tratado Descritivo do Brasil,** obra datada de 1587, dá uma idéia muito expressiva, embora hoje se nos afigure, talvez, apenas pitoresca, da extraordinária adaptação e proliferação do gado ibérico, no novo habitat vicentista, quando informa, ao jeito estilístico da época: "... as novilhas como são de ano esperam o touro, e aos dois anos vêm paridas, pelo que acontece muitas vêzes mamar o bezerro na novilha e a novilha na vaca juntamente."

Esta a origem, segundo boas fontes, do gado que veio ter ao Rio Grande, de modo a constituir a riqueza potencial e formar a base econômica que condicionaria o nosso estilo de vida, dando lugar ao surgimento do tipo característico destas plagas — o gaúcho. Entretanto, o gado vicentista não foi conduzido diretamente para as savanas de São Pedro. De São Vicente veio para Assunção do Paraguai, pelas alturas de 1555, de onde levaria quase um século para chegar ao Rio Grande, introduzido pelos jesuítas das Missões Orientais do Uruguai, entre os anos de 1630 e 1635. Se o gado originário da península Ibérica, quando transplantado para São Vicente, adaptou-se e proliferou na forma assinalada pelo autor do **Tratado Descritivo do Brasil,** aqui, na antiga Terra do Tape, primitiva denominação dada ao nosso território pelos mais remotos exploradores, a sua aclimatação e multiplicação, temperadas por quase cem anos de sobrevivência no meio americano, foram mais extraordinárias, mesmo porque êsse gado, já então vicentista-paraguaio, ou jesuítico, digamos assim, iria encontrar, nos pagos rio-grandenses, melhores condições ambientais, na qualidade do solo, na exuberância das pastagens nativas, no sistema climatológico e na própria topografia da região.

Não se pense, entretanto, que a feição dos campos naturais do Rio Grande, naquela época, seria capaz de lembrar, pelo seu revestimento florístico, remotamente sequer, as paisagens atuais, seja na região pròpriamente pampiana, seja nas várzeas, coxilhas, planaltos e serras. Como esclarece Florêncio de Abreu, "todo êsse gado, em tanta quantidade, propagando-se pelos campos do Rio Grande do Sul, modificou-lhes sensivelmente o aspecto físico". As pastagens eram então altas, cobrindo em alguns pontos um homem em pé. O diário de Pero Lopes de Sousa, descrevendo, ao penetrar êle, em 1531, pelo rio Paraná, os campos adjacentes, aliás semelhantes aos do Uruguai e Rio Grande, assim se exprime: "Esta terra dos Carandins he alta ao longo do rio; e no serton he toda chãa, coberta de feno, que cobre hum homem."

FUNÇÃO SOCIAL DO CAVALO

A frota de Pedro e Diogo de Mendonza, ao desembarcar no rio da Prata, em 1536, daí resultando a fundação de Buenos Aires, trazia cêrca de 100 cavalos. Um outro navegante espanhol, Nuñez Cabeza de Vaca, quando aportou na costa de Santa Catarina, rumando por terra para o Paraguai, em 1541, trazia animais cavalares. Os portuguêses por sua vez, desembarcaram cavalos, em São Vicente, por volta de 1540. Também se deve aos jesuítas das Missões Orientais do Uruguai a introdução do cavalo no Rio Grande, o que poderia ter ocorrido concomitantemente com a entrada do gado bovino, não se sabendo, entretanto, com precisão, a origem próxima dos primeiros eqüinos aqui aportados, se do Prata, do Paraguai, ou, ainda, do Peru. Remotamente, não há dúvida: como o gado bovino, o cavalar era também de origem ibérica: o tema é igualmente controvertido. Nada disso, entretanto, se reveste de maior significação. O que verdadeiramente interessa, no caso, não são minudências históricas, mas a circunstância de que, ao ser fundado o Presídio do Rio Grande, esta área já era possuidora de imensa riqueza, representada pelos rebanhos bovinos, eqüinos e muares. Evadindo-se das invernadas missioneiras, onde eram mantidos e explorados de forma até certo ponto racionalizada, passavam a viver em estado selvagem, sendo surpreendidos pelos preadores ou caçadores de gado, ao jeito das primitivas arreadas.

O cavalo tornou-se vital para os povoadores do Rio Grande.

O cavalo foi fator decisivo para a sobrevivência dos povoadores do Rio Grande e para sua adaptação ao novo meio. O fundador do Presídio, Brigadeiro Silva Paes, logo percebeu a situação, como se depreende de sua correspondência. Dizia êle: "Eu procuro que todos saibam andar a cavalo", pois "o ponto é criar gente de cavalo que saiba fazer o serviço como se costuma cá". Tanto na guerra, como no trabalho e ainda no transporte e na recreação (carreiras de cancha, reta, cultivadas até hoje), o cavalo era indispensável, tendo condicionado a sociedade que se formava e dado origem a uma cultura e seu tipo representativo — o gaúcho. Mais tarde, um governador e chefe d'armas, D. Diogo de Sousa, introduziria profundas modificações na formação de sua tropa, em função das relações entre o homem do pampa e o cavalo, pois verificou que os soldados de infantaria freqüentemente desertavam, permanecendo com bravura e estoicismo nas fileiras, quando se lhes dava um cavalo para montar.

Os estancieiros antigos, mesmo os muito ricos, tinham quase sempre um viver agreste, morando em casas que primavam pela falta de confôrto e não apresentavam qualquer adôrno. Esta rusticidade, entretanto, desapareceria por completo, cedendo lugar a verdadeira ostentação, quando se tratava de artigos de montaria ou de uso do cavaleiro — as esporas de prata, os cabos de rebenque lavrados até a ouro, as guaiacas recamadas de enfeite, as facas finamente ajaezadas, os palas de pura séda, os ponchos de vicunha franjada. O Conde d'Eu, no diário de sua viagem ao Rio Grande, teve ocasião de anotar, minuciosamente: "Sem falar nos estribos e nas enormes esporas que são sempre de prata, os dois arcões da sela, que chamam lombilhos, são muitas vêzes guarnecidos de prata; semelhante-

DE UISTA

Quando os primeiros europeus chegaram ao pampa, o feno tinha a altura de um homem.

mente, o rabicho, o peitoral e tôdas as partes da cabeçada são ornados de placas de prata artisticamente lavradas de mil maneiras; e se as rédeas não são tôdas feitas de correntes de prata, têm enfiadas em todo o seu comprimento cilindros e bolas dêsse metal. O mesmo sucede com o loro do estribo."

Assim, o homem que vinha estabelecer-se no Rio Grande teria o seu papel histórico condicionado a dois fatôres precípuos, um econômico, a exploração pastoril, naturalmente a cavalo; outro político, a ocupação de uma área litigiosa, uma fronteira aberta e em movimento, em cujas refregas o cavalo também foi elemento decisivo. Formou-se, então, nesta extremadura da América portuguêsa uma sociedade de pastôres e soldados, que teve de defrontar-se e medir fôrças com uma outra, a da banda de lá, também aglutinada sob o influxo do pastoreio e da guerra, mas com diferentes conotações políticas, ficando assim colocadas, uma diante da outra, em posição antagônica e de beligerância, entrechocando-se e repelindo-se por quase dois séculos.

Esta situação, esboçada quando o Rio Grande dava entrada na história do Brasil-Colônia, é muito significativa, podendo ser apresentada como o primeiro argumento contra aquêles que nos iriam acoimar de um suposto castelhanismo. É como diz Moisés Vellinho, num livro fundamental para quem quiser conhecer o Rio Grande, a **Capitania d'el Rei**: "Pontos de parecença entre os tipos sociais do gaúcho rio-grandense e do gaúcho platino existem, sem dúvida, mas se restringem às peculiaridades decorrentes do mesmo sistema básico de atividades — o pastoreio —, desenvolvido num cenário físico semelhante, e parcialmente fundado, em ambos os lados, na experiência e nas práticas do campeador nativo. Fora disso, porém, fora dêsses fatôres circunstanciais, suscitadores de ações e reações equivalentes, tudo o mais são traços que caracterizam tipos autônomos ativamente extremados um do outro, e chamados a desempenhar um drama de fronteira no qual haviam de atuar como inimigos."

A TERRA DOS MUITOS

Se deixarmos de lado o elemento indígena, cuja influência na formação étnica dos rio-grandenses não teve maior importância, em razão da expulsão dos populosos núcleos missioneiros para além do rio Uruguai, o povoamento do nosso território, que sofrera anteriormente incursões bandeirantes de natureza predatória, foi iniciado pelos retirantes da colônia de Sacramento, por antigos moradores de Laguna (em geral paulistas e seus descendentes), por soldados da tropa de Silva Paes (notadamente cariocas, mineiros e baianos) e por casais açorianos. Talvez nenhuma outra região do país tenha reunido tantos brasileiros de origem diferente na fase inicial de sua formação, trazidos, via de regra, pelo recrutamento militar, para aqui permanecerem, integrando-se nas lides da pastorícia, entre os primeiros estancieiros. Negros já havia desde o desembarque de Silva Paes, porém em número reduzido, tendo êste contingente étnico aumentado só mais tarde, com o trabalho das charqueadas.

Como era grande a falta de mulheres, Silva Paes solicitara (sendo, naturalmente, atendido) das autoridades, no Rio de Janeiro, a remessa de **massuelas,** ou seja, nas suas expressões, "mulheres desimpedidas que aqui podem casar e lá eram nocivas", atribuindo-lhes o importante trabalho de "servirem de raízes que prendam a gente môça que aqui existe". Assim, estas **massuelas**, ao serem levadas para o Sul, eram embaladas na esperança de "buscar estado", pois no Rio "o tinham de desenvoltas".

André Ribeiro Coutinho, que substituiu Silva Paes (nomeado governador de Santa Catarina, ainda em 1737), descreveu de modo extremamente pitoresco o habitat dos primeiros povoadores do Continente do Rio Grande, denominando-o "a terra dos muitos", numa espécie de exercício literário, em que dizia: "Aqui há muita carne, muito peixe, muito pato, muita marreca, muito maçarico-real, muita perdiz, muito jacum, muito laticínio, muito ananás, muita courama, muita madeira, muito barro, muito bálsamo, muita serra, muito lago e muito pântano; no verão, muita calma, muita mósca, muita motuca, muito mosquito, muita polilha, muita pulga; no inverno, muita chuva, muito vento, muito frio, muito trovão, e com todo tempo muito trabalho, muita faxina, muito excelente ar, muito boa água, muita esperança, muita saúde..."

PRIMEIRAS ESTANCIAS

Segundo a distinção estabelecida por Oliveira Viana, tivemos três tipos de bandeirismo, a saber: "O bandeirismo predatório, que capta pela fôrça ou pela insídia o índio nas suas malocas: o bandeirismo minerador, que desvenda os sertões bravios e explora as minas de ouro e diamantes, e o bandeirismo pastoril, eminentemente povoador e colonizador, que tem como objetivo dominante da marcha a descoberta e a conquista de campos de criar." A integração econômica, social e mesmo política do Rio Grande, no complexo luso-brasileiro, foi devida, na sua fase inicial, a êsse bandeirismo pastoril. Mesmo deixando-se de lado as primitivas incursões bandeirantes ao território rio-grandense (quase tôdas, entre as efetuadas no século XVII, de caráter evidentemente predatório, pois visavam a escravização do índio ou a devastação das reduções jesuísticas), não se pode deixar de apontar, como projeção do próprio pioneirismo bandeirante, a fixação dos lagunistas nestas plagas. Laguna, uma fundação bandeirante, foi que forneceu o primeiro contigente humano para o povoamento até certo ponto orgânico e a efetiva ocupação do Rio Grande, isto anteriormente à fundação do Presídio. Foi quando se estabeleceram, aqui, os primeiros currais, mais adiante transformados nas primeiras estâncias, núcleos em tôrno dos quais começou a aprofundar-se o nosso processo econômico-social. Os lagunistas vieram pelo litoral, ainda a principal rota bandeirante entre São Vicente e a colônia de Sacramento. Chefiava-os João de Magalhães, genro de Francisco de Brito Peixoto, antigo bandeirante e então capitão-mor de Laguna. Deitaram êles raízes profundas ao longo da faixa litorânea, entre São José do Norte (onde desembarcou João de Magalhães) e a barra do Rio Grande, até a lagoa dos Patos e o delta do Guaíba, para alcançarem, na mesma penetração, a serra Geral.

Estavam lançadas as bases patriarcais da família rio-grandense. Foi nesta área, o "quadrante litorâneo", como a ela se refere Manoel Duarte, que começou, sob a égide do vice-reinado do Brasil, a posse e colonização do Continente de São Pedro, em 1725, portanto doze anos antes da fundação do primeiro estabelecimento oficial — o Presídio do Rio Grande. Foi a época da concessão das primeiras sesmarias, ou seja, da instituição da propriedade territorial legalizada, nesta área geográfica, mas os primeiros títulos sòmente seriam entregues a partir de 1732, cinco anos antes da chegada de José da Silva Paes, para a fundação do Presídio.

Um dêsses sesmeiros, Inácio Francisco, que veio na frota de Magalhães (assim como Francisco Pinto Bandeira, que seria o pai do legendário Rafael Pinto Bandeira, o primeiro caudilho rio-grandense), estabeleceu-se no morro de Santana e construiu um pôrto no Guaíba, a que deu o nome de São Francisco, mais tarde conhecido pelo nome de Pôrto dos Casais e, finalmente, Pôrto Alegre. Um outro sesmeiro, vindo também na leva lagunista de João de Magalhães, chama-se Dionísio Rodrigues Mendes, tendo igualmente se estabelecido na região da atual cidade de Pôrto Alegre, na península que até hoje leva o seu nome — a ponta do Dionísio.

Havia, então, na vasta área urbana, que é hoje a metrópole rio-grandense, as rústicas sedes de duas estâncias vizinhas na geografia e no pioneirismo: as estâncias dos sesmeiros lagunistas Inácio Francisco e Dionísio Mendes, duas das primeiras estâncias que se fundaram no Rio Grande de São Pedro. Quando se fala em estância, acode-nos hoje a idéia de um estabelecimento senhorial, dotado de sólidas e amplas instalações para moradia e para os serviços. Nossas primeiras estâncias, entretanto, eram de uma rusticidade e um desconfôrto absolutos. Vamos resumir a descrição de uma delas:

"O povoador, tomando posse de sua sesmaria, instala a habitação — o rancho, ocupando um local elevado, em geral o alto de uma coxilha, de onde possa descortinar os seus domínios, vigiar o gado e prevenir as freqüentes incursões dos abigeatários. As paredes do rancho são de pau-a-pique, isto é, de paus fincados verticalmente na terra e em que se prendem varas horizontais, revestidas as junturas de barro batido; a coberta é feita de uma gramínea sêca e comprida, o capim santa-fé, excelente isolante, que guarda a frescura no interior durante os meses de canícula e protege o morador contra o rigoroso frio no inverno. Ao lado do rancho, uma espécie de antesala, a ramada. Nas proximidades, levantam-se cercados feitos de estacas e mangueiras ou currais feitos de moirões. As aberturas do rancho, portas e janelas são fechadas com couros. O homem constrói desta arte a sua casa com os materiais que encontra à mão."

É curioso observar que, em épocas em que ainda se vivia mais ou menos assim, rústica e primitivamente, aqui no Rio Grande, em outros pontos do Brasil, como na região dos canaviais, por exemplo, já ia avançada a civilização, com seus senhores de engenho recebendo o que havia de melhor na Europa e inclusive cuidando da educação superior dos filhos, de modo que daquela elite rural não tardaria a surgir uma elite intelectual. No Rio Grande, mesmo muito depois, no ano de 1820, não havia nenhuma escola pública de primeiras letras, existindo apenas uma de latim, quer dizer, de humanidades, em Pôrto Alegre.

UMA REFORMA AGRARIA NO SÉCULO XVIII

A vinda dos açorianos teve influência capital na formação do Rio Grande. Quando êles aportaram, trazendo um contingente populacional de certa densidade e, notadamente, constituído por elementos de primeira ordem, étnica, social e culturalmente, era o Conti-

Através de sua movimentada história e da grandiosa saga fronteiriça, o gaúcho viveu instantes dramáticos e heróicos

nente de São Pedro uma sociedade abarbarada, que se caracterizava, como vimos, pelas agrestes lides do pastoreio e pelas desabridas escaramuças de fronteira, tendo no boi a sua riqueza e no cavalo o seu instrumento de trabalho e guerra. Com os açorianos chegaram os nossos primeiros povoadores "de a pé", quer dizer, os nossos primeiros agricultores, com mentalidade secularmente lavoureira, sendo muitos dêles apenas pequenos hortelãos. Houve então, dadas as condições da época, uma verdadeira reforma agrária, que aliás se repetiria, passado quase um século, ou seja, em 1824, com a chegada dos primeiros imigrantes alemães.

Depois do contingente lagunista de João de Magalhães a corrente açoriana, cujos casais começaram a chegar a partir de 1742, foi a segunda iniciativa, por assim dizer orgânica, que se tomava para o povoamento e colonização do Rio Grande, já então dispondo de seu primeiro estabelecimento oficial, o Presídio. A maior dificuldade com que Portugal lutava, para assegurar-se do seu imenso império colonial, foi sempre a falta de massas demográficas, numa quantidade que lhe permitisse distribuí-las adequadamente pelas terras ou, melhor, pelos vastos mundos descobertos. Não havia na metrópole elemento humano para garantir a posse de suas colônias pelo povoamento intensivo. Criou-se, entretanto, no século XVIII, um problema de excesso populacional numa das áreas lusitanas: as ilhas do arquipélago dos Açôres. Esta situação foi providencial para o Rio Grande, pois a coroa portuguêsa, tendo de acomodar os excedentes demográficos açorianos, houve por bem destiná-los ao Continente de São Pedro. Pretendeu-se, inicialmente, mandar quatro mil casais açorianos; porém, dificuldades várias, surgidas na sua remoção, fizeram com que sòmente viessem pouco mais de mil. Espontâneamente, entretanto, vieram, no mesmo período, muitos outros açorianos para o Rio Grande, procedentes do Rio de Janeiro, da colônia de Sacramento e, principalmente, de Santa Catarina. Isto antes e depois da chegada, em 1752, dos chamados casais de número, isto é, os trazidos, mediante contrato, pelo armador Oldenberg.

Os nossos principais historiadores (Aurélio Pôrto, Otelo Rosa, Sousa Docca, Borges Fortes e outros) são unânimes em reconhecer que a contribuição dos Açôres, no povoamento inicial do Rio Grande, foi a maior de tôdas. De acôrdo com o planejamento desta colonização (a expressão é moderna no sentido tecnicista, mas houve, na realidade, um planejamento da colonização açoriana), tocaria a cada casal, com escritura passada, uma área de terra com a extensão de um quarto de légua em quadro. Em cada povoação, seriam distribuidos 60 casais, tendo sido baixadas instruções régias sôbre a organização urbanística destas povoações: localização da praça, largura das ruas, normas gerais para as construções, etc. Foi dêstes projetos rudimentares, através dos quais se introduzia o urbanismo no Rio Grande do Sul, que surgiriam as atuais cidades de Pôrto Alegre, Osório, Santo Antônio, Taquari, Rio Pardo, Gravataí, etc. Além das terras de cultura e dos terrenos para suas moradias, receberiam os colonos, açorianos, por casal ou cabeça de família, nos têrmos da respectiva carta régia, que era de 1747, duas enxadas, um machado, um facão, uma foice, duas tesouras, uma serra, uma lima, um martelo, uma espingarda, além de dois alqueires de sementes, duas vacas, uma égua e uma ajuda de custo em dinheiro. Nem tôdas essas promessas se realizaram, mas de qualquer modo os açorianos conseguiram estabelecer-se e prosperar nas terras rio-grandenses, inaugurando-se, sob o signo do que chamaríamos hoje de reforma agrária, um sistema econômico e um modo de vida completamente diferente daquele que até então se praticara, ou seja, o pastoreio.

Estabeleceu-se, assim, no continente agreste das sesmarias, o regime da pequena propriedade agrícola, surgindo uma variedade surpreendente de culturas, novas para a região, na sua maior parte: o feijão, a cana-de-açúcar, o arroz, o milho, o cânhamo, o centeio, a cevada, a vinha, a oliveira, o castanheiro, a horticultura e, acima de tôdas essas lavouras, dominava a do trigo, de que o Rio Grande se tornaria o maior fornecedor da Colônia, passando então a figurar, com o comércio dêsse cereal e o gado, no quadro econômico do Brasil. Já era alguma integração econômica, como conseqüência de nossa integração territorial. Entretanto, ainda não existiam, no Continente de São Pedro, condições para que os dois sistemas (o da pequena propriedade agrícola e o da grande propriedade pastoril) pudessem coexistir. Isto sòmente se verificaria muito mais tarde, com a imigração alemã (1824) e a imigração italiana (1875).

Dentro de 50 anos, a colonização açoriana, já então pelos descendentes dos pioneiros, mudou de direção, sendo afinal atraída e absorvida pelas lidas do pastoreio, no regime da grande propriedade fundiária. Transformaram-se, então, os descendentes dos açorianos, de modo geral, em grandes criadores de gado, que era o melhor negócio da época, nestas plagas gaúchas, dadas as suas condições naturais e outros fatôres de condicionamento sócio-econômico, naquela fase da nossa formação. Assim, os açorianos, pelos seus descendentes, terminaram sendo completamente absorvidos pelo meio ambiente, integrando-se também como pastôres e soldados, na sociedade rio-grandense de então, apesar de suas seculares raízes de povo afeito ao cultivo da terra, com as próprias mãos, em minúsculas e pacíficas aldeias ilhoas.

QUANDO A CARNE NÃO CUSTAVA DINHEIRO

De tôdas as proteínas de origem animal, a carne bovina foi sempre a mais valorizada, no mercado internacional. Veja-se, por exemplo, o episódio recente do Rio Grande vender gado em pé para a Itália, numa "tropeada" por mar, a bordo de um cargueiro grego, na mais inusitada das transações pecuárias, desde que nos conhecemos por gente. O gado, aqui vendido a 240 cruzeiros novos por cabeça, deve ter sido revendido, para intermediários, ao desembarcar em Gênova, por volta de mil, segundo cálculo de um **expert**. O consumidor rio-grandense, entretanto, ainda não aceitou esta tendência do mercado mundial de carne, não se conformando em pagar pelo boi o preço que êle vale. No fundo desta tenaz resistência talvez esteja uma memória ancestral, do tempo em que a carne bovina não custava dinheiro, no Continente de São Pedro.

Efetivamente, a exploração pecuária, na sua primeira fase, limitou-se ao aproveitamento do couro e do sebo dos gados preados e abatidos em campo aberto. A propósito, anotou um cronista antigo, Simão de Vasconcelos: "É notável por aqui a bondade da erva, os campos não têm fim, o número de gado são milhões e milhões: donde só pelos couros se mata, e se carregam muitos navios dêles, deixando a carne por inútil." Como se vê, a carne não tinha expressão econômica. Era utilizada apenas no consumo doméstico, em geral sob a forma de churrasco mal assado, quase sempre meio sapecado apenas, pois a lenha sempre foi escassa nas planícies pampianas, por vêzes utilizando-se, para "ajudar o fogo", estrume sêco de gado vacum.

Enquanto isso, os animais de montaria e tração, cavalares e muares, iam adquirindo valor comercial, na medida em que se tornavam mais viáveis e freqüentes as comunicações com os centros de mineração. Cristóvão Pereira de Abreu, sertanista e tropeiro cuja figura ressalta em tôdas as eventualidades oitocentistas em terras rio-grandenses, tendo prestado serviços na colônia de Sacramento, no Presídio do Rio Grande, na Comissão Demarcadora de Gomes Freire de Andrade e na abertura da "estrada do sertão", levou para São Paulo (entreposto que fornecia à zona de mineração), numa de suas primeiras tropeadas, cêrca de três mil cavalares e muares. Com o adensamento demográfico nas áreas mineiras, surgiria então, de modo mais agudo, a necessidade de abastecê-las de carne bovina. Recorreu-se ao criatório natural, que era o Rio Grande do Sul. O gado era transportado em pé, cabendo ao extraordinário Cristóvão Pereira de Abreu conduzir a primeira grande tropa, pela "estrada do sertão", de que fôra êle, por sinal, o principal fautor.

CAMINHOS DE INTEGRAÇÃO ECONÔMICA

É curioso observar, nesta altura, que os nossos antigos caminhos de integração econômica, os caminhos do século XVIII, se nos afiguram, ainda hoje, como que atualizados, mantendo-se quase os mesmos roteiros, com a BR-116 fazendo as vêzes da "estrada do sertão" e a BR-101 desempenhando o papel da "estrada do litoral". Acontece, porem, que a BR-101 ainda não está tôda pavimentada, não dando passagem em tempos de chuvarada, e a BR-116, quando ruiu a ponte do Passo do Socorro, sôbre o rio Pelotas, na divisa com Santa Catarina, deixou o Rio Grande cortado do resto do Brasil...

As bases para a integração territorial do Rio Grande foram se firmando na faixa costeira, ao longo do caminho litorâneo que ligava Laguna à colônia de Sacramento, de certa época em diante passando pelo Presídio de Silva Paes. Foi a primeira via de comunicação, por assim dizer regular, dadas as condições da época. Não tardaram a surgir, neste roteiro, cujos extremos, dentro do continente, eram Rio Grande e Viamão, as primeiras povoações: Santo Antônio da Patrulha, Conceição do Arroio (hoje Osório), São José do Norte, Estreito, Mostardas. Depois, a penetração tomou o caminho dos rios: Guaíba, Jacuí, Taquari, isto no período que vai de 1740 a 1779. Era a ocupação efetiva das terras do Continente de São Pedro, obra inteiramente luso-brasileira, que avançava e se arraigava na direção do Prata, com uma orientação eminentemente política.

Esta estrada do litoral, que se alongava numa estreita faixa de terra arenosa, entre o mar e uma série de lagoas, entre as quais a dos Patos e a Mirim, não oferecia condições favoráveis ao trânsito de tropas entre o Rio Grande e o centro do Brasil. Cuidou-se, então, de abrir uma outra, na direção de Curitiba e São Paulo, em demanda das feiras que abasteciam de gado vacum, cavalar e muar as zonas de mineração. Encarregou-se da emprêsa o bandeirante Francisco de Sousa Faria, que para isto recebeu a patente de "sargento-mor das vizinhanças de Rio Grande de São Pedro e seus sertões". A obra de Sousa Faria, iniciada em 1728, na altura do morro dos Conventos, perto de Araranguá, na costa catarinense, prosseguiu no rumo da Vacaria, ligando assim o nordeste do Rio Grande aos campos gerais do planalto curitibano e, finalmente, ao entreposto paulista, cujo principal centro era a feira de Sorocaba. Estava realizada a ligação da rota litorânea, que era natural, com o altiplano de Curitiba, atravessando a região sertaneja das araucárias. A nova estrada, ou picada, tiraria de Laguna o privilégio que vinha desfrutando, com exclusividade, na intermediação do comércio entre o Sul e o Centro do Brasil. Houve protestos dos lagunenses, mas as coisas terminaram se acomodando, graças sobretudo à interferência que exerceria, no episódio, credenciado pelas autoridades superiores, a principal figura da proto-história rio-grandense: Cristóvão Pereira de Abreu. Coube,

ainda, a êsse extraordinário desbravador, o maior sertanista e tropeiro daquela época, nesta região, retificar o traçado da estrada de Sousa Faria, encurtando distâncias, para o que teve inclusive de construir cêrca de trezentas pontes, balizas e pontilhões, de modo que o percurso feito anteriormente em mais de um ano passaria a ser vencido em cêrca de um mês.

Desta estrada, diria o historiador e sociólogo paulista Alfredo Ellis Junior: "Talvez a estrada do Rio Grande a São Paulo tenha sido a rota de maior importância na História do Brasil, pois sem ela não teria havido o ciclo do ouro, não teria havido o do café e nem a unidade nacional teria sido levada a cabo."

UM CEARENSE FUNDA A PRINCIPAL INDÚSTRIA GAÚCHA

Quando o cearense José Pinto Martins (um retirante da sêca de 1777) fundou a nossa primeira charqueada, à margem do arroio Pelotas, nas proximidades da então freguesia de São Francisco de Paula (hoje cidade de Pelotas), no ano de 1780, começou a declinar o ciclo das tropeadas. Em vez das longas e penosas caminhadas pelos campos e sertões adentro, o gado bovino, transformado em charque ou "carne-sêca", passaria a ser transportado por mar, já então destinado principalmente à escravaria do Centro e Nordeste do Brasil. O acontecimento, através do qual Pelotas antecipou-se no processo do desenvolvimento rio-grandense, mantendo-se, por longo tempo, como o nosso principal centro econômico, marcou o início do aproveitamento, em moldes industriais, da riqueza dos nossos campos. A industrialização, isto é, a charqueada, ampliou consideràvelmente o mercado do boi rio-grandense, integrando a região na economia colonial, de forma duradoura, o que não aconteceria com o trigo, cuja produção, num dado momento, desapareceria, em conseqüência da "ferrugem", uma praga.

Vejamos o que nos diz a respeito de um dêsses mercados o grande historiador do período colonial, Capistrano de Abreu: "Na Bahia, por 1803, cêrca de 40 navios, de 250 toneladas cada um, empregavam-se no comércio do charque do Rio Grande, que mal completavam a viagem dentro de dois anos. Levavam da Bahia aguardente, açúcar, louça, mercadorias européias, principalmente inglêsas e alemãs, que passavam por prata de contrabando em Montevidéu e Maldonado. Durante êste tempo as tripulações empregavam-se em carregar couro e carne-séca. Os navios chegados à Bahia vendiam o charque a retalho, a dois vinténs a libra. Dispondo da carga por êste modo, em vez de desembarcá-la detinham-se no pôrto cinco meses e até mais, de modo que, observa Lindley, no tempo consumido por uma só viagem podiam ser feitas três."

Era o charque, via de regra, alimentação de senzala, elaborada, a seu turno, por numerosa peonada escrava. Aliás, a indústria do charque foi responsável pela intensificação do tráfico negreiro para o Rio Grande. O trabalho das estâncias, pela sua natureza, mesmo quando os gados eram alçados, na sua maioria, e os campos abertos, na sua totalidade, não existindo cêrcas entre os domínios particulares de cada estancieiro — mesmo nesta primitiva fase da pecuária rio-grandense era muito reduzida a necessidade de braços nos estabelecimentos pastoris gaúchos. Félix de Azara, na sua **Memória Rural do Rio da Prata**, obra datada de 1801, esclarece que para uma estância de dez mil cabeças de gado bovino, com uma produção anual de três mil terneiros, bastava o serviço de um capataz e dez peões." Daí o pequeno número de escravos que havia no Rio Grande, antes das charqueadas. Quando elas surgiram, realizando um tipo de exploração que necessitava de numerosa peonada, não houve outra alternativa senão a importação de escravos, em massa, sobretudo dos mercados do Rio de Janeiro.

O charque que se preparava no estabelecimento do cearense José Pinto Martins era do tipo que se fazia no Nordeste, a chamada "carne-sêca". Sòmente depois de 60 anos, ou seja, por volta de 1840, foi introduzido no Rio Grande, pelos franceses Roux e Sarques, que também se estabeleceram com charqueada em Pelotas, a técnica platina de fazer o charque, a qual, adiantada na época, por incrível que pareça é ainda hoje usada no estado, o que corresponde a uma exploração do desperdício, sem qualquer justificativa em face do adiantamento da indústria da carne, nos nossos dias.

SAINT-HILAIRE E O NARCISISMO GAÚCHO

Encontram-se, no diário da viagem de Saint-Hilaire ao Rio Grande do Sul, motivos de sobra para exacerbação do narcisismo gaúcho, sabe lá por quantas gerações ainda. O sábio gaulês foi de uma simpatia a tôda prova, nas suas referências aos nossos homens e às nossas coisas, não raro estabelecendo paralelos pouco favoráveis às outras regiões brasileiras por êle anteriormente visitadas. Vejamos alguns exemplos, em rápida respiga pelas páginas do mestre, que se deu o trabalho de percorrer mais de 1.500 quilômetros em terras rio-grandenses, durante nove meses de peregrinação, nos anos de 1820/21, anotando tudo. Sôbre as mulheres: "...nesta região, onde as mulheres se escondem menos que as das capitanias do interior, elas têm vistas mais largas; são menos acanhadas, conversam um pouco mais, porém ainda estão a uma infinita distância da mulher européia." Sôbre a população, em geral: "Quando o viajante entra na Capitania do Rio Grande é logo surpreendido pela beleza de seus habitantes, pelo frescor de suas cútis coradas, pela vivacidade de seus movimentos e pelo desembaraço e liberdade que lhes é peculiar." Sôbre a vida social, em Pôrto Alegre: "Devo agora acrescentar que se não há aqui tanta vida social como nas cidades européias, não resta dúvida haver muito mais que nas outras cidades do Brasil, sendo freqüentes as reuniões nas residências para saraus musicais, tocando, algumas senhoras, com maestria, o bandolim e o piano, instrumento êste em geral desconhecido no interior, devido às dificuldades de seu transporte." Sôbre a hospitalidade: "Manifestei a meu hospedeiro o desejo de adquirir carne. Imediatamente saiu a procurar uma vaca nos campos e abateu-a, mandando meu soldado separar os pedaços que achasse melhores, sem olhar quais eram. Recusou-se a receber qualquer retribuição. Entretanto, asseguraram-me que êsse homem não é rico, o que aliás é patenteado por sua residência e seu trajar." Sôbre a uberdade do solo: "Se as terras desta região são muito favoráveis à criação do gado, não o são menos para a agricultura. O trigo, o milho e o feijão nelas prosperam bem. Em parte alguma comi melões mais deliciosos, os quais medram independentemente de cuidados especiais e são de belo aspecto. Pode-se cultivar a mesma terra durante seis anos a fio, sem necessidade de adubação." Quase sempre de óculos côr-de-rosa, lá pelas tantas Saint-Hilaire saiu-se com esta observação: "Tive já oportunidade de referir ao fato de serem vendidos aqui os negros imprestáveis aos habitantes do Rio de Janeiro; quando querem intimidar um negro, ameaçam-no de enviá-lo para o Rio Grande. Entretanto não há, creio, em todo o Brasil, lugar onde os escravos sejam mais felizes que nesta Capitania. Os senhores trabalham tanto quanto os escravos, mantêm-se próximos dêles e tratam-nos com menos desprêzo. O escravo come carne à vontade, não é mal vestido, não anda a pé e sua principal ocupação consiste em galopar pelos campos, coisa mais sadia que fatigante. Enfim, êles fazem sentir aos animais que os cercam uma superioridade consoladora de sua condição baixa elevando-se aos seus próprios olhos."

Saint-Hilaire aludia, evidentemente, aos escravos que trabalhavam nas estâncias. Porque, em relação aos que trabalhavam nas charqueadas, a coisa mudava por completo de figura. Fundamentalmente, porém, não havia duas maneiras de escravismo; o que variava, por vêzes, era o regime de trabalho do escravo, em funcão do tipo de produção em que era utilizado: mais brando nas estâncias; penosíssimo, nas charqueadas. De outra forma não se compreenderia que o mesmo senhor de escravos, sendo a um tempo estancieiro e charqueador, procedesse diferentemente no trato de seus servos, cabendo-lhes encarnar, simultâneamente, papéis antagônicos no drama da escravidão: humano e compassivo, na estância; violento e empedernido, na charqueada...

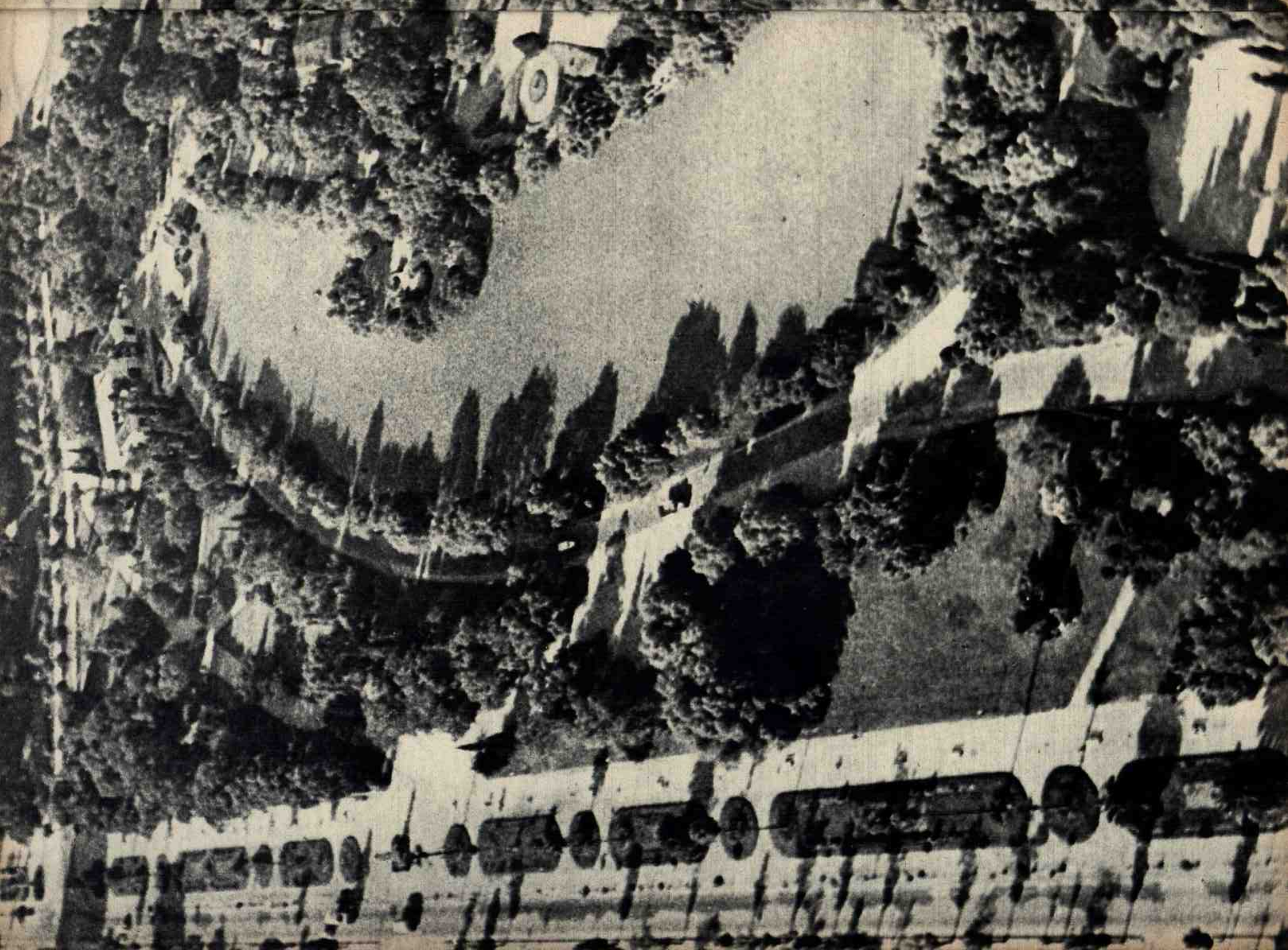
Na época da viagem de Saint-Hilaire, já havia 19 charqueadas em funcionamento, nas proximidades de Pelotas, número êsse que, mais adiante, chegou a 40 estabelecimentos, operando simultâneamente. A população do Rio Grande, em 1820, quando da excursão do naturalista francês, apresentava a seguinte composição: 32.000 brancos; 5.399 homens de côr, livres; 20.611 negros, escravizados, e 8.655 índios. Note-se a considerável participação do elemento negro, o que se deu em razão das exigências de mão-de-obra nas charqueadas, onde o escravo, em que pese a observação de Saint-Hilaire, era tratado tão duramente como nas demais áreas escravistas do Brasil.

Com a implantação da indústria do charque, deu-se a integração econômica do Rio Grande na vida do Brasil, o que viria contribuir para a definitiva preservação desta região fronteiriça, afinal incorporada, política e culturalmente, à civilização que Portugal fundara na América.

O Continente de São Pedro teve três capitais: Rio Grande, Viamão e, finalmente, Pôrto Alegre. Entretanto, por ter centralizado, durante mais de meio século, a indústria do charque, a antiga freguesia de São Francisco de Paula, mais tarde vila e cidade de Pelotas, transformou-se no principal centro econômico, social e cultural do Rio Grande do Sul mantendo uma hegemonia que se prolongou por várias décadas.

Outro dia, buquinando num dos "sebos" de Pôrto Alegre, tivemos a sorte de encontrar, para enriquecimento de nossa "rio-grandina", mais um livro de Karl von Koseritz, o alemão que se fêz gaúcho e brasileiro, tornando-se uma das principais figuras da nossa terra, no século passado, por uma série enorme de títulos, nas letras, no jornalismo, no magistério, nas ciências, nas pesquisas folclóricas e etnográficas assim como na política e na liderança dos rio-grandenses de origem teuta. Koseritz, neste livro, hoje raridade bibliográfica, que se intitula **A História da Ciência**, versando, porém, apenas sôbre temas econômicos, em edição datada de 1870 (portanto 90 anos após a fundação da primeira charqueada), faz curioso paralelo entre Pôrto Alegre e Pelotas, no capítulo em que trata do consumo, o quinto da obra. Diz êle: "Reina em Pelotas uma atividade industrial que Pôrto Alegre não conhece, e nota-se, em geral progresso mais rápido, abastança maior, fortunas mais sólidas. Cremos até que, para uma cidade nestas condições, não seria sorte alguma se, de repente, se mudasse para ela a sede do govêrno e o mundo oficial."

Era a euforia econômica das charqueadas. Então Karl von Koseritz, em que pese a visão de que era largamente dotado, não teve dúvidas em concluir que Pelotas poderia perfeitamente dispensar as vantagens e prerrogativas de sede do govêrno da Província. A obnubilação de que fôra acometido o grande homem pode ser fàcilmente constatada hoje; na época, porém, nada autorizaria dizer e concluir de outra maneira. Era a pura realidade. Até mesmo o movimento editorial de Pelotas superava o de Pôrto Alegre. Embora menos marcada, a situação não era outra, com relação ao jornalismo. Foi por isso que um escritor como J. Simões Lopes Neto, expressão maior das letras gaúchas pôde fazer a sua carreira jornalística e literária sem sair da sua cidade natal. E sendo em vida apenas um literato municipal, com tôda a obra editada numa tipografia pelotense, figura hoje na galeria dos raros ficcionistas brasileiros que ultrapassaram as limitações regionalistas, deixando uma contribuição universal.



VIDA NOVA EM PÔRTO ALEGRE

A LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DE PORTO ALEGRE, FRENTE A UM DELTA, AONDE CONFLUEM CINCO RIOS, DEU-LHE UM GRANDE PAPEL, COMO CENTRO REAL DA MAIS IMPORTANTE REGIÃO ECONÔMICA DO ESTADO — A CHAMADA REGIÃO COLONIAL. ALÉM DE SUA FUNÇÃO DE capital, Pôrto Alegre se constituiu no maior entreposto do Sul do país, pois na região se localizam 75% das indústrias, 80% do número de operários e 65% da produção agrícola do estado. Essa grande vantagem nem por isso deixou de criar dificuldades ao racional desenvolvimento da Metrópole: o espaço urbano é composto, fundamentalmente, de um espigão que avança em direção ao rio e dois vales contíguos — um bastante amplo, o do rio Gravataí, e outro, mais estreito, o do Arroio Dilúvio e seus pequenos afluentes.

Em pleno coração da capital gaúcha, os jardins e lagos do Parque da Redenção representam uma das mais amplas áreas de recreação urbana em todo o mundo. Na administração do atual prefeito, Célio Marques Fernandes, o grande parque recebeu várias melhorias.

Para evitar que surjam problemas graves no trânsito urbano, o govêrno municipal de Pôrto Alegre tem realizado obras como estas, de alargamento

Em face de tal formação, faltam no mapa urbano, ligações perimetrais e conexão com o interior o que, na hora presente, com a explosão demográfica e a "explosão das quatro rodas", veio trazer à população pôrto-alegrense, o drama dos congestionamentos.

Para corrigir o traçado urbano decorrente da primitiva implantação da Cidade, pouco se fêz no passado: as únicas obras viárias de grande expressão foram realizadas há mais de 30 anos.

O Plano-Diretor da Cidade de Pôrto Alegre foi decretado em 1959, mas só começou a funcionar, efetivamente, em 1964, na gestão Célio Marques Fernandes, com desapropriações em massa, especialmente para a abertura da 1.ª Perimetral e recuperação da Ilhota, que é uma área distante apenas 1 km do Centro e que, abrangendo cêrca de 23 ha, é tôda constituída de subabitações.

Prepara-se, pois, assim Pôrto Alegre para as grandes obras de cirurgia urbana, destinadas a modificar o aspecto urbano e criar condições para que venha a impor, definitivamente, o seu predomínio, no espaço de sua influência.

A capital gaúcha conhece agora os benefícios de uma administração planejada

Enquanto isto acontece, todos os problemas crônicos da cidade são enfrentados com firmeza. Ingressou-se de modo sério no planejamento, que passou a substituir a improvisação e as obras de remendos.

O problema do abastecimento está equacionado e já se deu início à construção da rêde de mercados zonais, já foi julgada a concorrência pública de projetos para a construção do Mercado Central, que vai substituir o velho, imprestável e sem possibilidades técnicas de recuperação. O nôvo edifício, concorrerá para a riqueza arquitetônica da cidade, valorizando o centro urbano.

Na área da Educação Pública, um dos pontos altos da administração é a construção de prédios escolares, na forma do convênio mantido com o govêrno do estado. Em ritmo acelerado, processou-se a construção de mais de 300 salas de aulas. Além disso, cabendo ao município a obrigação de ministrar o ensino primário nas vilas operárias, adotou-se o ensino prevocacional, com a extensão para sete anos do curso primário, a fim de que, nos dois anos finais, recebessem os filhos de operários o aprendizado artesanal, no sentido do desenvolvimento econômico, com a especialização da mão-de-obra. Além disso, é eliminar o hiato nocivo, existente na fase compreendida entre os 12 e os 16 anos, em que a juventude não tem condições de continuar os estudos, e não possui capacidade civil para o trabalho.

e pavimentação da Avenida Borges de Medeiros. A cidade é muito limpa. E o prefeito agora vai construir uma grande usina para industrializar o lixo.

O Departamento Municipal da Casa Popular, que era um dos órgãos mais vulneráveis às críticas, passou a realizar um trabalho consciencioso, no sentido de construir moradias populares, recuperar zonas decadentes, melhorar as condições das vilas operárias.

No que se refere ao saneamento do meio, foram efetuadas grandes obras de drenagem e de esgôto. A rêde de abastecimento de água recebeu o maior acréscimo verificado nos últimos dez anos. A Hidráulica do Menino Deus, o único empreendimento que contou com os recursos de empréstimos, teve a sua construção realizada dentro dos prazos contratados com o BID e, com a antecipação da rêde distribuidora e de alguns programas, será possível fazê-la entrar em funcionamento em setembro próximo. Esta nova unidade vai resguardar o pôrto-alegrense da falta de água até o ano dois mil.

No setor dos transportes coletivos urbanos que é a aflição de tôdas as grandes cidades, o Município de Pôrto Alegre vem renovando a frota de ônibus, com uma política de fixação de tarifas calculadas de maneira a defender os usuários, sem negar aos concessionários recursos para desenvolvimento econômico das emprêsas, possibilitando novos investimentos. Hoje, Pôrto Alegre ostenta uma das melhores frotas de ônibus do país.

No serviço de iluminação pública, através de um convênio feito com a Comissão Estadual de Energia Elétrica, mediante uma programação comunitária e o pagamento de dívidas de exercícios findos, originadas pelo consumo de luz e não pagas há mais de dez anos, a municipalidade transformou, completamente o aspecto noturno da cidade. A iluminação, a gás de mercúrio, dá hoje ao povo um sentido de segurança e à cidade um aspecto feérico, que surpreende os visitantes.

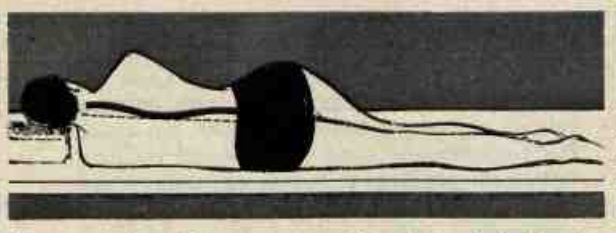
Os serviços de Obras e Viação apresentaram em pavimentação asfáltica, sòmente no último ano, um total de 31.355,03 m2 e 49.425,08 m2 de pavimentação a paralelepípedos, e, ainda, 95.456,47 m2 de pedra irregular. Houve, pois, sòmente em 1966, um

Aspecto das recentes obras de desobstrução do canal da Avenida Ipiranga.

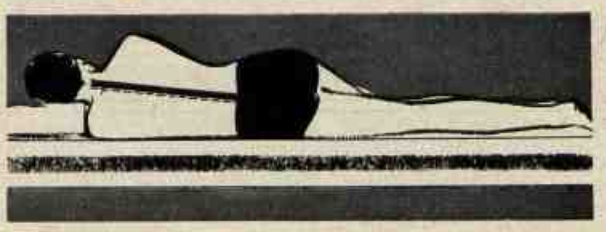
colchão TRI·LAX

- O único com 3 camadas. O <u>único</u> recomendado pelos médicos. 9 anos de garantia. Produzido cientìficamente a fim de proporcionar um verdadeiro descanso para os músculos e uma correta posição para a coluna, durante a noite inteira.

Deitado sôbre colchão de molas, seu corpo afunda desigualmente devido à má distribuição de pêso e ao cansaço das molas, que provoca altos e baixos no colchão.



Repousando sôbre uma superfície dura (colchão de crina) as cadeiras e os ombros, por serem salientes, erguem-se mais do que as costas, encurvando sua espinha dorsal.



Dormindo num colchão TRI·LAX, as partes salientes do seu corpo afundam maciamente na camada superior de Plastispuma. A camada central do colchão sendo mais firme mantém a coluna em linha reta. Por isso TRI·LAX é o <u>único</u> recomendado pelos médicos.

TRI·LAX tem a garantia da etiquêta plastispuma® TRORION

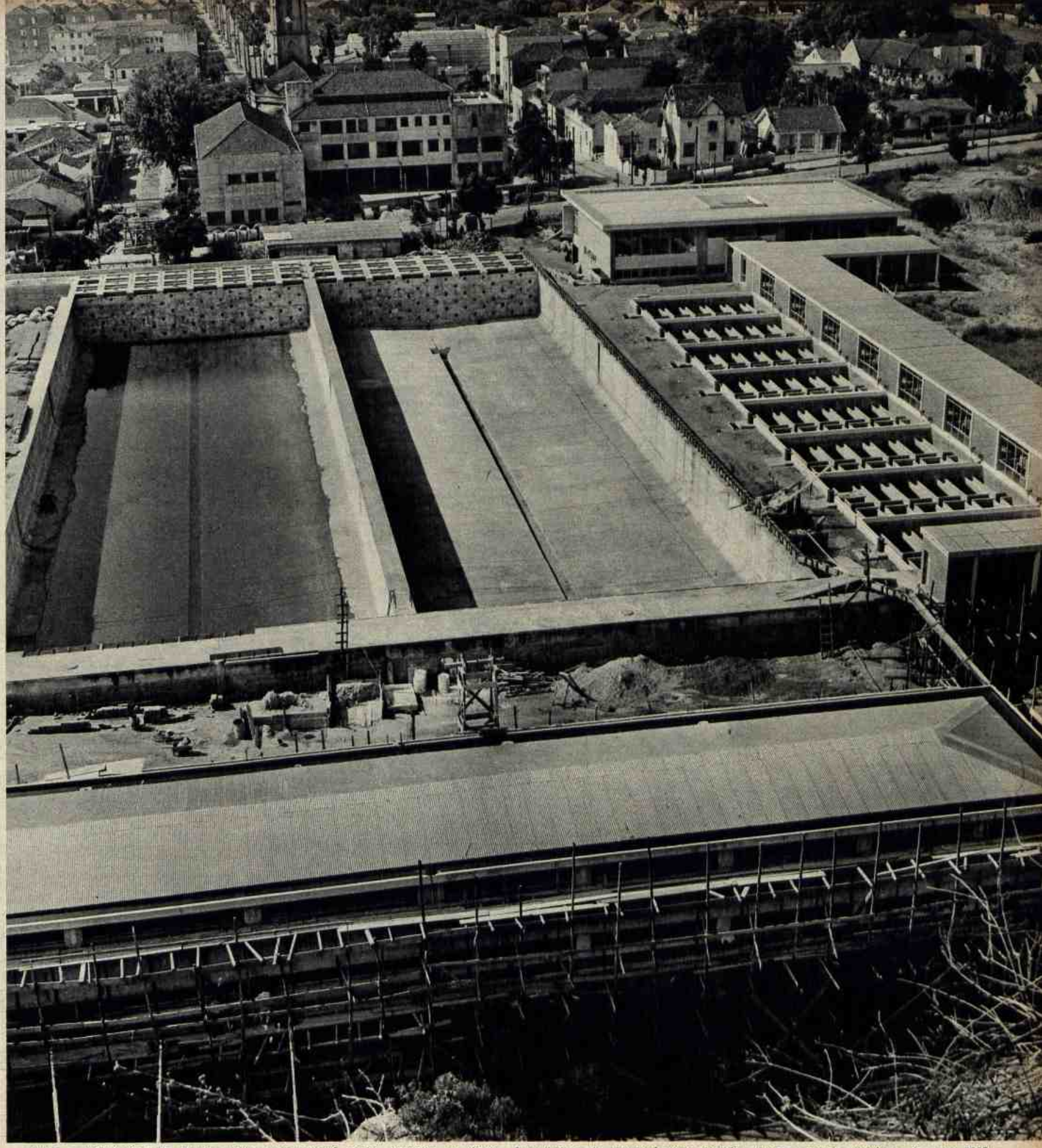
Produzido por

PLASTISPUMA GAÚCHA S. A.*
INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE ESPUMAS SINTÉTICAS*
RUA LIMA E SILVA, 737 - FONE 5719 - PÔRTO ALEGRE - RS.

INDÚSTRIA E COMÉRCIO TRORION S. A.
Av. Rangel Pestana, 1105 - 2.º And.- S Paulo

* mais de 40 tipos diferentes de espuma, cientìficamente testadas para infinitas aplicações.

marcur



Com a Hidráulica do Menino Deus não haverá mais escassez de água. O problema do abastecimento de Pôrto Alegre estará resolvido até o ano 2000.

A grande cidade já está completamente livre do flagelo da falta de água

acréscimo de área pavimentada que atingiu a mais de 175.000 m2.

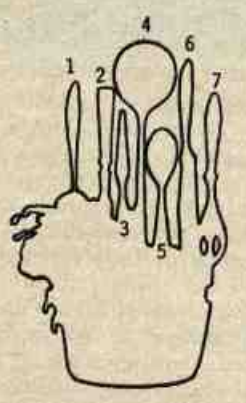
O Plano Comunitário, iniciado pelo Prefeito Célio Marques Fernandes com a finalidade de realizar empreendimentos urbanísticos extraplanejamento, principiou a pavimentação de uma área de cêrca de 25.000 m2.

Tôdas estas realizações foram executadas dentro dos recursos normais do município, através de uma programação orientada para o saneamento das finanças. São do prefeito de Pôrto Alegre as palavras seguintes: "Aos que vaticinaram o caos financeiro, respondo com o pagamento em dia do funcionalismo e antecipado às festas natalinas; os empreiteiros estão em dia e o crédito restabelecido, como se verifica do crescente número de participantes às concorrências públicas para propostas de fornecimento."

Pôrto Alegre foi situada na Rota Internacional do Turismo e a municipalidade, a fim de poder reter as correntes turísticas, tem cuidado do assunto com o maior interêsse. Seus serviços foram dinamizados e hoje, graças ao COMTUR, são talvez dos melhores do país, nesse importante setor.

OBRAS FEDERAIS ● A administração municipal de Pôrto Alegre tem lutado também para apressar as obras de defesa contra as enchentes periódicas e para a regularização dos rios que formam o delta do Guaíba. Esforça-se também para obter a conclusão da construção do Hospital de Clínicas, iniciada há quarto de século e que é uma aspiração do pôrto-alegrense, não só para aprimoramento do centro médico, mas para melhor assistência à área metropolitana que abrange, com Pôrto Alegre e municípios sob a sua

Talheres ELMO - criados com extremo carinho para brilhar à sua mesa.



ELMO

INDÚSTRIA METAL. GAZOLA LTDA
Av. Júlio de Castilhos, 1401
Cx. Postal, 40
CAXIAS DO SUL - RS.

1• **DELICATESSE** Ref. 590 - Neste talher, o mais fino aço inoxidável ganhou uma personalidade extremamente delicada, feminina e de extremo bom gôsto.

2• **PRÍNCIPE INOX** Ref. 1100 - É talher de linhagem nobre. Possui linhas e formas onde a beleza tradicional está aliada ao útil e prático.

3• **ELMO FUNCIONAL** Ref. 1300 - Combina com qualquer coberta de mesa. Versátil·Elegante·Anatômico. ELMO FUNCIONAL é antes de tudo moderno.

4• **NOTURNO** Ref. 580 - Prático e econômico. Talher em aço inoxidável, de preferência para uso diário.

5• **FIESTA** Ref. 550 - E o mais econômico dos talheres de aço inoxidável Feito para ser usado diàriamente a vida inteira!

6• **HOSTESS** PRATA ELMO - Ref. 870 - É bom gôsto. É receber bem. É a mais recente e sofisticada criação ELMO. Indiscutìvelmentè HOSTESS - faz as honras da casa.

7 **NOBLESSE** PRATA ELMO - Ref. 800 - Tôda a suntuosidade de Versalhes serviu de inspiração para essa peça de extremo requinte, beleza e fidalguia. De concepção artística primorosa, sua presença à mesa sempre provoca comentários de admiração.

A Vila Mapa é uma das maiores obras sociais do Prefeito Célio Marques Fernandes. Iniciada depois das enchentes de 1966, já abriga 300 famílias.

O problema criado em Pôrto Alegre pelas enchentes de 1966 encontrou rápida solução por parte da sua administração

influência, um milhão e meio de habitantes.

Deseja, também, a municipalidade a construção da nova Estação Ferroviária a fim de descongestionar o centro urbano.

QUEM É O PREFEITO CÉLIO MARQUES FERNANDES ● O bacharel Célio Marques Fernandes, com dez anos de vereança efetiva, é um homem de temperamento vibrátil e inquieto que impôs um nôvo estilo de administração. Sua vida de prefeito é uma maratona contra o tempo.

Inicia o seu dia às 7 horas da manhã com as suas **incertas** pela cidade. Está em tôda parte e já ninguém se surpreende ao vê-lo deixar o carro e caminhar sòzinho por uma viela de subúrbio, anotando, indagando, falando com um e com outro.

A qualquer momento pode chegar em qualquer setor onde se executa uma obra ou se realiza um serviço. Ninguém conhece a cidade de Pôrto Alegre como êle. No programa **Tribuna da Cidade,** mantém diálogo com o povo. As cartas de reclamações são abertas de improviso. E apenas uma vez deixou de identificar um local e assim mesmo porque havia duplicação do topônimo.

Costuma estimular o espírito comunitário da cidade e tem obtido grandes resultados no setor de pavimentação, da iluminação pública, no plantio de árvores, na limpeza dos passeios.

Dotado de otimismo, tem feito campanhas destinadas a inspirar o amor de todos pela cidade. É estimado pela mocidade e cada fim de ano tem que paraninfar uma dúzia de cerimônias de formatura, e é constantemente visitado por grupos de alunos, que lhe desejam entrevistar.

Administra de portas abertas e adotou o sistema de despachar no recinto das Secretarias onde gosta de manter contato com os técnicos.

Sua capacidade de trabalho é tal que esgota todos os seus auxiliares imediatos, obrigando-os a estender a jornada de trabalho além de onze horas diárias.

O Prefeito Célio Marques Fernandes luta contra o empreguismo, adotando inflexìvelmente o concurso público como regra de provimento de cargos. Empenha-se em diminuir o quadro dos servidores, havendo hoje cêrca de dois mil cargos vagos.

Às críticas sôbre os buracos de Pôrto Alegre o Prefeito Célio Marques Fernandes tem respondido: "Os buracos de Pôrto Alegre, de São Paulo e do Rio de Janeiro são os mesmos, as anedotas também e o primarismo também. Não posso proibir que alguns olhem sòmente para o chão, incapazes de ver para a frente e para o alto."

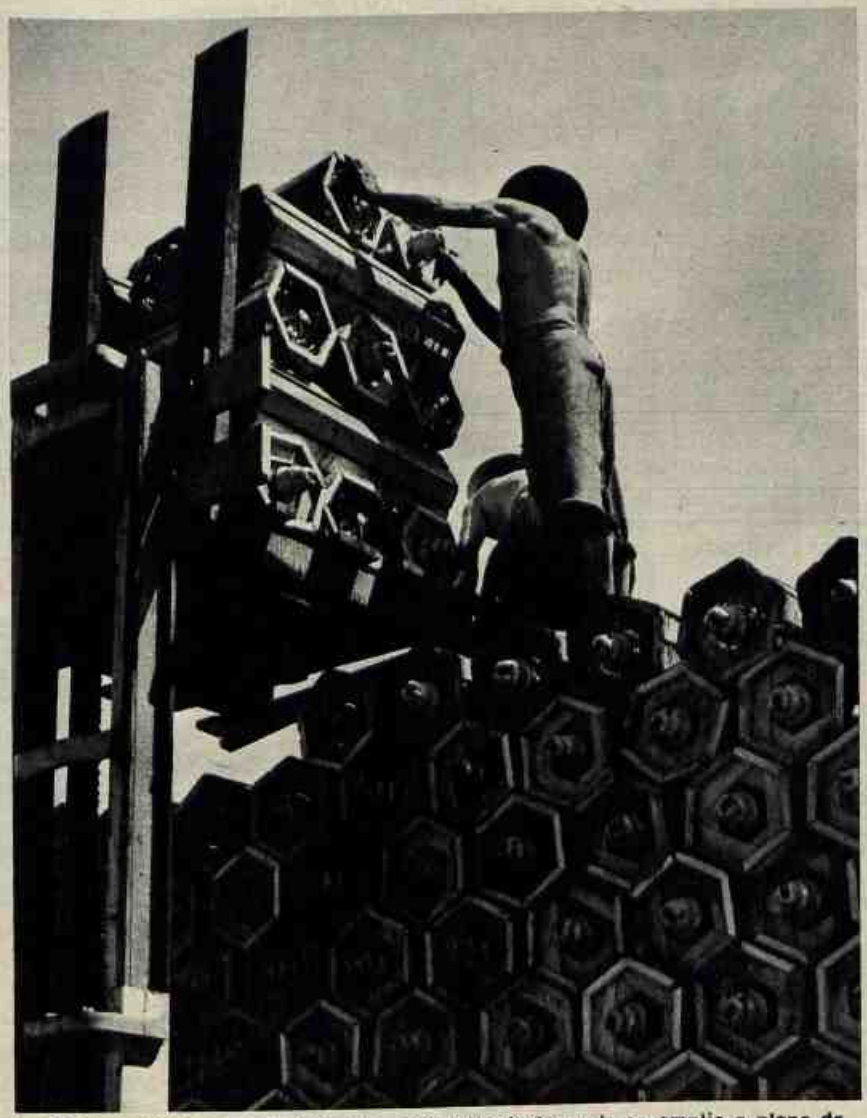
É que, no passado, a administração sempre foi obra de remendo e de improvisação. Hoje adota-se o planejamento como regra, mas, além do planejamento local o município está promovendo o planejamento regional, liderando o movimento de municípios integrantes da área metropolitana.

A Sra. Célio Marques Fernandes é a orientadora da obra assistencial da Vila Mapa. Em contato diário com os moradores procura resolver seus problemas.

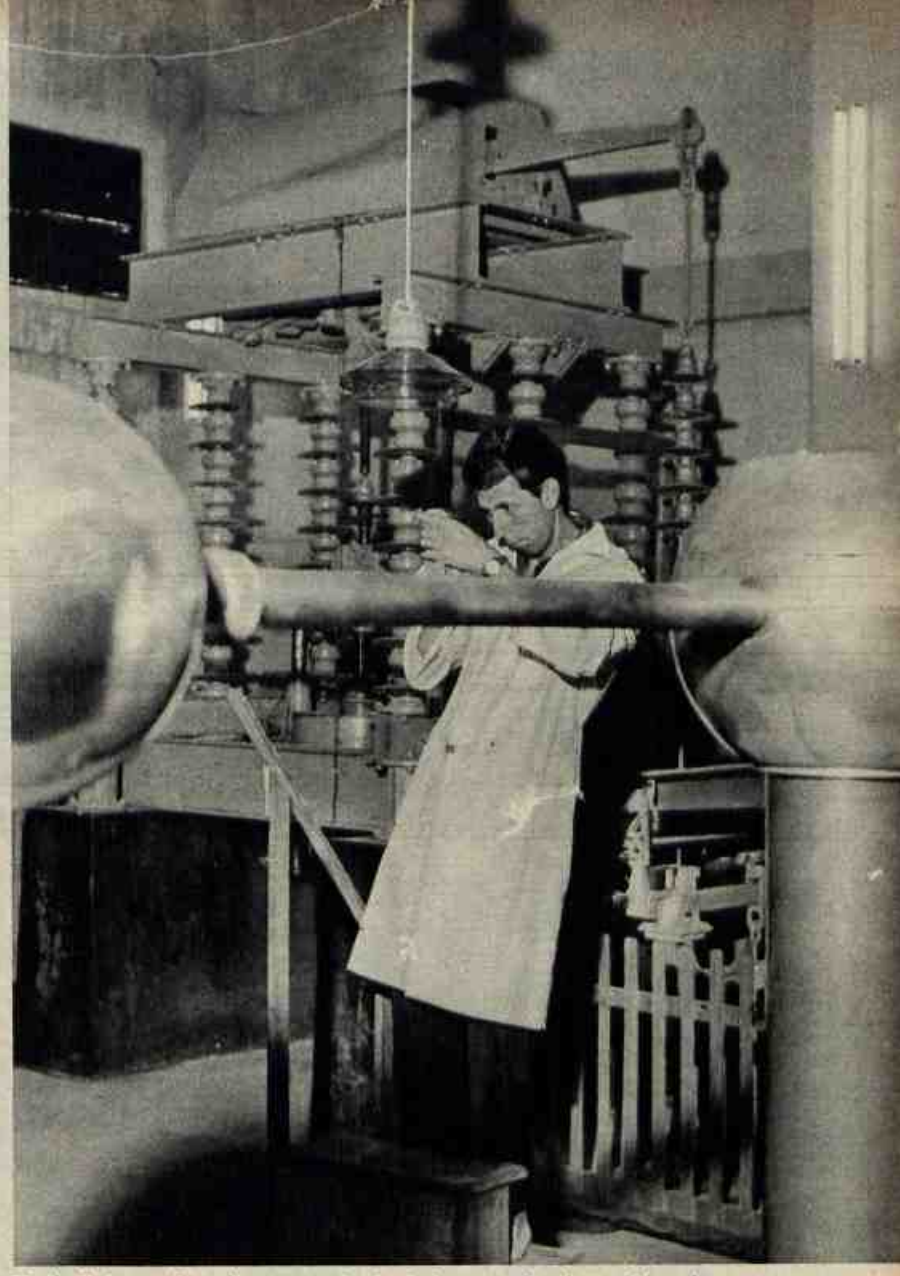
Sucesso não é simples questão de sorte

Descobrimos isso no dia em que começamos a trabalhar. Há dez anos. Tempo que nos aprimorou na difícil arte de vencer, fazendo fôrça. Construímos sólida base de pequenas e grandes realizações obtidas no labor do dia a dia e alcançadas com determinação, integridade e empenho de fazer sempre melhor. A soma dessas conquistas nos confere autoridade para olhar o futuro com otimismo de quem já mostrou saber fazer. Mais que nunca, estamos decididos a fazer amanhã o que fizemos ontem. Produzir. Motivar. Convencer. Pois temos experiência para oferecer. Entusiasmo para dar. Conhecimento para realizar. E vontade de vencer!

mercur publicidade s. a.
P. Alegre — São Paulo



Isoladores gaúchos são embarcados para o Nordeste, onde se amplia o plano de eletrificação brasileiro. E em breve serão exportados para tôda a América Latina.

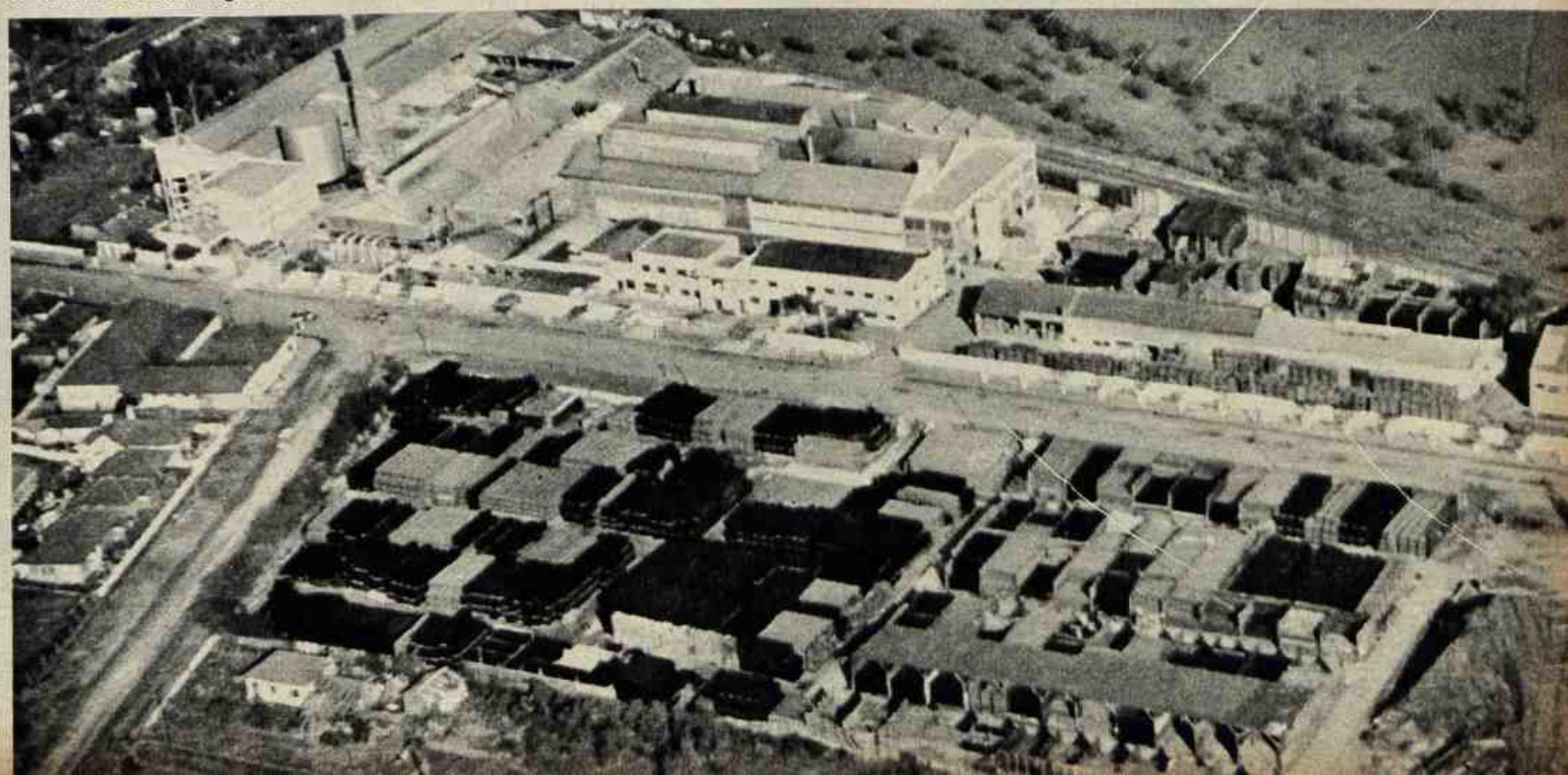


Os isoladores são rigorosamente testados, recebendo nesta sala descargas elétricas superiores às que teriam de suportar em uso.

CANOAS
UMA INDÚSTRIA PIONEIRA

Na cidade de Canoas, uma das mais progressistas do vale dos Sinos, a única vidraria automática do Rio Grande do Sul produz 130 mil garrafas por dia. É a VIFOSA — Vidraria Industrial Figueras Oliveras S/A —, que emprega 600 operários. Mas a sua finalidade não se limita à fabricação de vasilhame para o vinho. Há 10 anos, a VIFOSA tornou-se pioneira na fabricação de isoladores de vidro temperado para alta tensão. Ainda é única nesse campo e, acompanhando o surto desenvolvimentista da eletrificação brasileira, três milhões de seus isoladores sustentam linhas de transmissão, desde 15 mil até mais de 500 mil volts. Supridas as necessidades nacionais, a VIFOSA agora se equipa para abastecer as nações sul-americanas. Breve, entrarão no mercado isoladores para baixa tensão. No seu trabalho diuturno, a vidraria não só economiza divisas para o país, mas ainda se propõe a produzi-las, como uma das fôrças do desenvolvimento industrial do R. G. do Sul.

A Vidraria Industrial Figueras Oliveras S/A — VIFOSA — está localizada na florescente cidade de Canoas e atesta o surto industrial do estado.



O Edifício Calfat, na Avenida 15 de Novembro, em São Paulo, é um dos grandes imóveis que enriquecem o patrimônio do Montepio da Família Militar.

Teve origem no Sul o maior montepio da América Latina

MFM SEGURANÇA PARA TÔDA A FAMÍLIA

Em 1958, numa modesta sala da então Escola Preparatória de Pôrto Alegre, um pequeno grupo de majores, capitães e tenentes idealizava a fundação da Cooperativa de Crédito Mútuo de Oficiais Professôres do Exército. Seu capital inicial seria de 100 mil cruzeiros antigos, integralizado por 25 sócios. De lá para cá registrou-se grande mudança e progresso. Aquela escola é hoje o Colégio Militar de Pôrto Alegre. E o que, no início, não passava de uma despretensiosa "caixinha de colegas", semelhante a milhares de existentes em escritórios, fábricas e repartições públicas, viria a se transformar num Banco: o Banco Militar Brasileiro.

— Foi no trato com as partes, na direção do Banco Militar, que sentimos a existência de um grande problema: a difícil situação que enfrenta a família do militar com o desaparecimento de seu chefe — afirma o agora Coronel Ody Só dos Santos, diretor-superintendente do Montepio da Família Militar.

A 29 de outubro de 1963, os mesmos fundadores da Cooperativa e do Banco Militar partiam para êsse nôvo empreendimento. O Montepio da Família Militar, estendendo seus benefícios também para os civis, tem hoje mais de 170 mil associados de norte a sul do país. E sua proteção atinge a cêrca de um milhão de brasileiros, com planos de pensões, aposentadoria e pensão educacional. Agora, quando seus fundadores se reúnem nas espaçosas salas da diretoria, na Rua dos Andradas, têm sob sua responsabilidade a administração da maior entidade mutuária da América Latina.

Entidade sem fins lucrativos, o MFM procura, através de suas seções de Pensões, Aposentadoria e Pensão Educacional, atingir seu objetivo principal: assegurar a tranqüilidade da família para sempre.

No Plano de Pensões, os associados contam com seis categorias. Pagam contribuições mensais que vão de NCr$ 7,50 a NCr$ 45,00, atribuindo a seus beneficiários pensões, também mensais, de NCr$ 150,00 a NCr$ 900,00.

Na Seção de Aposentadoria, os sócios, distribuídos em cinco categorias, pagam mensalidades de NCr$ 9,00 a NCr$ 45,00 capacitando-se, ao final de 25 anos, ao percebimento, também mensal, de proventos que vão, de NCr$ 180,00 a NCr$ 900,00. Em caso de falecimento antes dêsse prazo, seus herdeiros têm direito a pecúlio ou pensão, proporcionais.

O MFM é a única entidade existente no país a possuir Pensão Educacional, que visa a assegurar aos filhos de associados os meios suficientes para concluir os estudos até a maioridade (ou até 24 anos, se forem solteiros e freqüentarem curso superior). Os associados dessa seção, divididos também em cinco categorias, pagam mensalidades de NCr$ 9,00 a NCr$ 45,00. As pensões educacionais vão de NCr$ 180,00 a 900,00 mensais. Em caso de sobreviverem os associados à maioridade de seus filhos, podem transferir-se para a Seção de Aposentadoria.

Com a crescente ampliação de seu quadro de associados é realmente impressionante a arrecadação do Montepio da Família Militar. Na verdade, porém, é preciso pensar no futuro. Aproveitar a situação atual e investir. Investir bem, racionalmente, com plena segurança dentro de um plano que visa a manter a solidez de hoje e, fortalecendo-a, aguardar com despreocupação os anos que estão para vir. E as aplicações que o MFM vem fazendo lhe asseguram, desde já, perfeito e normal atendimento de suas obrigações previdenciárias até o ano 2000.

Eis algumas aplicações de recursos do MFM:

- Investimentos em títulos de alta rentabilidade, liquidez e segurança (Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional, Letras de Importação do Banco do Brasil, etc.)
- Participações em emprêsas sólidas e idôneas, tais como o contrôle acionário do Banco Nacional do Comércio S.A., fundado em 1893, com matriz em Pôrto Alegre e 146 filiais (85 em prédios próprios), espalhadas pelo Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Guanabara e Brasília; o contrôle acionário do Banco Duque de Caxias S.A. — Ex-Banco Militar Brasileiro; participação, através do Banco Nacional do Comércio, na Finasul S.A.-Financiamento, Crédito e Investimento; participação na Maisonave, Financiamento e Crédito S.A.; contrôle acionário, através do Banmércio, da Cia. Territorial Sul Brasil, dedicada à colonização nos Estados de Santa Catarina e Paraná, onde possui impressionante área de terras, distribuída por 43 diferentes municípios; e participação na Cia. Pôrto-Alegrense de Seguros, fundada em 1883.
- Investimentos em imóveis (reserva de segurança), entre os quais se destacam: aquisição da sede própria na Guanabara (Edifício São Pedro, esquina da Av. Presidente Vargas com Av. Rio Branco): aquisição da sede própria em São Paulo, na Avenida XV de Novembro (Edifício Calfat): 16 pavimentos com mais de 5 mil metros quadrados de área construída; construção da sede própria em Pôrto Alegre, na Rua Sete de Setembro.

O mais moderno computador eletrônico do mundo vai atender aos 170 mil associados do MFM em todo o país.

Para prestar perfeito atendimento a seus associados e administrar tão valioso patrimônio, o MFM conta com uma dinâmica diretoria e a capacidade profissional de quase uma centena de funcionários. O progresso, entretanto, impõe sempre mais: mais racionalização, principalmente. Por isso, o Montepio da Família Militar adquiriu um computador eletrônico IBM/360, que, neste mês, já começou a funcionar na sede central de Pôrto Alegre. Pertencente à terceira geração de computadores, o IBM/360 é o mais moderno do mundo. Para sua aquisição, o MFM inverteu um milhão de cruzeiros novos, que, em breve, serão amortizados, não só pela redução nos custos operacionais da entidade, como pela rentabilidade adicional que vai proporcionar com o aluguel de seus serviços a outras organizações privadas ou públicas. E os benefícios diretos que acarretará para as relações entre o MFM e seus 170 mil associados do Amazonas ao Rio Grande do Sul poderão ser comprovados ainda no corrente ano.

Para quem acompanha de perto o trabalho de seus diretores, é certo, também, que êles não ficarão sòmente nisso. Seus fundadores, hoje oficiais reformados e integrados na vida civil, são aquêles mesmos inquietos e idealistas professôres da antiga escola de Pôrto Alegre, que preparavam alunos para o ingresso na Academia Militar das Agulhas Negras. E dêles muito ainda se pode esperar.

UM BANCÁRIO TRANQÜILO

Um bancário que semeia e colhe os frutos da terra. Um bancário honorário, como nós consideramos todos aqueles que se filiam ao MNB, garantindo o futuro de suas famílias, através de um dêstes planos:

SÉRIE "A" – PENSÃO SALARIAL VITALÍCIA – a ser paga mensalmente ao próprio associado, independente da cessação de trabalho, após 25 anos de pagamento consecutivo e ininterrupto de suas mensalidades, conforme a faixa de salário em que estiver inscrito.

PENSÃO SALARIAL INVALIDEZ – a ser paga, mensalmente, ao próprio associado, no caso de ocorrer sua invalidez total e permanente, devidamente comprovada, originada por acidente pessoal ou doença, observado um período de carência de 3 anos.

PECÚLIO – Ocorrendo o óbito do associado durante o período de carência, será pago ao seu beneficiário ou beneficiários um pecúlio formado pelas mensalidades recolhidas por êle ao MNB, da seguinte forma:
de 1 a 12 meses de contribuições, 1/3
de 13 a 24 meses de contribuições, 2/3
de 25 a 36 meses de contribuições, o valor integral das mesmas, acrescido de juros de lei.

MONTEPIO SALARIAL – a ser pago, mensalmente, ao beneficiário ou beneficiários do associado, pelo seu óbito, conforme a faixa de salário em que êle estivesse inscrito, observando um período de carência de 3 anos.

MENSALIDADES DA SÉRIE "A": 8% DO SALÁRIO MÍNIMO, COM AS FRAÇÕES ARREDONDADAS

SÉRIE "B" – APOSENTADORIA ANTECIPADA A ser paga, mensalmente, ao próprio associado, durante 20 anos, independente da cessação de trabalho, após 10 anos de contribuições mensais consecutivas ininterruptas, conforme a faixa de salário em que estiver inscrito.

PENSÃO SALARIAL INVALIDEZ - a ser paga, mensalmente, ao próprio associado, durante 20 anos, no caso de ocorrer sua invalidez total e permanente, devidamente comprovada, originada por acidente pessoal ou doença, observado um período de carência de 3 anos.

PECÚLIO – Idêntico ao da série "A", apenas modificados os valôres.

MONTEPIO SALARIAL – a ser pago, mensalmete, durante 20 anos ao beneficiários do associado, pelo seu óbito, conforme a faixa de salário em que êle estivesse inscrito, observando um período de carência de 3 anos, ou no caso de ocorrer óbito do associado antes de se haver completado o pagamento a êle das pensões correspondentes à Aposentadoria Antecipada, de que tratamos acima, as mesmas, transformadas então em Montepio Salarial, continuarão sendo pagas, sem solução de continuidade, a seu beneficiário ou beneficiários, até completar-se aquêle período de 20 anos.

MENSALIDADES DA SÉRIE "B": 20% DO SALÁRIO MÍNIMO

Participe, também, dêstes sólidos benefícios estendidos da operosa classe bancária até você.

MONTEPIO NACIONAL DOS BANCÁRIOS

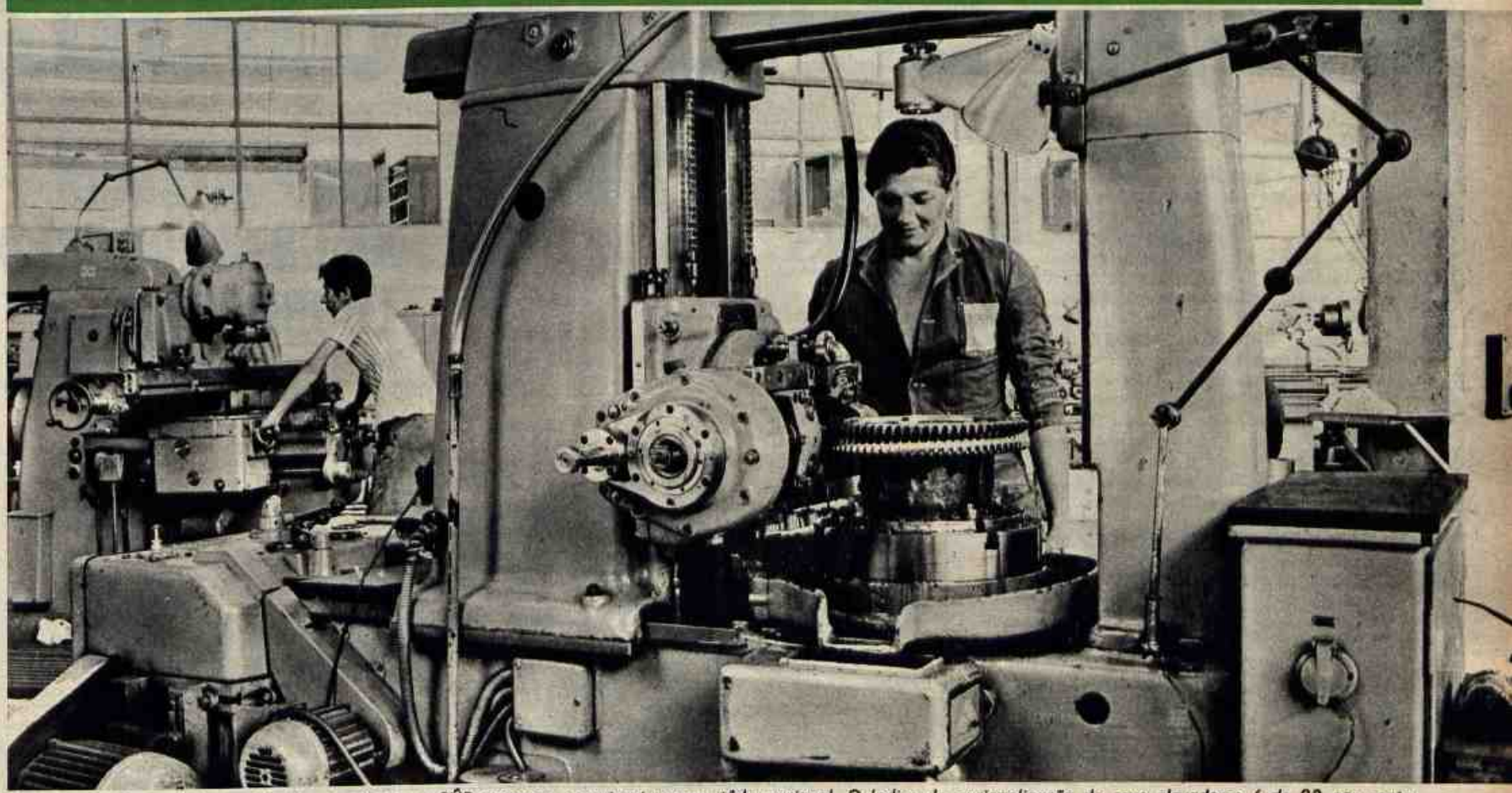
Pôrto Alegre: Rua dos Andradas, 1535 - 4.º, 7.º e 8.º andares - fone: 4-76-47
Guanabara: Av. Rio Branco, 124 - conjs. 209/212 - 2.º andar, - fones: 22-53-97 e 22-55-89
São Paulo: Praça da República, 250 - fones: 35-84-74 e 36-89-91
Curitiba: Rua Barão do Rio Branco, 63 - 13.º andar - conj. 1310 - fones: 4-95-22 e 4-94-11 - R. 254

"O "velho" pensou bem: ao terminar a Faculdade estarei garantido pela Aposentadoria Antecipada".

ATLANTIS publicidade

GUAÍBA
O PROGRESSO EM ASCENSÃO

A moderna fábrica da SÛR, em Guaíba, produz elevadores que hoje estão presentes nos grandes edifícios de Brasília e de dezenas de nossas cidades.



Com capital, mão-de-obra e técnica brasileiros, a SÛR emprega maquinaria quase tôda nacional. O índice de nacionalização de seus elevadores é de 98 por cento.

O viajante que, saindo de Pôrto Alegre, toma a BR—116 para atingir qualquer das cidades do Sul do Estado — Pelotas ou Uruguaiana, por exemplo — encontra, logo após a travessia Getúlio Vargas, uma placa com os dizeres: "V. está entrando no Município de Guaíba. Aqui se fabricam os elevadores que o progresso do Brasil exige." Mais quatro quilômetros, à direita, pelo antigo acesso à BR—290, dará com os olhos numa moderna fábrica de 3 mil metros quadrados de área construída e outro pavilhão de 1500 metros quadrados em construção, além de vários prédios anexos. À frente, outra placa: "Nós estamos aqui. Nova Fábrica SÛR." Ali se fabricam elevadores que inicialmente atenderam o mercado do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e hoje se encontram também, em funcionamento nos mais modernos edifícios de S. Paulo, Guanabara, Estado do Rio, Espírito Santo, Minas Gerais e Brasília. Na capital da República, a SÛR está presente em quase tôdas das mais importantes obras da atual fase de construção: Superior Tribunal Militar, Ministério das Relações Exteriores (Palácio dos Arcos), Estado-Maior das Fôrças Armadas, Polícia Militar do Exército, Corpo de Bombeiros.

Indústria genuìnamente gaúcha, e a única importante fábrica de elevadores com capital exclusivamente nacional em todo o país, a SÛR começou a produzir em 1951, em Pôrto Alegre, num modesto edifício alugado — pouco mais que uma garagem. Desde o início, seus técnicos, recrutados de preferência entre engenheiros e arquitetos formados pelas faculdades gaúchas, primaram por imprimir a seus elevadores um sentido de modernização e criatividade. Hoje, quando a nova fábrica SÛR em Guaíba já começa a fornecer os elevadores que o progresso do Brasil exige, êsses técnicos podem orgulhar-se de trabalhar com **know-how** exclusivamente nacional, sem pagar um centavo de **royalties** para o estrangeiro, sob qualquer título. O índice de nacionalização de seus elevadores atinge 98% (os 2% restantes correspondendo a certos tipos de rôlamentos e equipamentos eletrônicos ainda não fabricados no Brasil). Também na maquinaria, a nova fábrica SÛR representa um esfôrço no aproveitamento da produção nacional. Importaram-se tão-sòmente algumas unidades não produzidas no país ou cuja qualidade as nacionais ainda não atingiram. Exemplo de brasilidade nesse setor é uma serra hidráulica automática adquirida pela SÛR para cortar metais: foi desenhada e fabricada inteiramente no país, por diversas indústrias gaúchas, num trabalho cooperativo.

Os elevadores são produzidos por encomenda. E, fato altamente positivo para a presente conjuntura, tôda produção da SÛR para os próximos seis meses já está vendida. Além da fabricação e instalação de elevadores completos, de diversos tipos, a emprêsa produz e monta peças e aparelhos de reposição, que vão formar os estoques em todo país, em cada cidade onde existam elevadores SÛR, de uma adestrada e eficiente equipe de assistência técnica, denominada SERVISÛR. É êsse o panorama industrial visto depois da ponte do Guaíba. O brasileiro que se dispuser a visitar a nova fábrica SÛR sairá dali satisfeito. E retemperado em sua confiança na indústria nacional.

MAIS DE UM MILHÃO DE BRASILEIROS ESTÃO SOB A PROTEÇÃO DO GBOEx!

Esta é história para ser contada ao inverso, com mudança da ordem cronológica e início na atualidade. Porque agora, mais que antes, interessa a milhões de brasileiros, e a maior parte dêsses milhões de interessados surgiu há pouco mais de um ano, quando o GBOEx, sigla pequena que identifica a maior sociedade brasileira de beneficência, estendeu sua proteção aos civís. O Grêmio Beneficente de Oficiais do Exército, quando prestava amparo sòmente aos militares, desde sua fundação em 1918 até outubro de 1965, já se tornara a maior sociedade brasileira no gênero, congregando 75.000 associados e dependentes, sob sua proteção. Com nascimento e sede em Pôrto Alegre, no Rio Grande do Sul, já abrangera os demais Estados brasileiros, oferecendo aos militares o desejado pecúlio para a família, o qual é sinônimo de tranqüilidade. Aberto aos civís, viu o GBOEx mais que triplicado o número de associados que somaram, em janeiro de 1967, quase 260 mil. Isto representa, somando-se os dependentes, mais de um milhão de brasileiros que têm no GBOEx, não só a segurança dada pelo PECÚLIO INTEGRAL apresentada em dois planos, mas ainda seguro contra acidente, auxílio-doença, convênios médico-hospitalares, em mais de centena de municípios distribuídos por 18 Estados do Brasil. Com mais de 8 milhões de cruzeiros novos de patrimônio imobiliário, representado por 10 edifícios no perímetro urbano de Pôrto Alegre e um andar na Av. Rio Branco, na Guanabara, além de títulos de renda que elevam o patrimônio a 12,5 milhões e renda certa oferecida pelos prêmios mensais pagos por 258.000 associados, o GRÊMIO BENEFICENTE DE OFICIAIS DO EXÉRCITO mostra que é, realmente, a maior sociedade brasileira de beneficência. O que tem, o que já realizou o GBOEx, o que pretende fazer, é o que estamos mostrando a seus atuais e futuros associados. Cumpriu o GBOEx, e está cumprindo suas metas básicas: garantindo tranqüilidade à família quanto às incertezas do futuro, com a instituição dos planos de Pecúlio Integral. Ampliando os serviços assistenciais no setor da saúde, partindo, decididamente, porque as rendas o permitem, para a execução do plano habitacional. O GBOEx não pode parar. Não mais pertence a uma classe. É patrimônio de milhões de brasileiros que enfrentam ainda múltiplos problemas, os quais estão sendo resolvidos pelo zêlo, capacidade e trabalho dos dirigentes da entidade sempre fieis ao lema: no amparo ao associado, dedicação absoluta! Êsse é, hoje, o Grêmio Beneficente de Oficiais do Exército a maior sociedade brasileira de beneficencia. Sua expansão incoercível torna imensurável a sua visão futura!

PECÚLIO INTEGRAL GBOEx

O Pecúlio Integral GBOEx compreende dois grupos: "GRUPO BASE" e "GRUPO DUPLO". Ambos proporcionam, ao mesmo tempo, além do pecúlio por morte natural e acidental, mais: seguro-família, seguro-acidente e auxílio-doença, além dos benefícios determinados pelos convênios assistenciais. No "Grupo Base", a carência mínima é de 3 meses, oferecendo à família do segurado um pecúlio de 4.500 cruzeiros, com prêmio mensal de 6 cruzeiros. No "Grupo Duplo", após carência de 3 meses, a família do associado adquire direito ao pecúlio de 9.000 cruzeiros, com prêmio mensal de 11 cruzeiros. Em ambos os grupos, após contribuição de 4 anos, o associado estará assegurando a seus familiares o pecúlio máximo de 10.000 cruzeiros para o "Grupo Base" e 20.000 cruzeiros para o "Grupo Duplo". Como vantagens em vida, asseguradas nos dois grupos do Pecúlio Integral GBOEx, figuram: seguro-família por morte do cônjuge ou de filhos maiores de 4 anos ou menores de 18 anos; auxílio-doença, constituído do empréstimo soldável em dez prestações, em caso de doença do associado ou dependente; seguro contra acidente, no valor de 4.000 cruzeiros, em caso de invalidez, em ambos os grupos. A essas vantagens em vida, devem acrescentar-se os vários tipos de convênios de assistência e auxílio em despesas médicas e hospitalares nos casos de doença do associado Oferece, assim, o Grêmio Beneficente de Oficiais do Exército, o plano de pecúlio que é, a um tempo, o mais econômico e compensador, dentre todos aqueles até hoje oferecidos.

AS CIFRAS NOTÁVEIS DO PECÚLIO INTEGRAL GBOEx

PECÚLIO	SEGURO FAMÍLIA	ACIDENTE				AUXILIO DOENÇA	PRÊMIO MENSAL
		Morte	Invalidez	Despesas Médicas	Diária Hosp.		
Grupo Base 10.000 NCr$	400 NCr$	5.000 NCr$	4.000 NCr$	100 NCr$	4 NCr$	1.000 NCr$	6 NCr$
Grupo Dupla 20.000 NCr$	800 NCr$	5.000 NCr$	4.000 NCr$	100 NCr$	4 NCr$	2.000 NCr$	11 NCr$

A IMPORTÂNCIA DA "GB CIA. DE CRÉDITO IMOBILIÁRIO"

Dentro do sistema financeiro do plano nacional da habitação foi autorizado, por lei, o funcionamento de quatro companhias de Créditp Imobiliário na Região Sul, compreendendo Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Dentre as quatro companhias admitidas, uma foi incorporada pelo GBOEx: a GB COMPANHIA DE CRÉDITO IMOBILIÁRIO. Só a restrição legal ao número de emprêsas já diria tudo sôbre a importância da GB. Mas seus resultados e as vantagens diretas e indiretas que trará aos associados do Grêmio Beneficente de Oficiais do Exército falam mais alto! A GB, que tem capital de 350 milhões de cruzeiros, emitirá Letras Imobiliárias e, com o resultado de sua colocação no mercado investidor, estará financiando, inicialmente, conjuntos residênciais e edifícios em projeto e constução. Mais tarde, poderá vir a financiar a casa ou apartamento próprio. A GB procurará beneficiar os associados do GBOEx sob todas as formas, embora seja uma emprêsa independente, de cujo capital o Grêmio detém 99,5%. Esta participação no capital de emprêsa de tal magnitude, traz vantagens indiretas ao associado, pois colabora no fortalecimento da economia do GBOEx. Ao mesmo tempo em que se inicia a ação da GB Companhia de Crédito Imobiliário no sul do país, o GBOEx cuida de dar, no campo habitacional, aos associados de outras regiões, as mesmas vantagens.

MOVIMENTO FINANCEIRO DE 1966

No ano de 1966, o GBOEx apresentou as seguintes notáveis cifras em seu movimento financeiro:

Pecúlio Pagos —	**NCR$ 3.984.397,40**
Seguro Contra Acidentes	**NCR$ 58.895,43**
(Invalidez — Despesas médicas e hospitalares)	
Seguro-Família —	**NCR$ 72.^00,00**
Auxílio-Doença —	**NCR$ 1.177.318,73**

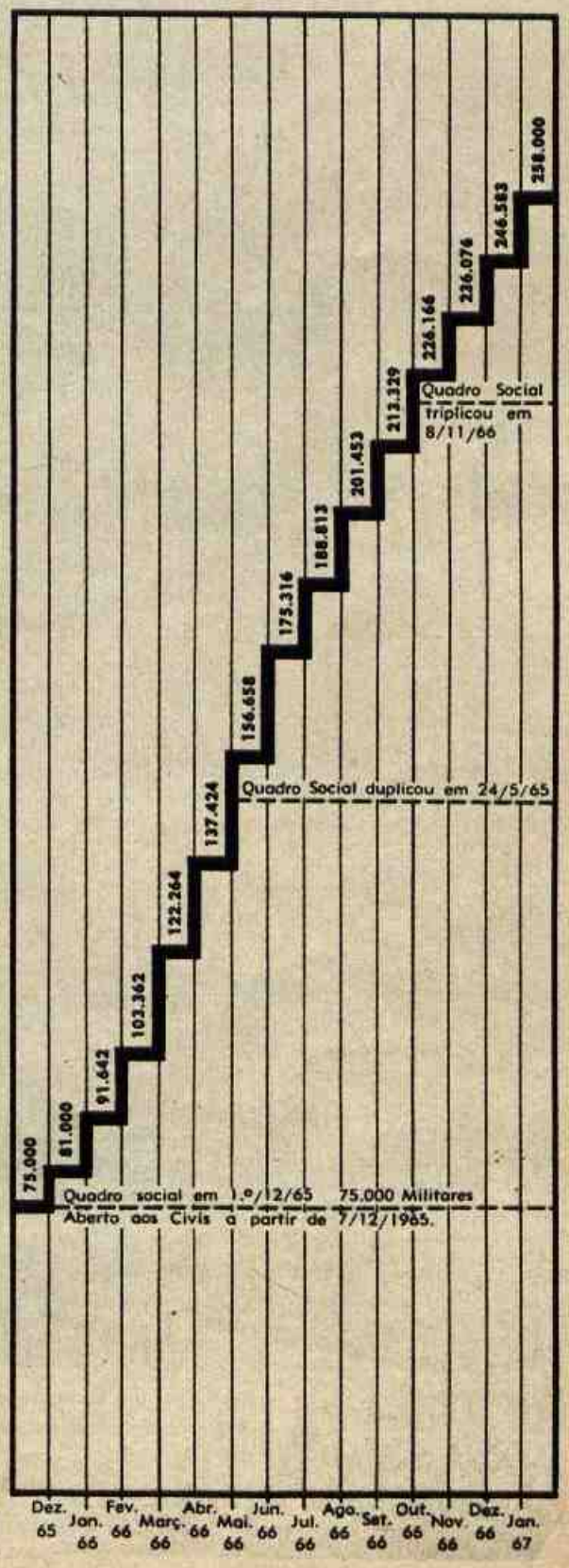
A idade média dos segurados do GBOEx, beneficiados com a sua e a proteção dos familiares, foi de 37,8 anos, com predominância de 36 a 37 anos, no "Grupo Base" e de 39 a 41 anos, no "Grupo Duplo".

CONVÊNIOS ASSISTENCIAIS EM 107 MUNICÍPIOS

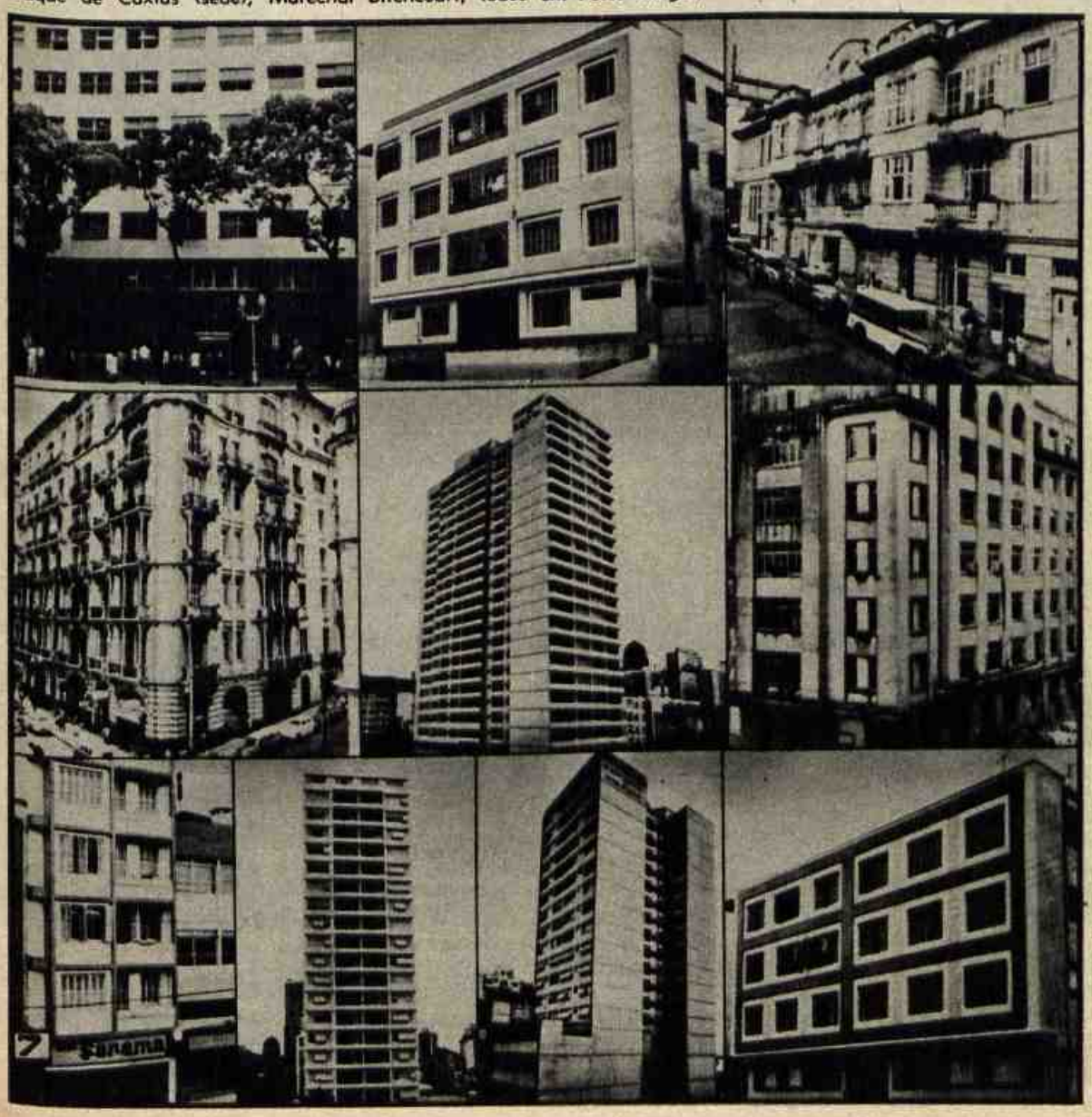
O ingresso de associados dos mais diferentes núcleos populacionais, a expansão por todos os Estados do Brasil, face à mais ampla receptividade alcançada pelo melhor e mais barato plano assistencial, determinaram o estabelecimento de convênios para assistência médico-odontológica, incluindo-se análise clínica, radiografia e hospitalização para os associados. Êsses convênios estão firmados, presentemente, em 107 municípios brasileiros, situados em 18 Estados: Rio Grande do Sul — Santa Catarina — Paraná — São Paulo — Rio de Janeiro — Guanabara — Bahia Espirito Santo — Minas Gerais — Distrito Federal Mato Grosso — Goiás — Alagoas — Paraíba — Amazonas — Pernambuco — Sergipe — Ceará.

OS 260 MIL ASSOCIADOS

Êsse número foi alcançado nos primeiros dias de fevereiro passado. Apenas 14 meses após ter o GBOEx aberto seus planos aos civis de todo o País, numa campanha notável (dezembro de 1965). Até então, fôra formado e solidificado com a participação de militares. Chegara aos 75 mil associados. A ampliação do quadro social, atingindo o excepcional número de hoje, que representa mais de um milhão de brasileiros que olham o futuro com tranqüilidade, protegidos pelo GBOEx, permitiu a ampliação dos setores assistenciais.



O patrimônio imobiliário está representado por dez edifícios em Pôrto Alegre e um andar na Av. Rio Branco na Guanabara. Os edifícios do Grêmio totalizam 73.873 metros quadrados de área construída, todos situados no centro da Capital gaúcha, sede do GBOEx. Êsse patrimônio material, palpável, visível é o alicerce no qual se assenta a solidez da maior sociedade brasileira de beneficência. Mas, para ampliação de seus benefícios, contribuem, mensalmente, duzentos e sessenta mil associados, número sempre crescente. Na sequência fotográfica, vemos: Ed. Almare, na Guanabara, cujo 11.º andar é de propriedade do GBOEx; edifícios Gen. Severiano, Tuyuty, Mal. Mallet, Gen. Osório, Marechal Mesquita, Ten. Cel. Moniz Aragão, Mal. Trompowski, Duque de Caxias (sede), Marechal Bitencourt, todos em Pôrto Alegre.



O PIONEIRISMO DA PESCAL ABRIU NOVAS POSSIBILIDADES ECONÔMICAS PARA O BRASIL

RIO GRANDE UM TESOURO NO MAR

Com uma frota de navios e caminhões próprios, a Pescal abastece dez estados brasileiros e sete países da Europa e das Américas.

A TÉCNICA PRESERVA A QUALIDADE

● *O peixe é o alimento mais rico em proteína. A apurada técnica do seu preparo, na Pescal, permite conservar suas propriedades nutritivas e sua entrega a pontos distantes para ser consumido longo tempo depois.*

⊞ O Brasil possui um dos mais ricos mananciais pesqueiros do mundo. E na costa sul, de Rio Grande até os limites com o Uruguai, estende-se por 600 quilômetros um dos nossos maiores e mais variados potenciais em pesca, capaz de abastecer todo o mercado interno e de se constituir em poderosa fonte de coleta de divisas no exterior. Há vinte e cinco anos, um grupo de industriais gaúchos lançava-se num empreendimento pioneiro destinado a tornar realizável essa possibilidade imensa. Hoje, a marca Pescal é conhecida em quase todo o país e as 2.200 toneladas mensais de seus diversos produtos, que vão desde filés de peixe até camarão congelado, são consumidas em dez estados brasileiros e, ainda, nos Estados Unidos, no Uruguai, na Argentina, França, Alemanha, Itália e Iugoslávia.

Ao mesmo tempo que abria e conquistava êsse nôvo e importante campo para as nossas exportações, a Pescal, ao introduzir a industrialização da pesca em alta escala, no país, passou a contribuir decisivamente para desenvolver no brasileiro o hábito de comer peixe. Êste alimento é o mais rico em proteína, substância nutriente de que mais carece nossa população. Enquanto alimentos considerados de alto teor em proteína, como leite e ovos, contêm, respectivamente, apenas 3,5 e 11% dessa substância, o pescado possui, em média, 20 por cento de elementos protéicos. Por outro lado, a industrialização permitiu aos pescadores do Rio Grande do Sul encontrar mercado bem mais amplo para suas atividades, nas quais aquêle estado lidera hoje a produção nacional.

Para dar conta da complexidade de suas operações, a Pescal S. A. Indústria Brasileira de Peixe conta com os mais modernos recursos técnicos. Sua fábrica é dotada de câmaras frigoríficas com capacidade para mil toneladas, produção própria de 35 toneladas diárias de gêlo, usina elétrica de 625 kVA, hidráulica de 26 mil litros por hora e tanques de armazenamento de 400 mil litros de água tratada. Logo que deixa os barcos, o pescado, na primeira lavagem, passa por uma seleção preliminar de qualidade, condições de consumo e espécie. No decorrer do seu preparo, é submetido a um congelamento rápido, em túneis de temperaturas entre 35 e 40 graus abaixo de zero, o que conserva suas propriedades nutritivas e permite ser consumido longo tempo depois. A completa linha de produtos abrange merlusa, pescadinha, corvina, bagre, lula, tainha, camarão e muitos outros, preparados em filés, em postas, inteiros, eviscerados, espalmados, prensados, etc., além de farinha de peixe, e que onze caminhões-frigoríficos e navios cargueiros transportam para São Paulo, Guanabara, Minas, Espírito Santo, Bahia, Alagoas, Sergipe, Pernambuco, Paraíba, Ceará e para o exterior. É mais uma contribuição do Rio Grande do Sul para melhor alimentação e requintamento do paladar do brasileiro. E mais uma riqueza da nossa economia.

O PEIXE QUE O SUL PRODUZ

• *A maior base do aproveitamento racional da pesca na América do Sul é o litoral gaúcho. Sua larga plataforma continental, que é imenso pesqueiro, dos primeiros do mundo, atinge 100 milhas de mar adentro, em tôda a costa. A isso se somam cem quilômetros de água salgada que invade a lagoa dos Patos, chegando até às margens do rio Guaíba e levando consigo enorme variedade de espécies apreciadas por sua carne e seu sabor: corvina, savelha, miraguaia, anchova, castanha, pescadinha, bagre, pargo, pampo e camarão encontram condições propícias de reprodução na parte sul da lagoa e ali são pescados em milhares de quilos. É na iniciativa particular da industrialização que o pescador gaúcho, sem o incentivo oficial que merece, encontra seu grande apoio para transformar essa prodigalidade do Atlântico em benefício alimentar e econômico não só para o Rio Grande do Sul como para o país.*

CHAVES & ALMEIDA S.A.

TECIDOS E MIUDEZAS POR ATACADO

Fundada em

1866

MAIS DE UM SÉCULO DE TRADIÇÃO

Emprêsas Industriais do Grupo:

S. A. CIA. LANIFÍCIO SÃO PEDRO

CIA. INDUSTRIAL CELULOSE E PAPEL GUAÍBA (CELUPA)

JUTIFÍCIO CHAVES S. A.

CIA. LANIFÍCIO SÃO PAULO

COTONIFÍCIO INDAIATUBA S. A.

Emprêsas Agro-Pastoris do Grupo:

GRANJA SANTA RITA

FAZENDA BARBA NEGRA

AGRO-PASTORIL CHAVES BARCELLOS S. A.

AGRO-PASTORIL ITAIASSÚ S. A.

AGRO-PASTORIL SÃO MARTIN S. A.

RUA CONCEIÇÃO, 195 — PÔRTO ALEGRE — RS

Manchete
CINEMA

Os filmes que o mundo vê

Rio

● **Espiões, ouro, prata** — Uma excursão pelos cinemas da cidade poderá levar o espectador a Veneza ou às pradarias do Oeste supostamente americano, e num país tropical fictício sete homens de ouro dão seu mais recente golpe. O panorama é triste: Robert Vaughn, em **Missão Secreta em Veneza,** imita James Bond mais Napoleon Solo; Giuliano Gemma (ou Montgomery Wood?), em **Adeus, Ringo!,** esmurra de uma vez cinco bandidos entre as rochas dos subúrbios de Roma; Philippe Leroy, em **O Grande Golpe dos Sete Homens de Ouro,** controla um ditador com as barbas de Fidel Castro sob os olhares brilhantes de Rossana Podestá.

Fórmulas: na história de espionagem, imaginar uma reunião internacional sôbre o desarmamento. recorrer sempre à Central Intelligence Agency (CIA), citar duas ou três ótimas mulheres em roupas íntimas, conseguir uma ponta de realismo (os pombos da Praça de São Marcos), e não esquecer, nunca, a OTAN. Na história de faroeste falsificada, abrir com fôrça as portas do **saloon,** pedir bebida com a bôca torta, atirar no parceiro que rouba no pôquer, mostrar à mocinha que o amor é só um problema de rapidez com a mão direita. No conto de Branca de Neve e os sete gigantes, ou seja, Rossana Podestà cercada pelos maiores ladrões do mundo, revelar os últimos achados da técnica eletrônica, mencionar a cobiça como perdição dos homens, brincar de militarismo latino-americano e lançar a última mania européia em jóias e penteados.

Os três filmes são exemplares, como produtos de consumo que encontram um público certo, nas grandes capitais do mundo. Ninguém tem culpa se êles são terrìvelmente medíocres, a verdade é que fazem muito dinheiro, arrastam-se por semanas em cartaz e ainda encontram, de mês em mês, novos seguidores. São os três fenômenos do momento: espionagem, **western** italiano, policial colorido. Realizados em série, esgotam sob a aparência do espetáculo de luxo todos os lugares-comuns conhecidos e desconhecidos de vinte anos de Hollywood. São histórias de estúdio tratadas, agora, de forma mais aberta, pois o cinema vulgar também aprende a marchar com a época e recorre — como os técnicos da publicidade moderna — ao truque da embalagem verbal e do impacto cromático-visual. Parece complicado? Tome-se, como padrão, **Missão Secreta em Veneza.** Seus personagens, certamente, ainda desconhecem o terceiro mundo, mas já falam em coexistência pacífica Estados Unidos-URSS e desvendam um mistério para derrotar o "temível perigo que vem de Pequim". Os espiões de **Missão Secreta** já convivem em paz com os diplomatas soviéticos, sabem que o equilíbrio mundial está numa mesa de conferências, adotam como linha de conduta um nôvo conhecimento dos homens e só temem, mesmo, a lavagem cerebral elaborada segundo os métodos científicos mais avançados. O herói, jornalista, foi agente da CIA e sofre de um mal bem contemporâneo, o amor invencível por outra espiã. **Missão Secreta** dá, gratuitamente, informações sôbre como funcionam os mecanismos de segurança (palavra-moda), e admite que o jôgo entre as grandes potências se realiza também de acôrdo com o particular, frágil e surpreendente jôgo dos sentimentos. No final, o espectador sente que, além das velhas emoções do filme policial, aprendeu alguma coisa: êle é colocado no centro das grandes intrigas, vê na tela o que costuma ler diàriamente nos jornais. A fumaça colorida do gênero, porém, só é capaz de convencer os que ficam satisfeitos com a simples notícia, sem o trabalho de partir para a reflexão. Pois **Missão Secreta em Veneza,** despido de todo seu aparato "político", não passa de uma oportunidade de reviver os lances mais vulgares do policial urbano, onde caras misteriosas na esquina, lindas mulheres solitárias, diálogos equívocos sôbre a compra de poder, e revólveres sempre à mão fazem o interminável espetáculo.

M. G. L.

CEBION

É VITAMINA C PURA

PROTEGE CONTRA GRIPE E RESFRIADOS

EFERVESCENTE DE SABOR AGRADÁVEL

Basta dissolver o comprimido em um copo d'água - tomar - para reforçar a sua defesa contra gripe e resfriados.

por que os hoteis e toalheiros ficam tão satisfeitos com as toalhas Garcia?

Porque êles precisam de um produto (de qualidade) que resista ao uso intenso e às lavadas constantes, semana após semana, meses a fio. E as toalhas GARCIA provaram na prática que podem ser usadas o dia inteiro, sempre enxugando bem. A mesma qualidade das toalhas comerciais, GARCIA emprega nos jogos de toalhas domésticas, que embelezam o banheiro e dão prazer ao seu banho.

As toalhas GARCIA sabem conciliar qualidade e beleza. Seus desenhos sóbrios e modernos vão agradar seu bom gôsto. Afinal, não é isso que V. espera de uma toalha?

*Isolda, nas côres azul, rosa-choque e amarelo.

JOGOS DE BANHO, CAMA E MESA

Emprêsa Industrial GARCIA BLUMENAU - SC

A PROVA QUE QUALIDADE NÃO CUSTA MAIS

*ISOLDA

notícias que valem MANCHETE

Mae West vai se exibir em Paris, pela primeira vez — no "templo" do strip-tease, **o Crazy Horse. A grande** pin-up **do cinema na década de 30, hoje com 75 anos, naturalmente não tirará a roupa. Apenas cantará. Cachê: 30 milhões de cruzeiros antigos por dia.**

★ GILBERT BÉCAUD VALE QUANTO PESA EM AÇO. A municipalidade de Dusseldorf, para manifestar o aprêço da população dessa cidade siderúrgica alemã pelo cantor francês, que ali se apresentou com grande sucesso, ofereceu-lhe uma estatueta em aço, com o seu pêso exato — 73 quilos.

★ QUEIJO ALEMÃO E CERVEJA SUÍÇA não poderão mais levar as respectivas etiquêtas de "queijo suíço" e "cerveja alemã". Autoridades de ambos os países chegaram a um acôrdo neste sentido, para preservar a autenticidade de seus produtos típicos — após dois anos de discussões sôbre sua antenticidade...

★ DUAS CANÇÕES DEIXARAM DE SER IRRADIADAS pela rêde estatal de emissoras da França, durante o período da recente campanha eleitoral. Intitulam-se **O Senhor Diretor-Presidente da Emprêsa** e **Isto é Lamentável.** Motivo: ambas fazem duras críticas a De Gaulle e poderiam influir no eleitorado.

★ O VATICANO VAI ESTABELECER REPRESENTANTES nos países comunistas. Embora não venham a ocupar qualquer posição diplomática, êsses núncios procurarão preparar terreno para o estabelecimento de relações definitivas.

★ A CHINA QUER FAZER BOMBAS ATÔMICAS PARA O PAQUISTÃO. O govêrno de Mao Tse-Tung ofereceu ajuda técnica ao de Karachi. A Índia acha que a oferta nada tem de consistente: é apenas para tentar envolvê-la na corrida armamentista nuclear.

★ BB VAI REAPARECER NO FESTIVAL DE CANNES, pela primeira vez, desde que foi descoberta naquele certame em 1953. Seu último filme, **A Coeur Joie,** vai abrir o festival dêste ano, mas sem concorrer a prêmios.

★ ALEC GUINESS, indagado por um repórter a que atribuía sua brilhante carreira no teatro e cinema: "À fome. E à necessidade de ter que trabalhar para saciá-la."

Os jovens russos já conhecem a bossa nova e o têrmo faz parte do seu cotidiano. Entre modernas danças que êles inventam, a novidade é a kazanova, **em homenagem à cidade de Kazan, cuja canção adverte:** "Kasanova **não é** bossanova" **(assim escrito em russo).**

★ UM RETRATO DE CLÁUDIA CARDINALE serviu de experiência para a transmissão de imagens televisadas, de Londres a Honolulu, através dos satélites de comunicações Early Bird (sôbre o Atlântico) e Lani-2 (sôbre o Pacífico). Cláudia saiu-se perfeitamente bela, nessa "viagem" de 11.250 quilômetros.

★ OS 40 ANOS DO VÔO DE LINDBERGH, de Nova Iorque a Paris, serão comemorados em maio, na capital francesa. Uma réplica do **Spirit of Saint Louis,** pilotada pelo americano Frank Tallman, fará a reconstituição da chegada daquele célebre avião após a travessia pioneira do Atlântico. Mas decolará de Evreux, perto de Paris.

★ O VESTIDO DE NOIVA DA FILHA DE JUDY GARLAND, Lisa Minelli, fêz sucesso, no seu casamento com o ator australiano Peter Woolnough. Soube-se, depois, que fôra desenhado por seu pai, o famoso cineasta Vincent Minelli, que estreou, assim, como figurinista.

★ OS ADULTOS INGLÊSES FUMAM CADA VEZ MENOS. A percentagem de fumantes (na população maior de 21 anos) caiu de 57 para 54 por cento, nos últimos quatro anos. Em compensação, neste mesmo período, o número de jovens fumantes cresceu de 60 para 70 por cento.

★ PROJETO DE UMA CIDADE NA LUA submetido à aprovação do govêrno soviético. Prevê casas de matéria plástica maleável, que flutuarão no ar como bolas de encher, e edifícios feitos de lava vulcânica devidamente tratada. A cidade já tem nome: Lunigrado. O autor do projeto é o arquiteto Nicolas Kolomiets.

★ CAMPANHA DE "NACIONALIZAÇÃO" DA MÚSICA POPULAR lançada pelo Cintra Club, de Paris. Discos dos Beatles, Rolling Stones, Bob Dylan e cantores franceses de iê-iê, como Johnny Hallyday, foram quebrados e jogados no lixo, em público. E cartazes contra êles foram afixados na porta daquela boate.

O Vaticano parece ingressar na corrida espacial. É o que se deduz da decisão de Paulo VI autorizando o Monsenhor Igino Cardinale, representante da Santa Sé em Londres, a assinar, em nome do Papa, o acôrdo mundial de uso do espaço para fins pacíficos.

★ SOFIA LOREN DESMENTIU QUE IRÁ ADOTAR UM MENINO de ano e meio, Ernestino, asilado num orfanato de Roma. Ao contradizer o insistente noticiário da imprensa italiana a êsse respeito, a atriz confessou ainda nutrir esperanças de vir a ter um dia seus próprios filhos.

★ UM MUSEU SALVADOR DALÍ será instalado em Figueras, Espanha, onde o artista nasceu. Reunirá suas principais obras.

★ A EMBAIXADA DA CHINA COMUNISTA TENTOU INTERDITAR UMA PEÇA que faz sucesso em Paris: **Xavier,** da autoria de Jacques Deval. Motivo: é uma sátira à Guarda Vermelha. Contudo, funcionários da própria legação convenceram o embaixador que se trata de "uma inofensiva tolice burguesa" e o demoveram da intenção.

★ FARAH DIBA PODERÁ VIR A GOVERNAR O IRÃ e ser, assim, a primeira mulher a subir ao trono no Oriente. O Xá Reza Pahlevi propôs ao parlamento uma emenda constitucional tornando sua espôsa regente, em caso de impedimento ou morte do imperador, antes da maioridade do príncipe herdeiro.

★ A FOX VAI INDENIZAR SHIRLEY MACLAINE em 2 bilhões de cruzeiros antigos. A famosa estrêla ganhou um processo contra aquela companhia, que cancelou a filmagem de **Bloomer Girl,** película em que ela atuava, trazendo-lhe prejuízos.

★ OS RUSSOS JÁ TÊM SEU ÍDOLO DO IÊ-IÊ. É a cantora Rosy Armen, francesa inteiramente desconhecida na França. Sua fama já chegou aos Estados Unidos, onde ela fará uma série de apresentações em outubro próximo.

Um "dossiê completo sôbre a morte de Kennedy" foi lançado com grande êxito em Londres. Compreende um resumo do Relatório Warren, um livreto apontando pontos falhos do inquérito, fotocópia da autópsia do presidente e fotos de sua camisa ensangüentada.

★ FRANK SINATRA E SUA FILHA, NANCY, lançaram seu primeiro disco em dueto. Tem um curioso título: **Qualquer Coisa de Estúpido.** E já é sucesso nos EUA.

★ UMA JAULA ONDE SERÁ PRÊSO NKRUMAH, ex-presidente de Gana, desfila sôbre um reboque, puxado por um jipe militar, pelas ruas de Acra, diàriamente. Os atuais governantes do país pretendem caçar Nkrumah onde quer que se encontre, assim que concluírem o que chamam de "devassa em sua corrupção".

★ O RUÍDO DOS VEÍCULOS SERÁ REGULAMENTADO por lei na Inglaterra. Os motores dos carros só poderão fazer barulho até 85 decibéis, e os das motocicletas, até 90 decibéis. Os guardas de trânsito se munirão de registradores de ruídos portáteis para fazer valer a lei.

★ JULIETTE GRÉCO E MICHEL PICCOLI, recém-casados, atuarão juntos no cinema, pela primeira vez. Farão papéis principais de uma nova versão do clássico **O Vampiro de Dusseldorf.**

★ UM RETRATO DO PAI DE TUTANCAMON, o faraó-menino cujo fabuloso tesouro está sendo exibido em Paris, foi vendido em leilão naquela cidade por 60 milhões de cruzeiros antigos. Trata-se de um relêvo em calcário, retirado de sua pirâmide tumular, gravado há mais de 3.600 anos.

★ UMA LONGA "MARCHA CONTRA A MÁFIA" foi encetada por 700 sicilianos. Percorrerão 145 quilômetros através da Sicília exortando o govêrno italiano a tomar providências definitivas contra aquela associação ilegal, que continua dominando e aterrorizando a ilha.

O viúvo de Martine Carol, Mike Eland, está sendo processado pelo Hotel Paris, onde morava e faleceu a estrêla. A gerência afirma que Mike prejudicou o prestígio do hotel deixando que fotografassem Martine morta no quarto. Ninguém mais quer se hospedar ali.

Dando prioridade à energia, aos transportes e às comunicações, o Governador Peracchi Barcelos inicia

A OFEN

— O gaúcho está arregaçando as mangas...

A frase, ouvida com freqüência por todo o Rio Grande do Sul, exprime a nova arrancada para o progresso. Oito brasileiros em cada cem são gaúchos. Êles se unem agora num esfôrço que levará a quarta unidade mais populosa do país a ocupar posição ainda mais destacada na economia nacional. Três coordenadas principais dirigem o programa de ação do atual govêrno gaúcho: **energia, transportes** e **comunicações**. Setores prioritários na administração do Sr. Peracchi Barcelos, o seu equacionamento e gradativa solução virá, nos próximos anos, eliminar as últimas resistências ao crescimento econômico e social do Rio Grande do Sul.

Rico em matérias-primas, poucos estados brasileiros possuem tantas condições de industrialização. Suas perspectivas são promissoras e o presente já nos dá eloqüentes provas de sua capacidade. Mas o **potencial energético** ainda se apresenta insuficiente para atender às enormes demandas de expansão do parque fabril. É uma situação que se repete no resto do país. O forte crescimento do mercado consumidor de energia elétrica que não se faz acompanhar, infelizmente, do aumento devido de quilowatts. No Rio Grande do Sul já se combate essa deficiência. O govêrno estadual pretende ultrapassar, no mais curto prazo possível, a potência instalada de um milhão de quilowatts. Três importantes projetos, que conduzirão a essa meta, já se encontram em diferentes fases de estudo. A Hidrelétrica de Passo Real, com capacidade para 250.000 kw, breve terá iniciada a construção, uma vez que os recursos financeiros indispensáveis já foram assegurados pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento. Projeto altamente prioritário, resolverá, a curto prazo, o problema energético de uma vasta área gaúcha. A Hidrelétrica de Passo Fundo, projeto em estudos, deverá contribuir com uma capacidade de 220.000 kw. A maior de tôdas as usinas projetadas é a Termelétrica de Candiota. Com capacidade de 400.000 kw, fornecerá energia para a área da Campanha, justamente a que vinha sendo mais sacrificada no setor energético. Outra possibilidade, que enriquecerá o potencial energético do Rio Grande do Sul, é a interligação do seu sistema ao de Santa Catarina, ou melhor, ao da usina da SOTELCA, com uma disponibilidade de 40 a 50 mil kw, que poderão ser fornecidos ao Rio Grande. **Todos êsses projetos englobados, unidos aos já existentes, darão ao estado um potencial de 1.280.000 kw, mais do que suficientes para as necessidades dos próximos anos.**

No setor dos **transportes** — outro elemento vital para a economia gaúcha — pretende o Govêrno Peracchi Barcelos dotar o estado de uma rêde rodoviária completa e integrada. Embora alguns dos centros vitais já se achem ligados por estradas pavimentadas de primeira ordem, o território gaúcho ainda se ressente de rodovias que permitam o tráfego sob quaisquer condições climáticas. Com sua pavimentação quase concluída, a chamada Estrada da Produção — Tronco Norte, unindo Pôrto Alegre a Sarandi, serve uma das zonas mais ricas e dinâmicas do Rio Grande do Sul. E encontra-se em estudos a construção do seu Tronco Sul, ligando Santa Maria ao Pôrto do Rio Grande. Outra estrada que está sendo pavimentada é a que, ligando Pôrto Alegre a Santa Maria, corta o estado no sentido leste-oeste e vai prestar serviços a uma região que ainda não alcançou maior progresso ùnicamente devido à falta de rodovias adequadas. Acham-se ainda em andamento projetos prioritários com a cooperação financeira do BID tais como a pavimentação das estradas Quinta—Chuí, Uruguaiana—Alegrete, Rosário—Livramento e Aceguá—Bagé—Caçapava, entroncamento da Uruguaiana—Pôrto Alegre. O plano rodoviário também terá função mais acentuadamente social, melhorando substancialmente as estradas municipais e vicinais, prejudicadas por ocasião das prolongadas chuvas que, principalmente nos meses de inverno, castigam o Rio Grande do Sul.

A MELHORIA DOS TRANSPORTES IMPULSIONARÁ A ECONOMIA RIO GRANDENSE

Por outro lado, em matéria de transportes, o território gaúcho apresenta condições muito mais diversificadas do que a maioria dos outros estados brasileiros. Contará com nada menos do que 1.200 quilômetros de vias fluviais e lacustres navegáveis, quando estiverem concluídos os sistemas de barragens com eclusas previstos para os rios Jacuí e Taquari. **Êsses rios transportam mais tonelagem de carga do que todos os demais rios brasileiros juntos, inclusive o Amazonas.** O govêrno, através do seu plano de ação, deverá também melhorar muito em breve as condições de navegabilidade dos rios Caí, Sinos e Gravataí, bem como nas lagoas dos Patos e Mirim. Serão também objeto de reaparelhamento os portos de Pôrto Alegre, Pelotas e Rio Grande, por onde se escoa considerável parcela da produção riograndense. No setor aeroviário, o govêrno melhorará as condições de pouso em diversos aeroportos do interior, tanto para permitir sua utilização por aeronaves comerciais, como para empregá-los como alternativas. A rêde ferroviária gaúcha, administrada pelo govêrno federal, com mais de 3.500 quilômetros de extensão, liga as regiões produtoras do estado com os portos fluviais. O Batalhão Ferroviário do Exército constrói o Tronco Principal Sul, ferrovia em bitola larga que fará a ligação, pràticamente em linha reta, de Pôrto Alegre a São Paulo, e deverá ficar concluída dentro em breve.

O maior desenvolvimento econômico e social tem sido freado, no Rio Grande do Sul, pela falta de um sistema de telecomunicações que una, com eficiência, a capital do estado ao interior e ao resto do país e do mundo. Sòmente há pouco tempo foram instalados os primeiros aparelhos de telex, permitindo comunicação com Rio e Brasília. **A implantação de um eficiente sistema de telecomunicações constitui também meta prioritária do govêrno do Sr. Peracchi Barcelos.** Seu plano preliminar visa à instalação imediata de 3.800 linhas telefônicas em cidades do interior gaúcho e 24.000 linhas na capital. Outra novidade será a implantação de um sistema de microondas ligando as principais cidades gaúchas. Ao mesmo tempo, os gaúchos atuarão junto ao govêrno federal para que, no menor prazo possível, se concretize a ligação do chamado Tronco Sul de Comunicações, beneficiando Santa Catarina e Paraná além do Rio Grande, de vez que contará, inicialmente, com quase trezentos canais telefônicos.

Quem visite hoje o Rio Grande do Sul verificará que o nível de vida dos gaúchos está subindo cada vez mais. Milhares de famílias possuem refrigerador, televisão, rádio e outros aparelhos eletrodomésticos. Percentagem apreciável dispõe de automóvel próprio. E muitos são proprietários de residências de veraneio, quer na praia, quer na serra ou no campo. Todos os anos aumenta o número de gaúchos que vão passar suas férias no Rio, nas praias uruguaias, ou em Montevidéu e Buenos Aires. Multiplicam-se as indústrias, as agências bancárias, as casas comerciais, os supermercados, os hotéis de veraneio, as emprêsas de transportes, as agências de viagens. Antigas emprêsas modernizam sua produção e se expandem; outras se instalam em território gaúcho, sabendo de antemão que encontrarão nêle um importante **mercado consumidor** — mais de seis milhões de pessoas, com um dos mais altos podêres aquisitivos do país e da América Latina. **Maior em superfície do que países como o Equador ou a Nova Zelândia, o Rio Grande do Sul oferece hoje novas e amplas oportunidades de investimentos seguros e de alta rentabilidade.** E tais perspectivas, como não poderia deixar de ser, interessam de perto aos homens de negócios brasileiros e estrangeiros.

A OFENSIVA PARA A INDUSTRIALIZAÇÃO TERÁ OBJETIVOS ESTUDADOS

O projeto de reforma administrativa elaborado pelo Sr. Hélio Beltrão, atual ministro do Planejamento, prevê a criação da Secretaria do Govêrno, que terá a seu cargo a coordenação de planos, a realização de estudos e análises macroeconômicas e a captação dos recursos externos, tanto do resto do Brasil, como do exterior. A administração do Sr. Peracchi Barcelos desfechará, dentro de pouco tempo, uma **ofensiva para a industrialização,** que obedecerá a estas coordenadas:

① Levantamento das necessidades e perspectivas econômicas do Rio Grande do Sul nos mais diversos setores e, de modo especial, naqueles considerados básicos, que serão oportunamente definidos.

② Realização, por técnicos do govêrno estadual, de estudos de viabilidade econômica dos projetos considerados básicos, que serão, para exame e análise, coloca-

SIVA GAÚCHA

O GOVERNADOR PERACCHI BARCELOS, UM GAÚCHO NO COMANDO DA GRANDE ARRANCADA DO RIO GRANDE DO SUL PARA O DESENVOLVIMENTO

dos à disposição dos investidores em potencial, nacionais e estrangeiros. O govêrno gaúcho remeterá os estudos de viabilidade econômica dos projetos básicos às emprêsas e aos investidores que operem nos setores considerados.

③ O govêrno promoverá, em São Paulo, no Rio e em outras cidades do país e do exterior reuniões de técnicos seus com investidores em potencial, para a difusão e o esclarecimento das oportunidades de investimento existentes no Rio Grande do Sul.

④ Os estímulos e incentivos de qualquer ordem serão estudados em cada caso particular, dependendo de critérios a serem fixados pelo govêrno estadual, entre os quais o vulto do investimento e o número de novos empregos criados, bem como a maior ou menor utilização de matérias-primas gaúchas.

⑤ Na implantação das novas indústrias, o govêrno gaúcho dará aos investidores assistência técnica, colocando-lhes à disposição tôdas as facilidades a seu alcance.

Um levantamento inicial mostra quanto o território gaúcho pode oferecer a futuros investidores:

Carvão Mineral — Utilizado atualmente em usinas termelétricas, poderá ser largamente empregado na indústria química. As jazidas gaúchas são estimadas em mais de um bilhão de toneladas. **Minerais Não-Ferosos** — Oferecem também grande interêsse, dada a abundante matéria-prima. Possibilidades de aproveitamento na construção civil, produção de refratários ladrilhos, manilhas de grés, cal hidratada papel, abrasivos, inseticidas, fertilizantes, louça sanitária, isoladores elétricos e térmicos, etc. **Construção Naval** — Dispondo de densa rêde fluvial e lacustre, o Rio Grande oferece excelente campo para êste setor inclusive o equipamento de barcos destinados à pesca em alto mar. **Máquinas e Implementos Agrícolas** — A lavoura gaúcha, parcialmente praticada em terras planas, permite a mecanização, como já acontece com o trigo e o arroz. Várias emprêsas já produzem equipamento, mas ainda há largo campo para novos investimentos. **Pecuária** — Com a ampliação e o aperfeiçoamento das fábricas atuais e a montagem de novas e modernas indústrias de laticínios e outros derivados da pecuária, bem como a conservação de alimentos pela refrigeração ou liofilizada constituem excelente setor de investimento. **Couro, Peles e Calçados** — Bastante desenvolvida, essa indústria oferece possibilidades de expansão. A exploração pecuária fornece matéria-prima de primeira qualidade. **Fiação e Tecelagem** — Com uma produção de lã da ordem de 30 mil toneladas anuais, o estado oferece ampla oportunidade para a instalação de indústrias de beneficiamento do produto. **Indústria Eletrônica, de Material Elétrico e Aparelhos de Precisão** — Algumas fábricas do ramo já estão instaladas com o mercado em expansão. No tocante à mão-de-obra qualificada, o Rio Grande do Sul não apresenta problemas. **Agricultura** — O Rio Grande é o maior produtor brasileiro de soja, cuja industrialização — azeite comestível — foi há pouco iniciada. O arroz representa 22% da renda agrícola do estado e 800 mil pessoas dêle vivem. A mandioca por sua vez, é importante para a fabricação de colas, maltose, dextrinas e outros produtos. **Frutas em Conserva** — Ainda incipiente, o setor abre grandes oportunidades para a industrialização. Bananas, figos, marmelos, pêssegos, peras, uvas, abacaxis, laranjas e limões, além de outras. **Madeira** — A exploração florestal é antieconômica. Há casos em que apenas 25% das árvores abatidas são aproveitados racionalmente. As reservas naturais, principalmente de araucária, estão sendo acrescentadas grandes plantações de eucalipto e de acácia negra, esta já formando um "floresta" com 120 milhões de pés. **Petroquímica** — O funcionamento da Refinaria Alberto Pasqualini (Petrobrás) abrirá imensas perspectivas. E quando estiver funcionando a Usina de Aços Finos, junto à termelétrica de Charqueadas, e às minas de carvão mineral, estarão criados novos fatôres favoráveis ao estabelecimento de um parque petroquímico. **Indústria de Turismo** — O turismo como indústria começa a ser explorado. O estado atrai turistas de São Paulo, Rio, Belo Horizonte, Montevidéu e Buenos Aires. A construção de hotéis e paradouros, ao longo das rodovias e dos circuitos de turismo, oferece amplas oportunidades.

O RIO GRANDE DO SUL OFERECE POSSIBILIDADES A TODOS OS INVESTIDORES

De Pôrto Alegre ao Rio estendem-se os "Benefícios sempre em vida" da SAOEx

CARRO E CASA PRÓPRIA PARA TODOS

Em outubro de 1963, um grupo de destacadas personalidades civis e oficiais superiores do Exército fundava, em Pôrto Alegre, a Sociedade Assistencial de Oficiais do Exército — SAOEx, com a finalidade de propiciar em vida tôda a sorte de benefícios que sejam julgados interessantes por seus próprios associados. Objetivava, assim, complementar os planos previdenciários existentes no Brasil, que proporcionam proveitos *post mortem*, isto é, vantagens para os herdeiros. Administrada por homens de profundo senso comunitário e sòlidamente assentada em bases racionais, a SAOEx já conta com mais de oito mil sócios no Rio Grande do Sul e Paraná — a filial de Curitiba foi instalada em fins de 66 — aos quais vem propiciando o financiamento de automóveis, casas e apartamentos, através de seus Fundos de Esfôrço Conjugado. Mediante convênios, proporciona descontos em preços em diversos estabelecimentos comerciais e hospitalares. Agora, depois de seu lançamento com absoluto sucesso no Sul do país, a SAOEx leva seus benefícios também à população carioca, ao instalar filial na Guanabara.

RECORDE: 80 AUTOMÓVEIS POR MÊS • Depois de criteriosos e prolongados estudos, a SAOEx lançou para seus associados o Fundo Automobilístico de Esfôrço Conjugado, FAECO, que funciona nos moldes do cooperativismo, estimulando a poupança e financiando automóveis nacionais, usados ou novos em 100 mensalidades iguais, sem entrada. Plano aberto, sem lances, pioneiro no país em suas características, o FAECO capitalizou de imediato o interêsse do público, dadas suas condições acessíveis e a solidez de sua administração. Em 1966, o FAECO entregou mais de mil automóveis a gaúchos e paranaenses, perfazendo uma média de 80 carros por mês. Soma atualmente 1.234 o número de automóveis financiados.

CASA PRÓPRIA: OUTRA IMPORTANTE META SOCIAL • De acôrdo com seus dispositivos estatutários, e prosseguindo no cumprimento de seu lema — *para civis e militares, benefícios sempre em vida* — a Sociedade Assistencial de Oficiais do Exército lançou em Pôrto Alegre o Fundo Imobiliário de Esfôrço Conjugado, FIECO. Trata-se de mais um fruto do sucesso que vem obtendo o Fundo Automobilístico, prestigiado pelo crescente número de participantes no Sul do país. Elaborado nos moldes do cooperativismo, o FIECO visa proporcionar aos associados da SAOEx o acesso à casa própria, incentivando a poupança, dentro do espírito da política estabelecida pelo govêrno federal e dando condições para a aquisição de um imóvel adaptado às necessidades familiares do participante. Assim como o Fundo Automobilístico, o FIECO está financiando casas e apartamentos pelo preço de custo da obra, em 100 pagamentos iguais, sem entrada (de acôrdo com a Lei 4.591, de dezembro de 1964, que regulamenta as incorporações). Em Pôrto Alegre, os primeiros projetos residenciais do FIECO, já aprovados pela prefeitura municipal, estão sendo construídos na Rua Rafael Saadi, Parque Ganzo, no Bairro Menino Deus.

EDIFÍCIOS-GARAGENS • A SAOEx construiu também, em Pôrto Alegre, o estacionamento Beira-Rio, que proporciona serviços e estada com descontos especiais para os sócios. Está administrando o Edifício-Garagem Andrade Neves, obra em fase de conclusão no centro da capital gaúcha, e elabora estudos para construção de garagem própria em Curitiba, tendo já firmado convênio com estabelecimentos congêneres naquela cidade. Além disso, propicia financiamento e descontos em preços de pneus, recapagens, peças e serviços.

CONVÊNIOS • Diversos convênios são mantidos pela SAOEx em Pôrto Alegre, em benefício de seus associados. Entre êles, destacam-se os realizados com o Hospital Petrópolis, o Pronto-Socorro Floresta e com Triângulo Seguros Gerais — Administração e Corretagem Ltda. Com esta administradora de seguros, o convênio está em vigor em Pôrto Alegre, Curitiba e Rio de Janeiro. Através de seu Fundo Automobilístico, a SAOEx mantém na Capital gaúcha intercâmbio com os seguintes concessionários de automóveis: Panambra Sul-Riograndense S. A. (Volkswagen), Copagra S.A. (Willys), Sulbra S.A. (Símca) e A. Gatti (DKW). Em Curitiba, os associados da SAOEx gozam de vantagens de financiamento da caução e na assistência médico-hospitalar no Hospital São Lucas. Além disso, o Fundo Automobilístico de Esfôrço Conjugado mantém convênio com concessionários de automóveis e firmas de autopeças.

Ao instalar-se na Guanabara, a SAOEx já está ultimando intercâmbio com os concessionários VW, Guanauto S.A., Auto Modêlo S.A. e Auto Industrial; da linha Willys, Amendoeira Imp. e Com.; DKW, Gávea-Veículos e Máquinas, e Cinave, Simca. Estão em fase de acêrto convênios com Petrominas (gasolina) e Pôsto Esso do Túnel Nôvo. No setor hospitalar, os associados cariocas da SAOEx contarão em breve com os benefícios decorrentes do convênio a ser firmado com o Hospital da Ordem III do Carmo.

SEDE PRÓPRIA TAMBÉM NA GUANABARA • A SAOEx possui sede própria em Pôrto Alegre, na Av. Praia de Belas, 1.578. Ao levar seus benefícios ao público paranaense, a primeira providência tomada pela Diretoria da SAOEx foi a aquisição de local próprio para estabelecer-se. Adquiriu um amplo conjunto na sobreloja do Edifício Eldorado (Rua Carlos de Carvalho, 250), uma das mais modernas obras arquitetônicas de Curitiba. Na Guanabara, ao chegar recentemente, a SAOEx também instalou-se de maneira definitiva junto aos civis e militares guanabarinos, aos quais passou a prestar em vida tôdas as modalidades de proveitos sociais. (Sua sede própria está localizada na Rua Manuel de Carvalho, 16-3.º andar.)

QUEM DIRIGE A SAOEx • Entidade sem fins comerciais, não visando lucro, a Sociedade Assistencial de Oficiais do Exército converte a arrecadação das mensalidades em novos proveitos para os próprios associados, sempre no sistema de cooperativismo. E sua diretoria, eleita por assembléia, está assim constituída: Ten.-Cel. Sálvio Nores de Morais Rangel, Diretor-Presidente; Cap. Amílcar Barca da Silva Filho (licenciado), Diretor-Superintendente; Coronel Alci Riopardense Resende, Diretor-Administrativo, e Capitão Geraldo Chaves, Diretor-Financeiro.

Em São

Curitiba, onde oferece também assistência do Hospital Lucas, a SAOEX tem sede no Edifício Eldorado.

Em Pôrto Alegre, os associados têm direito ao Hospital Petrópolis. No Rio, contarão com o da Ordem III do Carmo.

Estacionamento de carros é outro benefício que a sociedade oferece. Mais um dêles, o Edifício-Garagem Andrade Neves, será inaugurado em Pôrto Alegre. No Rio e em Curitiba, há convênios com garagens.

Construído pela sociedade, o estacionamento Beira-Rio dá descontos em peças e serviços, como os demais de Curitiba e do Rio. Nêle, a Petrobrás instalou sua primeira bomba de gasolina de Pôrto Alegre.

É certo que BIER a camisa não estaria onde está. Possivelmente até deixaria de aparecer. Acontece que não pretendemos fazer jôgo de esconde-esconde.

BIER a camisa precisa ser vista. Vista e admirada. Admirada e adorada. Olhe bem para BIER a camisa. Compre-a se Você estiver preparado para usá-la.

BIER
a camisa

mercur

NÔVO HAMBURGO

a capital do calçado

Nôvo Hamburgo é uma das cidades mais progressistas do Rio G. do Sul, com largas avenidas, residências luxuosas e um parque industrial que honra o Brasil.

Nôvo Hamburgo é a capital do calçado, no Brasil. Com quase 90 mil habitantes, é o centro econômico de uma área, integrada por vinte municípios, conhecida como o Vale do Rio dos Sinos. Está situada a 40 quilômetros de Pôrto Alegre. O prefeito dessa dinâmica comunidade, Sr. Níveo Friedrich, estimula, através de uma ação administrativa progressista, o espírito de iniciativa da população, e declara: "Nôvo Hamburgo está sempre mobilizada para encontrar soluções para os seus problemas urbanos e os da região em que ela se situa."

De fato, com 750 indústrias e mais de mil estabelecimentos comerciais, essa cidade rio-grandense acusou, no ano passado, um movimento econômico de 126 milhões de cruzeiros, proporcionando emprêgo a 20 mil pessoas. Esta é a razão pela qual êsse município está incluído entre os três que revelam, no Brasil, a mais elevada renda *per capita*. Seu cognome — a capital do calçado — nasceu do fato de possuir 365 fábricas dêsse gênero — tantas quanto as igrejas existentes em Salvador, na Bahia. Além disso, o seu parque industrial é o mais diversificado possível, indo dos artefatos de borracha e de aços finos até cerâmica e carrocerias.

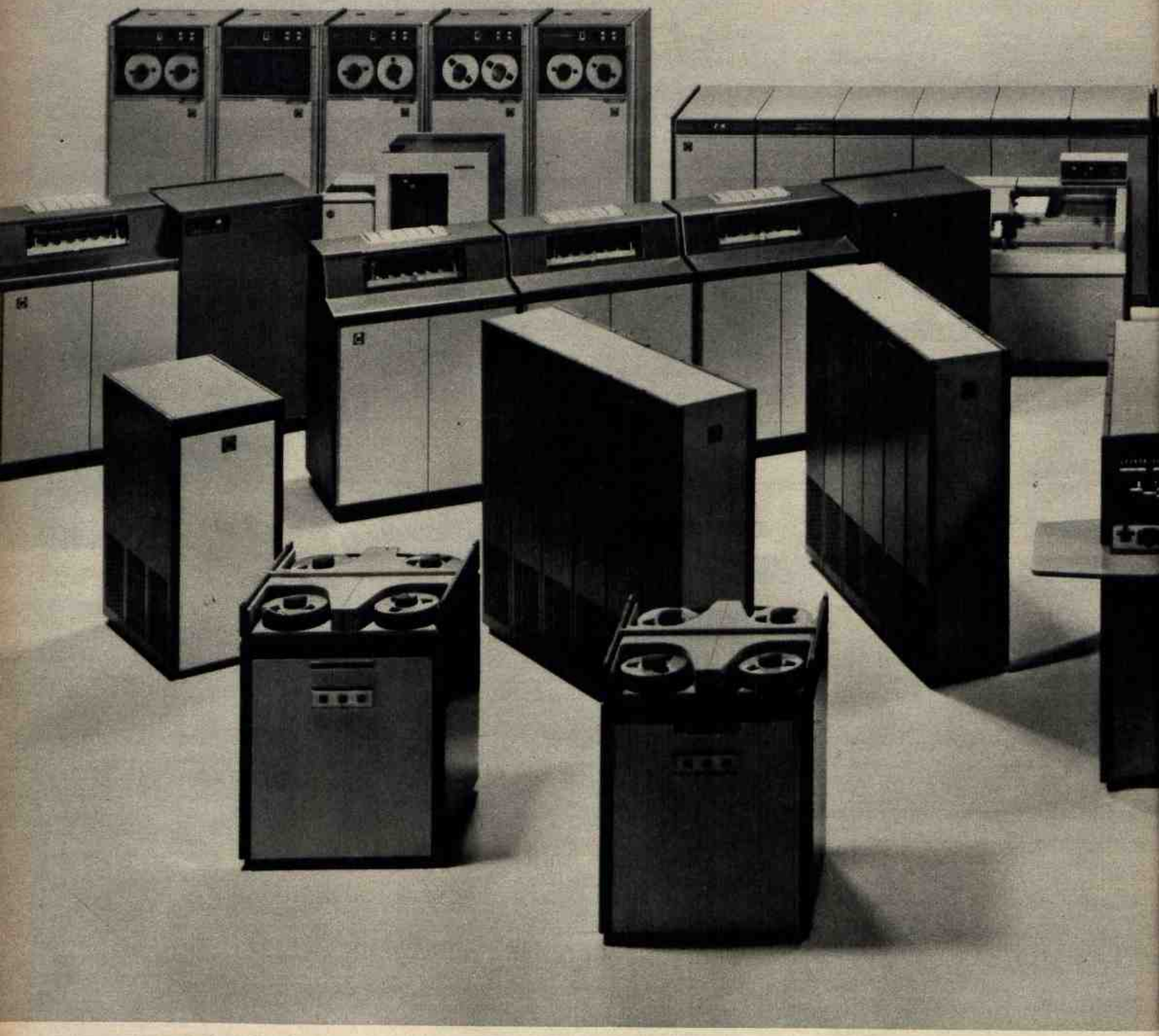
O Prefeito Níveo Friedrich não se mostra, entretanto, satisfeito. Aspira, agora, realizar um velho sonho dos habitantes de Nôvo Hamburgo: a fundação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Não se trata de uma iniciativa isolada, mas de um esfôrço conjunto, tanto da prefeitura de Nôvo Hamburgo, como da de São Leopoldo e das dos demais municípios da região. A idéia é alicerçada em razões ponderáveis, pois naquelas duas cidades já existem cinco escolas de grau superior. A Escola Técnica Industrial Liberato Vieira da Cunha, do Ministério da Educação, já em funcionamento em Nôvo Hamburgo, constitui um núcleo que poderá se transformar em escolas de Engenharia Industrial, assegurando, assim, as condições indispensáveis para a instalação daquela universidade.

Êste ano será realizada em Nôvo Hamburgo, entre 29 de abril e 14 de maio, a III Feira Nacional do Calçado, com caráter internacional, esperando-se a visita de cêrca de um milhão de pessoas. Trata-se de uma iniciativa de grande alcance promocional, não só do município, mas do Estado do Rio Grande do Sul.

Apesar de seu vertiginoso progresso, Nôvo Hamburgo luta com algumas dificuldades e uma delas é o que o Prefeito Níveo Friedrich define como "crise do crescimento". Para solucioná-la, investimentos maciços são necessários. O empresariado local tem procurado enfrentá-la com soluções próprias. Assim, foi criada, recentemente, a Cia. de Financiamentos do Vale do Rio dos Sinos.

Fundando novas indústrias e modernizando as existentes, promovendo a realização de sua Feira do Calçado, Nôvo Hamburgo se projeta no estado e no país e, assim, já está incluída, com justiça, no roteiro turístico de todos quantos desejam entrar em contato com as fôrças novas, que impulsionam o progresso do Brasil.

Pavilhões, em arquitetura moderna, da Feira Nacional do Calçado. Essa Feira irá atrair, no corrente ano, cêrca de um milhão de visitantes.



Sua emprêsa já pode contar com a mais avançada tecnologia em computação eletrônica.

Aqui estão o B2500 e o B3500, "Benjamins" da

Rapidez e potência ao nível do progresso mundial de computação eletrônica, é o que lhe oferecem *de verdade* os computadores Burroughs de terceira geração — dos quais destacamos o B 2500 e o B 3500.

O desempenho dêsses fabulosos sistemas lhe garante o mais alto grau de auto-contrôle e multiprocessamento (operações simultâneas). Isso não acontece por acaso: a Burroughs tem o cuidado de, juntamente com os seus computadores, fornecer uma poderosa programação de apoio — o inigualável *software* Burroughs, que per-

A configuração mostrada na foto é a de um B 3500. O B 3500 e o B 2500, juntamente com o B 5500, o B 6500 e o extraordinário B 8500, formam a família Burroughs B 500, o mais completo conjunto de sistemas computadores de terceira geração, para fins científicos e comerciais.

terceira geração de computadores Burroughs.

mite aos seus usuários extrair o máximo rendimento do *hardware*, das máquinas.

Assim, computador Burroughs de terceira geração (um B 2500 ou um B 3500) funciona *mesmo* como computador de terceira geração, jamais como de segunda, falha essa muito freqüente em outros computadores que ainda não dispõem de *software* adequado.

Êste é mais um exemplo da destruição dos mitos que a Burroughs tem levado a cabo no campo da computação eletrônica.

Essa é mais uma razão por que você deve preferir Burroughs.

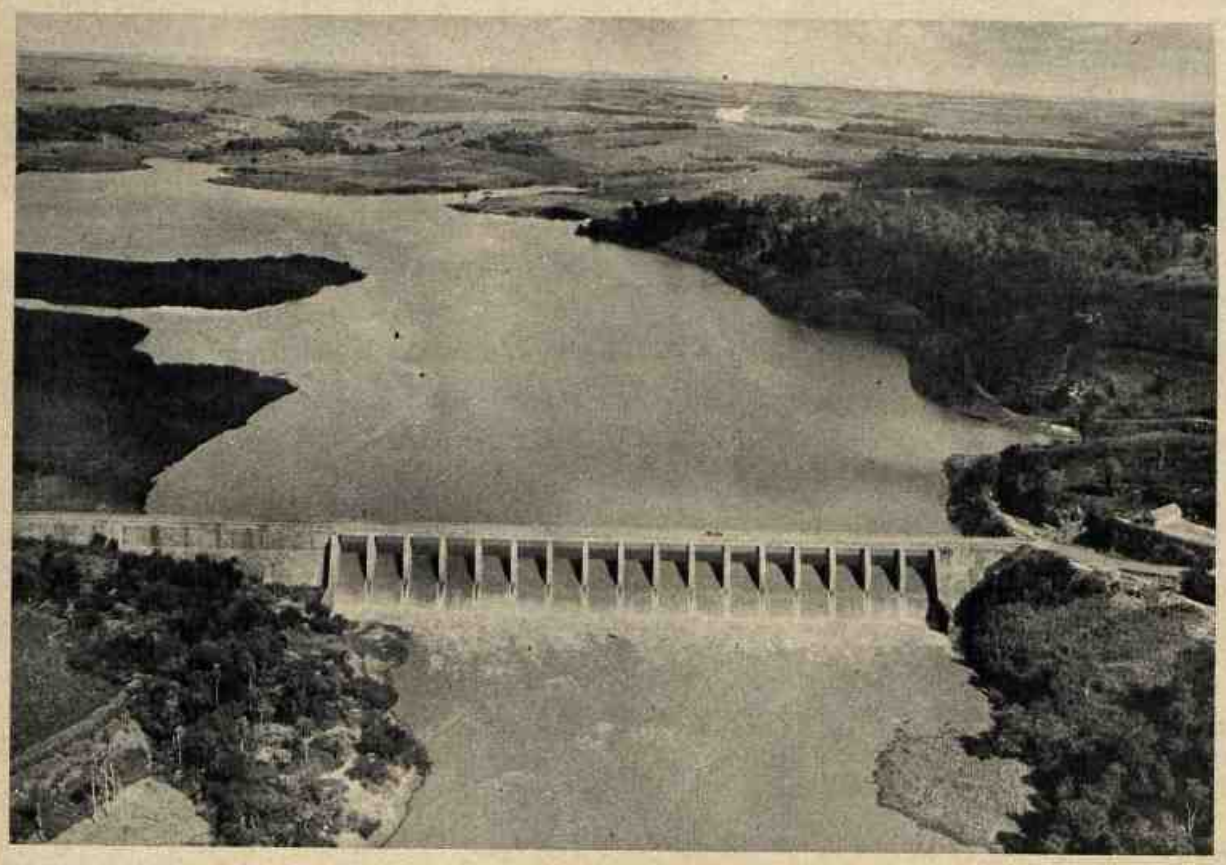
Burroughs Eletrônica

NA VANGUARDA EM PROCESSAMENTO DE DADOS

44 629

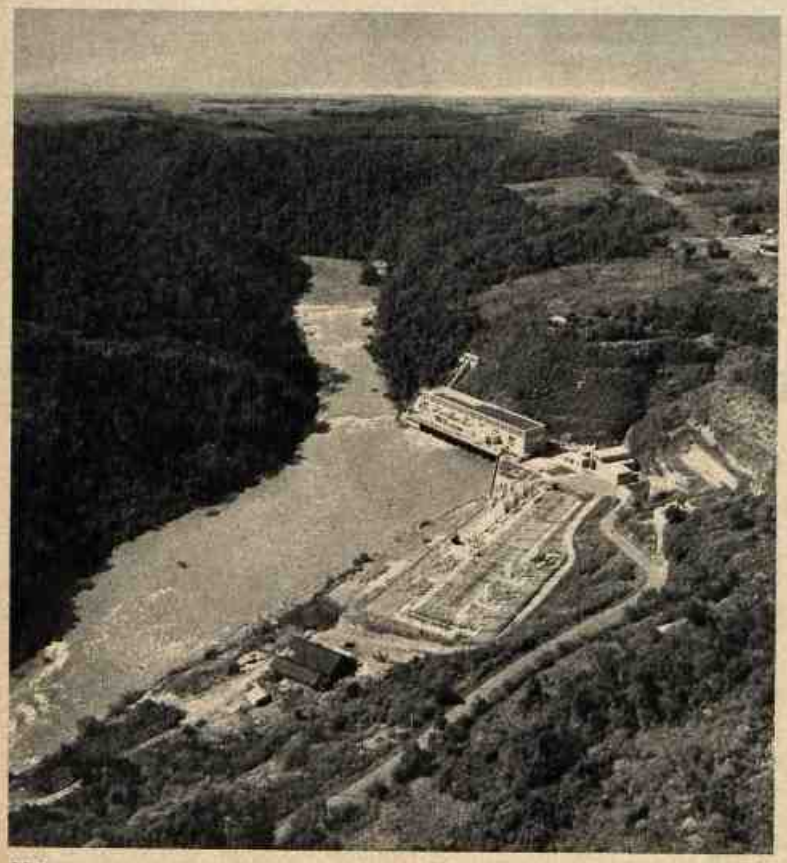
O PLANO DE ELETRIFICAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL ESTÁ EM PLENO DESENVOLVIMENTO

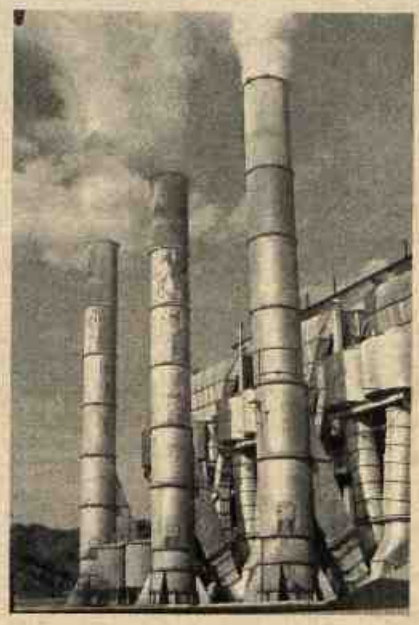
MAIS ENERGIA NO SUL



A Barragem Maia Filho, no rio Jacuí, já está produzindo 75 mil kw e vai produzir muito mais energia na 2.ª etapa.

Barragem do Salto, uma das mais importantes do Rio





A Central Elétrica de Jacuí (à esquerda) dará notável impulso à industrialização do Rio Grande do Sul. A Usina Termelétrica de Candiota (em cima) é uma das mais importantes do gênero e aproveita o carvão-de-pedra abundante, extraído de jazidas localizadas em suas proximidades.

NÃO há possibilidade de desenvolvimento industrial onde não há energia ao mesmo tempo abundante e barata. Êsse problema não é regional: é verdadeiramente nacional e terá que ser resolvido em tal escala. Uma nova mentalidade já está, felizmente, predominando. As unidades federativas não mais realizam esforços isolados. Ao contrário, juntam seus recursos financeiros, com os do govêrno federal, para a solução do grande problema. Ainda há pouco, o ministro das Minas e Energia assinava o têrmo do acôrdo para a execução do estudo dos potenciais energéticos e do mercado de energia elétrica da região Sul do país. Partes, nesse convênio são, de um lado, a Eletrobrás e, do outro, os governos do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Neste último estado, com capacidade instalada de 360 mil kw, foram produzidos, em 1965, 1.285 milhões de kwh. Mas é tal o crescimento do mercado consumidor de

Grande do Sul, localizada no município de São Francisco de Paula. Serve à zona central do estado. Um grande plano de expansão da produção de energia está em execução.

energia que um nôvo e mais amplo esfôrço se faz necessário. Daí o Plano de Eletrificação destinado a pôr o Estado do Rio Grande do Sul em íntima conexão com os estados próximos e, ainda, com a vizinha República do Uruguai, ao qual, aliás, já está ligado, em quatro pontos da fronteira comum.

Destaca-se, nesse plano, a Hidrelétrica Passo Real, no rio Jacuí, a maior até agora planejada no Rio Grande do Sul. Com capacidade total instalada, elevará ao dôbro a produção de energia do RS. Desde setembro de 1962, está funcionando, com a primeira etapa, de 75 mil kw de potência instalada. Para a segunda etapa, todos os equipamentos já estão contratados. Já está ligada com as centrais térmicas de São Jerônimo, Charqueadas e Gasômetro, bem como com as Hidrelétricas Bugres-Canastra e grande número de usinas menores. No mesmo plano, figura a Central Hidrelétrica de Passo Fundo, cuja construção prossegue e que, concluída, terá a potência de 220 mil kw. As centrais térmicas obedecem a uma política de aproveitamento das reservas carboníferas do estado.

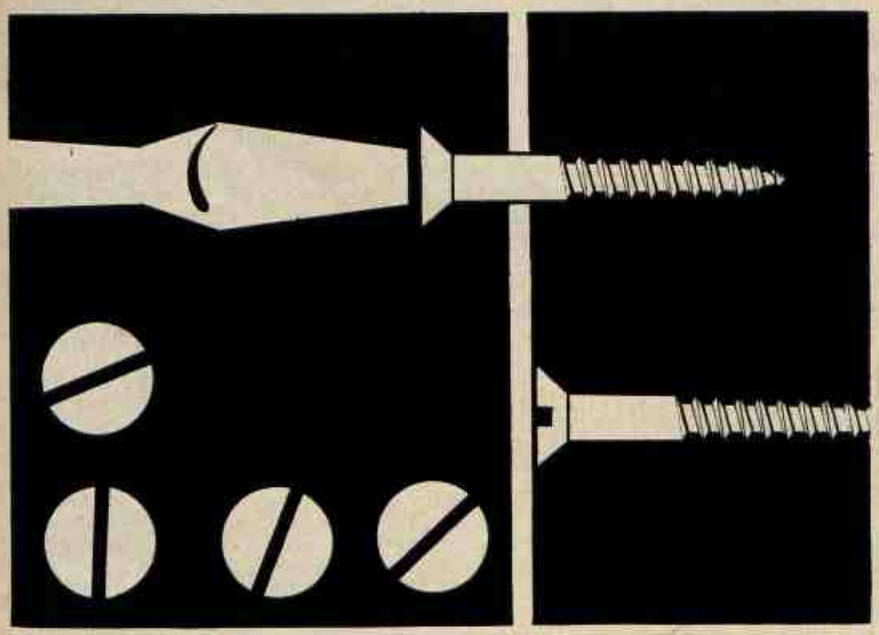
Prosseguem aceleradamente os estudos para a ampliação da geração de energia elétrica no Sul do estado. Na região de Candiota, a construção de uma nova central, em sua capacidade final, poderá atingir quase 400 mil kw. Na esfera estadual, a produção de energia alcançou, em 1965, um total de 1.259,5 milhões de kw. A Companhia Estadual de Energia Elétrica entregou aos seus 511 mil e 339 usuários 1 bilhão, 16 milhões, 950 mil e 49 kw. Foram feitas 14.934 ligações novas, atendidas 189 sedes municipais e 416 distritos, vilas e povoados. Ao todo, 605 localidades. As usinas da CEEE somam 31 hidrelétricas, 5 a vapor e 64 a diesel, no total de 100. No setor em empreendimentos, dentro do plano prioritário de obras iniciado em 1965, foram concluídas e inauguradas as subestações SEPA n.º 4 em Pôrto Alegre, Caxias do Sul e Scharlau, estando em construção a de Farroupilha e em ampliação a de Cachoeirinha. E estão previstas as seguintes obras:

1967 — V e VI unidades da Hidrelétrica Jacuí-NUTEPA (Nova Usina Termelétrica de Pôrto Alegre); 1971 — I e II unidades da Hidrelétrica Passo Real; 1972 — III unidade do Passo Real e Termelétrica de Candiota (Amplican); 1975 — IV unidade do Passo Real e I e II unidades de Passo Fundo; 1976 — III e IV unidades de Passo Fundo. Também estão previstas na programação da Eletrobrás: 1967 — I unidade da Termelétrica Osvaldo Aranha; 1968 — II unidade da Central Osvaldo Aranha e IV unidade da Termelétrica Charqueadas. A CEEE solicitou ainda a inclusão pela Eletrobrás de 100 kw térmicos para 1972 e 1973 e que eventualmente serão as unidades V e VI de Charqueadas, ou outras soluções, em curso de estudos.

UMA das grandes preocupações da CEEE é servir não apenas às grandes concentrações demográficas e industriais, como também ao *hinterland*, beneficiando o meio rural de uma forma intensiva, mas disciplinada. Numa antevisão das necessidades futuras, a CEEE instalou no distrito de Barreto, município de Triunfo, uma usina de tratamento de madeiras, considerada a maior no gênero na América Latina. Sua próxima meta é construir no km 12 da rodovia Pôrto Alegre-Viamão uma escola denominada Centro Técnico de Aperfeiçoamento e Formação. O Centro se propõe a preparar, anualmente, 150 empregados da emprêsa, número que será elevado para 300 quando concluídas as instalações da escola.

UMA PEÇA BEM SIMPLES TÃO SIMPLES QUE VOCÊ NEM VÊ...

(especialmente quando ela está trabalhando)



Standard Propaganda

Há mais de 50 anos as Indústrias Micheletto S.A. fabricam parafusos para madeira, máquina, auto-atarrachantes, porcas quadradas, sextavadas e rebites, tendo como preocupação fundamental a boa qualidade de seus produtos.
Contando com a compreensão de instituições como o Banco do Brasil, Indústrias Micheletto desenvolveu-se contìnuamente, engrandecendo o parque industrial do Rio Grande do Sul.

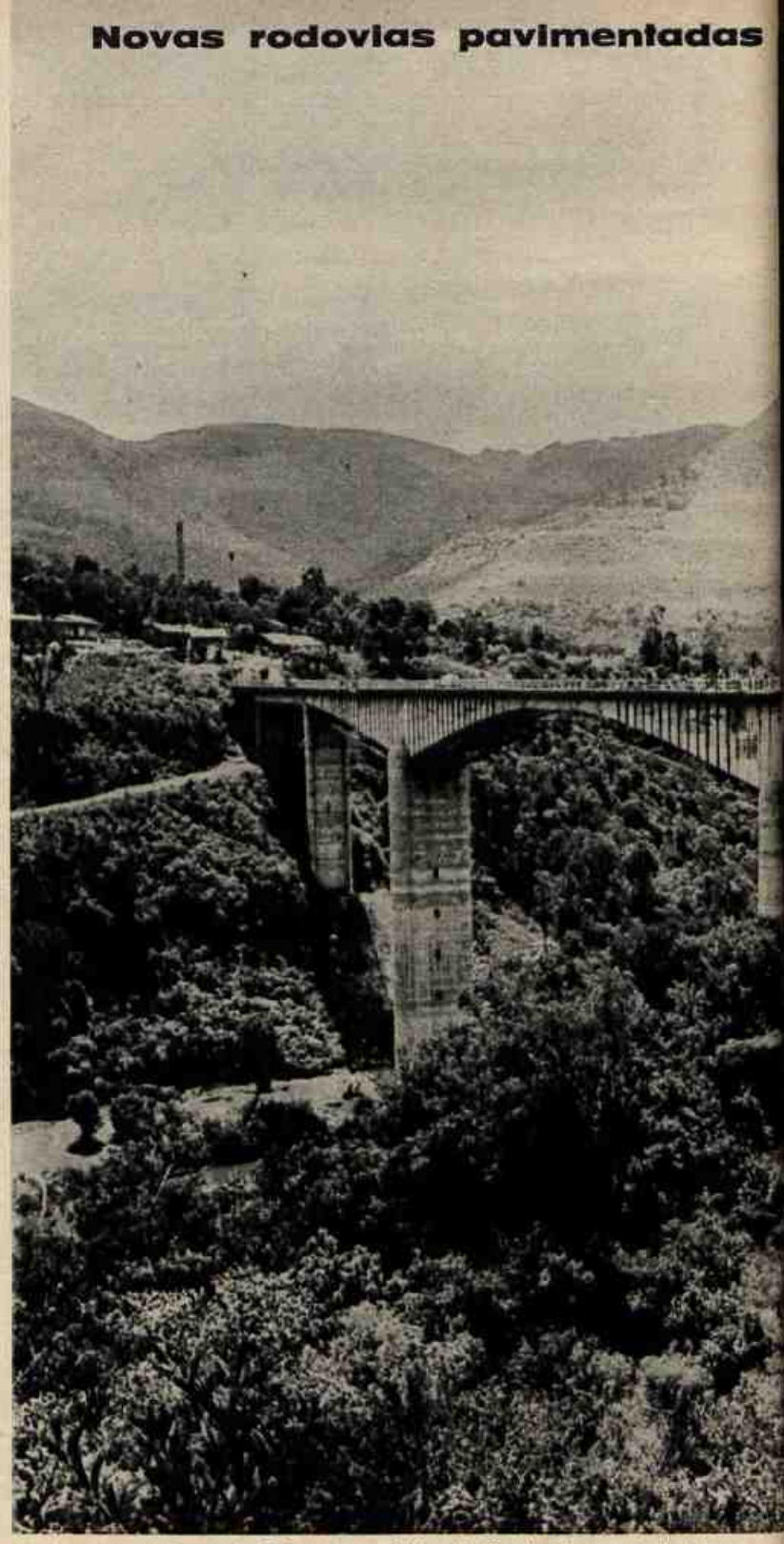
INDÚSTRIAS MICHELETTO S.A.

Fabricantes de parafusos, porcas, rebites, máquinas-ferramenta e engrenagens de precisão.

Pôrto Alegre: Rua Sarmento Leite, 673 - Fones 4-5287 e 4-5617 - Caixa Postal, 15 - End. Telegráfico Mitto - Canoas, RS: Estrada Federal Getúlio Vargas, BR-116 - Parada 42

Peça informações e catálogos dos tornos MITTO, NAT e TRM, fabricados por MICHELETTO e exportados para tôda a América Latina

Novas rodovias pavimentadas



A ponte sôbre o Passo do Zeferino, em Flôres da Cunha, faz parte do impor

Uma das principais metas do Govêrno Peracchi Barcelos é a dinamização dos transportes e, especialmente, do sistema rodoviário do Rio Grande do Sul. Apesar de importantes centros econômicos do estado já estarem interligados por excelentes rodovias pavimentadas, outros ainda carecem de estradas que permitam o tráfego sob quaisquer condições climáticas.

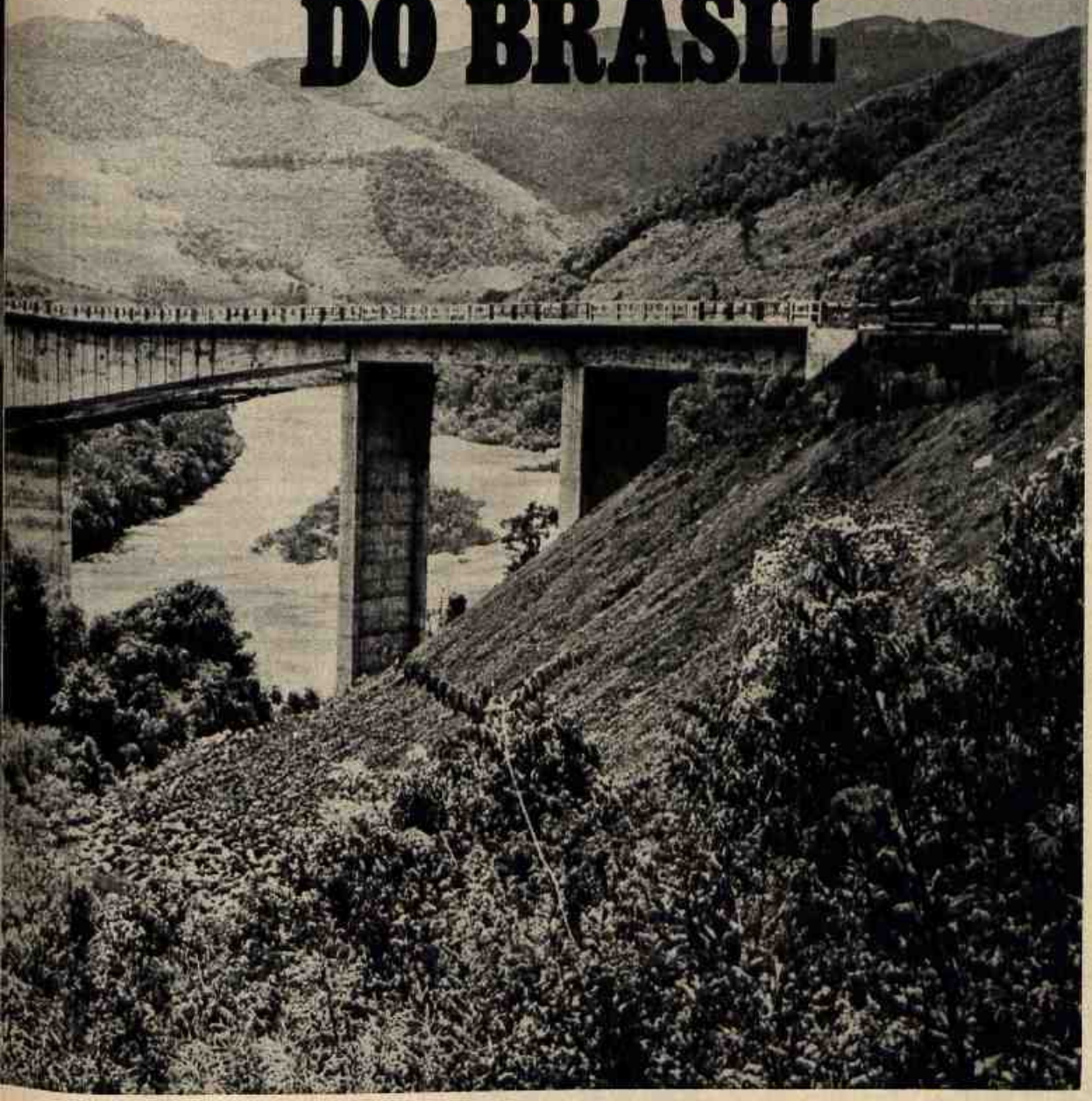
O Rio Grande do Sul conta com 55 mil quilômetros de estradas. Dentre as asfaltadas, destacam-se, por sua importância, a que liga Pôrto Alegre a Caxias do Sul, Vacaria e Passo do Socorro e pela qual se atinge São Paulo e o Rio; a que vai de Pelotas, passando por Rio Grande, até as imediações de Chuí na fronteira com o Uruguai; e o trecho até quase Tôrres, passando por Osório, da rodovia que une Pôrto Alegre a todo o país pelo litoral. Um dos objetivos do atual govêrno é a pavimentação e melhoria de estradas municipais que dão acesso a essas grandes artérias. Além disso, será dado maior impulso à concretagem da chamada "estrada da produção", já quase concluída. Trata-se do Tronco Norte, que liga Pôrto Alegre a Sarandí e serve a uma das mais ricas regiões do estado. Ao mesmo tempo, planeja-se o Tronco Sul, de Santa Maria até o pôrto de Rio Grande, e, para servir a uma zona que não tem obtido maior progresso justamente pela falta de estradas será completada a pavimentação da rodovia de Uruguaiana e Santa Maria até Pôrto Alegre. Outros projetos prioritários de pavimentação serão realizados, com auxílio financeiro do BID: os das Rodovias Quintas—Chuí, Uruguaiana—Alegrete, Rosário—Livramento e Aceguá—Bagé—Caçapava.

Todo êsse programa representará a duplicação da quilometragem pavimentada existente e dará ao Rio Grande do Sul condições de melhor abastecer-se e a outros estados com sua farta produção agrícola e industrial.

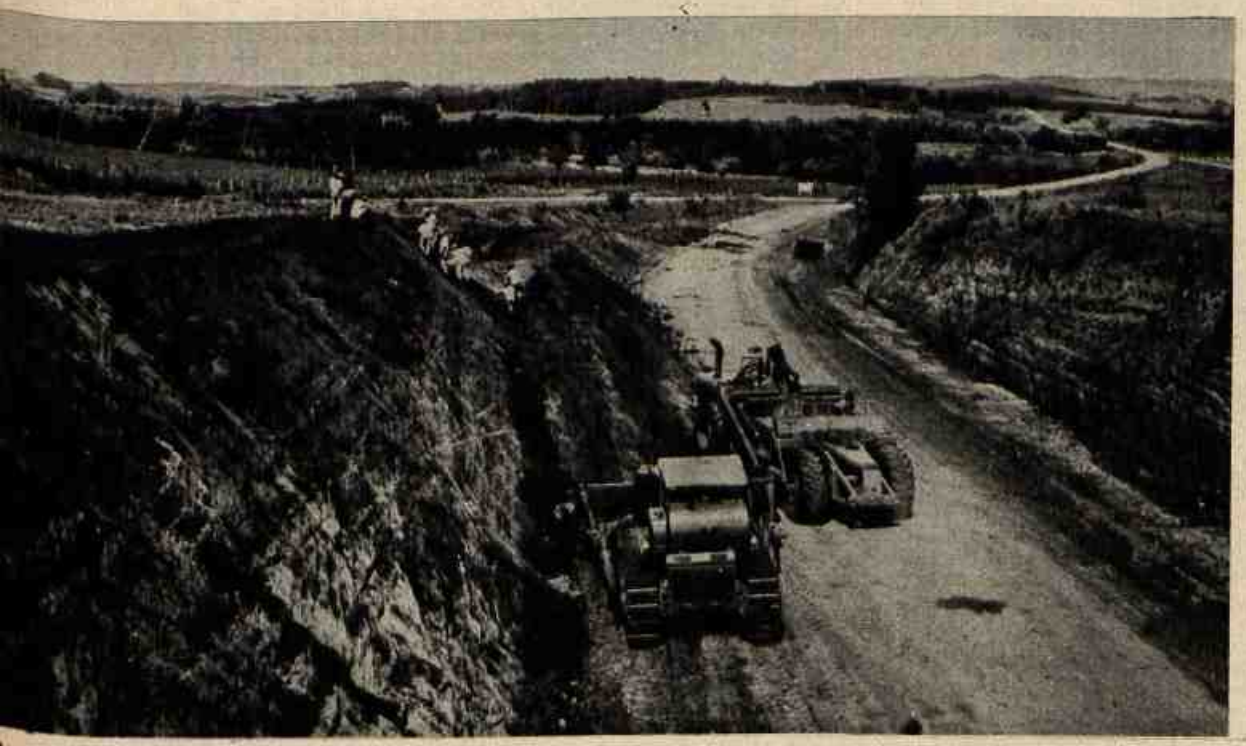
escoarão a produção do Rio Grande do Sul ao país

RGS

AS MAIS BELAS ESTRADAS DO BRASIL



tante sistema de rodovias estaduais ligando a zona agrícola a Pôrto Alegre e que vai ganhar maior desenvolvimento.



A "estrada da produção", Pôrto Alegre—Sarandi, estará asfaltada em breve, servindo a rica região do Rio G. do Sul.

Beleza, distinção e requintado bom gôsto!

GARRAFAS SHYFHON
de CRISTAL TCHECO

(COM GARANTIA)

Na compra de cada garrafa, você recebe gratuitamente 10 cargas, fàcilmente substituíveis.

Fornecemos cargas avulsas para reposição.

REVENDEDORES AUTORIZADOS PARA VENDAS NO VAREJO:

SÃO PAULO: Joalheria Adamo - Mappin - Gabriel Gonçalves.

GUANABARA: Conceição Cristais Ltda. - Rua Gustavo Sampaio, 630 (sobreloja) fone: 57-8496

CURITIBA: Rua Voluntários da Pátria, 613 - fone: 4-8276.

RECIFE: A Pulseira de Ouro - Rua Aurora, 55.

SALVADOR: Pandora Decorações Ltda. - Av. Sete n.º 297.

B. HORIZONTE: Del Ray Decorações Ltda. - Rua Barbosa Heleodoro, 12.

RIB. PRETO (E. S. Paulo): Cia. Com. Ind. Antonio Diederichsen - R. Saldanha Marinho, 566.

IMPORTADOR EXCLUSIVO PARA O BRASIL:

Cristalmar

IMPORTAÇÃO E COMÉRCIO LTDA. - Rua Oscar Freire, 2428 - Telefone: 62-7643 - S. Paulo
Vendas no atacado.

Manchete
Livros

Um romance pernambucano de valor universal

O romance **As Confissões do Meu Tio Gonzaga**, de Luís Jardim, há pouco lançado em segunda edição na Coleção Sagarana da Livraria José Olímpio, ainda não foi descoberto pelo grande público e pela crítica. Mas isto não deve ser motivo de lamentação ou de censura. Assim como os países zelosos e previdentes guardam, neste mundo de ares poluídos, as suas reservas florestais, as literaturas também devem guardar as suas reservas estéticas. Além do mais, não se pode exigir da crítica e dos leitores que descubram e estimem tôdas as obras válidas produzidas em determinado ciclo. É preciso deixar algum terreno livre para que a posteridade, no inevitável processo das revisões e redimensionamentos, revele o que passou despercebido e mesmo denuncie, indignada, a cegueira de antes... A injustiça literária deve, pois, ser considerada como um dos ingredientes mais respeitáveis da história da criação intelectual.

História de uma derrota e de um amor, êste **As Confissões do Meu Tio Gongaza**, do pernambucano Luís Jardim, difere do grosso da ficção nordestina que imperou entre 1930 e 1945 por duas características fundamentais: a fixação no drama isolado, intransferível e inconfundível do homem, a contrastar com a preocupação social e coletivizante de seus companheiros de geração; e a preocupação estilística. Certamente, tais diferenças o terão insulado no painel da ficção brasileira. Contudo, relido agora, vê-se que nada envelheceu nesse livro belo e vigoroso que conta os passos de um homem que carrega o seu amor como se fôsse uma cruz. Desenrolado em Garanhuns, a cidade natal de Luís Jardim, traz, em cada uma de suas páginas, o emblema dessa universalidade que só as obras mais entranhadamente regionais possuem. "Pinta bem a tua aldeia e serás universal", aconselhava o velho Tolstoi.

Luís Jardim parece ter escrito com o seu próprio sangue As Confissões do Meu Tio Gonzaga.

A análise de uma paixão amorosa, com todos os seus deslumbramentos, desacertos e servidões, alcança neste romance uma tensão rara e exemplar. Dir-se-ia que o seu autor não escreveu com tinta e papel, e sim com o seu próprio sangue. Poucas vêzes a história do amor de um homem por uma mulher terá atingido, na prosa em língua portuguêsa, tão lancinante plano de grandeza. Poucas vêzes a história da derrota de um homem, o registro da falência de sua vida única e que não se repetirá mais, terá sido narrada nesse crispante ritmo ao mesmo tempo estilístico e existencial que chega a lembrar o **Quincas Borba** de Machado de Assis.

Não é sem razão que Luís Jardim — autor, ainda, de **Maria Perigosa** (contos) e de um marco em nossa literatura infantil como **O Boi Aruá** — silenciou após êsse romance recebido, nos idos de 47, com visível desagrado pela então crítica oficial. **As Confissões do Meu Tio Gonzaga** são dessas obras-primas que sugam o autor. E, mais que êste, o homem que o nutre.

L.I.

Iniciámos quando a República ainda era criança...

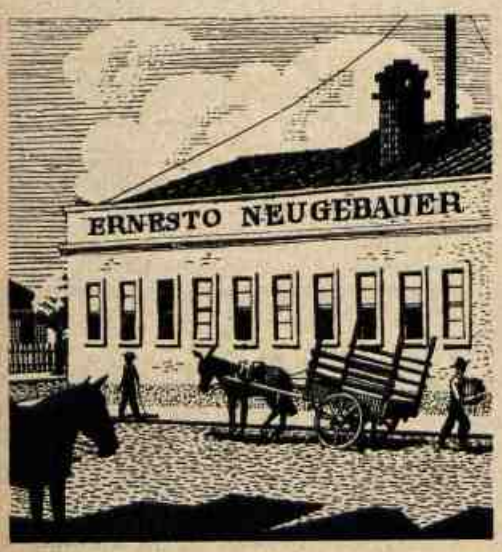
1891: O Brasil recém engatinha em sua forma republicana. "Seu" Ernesto Neugebauer, pioneiro da indústria gaúcha, inicia, em modestas instalações, a fabricação de doces e caramelos.

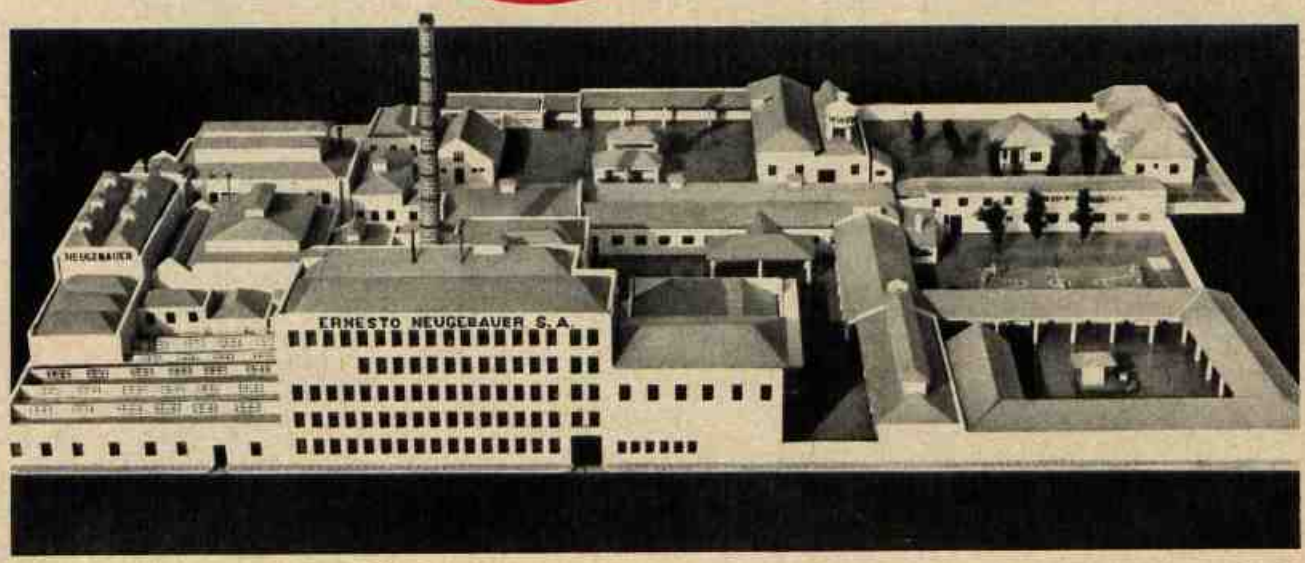
1966: ERNESTO NEUGEBAUER S.A. é hoje uma das maiores fábricas de bombons, balas e chocolates da América Latina, com seus 75 anos de experiência. ERNESTO NEUGEBAUER S.A. é presença importante no progresso do R. G. do Sul.

75 anos

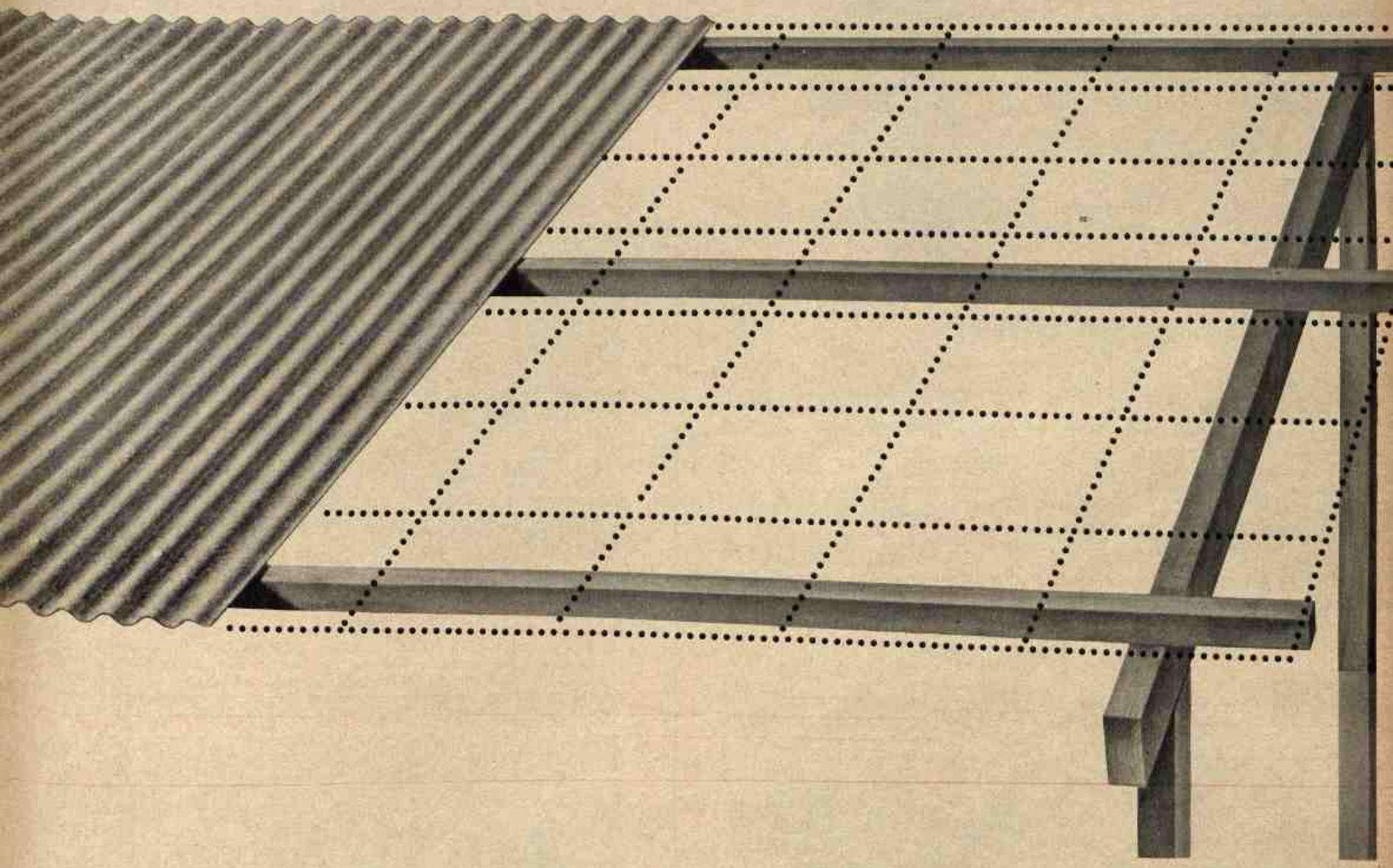
ERNESTO NEUGEBAUER S.A.
INDÚSTRIAS REUNIDAS - Av. Cairú, 230 - P. Alegre

KM





A linha pontilhada é a madeira que v. não precisa usando chapas Vogatex



É que usando as chapas Vogatex você precisa menos da metade da madeira necessária para um telhado comum. Por exemplo: se você tivesse coberto com Vogatex um galpão de 54 m² no ano passado, teria economizado NCr$ 106 cruzeiros só em madeiramento. Isso, calculando só a madeira e com os preços de 66. Imagine hoje que a madeira já subiu. E com Vogatex você ganha não só deixando de gastar dinheiro. Mas ganha em tempo, mão-de-obra, qualidade do material.

você compra Vogatex, sempre com a mesma qualidade, esteja ou não chovendo. A Eternit não é como as olarias, que dependem do tempo, do clima, da água.

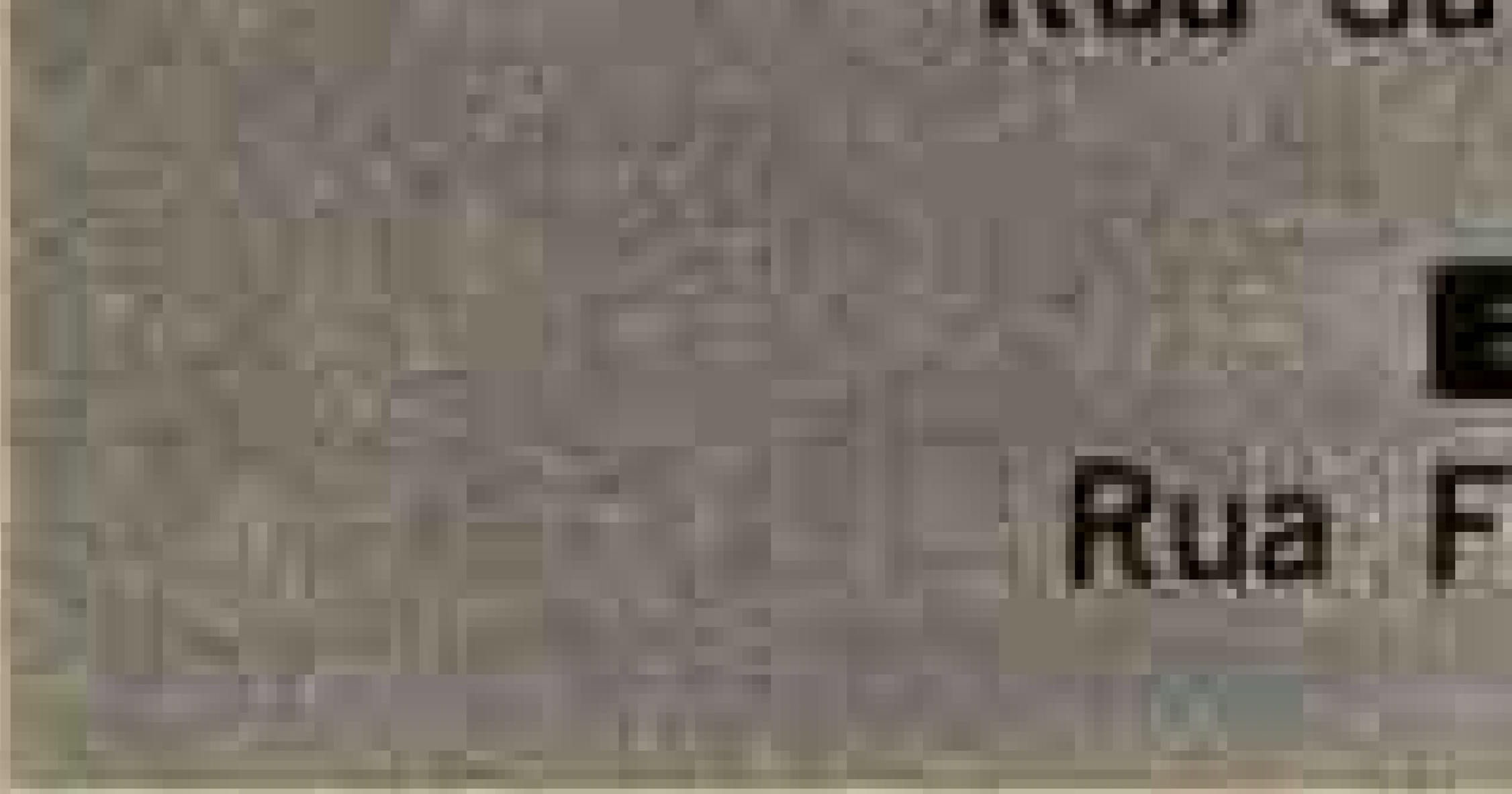
Chapas

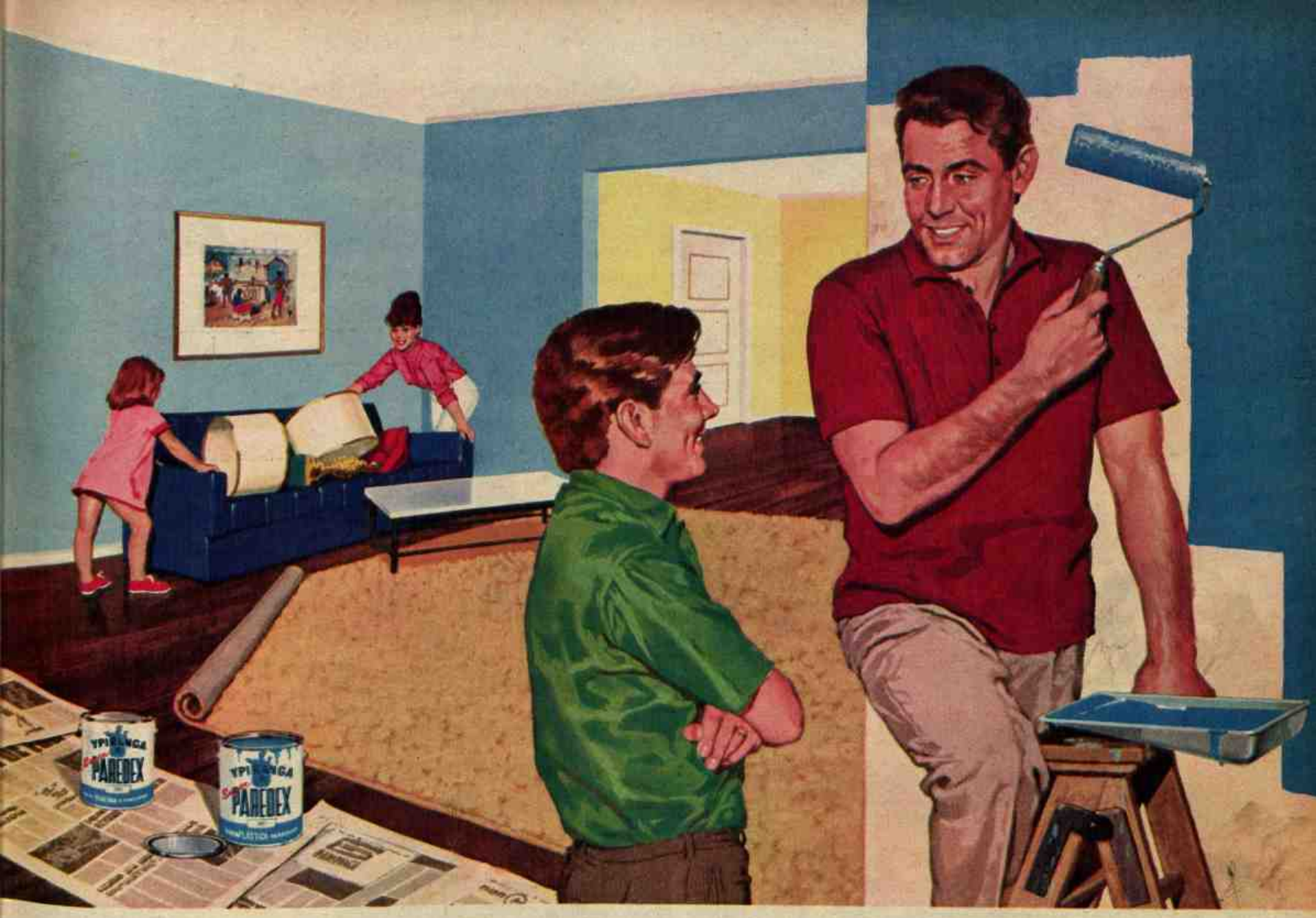
Vogatex

um produto

Eternit – mais de 60 anos de experiência em materiais de cimento-amianto

Vogatex cobriu tôdas as casas da COHAB em Campinas.


Rua F



"...Ué, vocês estão pintando?"

"Você não calcula como é fácil".

"Sabe, fica mais bonito do que eu imaginava".

"Alice queria cinza escuro na sala; eu preferí azul".

"Simples: há 23 côres para escolher".

"Gozado é que as crianças querem que a gente pinte o quarto delas de vermelho, imagina..."

É fácil pintar com

TINTAS YPIRANGA

AS MAIS VENDIDAS NO BRASIL

RECEBA GRÁTIS O FOLHETO "CÔR & DECORAÇÃO"

Uma orientação prática para V. usar nossas tintas e V. mesmo decorar o seu lar. Escreva para TINTAS YPIRANGA S. A. - Caixa Postal, 2454 - ZC-00 - Rio de Janeiro, e receba inteiramente **GRÁTIS** o folheto "Côr & Decoração".

NOME .....
PROFISSÃO .....
ENDEREÇO .....
CIDADE .....
ESTADO .....

RGS

Com modernas instalações, a Celulose Cambará, localizada a 200 quilômetros de Pôrto Alegre, tem nos Estados do Rio e São Paulo — além de Buenos Aires — tria produz anualmente 24 mil toneladas de celulose sulfito, das quais mais de 50 por cento se destinam à exportação, dando ao Brasil divisas que atingem a soma

Há 14 anos, a Celulose Cambará realiza um eficiente trabalho de reflorestamento, que possibilitará a partir de 1970 o funcionamento integral daquela indústria gaúcha.

O TERCEIRO PARQUE INDUSTRIAL DO BRASIL

O PARQUE INDUSTRIAL DO RIO GRANDE DO SUL VEM ATRAVESSANDO UMA FASE DE GRANDE DESENVOLVIMENTO, APESAR DAS ÚLTIMAS DIFICULDADES ECONÔMICAS OCORRIDAS NO PAÍS. A PARTIR DE 1965, INSTALARAM-SE NO ESTADO CERCA de 1.705 indústrias, entre pequenas e médias, representando um investimento de 7 e meio milhões de cruzeiros novos. O Rio Grande do Sul ocupa, atualmente, o terceiro lugar na ordem dos estados brasileiros de mais elevado índice de industrialização, tendo sido cadastradas mais de 17 mil indústrias, distribuídas por ordem de importância em emprêsas de industrialização de alimentos, madeiras e minerais não metálicos. O parque industrial gaúcho emprega mais de 170 mil pessoas. Um dos exemplos dêsse nôvo surto de desenvolvimento é a Celulose Cambará, única produtora, no Brasil, de celulose de fibra longa para a revenda. Ainda êste ano, converterá sua produção em celulose alvejada (branqueada), ampliando, dessa forma, seu mercado consumidor para oito milhões de dólares por ano.

seus maiores consumidores. A indús-
de dois milhões de dólares por ano.

Instalada no Rio Grande do Sul há sòmente dois anos, a Plastispuma Gaúcha S/A já domina o mercado de espumas sintéticas, principalmente no setor dos colchões. O lançamento de seu colchão Tri-Lax, único com três camadas no Brasil, teve êxito.

O potencial de energia elétrica do estado, embora satisfatório, sempre fica um pouco atrás da vertiginosa expansão industrial dos gaúchos

O desenvolvimento industrial do Rio Grande do Sul se processa em ritmo de tal modo veloz que o potencial energético do estado já não consegue acompanhá-lo. Por isso, nos últimos anos, tem-se procurado aumentar gradativamente êsse potencial, cuja capacidade instalada atual é de 360 mil kw. O crescimento do mercado consumidor gaúcho de energia, em qualquer época e em qualquer outro lugar, seria considerado desproporcional. Isto exige das autoridades uma atenção redobrada, a fim de evitar um colapso. As indústrias já existentes aumentam constantemente o seu parque industrial, enquanto outras emprêsas se instalam e começam a produzir. Firmas nacionais e estrangeiras colaboram também para a maior rentabilidade do parque industrial gaúcho, racionalizando sua produção e organizando suas estruturas. Além do investimento regional, grandes emprêsas do estado colaboram ainda no desenvolvimento industrial do Norte do país.

Esta é uma das seções de Bier Hoechner S/A, onde são produzidas as famosas calças e camisas Bier. Esta moderna indústria do Rio Grande do Sul mantém sólida posição no mercado de roupas masculinas do país, graças a seus lançamentos. Sempre em dia com a elegância.

Linha de montagem dos televisores Admiral (à esquerda). Em cima: aspecto da seção de saponificação da Memphis S/A, na qual repousa o segrêdo da famosa pureza dos sabonetes Alma de Flôres e Délia. A Memphis S/A é talvez a única emprêsa do país a operar com tal equipamento.

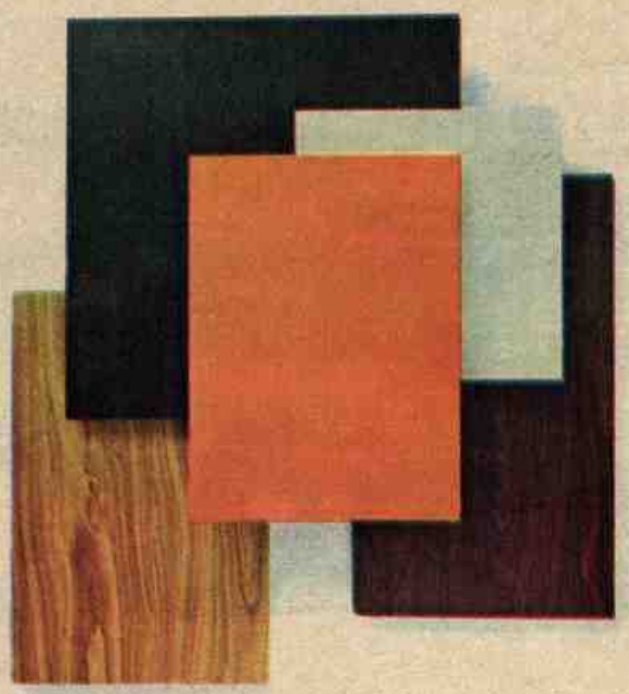
Homens e máquinas cr

criam o requinte dos talheres Elmo, famosos em todo o Brasil. Aqui vemos o engenheiro Dr. Livio Gazola, diretor de Ind. Metal. Gazola Ltda., inspecionando os trabalhos.

Em apenas 19 anos, a Companhia de Cigarros Sinumbu (à esquerda) aumentou em mais de 20 vêzes o seu parque industrial. Cada uma destas máquinas produz mais de meio milhão de cigarros por dia. Algumas elaboram cigarros com filtro à mesma velocidade. Em cima: Na indústria de Porcelana Renner, artesanato e automatismo se fundem para produzir qualidade.

O RIO GRANDE NA CORRIDA DO AÇO

Êste pampa é Charqueadas, região onde o solo é pródigo na maior riqueza mineral do Rio Grande do Sul — o carvão-de-pedra. E as obras que aqui se vêem em primeiro plano são da mais alta importância para o estado e o país. Delas, surgirá a primeira siderúrgica do Brasil a utilizar exclusivamente essa riqueza, a empregar cem por cento de carvão nacional. Localizada em condições excepcionais, a 500 metros das jazidas carboníferas, à mesma distância da termelétrica (também a carvão) de Charqueadas, cuja fôrça utilizará, e do rio Jacuí — vistos ao fundo —, e próxima de Pôrto Alegre (apenas 50 quilômetros por via fluvial ou estrada de rodagem), a futura usina da Aços Finos Piratini produzirá, logo de início, 84 mil toneladas anuais em bruto (65 mil de produtos acabados) de aço da melhor qualidade, em tudo semelhante ao sueco, o mais famoso do mundo. O valor de sua produção, previsto para 100 bilhões de cruzeiros antigos, trará um acréscimo de 20 por cento à renda industrial do Rio Grande do Sul e dará ao país uma economia de US$. 23 milhões.



quando nós dizemos que o seu escritório fica mais bonito e mais moderno se você aplicar lambris de Duraplac...

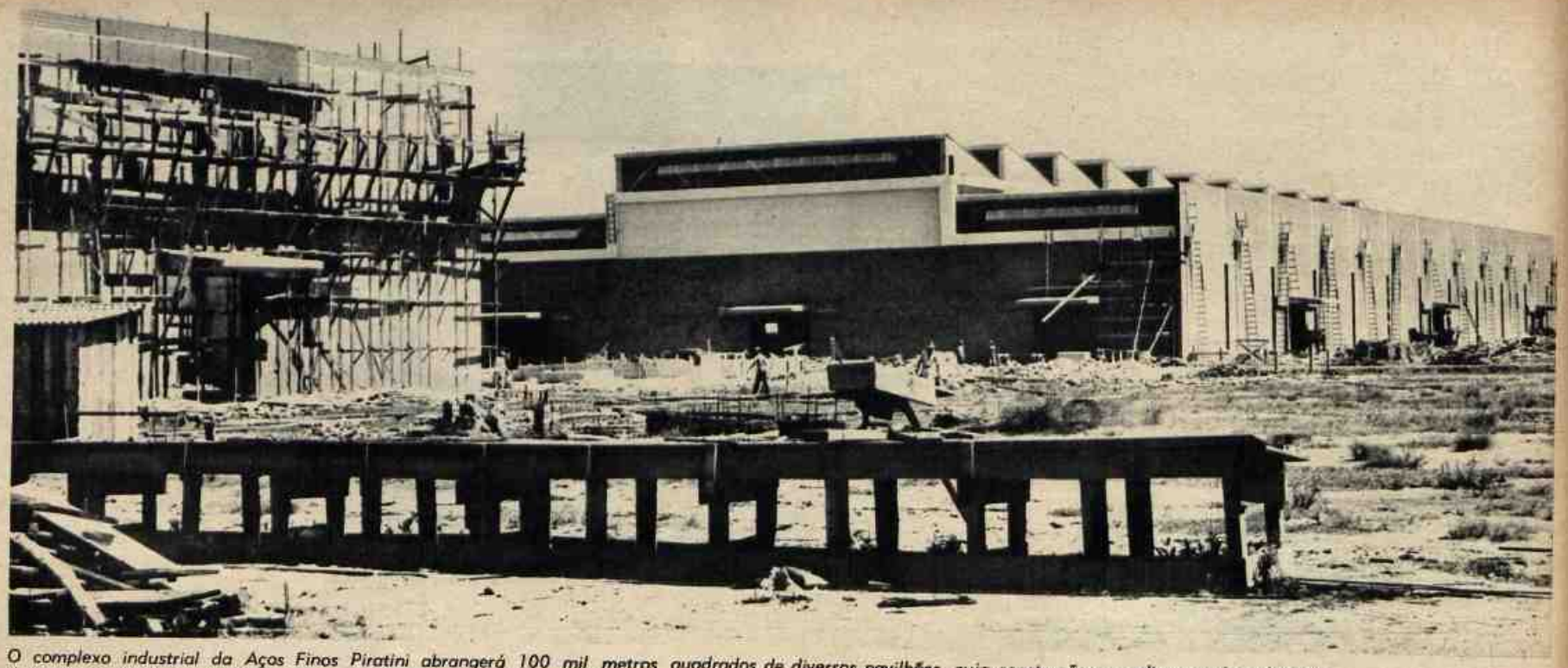
nós provamos:

Imagine a combinação que mais lhe agrada. Imagine os elementos de decoração que prefere utilizar. Depois utilize Duraplac. Que possui vinte padrões diferentes. São doze padrões lisos: branco, azul, verde, coral, cinza, prêto, areia, vermelho, mel, pérola, azul-celeste e verde-turquesa. E oito padrões-madeira: jacarandá-da-Bahia, jacarandá-paulista, perobinha, caviúna, marfim, imbuia, cerejeira e sucupira. Nenhum outro material lhe oferece tantas possibilidades de uso. E nenhum outro é tão fácil de aplicar como os lambris de Duraplac. Tente.

a melhor divisão · o melhor lambris

DURA PLAC

orgulho e produto da **DURATEX** *S.A.*



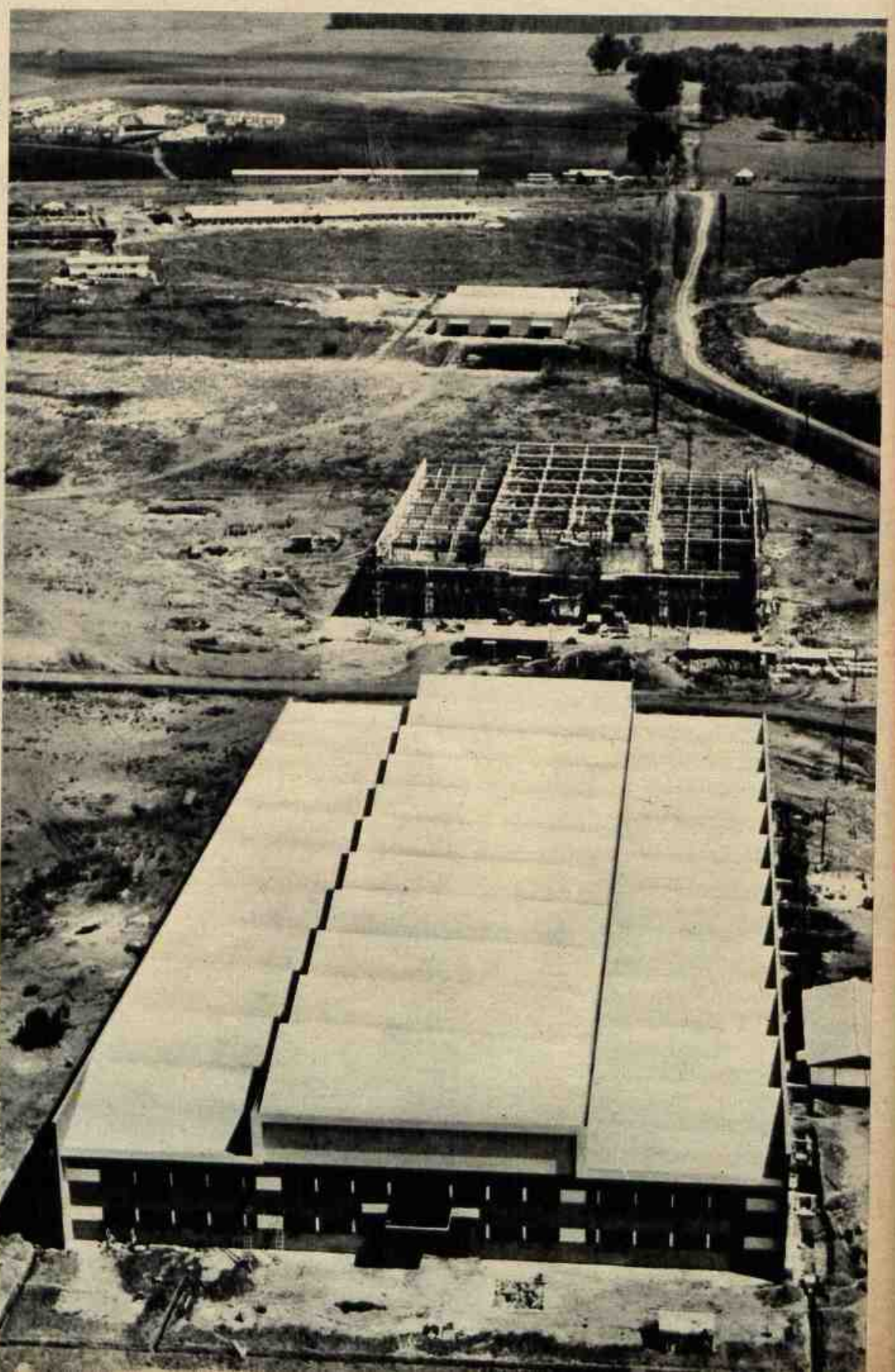
O complexo industrial da Aços Finos Piratini abrangerá 100 mil metros quadrados de diversos pavilhões, cuja construção se realiza em ritmo intenso. A partir de 1969, a siderúrgica estará produzindo 84 mil toneladas anuais em bruto de aços especiais da mais alta qualidade, semelhantes aos suecos.

Utilizando sòmente carvão nacional e exportando aços especiais, a Piratini economizará e recolherá divisas para o país

A Aços Finos Piratini será no Rio Grande a primeira indústria de base e, além de vir a suprir fábricas brasileiras, a primeira que exportará aços especiais, fortalecendo o intercâmbio com os países da ALALC e conquistando novos mercados externos. Além disso, criará nos pampas um amplo mercado de trabalho não condicionado à agropecuária, contribuindo para corrigir a disparidade das taxas de crescimento regionais.

Para o processo que adotará, SL/RN, a usina contará com assistência técnica e **know-how** de firmas de renome internacional, a Lurgi, da Alemanha, e a Bofors AB, da Suécia. Das experiências e pesquisas fundamentais, participou também, ativamente, a Companhia Vale do Rio Doce, que fornecerá o minério de ferro. Tais experiências comprovaram que o carvão gaúcho, beneficiado ao teor de até 35% de cinza, é excelente para a redução do minério, granulado ou pelotizado, em ferro-esponja de alta pureza, matéria-prima ideal para os melhores aços especiais. Durante os contatos prévios que manteve na Europa o presidente da Piratini, economista Willy Frohlich, técnicos alemães, suecos, franceses, suíços, inglêses, espanhóis e italianos foram unânimes em lhe assegurar o êxito do empreendimento, considerado "um projeto perfeito" sob o ponto de vista tecnológico e econômico.

— Muito ajudou, também, nas negociações — acrescenta o Sr. Willy Frohlich — o clima de confiança no nôvo Brasil. A Piratini, aliás, conta com o apoio entusiasta do Presidente Costa e Silva e do Governador Peracchi Barcelos E a Comissão do Plano do Carvão Nacional, por sua diretoria e por seu conselho, reconhece o que significa o empreendimento para o aproveitamento do carvão brasileiro e para maior desenvolvimento do país.



A usina se localiza em plena região carbonífera do Rio Grande do Sul, Charqueadas, contando com a proximidade de Pôrto Alegre, por rio ou rodovia, e facilidade para pôrto.

Por falar em elegância...

adoçamos tudo com SUITA

Suita não engorda. No cafèzinho, duas gôtas adoçam tanto quanto uma colher de açúcar. Suita é mais concentrado e mais gostoso que outros adoçantes.
E Suita a gente compra em três embalagens: de bôlso, em tabletes e a econômica, que se usa em casa para adoçar até bôlo e sorvete.
Agora, também meu alfaiate sabe disso.
E você.

adoce com SUITA... não engorda!

Vista aérea do Lanifício Sulriograndense S/A — LANSUL — cujas fábricas se localizam nos municípios de Sapucaia e Esteio, densamente industrializados. Em vinte anos, modesta emprêsa de 1947 transformou-se numa das mais poderosas e importantes indústrias do Sul do país. Seu capital, atualmente, é de 14 bilhões de cruzeiros velh

os cinco anos (bem vividos) da triângulo seguros gerais

Fundada em 1962, a TRIANGULO SEGUROS GERAIS — Administração e Corretagem Ltda. — conquistou de imediato posição de destaque no mercado segurador nacional como orientadora e administradora de seguros, mercê da larga visão dos homens que a dirigem. A TRIÂNGULO, que opera em todos os ramos de seguros, conta com mais de 3.500 clientes, entre os quais a Varig, o Diner's Club do Brasil, a Sociedade Assistencial de Oficiais do Exército — SAOEx, Michelon S.A., Cia. Fiação e Tecidos Pôrto-Alegrense, Diários e Emissoras Associados, Rádio Televisão Gaúcha, Banco Comercial e Industrial do Sul — Sulbanco, Fundação Rubem Berta, Associação dos Funcionários do Banco do Brasil — Satélite (Rio), Associação dos Funcionários da I.B.M. do Brasil, Associação dos Funcionários do BNDE do Brasil, Grupo Sabá e Siderúrgica Guaíra (Paraná). Com matriz em Pôrto Alegre (RS) e sucursais no Rio de Janeiro e Curitiba, a TRIÂNGULO ainda êste ano instalará sucursal também em São Paulo. Na foto, Sr. João Leite Costa, jovem e dinâmico diretor-superintendente da TRIÂNGULO SEGUROS GERAIS.

PÔRTO ALEGRE: Av. Borges de Medeiros, 430 — 6.º andar — fone 4-6226
RIO DE JANEIRO: Av. Rio Branco, 185 — 18.º andar — conjs. 1825/6 — fone 52-2621
CURITIBA: Rua Mal. Floriano, 96 — 7.º andar — conj. 72

A variada policromia dos fios alinha-se antes do trabalho dos teares. A LANSUL orgulha-se de ser uma das emprêsas industriais mais modernas, além de dispensar aos operários assistência social.

Fase de tingimento numa das fábricas da LANSUL. O capital inicial de Cr$ 800 mil é hoje de 16 bilhões.

A produção de fios e tecidos do Rio Grande já conta com bom mercado em diversos países da América Latina

Fundada, em 1947, com um pequeno capital, a LANSUL — Lanifício Sulriograndense S/A — é hoje uma grande emprêsa cuja produção de fios para tergal, bem como das marcas Banlon e Pingouin, aumenta de ano para ano. As fábricas do grupo constituem um dos mais modernos parques industriais da indústria têxtil nacional, e a LANSUL foi uma das primeiras fábricas a instalar-se na região ABC do Rio Grande do Sul, integrada pelos industrializados municípios de São Leopoldo, Sapucaia e Esteio. Cêrca de dois mil funcionários movimentam seus teares, cuja produção altamente qualificada é distribuída por todo o Brasil e, já agora, por paises da América Latina.

Cêrca de dois mil operários se alternam nas tarefas da produção dos lãs e das mais variadas malharias.

o carinho que se dispensa às mulheres...

Caron e Cleto publicidade

... é o mesmo que há 50 anos dispensamos às mudanças que transportamos. Como mudança é uma questão de confiança... utilize nossos serviços para o Brasil e para o mundo.

expresso confiança

Matriz: R. Mal. Deodoro, 275 - Tel.: 4-1049 - C. P. 2.094 - Teleg.: Confiança Curitiba PR — Filial Rio GB: R. Santa Clara, 33 - sl. 206/9 - Caixa Postal 157-07 - Tel.: 57-7322 - Copacabana — Filial São Paulo SP: Av. Paulista, 2.073 - sl. 418/19 - Conjunto Nacional - Tel.: 32-9510 — Filial Pôrto Alegre RS: Rua Uruguai, 155 - sl. 910 - Telegr: Confiança - Tel.: 5-201 - ramal 171 — Agência: R. Juan Carlos Gómez, 1.490 - Tel: 8-5627 - Montevidéu - Uruguai

DESDE 1917

CRT

NOVA ERA NAS TELECOMUNICAÇÕES

Dentro dos próximos quatro anos, os gaúchos estarão se comunicando por telefonemas diretos com a Guanabara, São Paulo, Paraná e Santa Catarina e entre Pôrto Alegre e as cidades principais do Rio Grande do Sul.

Em breve, sistemas de microondas, partindo da capital riograndense, estabelecerão uma nova estrutura da telefonia interurbana do estado, em três direções: norte, ligando Caxias do Sul e Bento Gonçalves; centro-oeste, unindo Santa Cruz, Cachoeira, Santa Maria e São Gabriel; e sul, chegando a Pelotas e Rio Grande. Quase ao mesmo tempo, surgirá a área metropolitana de telecomunicações, abrangendo Pôrto Alegre, Canoas, Esteio, São Leopoldo e Nôvo Hamburgo, através de circuitos automáticos fechados, enquanto que prosseguirão sendo melhorados os atuais circuitos interurbanos e os serviços urbanos das cidades do interior. Todos êsses empreendimentos, que exigirão investimentos da ordem de 100 bilhões de cruzeiros antigos, servirão de preparo à chegada do Tronco Sul de Telecomunicações, que, com seus quase trezentos canais telefônicos, irá substituir a precária ligação atual entre o Rio Grande do Sul e aquêles outros estados.

Êste programa, uma das metas fundamentais do Govêrno Peracchi Barcelos, representará a implantação do Plano Diretor de Telecomunicações do Rio Grande do Sul, decorrência do dinâmico Projeto Prioritário recentemente concluído pela Companhia Riograndense de Telecomunicações. A CRT, emprêsa de economia mista, constitui excelente exemplo de harmonia dos capitais estatal e particular, e o seu Projeto Prioritário marcou definitivamente a arrancada do Rio Grande para uma nova era em matéria de comunicações telefônicas. Ao ser criada, a companhia encontrou o sistema de telefones do estado em situação das mais precárias. A rigor, desde 1948 era total a estagnação nesse setor vital para o progresso gaúcho. Partindo para uma ação pronta e decidida, a CRT, através do Projeto Prioritário, passou a atender a obras e problemas mais urgentes e já em novembro de 1965 inaugurava o serviço automático de Nôvo Hamburgo, com 1.100 terminais. Logo, outras importantes cidades do interior eram beneficiadas com êsse moderno sistema. Cachoeira do Sul (1.000 terminais), Santa Cruz do Sul (800) e Passo Fundo (900) foram os primeiros municípios atendidos após Nôvo Hamburgo, e a êles se seguiram muitos outros, num total de nada menos que 27.800 novas linhas automáticas instaladas em pouco mais de um ano, representando um investimento de 25 bilhões de cruzeiros antigos.

À sede da Companhia Riograndense de Telecomunicações chegam diàriamente pedidos de ligações de novos assinantes, que são agora atendidos com rapidez.

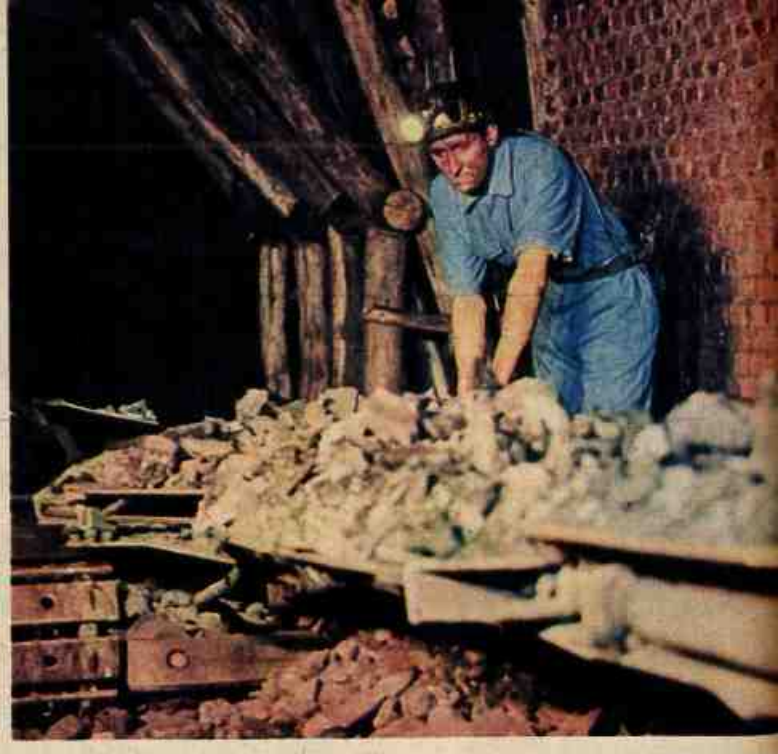
O fecho de ouro do Projeto Prioritário é o serviço de que vem de ser dotada Pôrto Alegre. Sua capacidade inicial é de 24 mil telefones: 14 mil que substituíram o antigo e obsoleto sistema da capital, mais 10 mil novos, ampliando a rêde para quase o dôbro. Três estações servem agora à metrópole sulista: a Central Navegantes (Rua Félix da Cunha), para sete mil assinantes; a Central Azenha (Av. Bento Gonçalves), para cinco mil; e a maior de tôdas, a Matriz (Av. Borges de Medeiros), para doze mil telefones, instalada num imenso bloco arquitetônico de concreto e aço, de 18 pavimentos e 8.000 m2 de área.

Quanto ao Plano Diretor de Telecomunicações para o próximo quadriênio, a Companhia Riograndense de Telecomunicações, seguindo orientação de seu diretor-presidente, Coronel Antônio da Silva Nunes, pretende não limitá-lo às exigências presentes. Mas, sim, preparar o Rio Grande do Sul para integrar-se no futuro sistema de comunicação mundial através de satélites.

A imensa mesa-tronco da Central Matriz de Pôrto Alegre, na edifício-sede (pág. ao lado), atende a 12 mil telefones, metade dos que integram o nôvo serviço da cidade. Inúmeras cidades do interior também já possuem sistema automático

A Companhia Riograndense de Telecomunicações vai estabelecer ligações diretas do Rio Grande com o Rio, São Paulo, Paraná e Santa Catarina, e já prepara o estado para comunicações mundiais por meio de satélites.

Galeria de acesso, atualmente com doze quilômetros de extensão passando sob o leito do rio Jacuí e que leva às diferentes frentes de trabalho.



Correia transportadora utilizada para conduzir o carvão das frentes de trab tração, da qual o minério é retirado e transportado, com o auxílio de vag

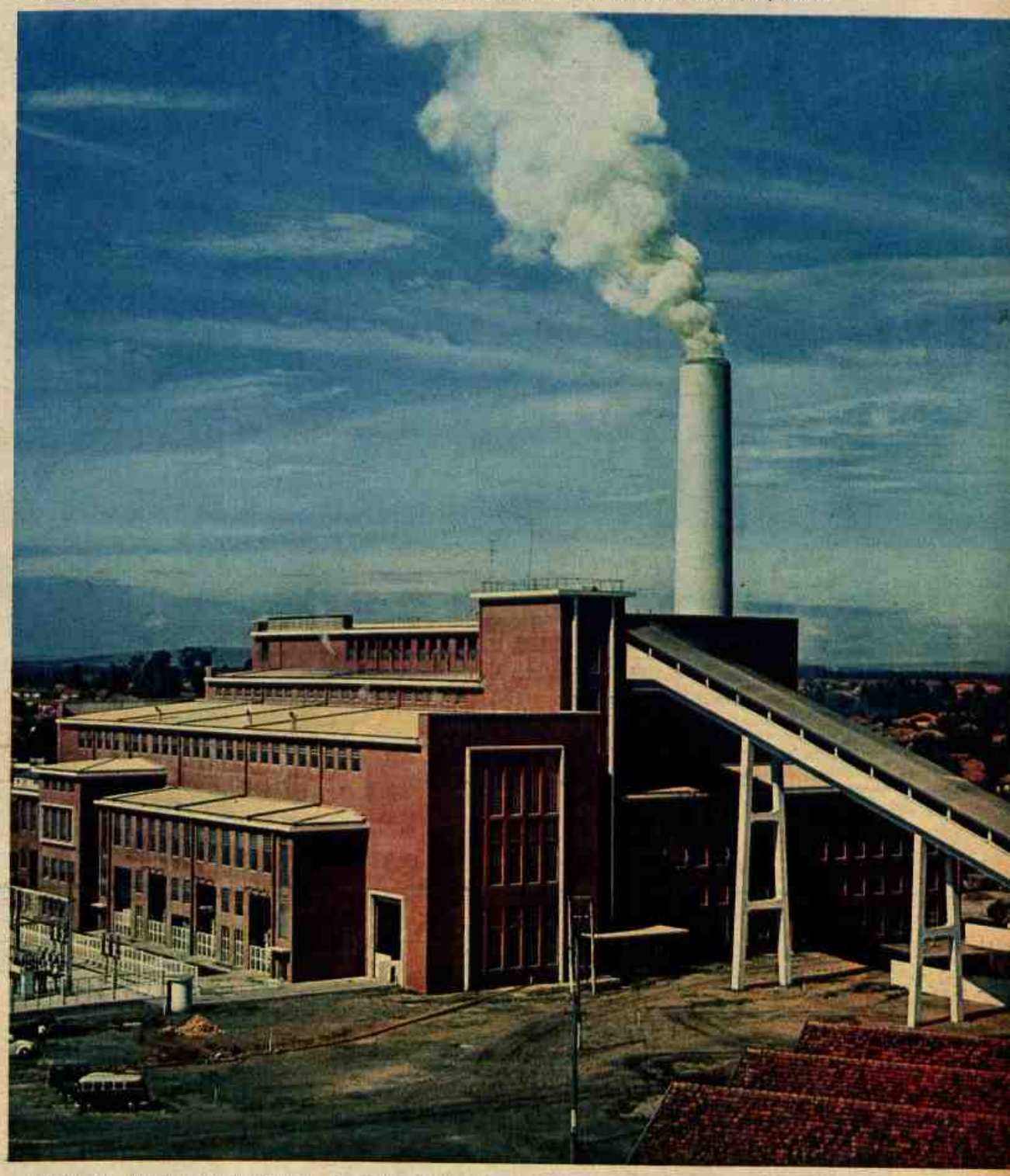
O CARVÃO GAÚCHO

lho até o interior da galeria principal do poço de exnetas tracionadas por locomotivas movidas a eletricidade.

Câmara de recepção subterrânea, para onde converge o carvão extraído das frentes de trabalho, no interior do poço. Essa câmara localiza-se na base da tôrre elevatória e dal o minério sobe à superfície.

NO Rio Grande do Sul, as reservas carboníferas se elevam a mais de um bilhão de toneladas. Durante muitos anos, êsse carvão deixou de ser aproveitado por ausência de **know-how.** A Companhia de Pesquisas e Lavras Minerais (Copelmi), entretanto, resolveu êsse complexo problema. Nesse sentido, essa emprêsa vem aproveitando aquelas reservas, como combustível e como redutor de minério, com admirável rendimento. O processo utilizado não difere do que é empregado nos grandes países industrializados. Gerando eletricidade junto ao poço de extração e conjugando essa energia com a queima do carvão pulverizado em caldeiras especialmente construídas, a Copelmi converteu a exploração dêsse minério numa operação de alto rendimento industrial, como pode ser comprovado na usina termelétrica de Charqueadas. Na siderurgia, trocou-se o sistema clássico dos altos fornos pelo processo moderno da redução direta, o que tem permitido o emprêgo de cem por cento do carvão gaúcho como matéria-prima redutora. A Aços Finos Piratini, emprêsa em implantação, utilizará êsse processo na sua produção siderúrgica. A Copelmi, entretanto, ainda não se mostra satisfeita, muito embora já empregue 2.500 operários que distribuem, na região, cêrca de 10 bilhões de cruzeiros, anuais, em renda salarial. Está empenhada, agora, no aperfeiçoamento da hidrogenação do carvão para produção do gás sintético, o que permitirá, não só a obtenção de fertilizantes hidrogenados, como a transformação do carvão em um produto similar ao petróleo, para ser fornecido às refinarias.

Tôrre elevatória de 32 metros, por onde desce o elevador à mina, situada a 300 metros abaixo do solo. Capacidade do elevador: 175 ton por hora.



VISTA DA USINA TERMELÉTRICA DE CHARQUEADAS, subsidiária da Eletrobrás. Esta central, localizada junto à bôca da mina, é o principal consumidora do carvão gaúcho. Ao fundo, a vila operária, de 1.200 casas, construída pela emprêsa e financiada pela Comissão do Plano do Carvão Nacional.

Êste é um dos edifícios de apartamentos financiados pela Caixa Econômica do Rio Grande do Sul, em seu programa de cooperação com a política do govêrno federal no setor habitacional. Nesse plano, de extraordinária importância social, já investiu quase 4 milhões de cruzeiros novos.

Outro edifício, igualmente financiado pela Caixa Econômica do Rio Grande do Sul, fundada em 1960, mas já gozando de grande popularidade através de todo o território gaúcho. Já possui 63 agências, vai instalar mais seis e tem solicitações para muitas mais.

Com o financiamento de edifícios como êste, a Caixa Econômica do Rio Grande do Sul vem cooperando eficientemente com o Banco Nacional da Habitação.

A Caixa Econômica do Rio Grande do Sul é para os gaúchos

UM PRONTO SOCORRO FINANCEIRO

⊞ A figura mais popular do folclore gaúcho é o Negrinho do Pastoreio, martirizado pelo patrão pelo extravio dos animais confiados à sua guarda. Os homens do pampa costumam invocá-lo para a descoberta de gado tresmalhado. Hoje, o Negrinho do Pastoreio, convertido em símbolo da Caixa Econômica do Rio Grande do Sul, resolve problemas de outra natureza. Fundado em 1960, êsse estabelecimento já é a mais popular das entidades de crédito do sistema bancário gaúcho.

Os Srs. Sinval Guazzeli (presidente), Nestor Pereira e Percínio Pinto (diretores) são alguns dos responsáveis pela política da Caixa de "somar e dividir economias".

Com uma rêde de 63 agências, que movimentam 28 milhões de cruzeiros novos — resultado da poupança de 348 mil depositantes —, aquela autarquia de crédito conquistou a preferência de 1 em cada 24 gaúchos. A explicação de tal popularidade só pode ser encontrada nas peculiaridades de sua política operacional. A Carteira de Crédito Pessoal funciona como uma espécie de Pronto-Socorro financeiro para os que precisam de pequenos empréstimos. E tanto essa como as demais carteiras obedecem nas aplicações o princípio de que as disponibilidades de cada uma das agências — 16 em Pôrto Alegre e 47 no interior — devem ser feitas sempre na área de recolhimento dos depósitos.

Com tal conduta, a Caixa Econômica do Rio Grande do Sul se associa intimamente à vida das comunidades em que se estabeleceu. O número de agências já poderia ser de uma centena, apenas com o atendimento de pedidos de municípios, já encaminhados ao seu Conselho Administrativo. Tendo em vista que nenhuma de suas agências é deficitária, já obteve a sua direção licença para instalar seis novas agências — em Taquara, Santo Ângelo, Camaquã, Uruguaiana, São Borja e Alegrete — e espera ver atendida a solicitação, a ser encaminhada ao Banco Central da República, para a abertura de mais 20.

O Conselho Administrativo, que a dirige, é composto por três diretores — Srs. Sinval Guazzeli (presidente), Nestor Pereira e Percílio Pinto —, homens de grande experiência, preocupados em criar condições para a sua maior expansão. Aprimorando e dinamizando os serviços existentes, êles esperam iniciar novas modalidades operacionais, entre as quais as de financiamento de estudos universitários.

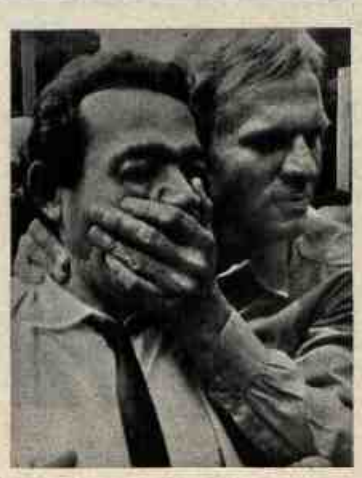
Em dezembro de 1966, promoveu em Pôrto Alegre um congresso de autarquias estaduais de crédito (com as de São Paulo, Mato Grosso e Minas presentes), no qual ficou evidenciada a sua maioridade. A tal ponto que a congênere de São Paulo tomou sua Carteira de Crédito Pessoal para modêlo de iniciativa semelhante. As demais carteiras também têm atuação significativa. A Carteira Escolar recebe depósitos de estudantes e lhes financia o material didático. A Carteira de Títulos desconta letras do Tesouro Estadual. Outra que se tem desenvolvido em ritmo vertiginoso é a Carteira Habitacional, que, mediante convênio com o Banco Nacional da Habitação, de meados do ano passado até agora investiu 3 milhões e 758 mil cruzeiros novos no chamado Plano Impacto. Êste plano visa à conclusão de edifícios de apartamentos residenciais, cujas obras estavam paralisadas por deficiência financeira.

Paralelamente, a Carteira Habitacional, no mesmo período, já financiou empréstimos para aquisição da casa própria, no valor de 981 mil cruzeiros novos. Duas são as suas modalidades de economia: a chamada "Poupança Livre", que é uma forma de depósitos a prazo fixo, com correção monetária, e a conhecida por "Poupança Vinculada", consistindo de poupanças populares integradas ao financiamento da casa própria. Ambas vêm canalizando crescentes recursos para a Carteira Habitacional e lhe auguram um futuro de grande expansão e decisiva contribuição no desenvolvimento da política de habitação do govêrno federal. Atuando assim, simultâneamente, em vários campos de atendimento creditício, a Caixa Econômica Estadual do Rio Grande do Sul vai conquistando a confiança de novos depositantes, que lhe confiando suas poupanças, permitem-lhe exercitar seu *slogan*: "Somando e dividindo economias populares, multiplica a prosperidade individual no Rio Grande do Sul."

Gláuber faz da convenção de Alecrim uma festa onde samba e voto se unem.

O poeta, romântico e indeciso, segue para a

Terra em Transe, *nôvo filme de Gláuber Rocha, resume o eterno tumulto da política latino-americana*



SOL E

O POVO E OS REPRESENTANTES DO POVO, A VOZ ABAFADA DO LÍDER SINDICAL E OS REFLEXOS SURPREENDENTES DE UM POETA EM AÇÃO. TERRA EM TRANSE MOSTR

morte após experimentar tôdas as vizinhanças do poder. Sílvia (Danuza Leão) estava no trajeto de Paulo Martins (Jardel Filho), entre as colunas dos palácios.

ÚRIA EM ELDORADO

ELDORADO, PAÍS INTERIOR BANHADO PELO ATLÂNTICO. CAPITAL: ELDORADO, CIDADE SEMI-INDUSTRIAL, ELETRIFICADA, REDE TELEFÔNICA, DOIS CANAIS DE TEVÊ, AEROPORTO, RODOVIA ASFALTADA, FERROVIA, PÔRTO DE MAR. ÚNICA PROVÍNcia: Alecrim. O filme se abre com um lento vôo sôbre luminosa faixa de mar. Agora, já pode ser visto um resto de praia, e mais acima surge a primeira montanha de Eldorado, verde e misteriosa. Eldorado, país tropical (ou uma ilha?). Eldorado, riqueza e esperança, praias de Eldorado e campos de Alecrim. O vôo, ainda lento, desenha outra montanha. Já se ouvem os sons de Eldorado, ou êles trazem a revolta abafada de Alecrim? Glauber Rocha inicia o poema a que deu o nome de **Terra em Transe.**

JÔGO POLÍTICO SEM CARTAS MARCADAS

Texto de MAURÍCIO GOMES LEITE

Caminhe firme ao encontro das boas coisas da vida!

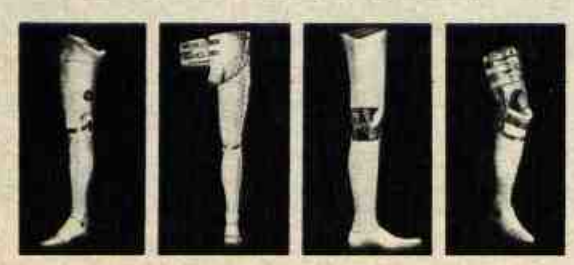
Kim

Desde 1913 fabricamos pernas artificiais. Ou melhor: há 54 anos aperfeiçoando sempre nossos produtos, colocamos a ORTOPEDIA CAMPONEZ num nivel ainda não alcançado em nosso continente.

A perna de aluminio (levissima), a perna a sucção e o dispositivo a prova de queda são alguns dos nossos aperfeiçoamentos exclusivos.

Em nossa organização V. é atendido por técnicos ortopedistas altamente especializados, que estudam o seu caso, indicam e executam sua prótese e ainda o acompanham na fase dos novos movimentos.

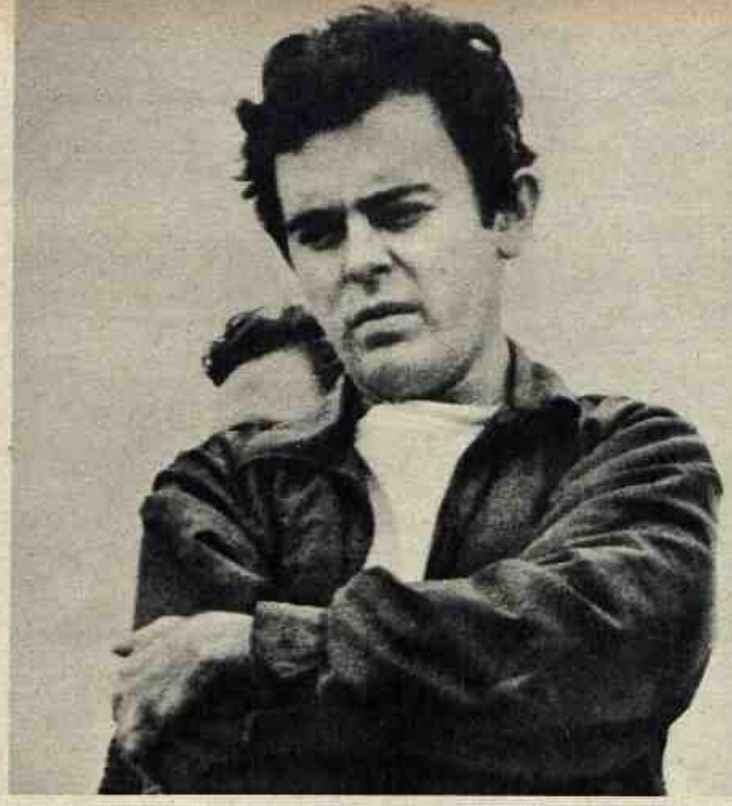
Ao deixar nossa organização, Você estará caminhando firme. Ao encontro das boas coisas da vida.



Pernas e braços artificiais de aluminio - Aparêlhos ortopédicos para tratamento da paralisia infantil e tuberculose óssea - Aparelhos corretivos - Coletes ortopédicos de todos os tipos - "Braces" sacro-lombares - Palmilhas metálicas - muletas - Fundas herniárias de mola e elásticas - Bengalas - Cadeiras de rodas - Sapatos ortopédicos e sob medida - Cintas abdominais.

ORTOPEDIA CAMPONEZ
de RUDOLF WIESBAUER & FILHO

Rua Senhor dos Passos, 80 - Telefone 4-6259
End. Telegr. "Camponez" - Pôrto Alegre - Rio G. do Sul
No Rio de Janeiro: Rua da Constituição n.º 55



O real e o fantástico dominam Eldorado, sob o grito da ópera e dos tambores

Aos 28 anos, Gláuber Rocha salta no cinema da grande cidade com a mesma fôrça que trouxe do interior.

Terceiro longa-metragem de Gláuber Rocha, baiano que há pouco tempo chegava ao Rio para desmontar o cinema brasileiro tradicional, **Terra em Transe** executa um violento corte no que se pode chamar de vida política latino-americana, "vista de dentro". Durante três anos, Gláuber criou um país fictício, Eldorado; resumiu seus habitantes principais a um poeta indeciso (Paulo Martins), um senador em luta pelo poder (Porfírio Díaz), um governador de província, líder popular e demagogo (Felipe Vieira) e um empresário rico mas idealista (Júlio Fuentes); concentrou tôdas as ações na área das cúpulas dominantes (palácios de Alecrim e Eldorado, salas de grandes emprêsas, terraços de apartamentos junto à praia), e filmou sua história segundo as desordenadas lembranças do poeta na hora de morrer.

"Êste filme é radicalmente oposto a **Deus e o Diabo na Terra do Sol**. No ambiente, no estilo, no ritmo, na cenografia, nos diálogos, no tema. É um filme urbano, direto, concentrado, violento. É um filme onde não existem efeitos técnicos nem seqüências de brilho. O que interessa é seu todo dramático, a história que narra, os problemas que debate numa atmosfera onde o **real** e o **fantástico** se misturam dentro da maior liberdade possível" (Gláuber Rocha).

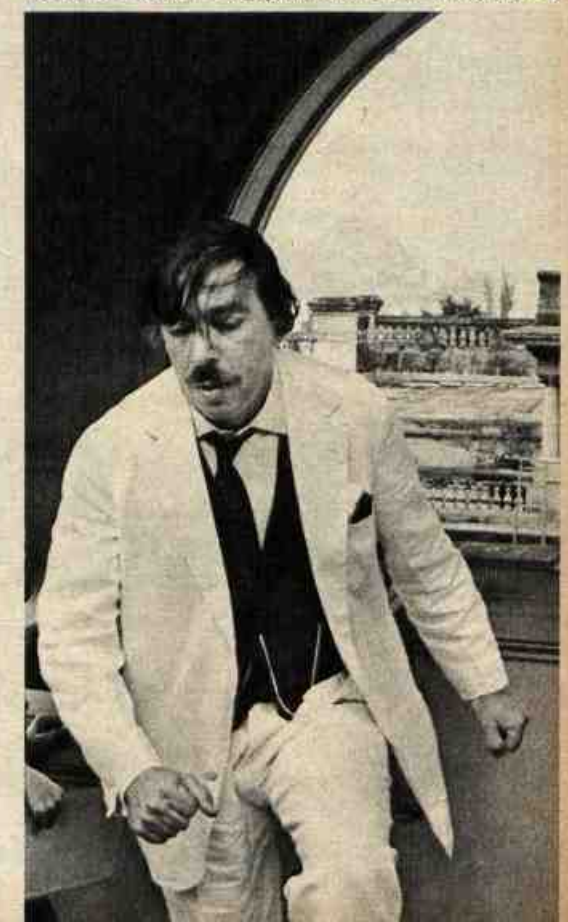
No tumulto da memória, visões de Eldorado: amplo terraço do palácio do govêrno, em Alecrim. Diálogos velozes, homens e mulheres se cruzam, será possível resistir às tropas do govêrno federal, manejadas por D. Porfírio Díaz? Um homem de terno branco e colête hesita. É D. Felipe Vieira, governador de Alecrim e líder de massas. Na capital, Eldorado, a fôrça econômica de D. Júlio Fuentes se une, surpreendentemente, à influência política de Díaz, traindo assim a causa de Vieira. De capa impermeável, Paulo Martins, o intelectual de trânsito livre em todos os setores, sobe as escadas e no terraço do Palácio de Alecrim resolve que é necessário resistir. De metralhadora na mão, parte. **Terra em Transe** começa.

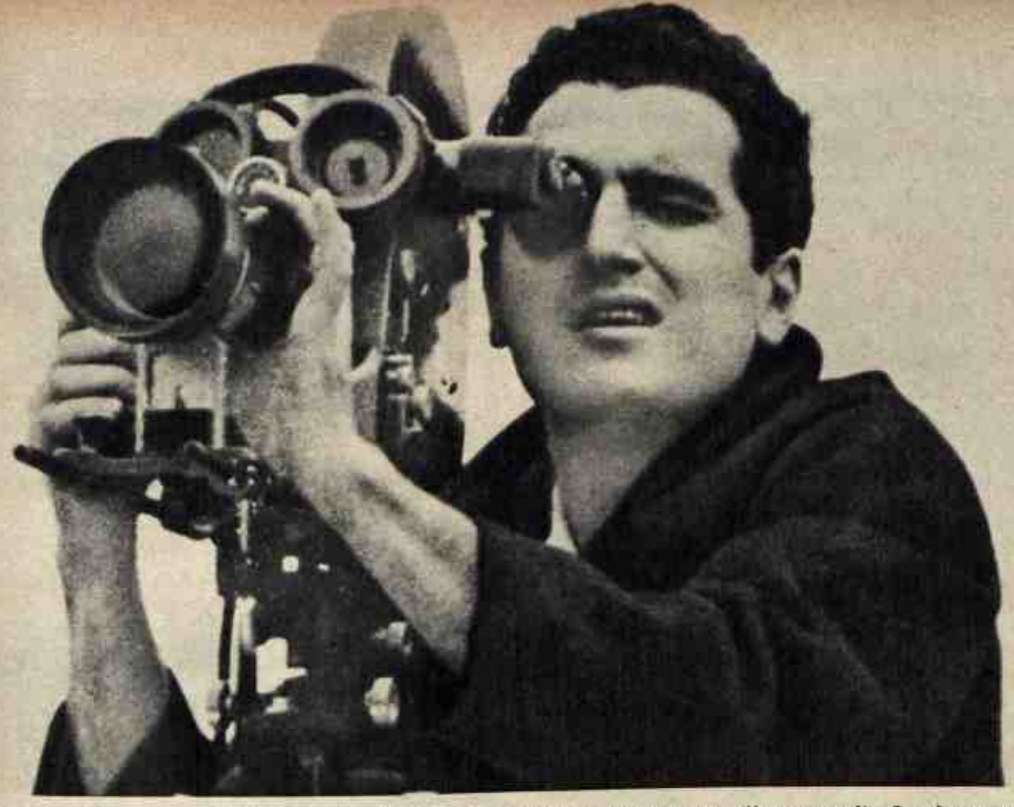
"É um filme **sôbre política** e é um filme **político**, na medida em que tôdas as obras atentas ao tempo em que vivem são **políticas**. Mas **Terra em Transe** não pretende ser a **filosofia da política** porque esta não é a minha função. Atendo apenas à minha consciência. **Terra em Transe** não contém **mensagens** acabadas, eu não sou professor. É um espetáculo sôbre política, um espetáculo sôbre os problemas morais da política, um espetáculo sôbre a consciência da política e um espetáculo sôbre os movimentos políticos" (GR).

Quatro personagens, quatro fôrças agem nos dias em crise de Eldorado. D. Porfírio Díaz (Paulo Autran) resume a figura do político urbano ascendente, defensor de fórmulas violentas para atingir o poder, e com isso firmar um destino nacional — o que êle entende por destino nacional. D. Felipe Vieira (José Lewgoy) é um pouco do caudilho que, por já conseguir uma faixa restrita do poder, hesita em levar à frente suas idéias marcadamente populistas, sustentadas pelo seguro apoio eleitoral da massa. D. Júlio Fuentes (Paulo Gracindo) é o empresário nativo, apaixonado por seu país e divulgador das artes nacionais, mas submisso à engrenagem financeira quando esta pesa mais que um ideal. E Paulo Martins (Jardel Filho) é o intelectual romântico, amigo de Díaz, Vieira e Fuentes, agregado a todos os podêres e infeliz, pois o seu grande sonho de liberdade não encontra nunca a realização prática.

"Situei o filme no país interior de Eldorado porque me interessava o problema geral do

Sara (Glauce Rocha) tenta influenciar o governador de Alecrim (José Lewgoy, num trabalho excepcional).





Câmara na mão, sempre: Dib Lufti, sob a iluminação de Luiz Carlos Barreto, filma as oscilações da esperança.

transe latino e não do brasileiro, em particular. Transe é um **momento de crise.** É a consciência do barravento, que significa **momento de transformação.** Antes do barravento, existe o transe. Depois de Deus e o Diabo, isto é, depois das dúvidas metafísicas, chegam as dúvidas políticas. Sòmente depois das crises morais o homem estará preparado para a lucidez. Isso não é filosofia. É uma explicação do que é e porque **transe.** E transe é também a **crise em violência.** Entre o Som e a Fúria, êste momento entre o Som e a Fúria, **é o transe"** (GR).

A luz de Eldorado é branca, sem contrastes. Homens e mulheres estão sempre em movimento. O som é de tambores, ou vozes de ópera. Por meio de um cinema alegórico, furiosamente barroco, Gláuber Rocha recria a instabilidade, os deslizes, a indefinição, os paradoxos, os gritos de dúvida de um continente. América Latina, 1966: viver significa agir. Filmar uma ação, sem truques: cinema brasileiro, 1966. **Terra em Transe** desenvolve a história de dois tipos de compromisso, o do cineasta com a matéria bruta em sua volta (tudo está por fazer) e o dos personagens com a realidade concreta do presente (tudo já acontece). Gláuber não foge ao choque, e aí se encontra sua primeira grande qualidade: a câmara de **Terra em Transe** está sempre perplexa com os acontecimentos, das múltiplas possibilidades de filmar Eldorado ela não escolhe uma, mas várias. Daí a impressão estonteante de que o filme não pára, de que êle se trai a cada momento, de que **Terra em Transe** é um filme que fascina e irrita. Tudo está por fazer, e Gláuber tenta fazer tudo: cinema político, cinema jornal, cinema pintura, cinema ópera, cinema poesia, cinema aventura. Mas tudo já acontece, e Gláuber larga, sem contrôle, a sua fúria de comunicação no meio de uma série de verdades existentes, de idéias conhecidas. Inevitável, portanto, a distância, em **Terra em Transe,** do **cinema** para a **política.** Distância crítica (lucidez, raciocínio) que afasta o filme do seu mais perigoso inimigo, o panfleto.

"Não me interesso pelas regras culturais. Estética é como o câncer, ninguém conhece as verdadeiras origens e para a beleza não existe remédio, a não ser a má-fé ou a insensibilidade. Técnica de filmar? Improviso total com os atôres e com a câmara. Mas, antes, dois anos de roteiro, 700 páginas escritas e reescritas. Os diálogos, a vida íntima dos personagens, as paixões dos personagens. Depois podemos improvisar à vontade, recriando o mundo, a atmosfera, os sentimentos. Nunca sei onde vai ficar a câmara mesmo um minuto antes de filmar a cena. O cinema vem do ator, do ar, da luz, dos cenários, do humor da equipe, da alegria ou da tristeza, do cansaço ou da disposição. O cinema é como a vida, uma cena tem **alma,** não é sòmente produto da técnica, embora a técnica seja importante e fundamental" (GR).

Trailler final sôbre Eldorado: mais uma vez, a câmara na mão de Dib Lufti é monumental; José Lewgoy, como o governador de Alecrim, Vieira, dá ao cinema brasileiro sua maior interpretação, desde que o cinema brasileiro realmente existe; aos 27 anos, Zelito Viana, engenheiro metalúrgico e economista que decidiu, um dia, produzir filmes, demonstra coragem e inteligência ao financiar uma obra apontada, no início, como **maldita;** a figura de Porfírio Díaz, vista pela metade e acenando do automóvel para a multidão que nunca aparece, está entre as melhores invenções do cinema moderno; o impacto de **Terra em Transe** lembra uma fôrça jovem, mas amadurecida, jogada contra o que existe de velho nas estruturas metálicas de Eldorado, país tropical onde uma luta começa.

A primeira missa, ou a descoberta, ou a conquista de Eldorado, pela manhã (Paulo Autran é Porfírio Díaz).

no plaza hotel você estabelece um prolongamento de seu escritório, para facilitar seus negócios (isso, além da hospitalidade gaúcha e do cardápio internacional)

MON BUREAU EST AUSSI A PÔRTO ALEGRE

salimen & franchini

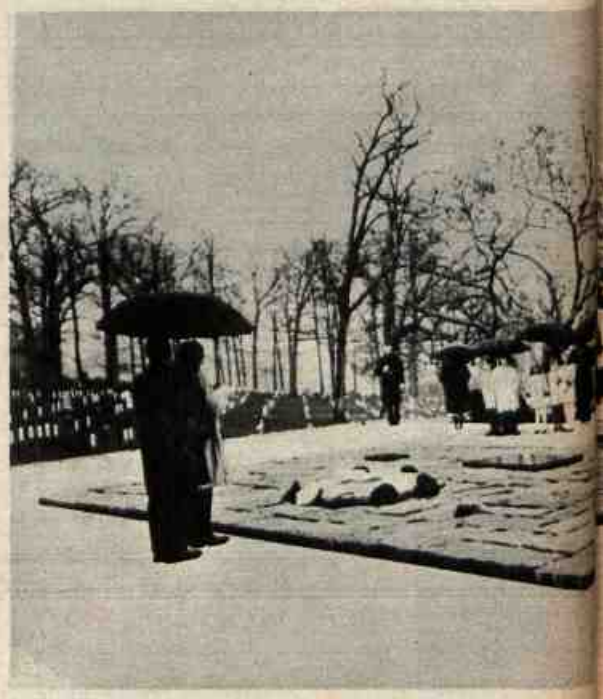
PLAZA HOTEL PÔRTO ALEGRE

O MUNDO EM MANCHETE

O MELHOR BRINDE • Elas dançam, realmente, numa taça de champanha gigante. Champanha autêntica, garantem os produtores de **Criss Cross**, onde Roseann Williams e Tara Glynn, também muito autênticas, mostram que ainda existem várias saídas para criação de um espetáculo original. O filme contará uma história de amor e crime, com as obrigatórias passagens pelos diversos **night clubs** e ainda algumas ruas escuras.

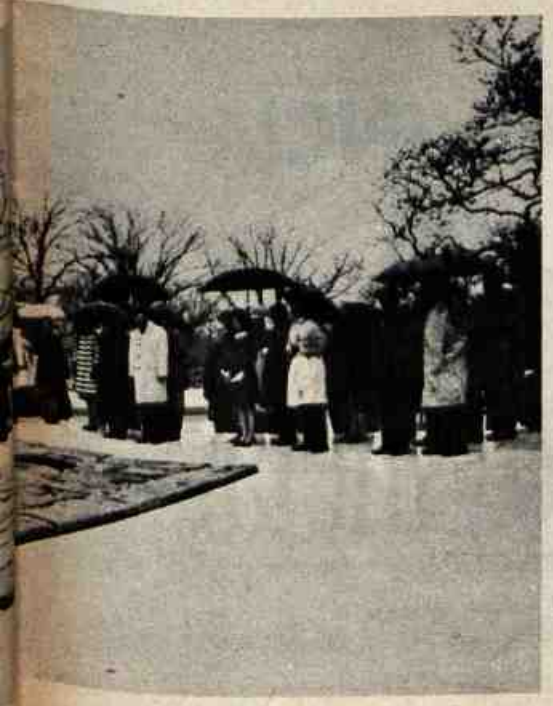
OS QUADRINHOS NA MODA — Tudo é moda, na Europa atual. E sair vestida de Flash Gordon, nas ruas ou no metrô de Paris, tornou-se uma ação vista com simpatia pelos que gostam de admirar uma blusa leve, bem cortada, provocante, e ao mesmo tempo ler as últimas aventuras do explorador do espaço. O costureiro Pierre d'Alby foi o autor da moda-quadrinhos, que já encanta todos — dêste mundo e dos outros.

AZNAVOUR SEM REPOUSO • Sempre ao lado da espôsa sueca, Ulla — que êle chama de **viking** — Charles Aznavour já prepara no início de 1967 o seu roteiro de excursões para 1968. O mais célebre cantor francês não confia nos calendários improvisados, e até mesmo sabe que terá dez dias de trabalho em Marselha, dois em Reims, um mês nos EUA e uma temporada bem longa no Olympia. "Ainda bem que Ulla só pensa em descobrir o mundo", comenta Aznavour. "E brevemente seremos três: Ulla, nosso filho e eu."



O INVENTOR DE MARLENE — Êle fêz um filme chamado **O Anjo Azul**, mas nunca foi tão famoso como a estrêla que descobriu para o mundo, a alemã Marlene Dietrich. Também alemão, Josef von Sternberg, atualmente catedrático de cinema na Universidade da Califórnia, chega a Estocolmo para fazer uma série de palestras no Instituto Sueco do Filme. Terminado o curso, Sternberg visitará Melburne, Austrália, como convidado especial do Festival Cinematográfico.

UM ROUBO DE VERDADE — Sofia Loren não acreditou, quando recebeu a notícia: um punhado de ladrões acabara de invadir sua mansão em Marino, nos arredores de Roma, carregando 170 mil dólares em ouro, prata, obras de arte e uma coleção inteira de 50 prêmios (estatuetas, medalhas, placas). Infelizmente, não era cinema. E Sofia só conseguiu pedir, entre lágrimas: "Por favor, guardem os objetos de luxo, mas devolvam os meus prêmios. Êles significam vários anos de minha carreira." Poucas semanas antes, a Sr.ª Carlo Ponti mostrava a um fotógrafo europeu aquela admirável coleção.



O NÔVO TÚMULO DE KENNEDY — Numa cerimônia simples, marcada pelo silêncio e também pela presença de altas autoridades norte-americanas, inclusive o Presidente Lyndon Johnson, o túmulo de John Kennedy foi transferido para seu local definitivo, no Cemitério Nacional de Arlington, em Washington. Ao lado da família Kennedy, Jacqueline assistiu ao breve ato, que teve ainda a bênção do Cardeal de Boston, Richard Cushing. A nova sepultura, em granito, está próxima da a n t i g a.

UMA AÇÃO PATRIÓTICA — Tudo pelo nosso país, disse a cantora Anita Harris, no aeroporto de Londres, poucos minutos antes de embarcar para o Iêmen, onde divertirá as tropas inglêsas a serviço de Sua Majestade Britânica. Para tornar mais precisa e influente sua presença no **front**, levou no corpo uma mini-saia conversível, adaptada às necessidades da época. Os soldados, em pleno verão, já sentem que tão cedo não voltarão ao frio.

MAMÃE NÃO DEIXA — Parece incrível, mas num jardim zoológico em Londres ninguém, até hoje, conseguiu se aproximar do pequeno urso (ou ursa?) que é protegido ferozmente, dia e noite, por mamãe ursa. Resultado: após 111 dias do nascimento do pequeno urso (ou ursa?) polar, os funcionários continuam sem saber se êle (ou ela?) é homem ou mulher. Mesmo sem sexo para a opinião pública, o ursinho se diverte, enquanto mamãe ursa fica muito orgulhosa.

Nossa moeda vale

109

anos de serviços continuos à economia do Rio Grande do Sul

É moeda valorizada por mais de um século de estímulo à economia nacional em todos os setores. Promovendo constantemente a circulação de riquezas, o Banco da Província cresceu com o Rio Grande e o Brasil, ajudando-os a crescer.

UTILIZE O

SERVIÇO INSTANTÂNEO PROVÍNCIA

COM TELEX

LIGANDO

Banco da Província

DO RIO GRANDE DO SUL

MAIS DE UM SÉCULO DE CONSTANTE APRIMORAMENTO.

Filiais e agências no Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo, Guanabara, Bahia, Sergipe, Pernambuco, Paraíba e Distrito Federal.

DISTINGA-SE EXIGINDO VINHOS PRECIOSO

Tanto quando V. recebe, como na simplicidade do cotidiano, bom-gôsto em vinhos chama-se PRECIOSO.
Produzido exclusivamente de uvas européias selecionadas.

Vinhos PRECIOSO - Prestígio Internacional

Produzido e engarrafado pela
COOPERATIVA VINÍCOLA GARIBALDI LTDA.
Garibaldi – Rio Grande do Sul

claro que v. chamaria atenção se usasse meias na cabeça...

mas podemos garantir que esta atenção será em dôbro quando nossas meias estiverem em suas pernas.

Somos os maiores e mais antigos fabricantes de meias para mulher e sempre os mais atualizados; podemos acrescentar ainda que por isso fabricamos as melhores. Modéstia à parte - fabricamos meias Visetta - V. conhece.

visetta

Malharia Irmãos Daher Daud S. A.
Rua Gal. Jardim, 618 · Fone: 35-6716
end. teleg. Brotinho - São Paulo

R. LOBO